

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO: MESTRADO DE GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE
CHAPECÓ - SC

ROSA SALETE ALBA

FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA
NOVEMBRO - 1998

"A Produção do Espaço Urbano de Chapecó-SC".

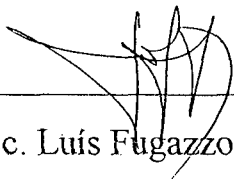
Rosa Salete Alba

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Geografia, área de concentração em Desenvolvimento Regional e Urbano, do Departamento de Geociências do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do grau acadêmico de Mestre em Geografia.



Prof^a. Dr^a. Leila Christina Duarte Dias
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM: 06/11/1998



M.Sc. Luís Fugazzola Pimenta (Orientador-UFSC)



Dr^a. Walquíria Krüger Corrêa (Membro-UFSC)



Dr. Idaleto Malvezzi Aued (Membro-UFSC)

Florianópolis - 1998

Ao Angelo, companheiro e
amigo que sempre me
apoiou e me deu a força
necessária para percorrer
este caminho. Presença
sutil, mas que toca com
seus sentidos este trabalho.

AGRADECIMENTOS.

Agradeço especialmente ao ensino público brasileiro que tanto fez pelo engrandecimento do ensino e da pesquisa desta nação e que também contribuiu através de bolsa da CAPES, para que este momento de reflexão se tornasse possível. Esperando que novos ventos sopram sobre a América Latina e especialmente no Brasil, mudando os rumos do sucateamento e das privatizações nas áreas sociais, de ensino e de pesquisa ora em curso.

Igualmente agradeço à Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina por ter concedido licença para a realização deste curso de mestrado.

Certamente se fôssemos enumerar todas as pessoas que estiveram presentes e que de alguma forma nos ajudaram para apresentar esta dissertação, nossa lista seria longa. Porém existem algumas pessoas especiais que contribuíram de forma direta para que esse trabalho se tornasse realidade. Desta forma queremos deixar nosso agradecimento em especial ao ORIENTADOR LUÍS F. PIMENTA, que nos ajudou a perceber o espaço de forma diferente e a compreendê-lo melhor, especialmente pelas valiosas orientações que sempre foram muito oportunas e significativas.

Ao Professor Idaleto M. Aued pelas observações, questionamentos e sugestões - que desde o início do trabalho até à banca de defesa - nos instigou para sempre buscar algo mais na teoria capaz de fundamentar teoricamente a nossa pesquisa.

À Professora Walquíria Krüger pelas valiosas observações e contribuições como membro da banca examinadora.

Igualmente ao professor Carlos Espíndola, presente na banca de qualificação que muito nos ajudou a entender o contexto da agroindústria.

Ao Alzumir e à Dulcinéia pela amizade e pelas diferentes discussões, troca de idéias e bate papos que certamente contribuem para a nossa melhor análise histórico social.

À algumas pessoas que muito cordialmente se dispuseram em prestar informações, abrindo mão do seu tempo de trabalho, sendo as mesmas fundamentais para dar forma ao nosso objeto de pesquisa: Julmir Cecon, Zilda Martins de Quadros, Wilmar Sachet, Pedro Américo Pereira Sales, Humberto, Cláudia Regina Dillmann Oliveira, Ernani Luiz Longhi, Aureane Mignon, Alexandre Anhal, Nelson soletti, Marinês Soligo, Ivanete Boroski.

À Osmar Antônio Sessi, Ferando e à Wiston, pelo trabalho de organização dos mapas.

À todas as empresas e órgãos estaduais e municipais visitados que estabelecemos contato e que se dispuseram a nos fornecer material e informações, que foram fundamentais para a constituição da nossa presente dissertação: Cooperativa Central Oeste LTDA, Frigorífico Chapecó, Cooperativa Regional Alfa, Frigorífico Sadia, Ceval, Increal, Semil, Montal, Tormafri, RM Indústria e Comércio Ltda, Frigomaq, DM Equipamentos Industriais, Bonassi, Marvel, COTRAOCA, Carrocerias Zanela, Frigosul, Trukan, Madef, Recafrio, Niju, Posmovil, CBA Informática, Azeplas, Mil embalagens, Plásticos Pasquali, Poliplas, Visaplast, Brasplast, Indestel, Mercur, Canguru Embalagens, SENAI, SENAC, Cidasc de Florianópolis e de Chapecó, Epagri, Secretaria do Oeste, Biblioteca Municipal, Prefeitura de Chapecó, IBGE, AMOSC; Sindicatos: Patronal das Empresas de Transportes, dos Movimentadores de Mercadorias, dos Trabalhadores em Empresas de Transportes; e outras que contribuíram e que por ventura esquecemos neste momento.

“Tempo lento,
espaço rápido,
quanto mais penso,
menos capto.
Se não pego isso
quem me passa no íntimo,
importa muito?
Rapto o ritmo.
Espaço-tempo ávido,
lento espaço-dentro,
quando me aproximo,
simplesmente me desfaço,
apenas o mínimo
em matéria de máximo”.

Paulo Leminski

RESUMÉ

Le but de la présente dissertation est celui d'exposer le processus de formation de l'espace urbain de la ville de Chapecó. En ce sens nous cherchons dans le développement du système agro-industriel la base d'urbanisation y présente.

Le bref parcours historique que nous faisons cherche à montrer la signification des choses, c'est à dire, la façon dont les objets se sont formés et serait leur rôle face aos différentes réalités de chaque historique vécu par Chapecó.

Dans cette anayse nous n'avons pas pu oublier l'importance de l'État dont la fonction principale fut surtout celle de financer les agro-industries et de soutenir la recherche et l'extensionisme ruraux moyennant ses organizatons gouvernementales.

Ce cette façon, l'espace urbain de Chapecó s'estruture atravers d'activités liés à d'entreprises agro-industrialles et d'autres actions qui en découlent. À ce niveau , la complexité des activités industrialles, commerciales et des services. Ce sont ces activités que nous nous proposons d'en faire l'analyse, surtout les activités industrialles, atravers lesquelles nous voulons voir quel est l'espace urbain de Chapecó.

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo expor o processo de formação do espaço urbano de Chapecó. Para isso, buscamos no desenvolvimento do sistema agroindustrial a base da urbanização aí presente.

A História que brevemente percorremos tem por objetivo nos mostrar o significado das coisas, ou seja, como os objetos foram formados e qual o seu papel diante das diferentes realidades de cada momento histórico vivido em Chapecó.

Nesta análise não podíamos esquecer de um elemento importante que é o Estado, e que teve sua função marcada, sobretudo, através do financiamento às agroindústrias e através do trabalho de pesquisa e extensão rural desenvolvido pelas instituições governamentais.

Assim o urbano de Chapecó está estruturado através de atividades ligadas às empresas agroindustriais e às demais atividades que estas demandam. Ocorre, então, uma complexificação das atividades industriais, comerciais e de serviços. São essas atividades que nos propomos a investigar - sobretudo as atividades industriais - e através delas perceber que urbano há hoje em Chapecó.

SUMÁRIO

Listas de Tabelas	001
Lista de Mapas	003
Lista de Gráficos	004
Apresentação	005
Introdução	011

CAPÍTULO 1

SÍNTESE HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ	015
1. O Oeste Catarinense e sua Formação Histórica	016
2. Um pouco de História Política do Município e Região	022
3. O urbano de Chapecó e sua formação sócio-econômica	025

CAPÍTULO 2

O papel do Estado na formação econômica espacial de Chapecó	035
1. O Estado como elemento reestruturador do espaço geográfico	035
2. As instituições governamentais, seu papel e sua participação na vida econômica de Chapecó e Região Oeste de SC.....	046
2.1. A ACARESC - Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina	046
2.2. A EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural	052
2.3 A EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural.....	052
2.3.1 CPPP - Centro de Pesquisa Para as Pequenas Propriedades	054
2.4 A CIDASC - Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina	055
2.5 A Pesquisa Agropecuária em Santa Catarina - a criação da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e da EMPASC (Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S.A)	059
2.6 EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária	060
2.7 A Secretaria dos Negócios do Oeste	062
3. A municipalização	064
4. Projeto Micro Bacias	065
5. Os Incentivos Fiscais	066
6. O Estado e os benefícios concedidos ao capital regional	073

CAPÍTULO 3

O SISTEMA AGROINDUSTRIAL DO OESTE DE SANTA CATARINA	077
1. As agroindústrias no contexto do desenvolvimento industrial brasileiro	077
2. O mercado de carne de aves e suínos e seus derivados	084
3. O processo de desenvolvimento das empresas agroindustriais de Chapecó	090
3.1 S.A Indústria e Comércio Chapecó	090
3.2 Cooperativa Central Oeste Catarinense	099

3.3 Ceval Alimentos S.A	104
3.4 Sadia Concórdia S.A	106
3.4.1 A exportações	109
3.5 Cooperativa Regional Alfa	114
4. Mudanças estratégicas das Agroindústrias frente ao mercado e à concorrência	116
4.1 A busca de maior e melhor produtividade com diminuição dos custos	119
4.2 A reestruturação produtiva e as mudanças de atuação das empresas de Chapecó	120
4.3 A obtenção da matéria-prima - o sistema de integração	131
5. Processo de produção e de industrialização	148
6. Recursos humanos	154

CAPÍTULO 4

A REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E SUA RELAÇÃO COM AS AGROINDÚSTRIAS

1. Chapecó no contexto da Região Oeste de Santa Catarina	158
1.1 Particularidades de frente ao Oeste de Santa Catarina	159
2. A agroindústria e sua relação com o parque industrial de Chapecó	161
3. O saber técnico e os serviços: formas urbanas desenvolvidas em Chapecó	174
4. Chapecó: sua dinâmica e sua relação com outros centros	185
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	204
	208

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Produtos derivados de suínos do município de Chapecó em 1964 ...	27
Tabela 02: Produção de madeira em Chapecó em 1966	28
Tabela 03: Desembolso PROCAPE acumulado 75-82 (mil US\$)	68
Tabela 04: Principais exportadores brasileiros de carne suína e de frangos - % com relação à quantidade exportada.....	86
Tabela 05: Produção mundial de carne suína - em mil toneladas	87
Tabela 06: Produção mundial de carne de frangos	87
Tabela 07: Exportação mundial de carne suína - em mil toneladas	88
Tabela 08: Principais destinos das exportações brasileiras de carne suína - % em Relação à quantidade exportada	88
Tabela 09: Exportação mundial de carne de frango - em mil toneladas	89
Tabela 10: Produção de carne de frango no Brasil - em mil toneladas, de 1992 a 1996.....	90
Tabela 11: Granjas na Região de Chapecó que fazem parte da empresa Chapecó.....	93
Tabela 12: Distribuição Geográfica das vendas da empresa Chapecó S.A	97
Tabela 13: Produtos movimentados, por ano, pela Cooperativa Regional Alfa...	114
 Tabela 14: Desempenho na produção de frangos abatidos pelo Frigorífico Chapecó.....	 126
Tabela 15: Linha de produtos oferecidos pela empresa Chapecó - % s/ faturamento em US\$	128
Tabela 16: Abates de suínos realizados pela Coopercentral desde o início de sua atividade	142
Tabela 17: Aquisição de suínos vivos por tipo de fornecedor das Organizações Chapecó	146
Tabela 18: Crescimento da população de Chapecó	163

Tabela 19: Evolução do número de empresas industriais, comerciais e de serviços do município de Chapecó	164
Tabela 20: Empresas industriais de Chapecó que mais arrecadaram ICMS - 1997.....	166
Tabela 21: Loteamentos aprovados no bairro Efapi	195

LISTA DE MAPAS

Mapa N° 01: Localização do Município de Chapecó.....	17
Mapa N° 02: Santa Catarina Antes da Assinatura do Acordo de Limites com o Paraná - 1872.....	20
Mapa N° 03: Santa Catarina com o Território que Anteriormente Pertencia ao Paraná. -1920.....	21
Mapa N° 04: Estado de Santa Catarina - Antigo Município de Chapecó - 1930.	21
Mapa N° 05 Macrolocalização da S.A Indústria e Comércio Chapecó - 1997....	94
Mapa N° 06: Unidades Produtivas da Organizações Chapecó na Região Oeste (SC) e no Município de Chapecó - 1997.....	95
Mapa N° 07: Macrolocalização da Cooperativa Central Oeste Catarinense - 1997.....	103
Mapa N° 08: Macrolocalização da Sadia Concórdia S.A - 1997.....	112
Mapa N° 09: Postos de Venda dos Produtos Sadia - 1997.....	113
Mapa N° 10: Empresas Agroindustriais de Chapecó e outras diretamente ligadas à elas.....	194

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico N° 1: Empréstimos vinculados com o Serviço de Extensão Rural em SC - 1956 a 1995.....	50
Gráfico N° 2: Abates de Suínos realizado pela Coopercentral desde o início de suas atividades - em cabeças.....	143
Gráfico N° 3: Repasse de leitões de 1989 a 1995 feito pela Coopercentral no novo sistema de integração - em cabeças.....	144

1. APRESENTAÇÃO

Geografia, espaço, tempo, sociedade, homens e natureza. Com certeza, elementos de uma mesma realidade, mas acima de tudo estreitamente relacionados e estreitamente vinculados e dependentes entre si através das relações sociais estabelecidas entre os homens em sociedade.

É esta idéia central que permeia a dissertação que ora apresentamos. São várias as inquietações sobre o espaço produzido, especificamente em Chapecó, a que buscamos dar respostas e que num primeiro momento tentamos responder. Apoiados por alguns autores, que achamos serem fundamentais, é que buscamos a luz para traçarmos os caminhos teóricos que farão parte deste trabalho. Pensamos ser oportuno, com eles, dar um sentido material às nossas idéias, através da nossa escrita e acima de tudo entender a essência do nosso objeto de estudos e assim poder dar um sentido lógico para os dados que colhemos no decorrer da pesquisa de campo.

Entendemos que o processo de urbanização enquanto concreto, aparentemente visível (expansão da cidade, aumento populacional, surgimento de novos bairros e loteamentos), permanece numa definição sem maiores conseqüências, mesmo que superficiais - a de conceituar e de levantar dados e informações que comprovam esse crescimento. O problema é fazer a interação desses com os elementos históricos, sociais e econômicos que permitem desvendar seu caráter interno e possibilitar sua contextualização com o todo, ou seja, numa visão de totalidade, compreender dialeticamente esses fenômenos, suas contradições e o movimento que os compõe.

Então, justifica-se este estudo numa tentativa de entender a economia de Chapecó - as agroindústrias como carro-chefe - no contexto do atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista. Pretende-se, a partir de determinações abstratas, construir o concreto por meio do pensamento, ou seja, abstrair uma realidade, sendo que o crescimento urbano e todas as suas implicações não serão o ponto de partida, mas só tomarão forma no momento em que forem

cientificamente contextualizadas e apreendidas num contexto sócio-econômico que permitiram a sua formação. Para isso, Marx (1978: 117) nos aponta o caminho: “Mover-se do abstrato para o concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para produzi-lo como concreto pensado. Mas esse não é de modo nenhum o processo de gênese do próprio concreto”.

Com um olhar voltado para a atualidade, num contexto local, porém global, procuramos buscar os diferentes elementos econômicos que caracterizam Chapecó e seu espaço.

O espaço não pode ser visto como neutro, como se os fenômenos fossem ocorrendo sobre ele, modificando-o. Ele (o espaço) é ativo e “se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de ‘viver bem’” (Santos, 1996: 45).

O espaço é aqui entendido dialeticamente, envolvido nas diferentes maneiras de produção e reprodução do capital, desde sua forma mais simples até as mais sofisticadas que percebemos hoje através do uso da ciência e das técnicas, das telecomunicações, dos meios de comunicação instantâneos. Neste contexto, as mudanças espaciais, que aconteceram e estão acontecendo, são entendidas e interpretadas como parte da engrenagem da reprodução capitalista. O papel do espaço não pode ser subestimado, pelo contrário, nos permite perceber que não existem apenas lugares solidários, mas conflitos entre eles. Que podem ser percebidos numa simples disputa espacial para a instalação de uma determinada empresa num determinado lugar, ganhando quem mais infra-estrutura oferecer, incluindo vias de circulação e de comunicação, mão-de-obra, benesses governamentais (isenção de impostos, áreas para instalação, etc.), presença de redes de telecomunicação (redes Transdata, satélites etc.).

O espaço geográfico é pois resultado das relações homem-natureza e sobretudo resultado das relações homem-homem, por isso o espaço geográfico é produto do trabalho do homem e das suas relações sociais. Sendo o espaço

geográfico fruto destas relações, ele traz consigo as características da sociedade de um determinado período histórico.

O espaço capitalista, nesta perspectiva, aparece como fruto das relações entre os homens. Relações contraditórias formadoras de uma sociedade contraditória, baseada na luta de classes na qual o processo de produção do espaço é igualmente contraditório. “O movimento do Espaço, isto é, sua evolução, é ao mesmo tempo um efeito e uma condição de movimento de uma sociedade global. Se não podem criar formas novas ou renovar as antigas, as determinações locais têm que se adaptar. São formas que atribuem ao conteúdo novo provável, ainda abstrato, a possibilidade de tornar-se conteúdo novo e real” (Santos, 1977: 89).

O movimento e a noção de totalidade são a base fundamental que dão sustentação a esta análise. O que possibilita ver o espaço nem como estático nem como único e muito menos como passivo. Concordamos, portanto, com Carlos (1994: 259) que entende o espaço “como produto da sociedade, que, longe de ser eliminado neste contexto filosófico, é aprendido num patamar que foge à “Geografia Clássica”: a social e a histórica. Considerado como produto da produção humana, ele engloba a dimensão do processo de reprodução da vida humana em sua plenitude, em suas lutas e conflitos, que se materializam claramente na paisagem geográfica.”

Para que possa haver o desenvolvimento da acumulação capitalista, o modo de produção capitalista necessita constantemente aumentar a sua produtividade. Neste sentido, o capital necessita de um espaço adequado e sintonizado capaz de lhe oferecer as condições gerais de produção¹.

¹ Estas condições gerais, segundo conceito criado por Marx (citado por Lojkine., 1981: 123) o qual diz respeito ao processo global de produção e de circulação do capital. “A Revolução no modo de produção da indústria e da agricultura exige uma revolução nas condições gerais do processo de produção social, isto é, nos meios de comunicação e de transportes.

Contudo, essa limitação do alcance do conceito parece-nos hoje discutível por causa do aparecimento de fatores também importantes que são outras tantas condições necessárias à reprodução global das formações capitalistas desenvolvidas. Trata-se, de um lado, dos meios de consumo coletivos que se vêm juntar aos meios de circulação material (meios de comunicação e de transportes); de outro, da concentração espacial dos meios de produção e de reprodução (meios de consumo individuais e coletivos) das forças sociais capitalistas” (Lojkine. 1981: 123)

Quanto mais o capital conseguir baratear os custos de suas mercadorias e quanto menor a soma de capital adiantado, maiores são os lucros do capitalista. Entra então a cooperação que possibilita maior e melhor aproveitamento da jornada de trabalho e uma redução do tempo de trabalho necessário para a produção de determinado efeito útil (Marx, 1996: 378). Mas, para que isso ocorra, se faz necessário que haja uma certa aglomeração de trabalhadores em determinado lugar. É a cidade que possibilita esta aglomeração, tendo à disposição um exército de reserva de trabalhadores e outros meios e instrumentos de produção, de que o capital necessita. Nesta perspectiva, a cidade não é algo independente e externo ao modo de produção capitalista, ela é e ela tem o que há de mais moderno no modo de produção capitalista.

A cidade de Chapecó, localizada na região de um dos maiores complexos agroindustriais do Brasil, é merecedora de uma cuidadosa análise e interpretação, no sentido de compreendê-la dentro da nova realidade brasileira. Ela, pois, conseguiu estruturar-se pelo seu atrativo não só de atividades agroindustriais, comerciais e de serviços, mas de um grande contingente populacional que ano após ano engrossa as estatísticas populacionais da cidade.

A urbanização no Brasil tem passado por profundas modificações. Quando verifica-se uma desmetropolização², e em contrapartida, um crescimento das médias e novas cidades, não é desprezível o crescimento populacional das atividades econômicas de Chapecó e por conseguinte do seu espaço geográfico. Segundo Pimenta (1996), Chapecó e o Oeste Catarinense, região de Santa Catarina à qual pertence, possui uma particularidade de formação através da relação cidade/campo, sendo o espaço aí reproduzido a partir da chegada das frentes pioneiras do Rio Grande do Sul. Os espaços urbanos que se formaram traziam embutidas as etnias, derivando cidades com diferentes identidades: “centros regionais, cidades industriais, entrepostos comerciais, colônias religiosas”.

² Saída de pessoas e de empresas das regiões metropolitanas, ou seja, segundo Gottdiener (1993: 19) “o movimento sócio econômico que sai das cidades centrais mais antigas para as áreas afastadas”. Fenômeno que vem sendo observado, não só no Brasil, mas também nas principais metrópoles do mundo.

Ainda segundo o autor, estas cidades podem ser caracterizadas como novas, “no sentido de penetração e marcação de um território interior, da difusão e constituição de modos de produção” (Pimenta, 1996). Chapecó num certo espaço de tempo “consolida-se com funções modernas e modernizantes, equipando-se das empresas, das instituições e dos saberes necessários à projeção nacional e internacional de seus fazeres” (Pimenta, 1996).

Se concebermos Chapecó num contexto campo e cidade - no sentido de divisão social do trabalho - podemos perceber uma mutação geral e importante desta relação nas três últimas décadas. A cidade, centro de acumulação do capital, é também

centro de decisão com capacidade de dominar, controlar e transformar o campo. Nota-se que “a vida urbana penetra na vida camponesa, despojando-a de elementos tradicionais. As aldeias se ruralizam, perdendo a especificidade camponesa. Alinham-se com a cidade, porém resistindo e às vezes dobrando-se ferozmente sobre si mesmas” (Lefebvre, 1991: 69).

Podemos dizer que o capital em Chapecó encontrou sua forma específica de desenvolver sua cooperação. As agroindústrias, motor das transformações urbanas e rurais do lugar, produziram uma cooperação não só no local da fábrica e dos outros ramos de produção, mas desenvolveram a cooperação entre o rural e o urbano e a forma de integração foi a maneira mais eficaz para a concretização desta operação.

Temos, portanto, em Chapecó, um processo de cooperação na lógica do capital. Temos um processo de divisão espacial do trabalho, entre um espaço urbano central e monopolista e por outro lado um espaço agrário controlado e submetido às necessidades do capital urbano - as agroindústrias.

Vivemos numa sociedade desigual, que se estrutura sob a lógica do capital e portanto vive sob a desigualdade e a luta constante entre possuidores e despossuídos. O capital determina a configuração espacial, se produz e reproduz segundo as classes sociais. O capital também expropria o trabalhador dos meios de produção, apropria-se segundo suas necessidades do espaço, gerando

conseqüentemente um espaço contraditório. E isso não é difícil de se perceber, pois esses contrastes são visivelmente expostos na nossa sociedade, principalmente nas grandes cidades, nas quais essas contradições são mais gritantes.

Chapecó já é portador dessas desigualdades, fruto dessas relações injustas impostas pelo capital. Com um simples olhar sensível aos problemas resultantes desta sociedade é possível ver os contrastes: as mansões, as ruas bem asfaltadas, os bairros nobres servidos de uma boa infra-estrutura, contrastando com as favelas, com as ruelas esburacadas nos bairros com problema de iluminação, sem contar com as crianças de rua, os pedintes e outras mazelas da sociedade que fazem parte das imagens do nosso dia-a-dia. O espaço é assim apropriado e desapropriado, segundo os interesses do capital e não das pessoas que nele vivem.

2. INTRODUÇÃO

Certamente, como tudo tem sua história, a presente dissertação também tem a sua. Quando nos propusemos a entender melhor o espaço geográfico de Chapecó, percebemos de início que este entendimento seria incompleto sem se considerar o espaço geográfico agrícola. Foi quando num primeiro momento a nossa intenção era desvendar que espaço seria este depois de um longo processo de transformação. Porém ao nos aproximarmos do espaço geográfico urbano, percebemos que este nos deixava grandes interrogações e que em nenhum momento estava desvinculado do espaço agrícola. Foi então que ao delimitarmos o nosso campo de pesquisa, optamos em desvendar o espaço urbano de Chapecó.

Cientes de que este objeto de estudos, além da aparência que nos era permitido ver, iria nos revelar muito mais através da pesquisa de campo que obrigatoriamente teríamos que fazer. E foi assim que criamos condições objetivas de apresentar, neste momento, algumas considerações sobre o urbano de Chapecó, para além das aparências com que o mesmo se apresenta a cada um de nós.

Como geógrafa, entendemos que hoje todo o espaço por mais aparentemente longe do centro das decisões que pareça estar não é um espaço isolado, neutro e intacto. A atual sociedade, no momento em que se estruturou como tal tinha por princípio a interligação de todos os espaços deste planeta, fazendo-os, de uma forma ou de outra, produtivos para o capital. É assim que Chapecó atualmente está com laços fortes ligado com os diferentes espaços mundiais. Acreditamos que nenhum espaço é tão pobre de elementos que não seja digno de análise, quando submetido ao rigor das teorias científicas.

Assim, com Milton Santos (1997), começaremos dizendo que “mesmo o pensamento mais humilde aparece como uma preparação à teoria quando, através do registro da experiência, busca no mundo científico, uma verificação.”

A contextualização de Chapecó, dentro do mundo do capital, dar-se-á à medida que vamos percebendo como ocorreram e ocorrem as transformações no

mundo do trabalho. Assim, vamos notar que a expansão do espaço urbano de Chapecó está intimamente ligado às mudanças no interior das empresas agroindustriais principalmente.

A demanda por novos produtos vai requisitar que o espaço de Chapecó se estruture com novos objetos, e os antigos adquirem significado novo, capazes de responder às necessidades criadas pelas agroindústrias, como também pelo próprio aumento do consumo.

A História, para a Geografia, é de fundamental importância quando nos propomos a buscar nela a formação do espaço geográfico e as diferentes formas de seu uso no decorrer do desenvolvimento histórico. Sendo que a formação do espaço se dá de acordo com o modo de produção que existe na sociedade, a História deve nos possibilitar perceber as diferentes formas desse modelo de produção para que então possamos perceber como os objetos antigos vão tomando novas formas e novos significados, ou vão sendo substituídos por objetos novos, adequados às mudanças em curso.

Assim é que vamos perceber que o antigo espaço de Chapecó de 1917, ocupado por casebres de índios e caboclos, deve ser substituído pelas pequenas propriedades rurais dos excedentes populacionais do Rio Grande do Sul, possibilitando, com isso, o desenvolvimento do capital comercial (venda de terras, madeiras, erva-mate e produtos agropecuários) na região. Porém, essa estrutura inicial do capital se deve readaptar com a entrada do capital agroindustrial. Novos objetos vão fazer parte, tanto do espaço urbano (casas comerciais, indústrias) como agrícola (galpões, aviários, novos modelos de chiqueiros, novos produtos agrícolas, como a soja).

Portanto, o breve capítulo - capítulo 1 - que elaboramos sobre a história de Chapecó tem por finalidade apontar as mudanças desses elementos no espaço que vão constituir o atual urbano de Chapecó.

Chapecó começa a se desenvolver numa época em que o Estado Keynesiano era a teoria que comandava as ações governamentais, por isso não temos como entender de fato a evolução sócio-econômica de Chapecó sem

considerar o papel do Estado para o seu desenvolvimento. É assim que estruturamos o capítulo nº 2 sobre o Estado, que nos possibilita ver a participação dele, tanto para formar o conhecimento dos agricultores dentro da lógica da modernização agrícola como também no processo de integração que começou a se desenvolver com as agroindústrias locais, bem como sendo o responsável pela formação da infraestrutura necessária para o desenvolvimento das indústrias no município, equipando o território com energia elétrica, estradas, pontes etc.. E, finalmente, no financiamento às agroindústrias da região e também na participação política dos donos dos frigoríficos nos cargos de governança do Estado.

Sendo as agroindústrias o carro chefe da formação do atual urbano de Chapecó, uma atenção especial deve ser dedicada à compreensão de toda a sua estrutura produtiva, que extrapola as quatro paredes do interior da fábrica, e vai redefinir o próprio espaço agrícola não só de Chapecó, mas de toda a região. Por isso, a real compreensão do funcionamento dessas agroindústrias exigiu de nossa parte uma atenção especial. O capítulo 3 tem a preocupação de mostrar a forma de implantação de cada uma dessas agroindústrias localizadas em Chapecó, bem como os diferentes momentos de mudança interna da produção, contextualizando essas empresas no atual momento do desenvolvimento do capital, caracterizado por uma forte e marcante centralização de capitais mundiais e uma verdadeira guerra de conquista e manutenção de espaços comerciais.

O que caracteriza o atual momento no interior das empresas é o processo de automação industrial e reestruturação produtiva e administrativa, visando cortes de custos da produção. Mudanças que vão se refletir diretamente nos modelos de integração implantados na região. Temos assim a exclusão, não só de operários, mas também de agricultores.

E, por fim, que reflexos para o urbano de Chapecó essas contínuas mudanças vão provocar? É o que vamos mostrar no capítulo 4, em que novas empresas começam a surgir diante do processo de desverticalização e terceirização das empresas frigoríficas. Bem como uma série de novos serviços e empresas

comerciais vão surgir com o objetivo de atender à demanda criada pelo próprio processo evolutivo do lugar.

Estamos cientes que para buscarmos as respostas sobre que espaço existe hoje em Chapecó, necessitamos enfrentar um grande desafio que é a busca de uma grande quantidade de informações. Neste sentido, a investigação e a análise dos diferentes elementos que constituíram e constituem as relações de produção e o espaço por elas criado é de fundamental importância ser compreendido para se construir as respostas às indagações que norteiam nossa pesquisa.

Para dar conta de todas as informações necessárias a pesquisa de campo foi organizada através da seguinte metodologia: Levantamento das produções científicas sobre a região Oeste e Agroindústrias; levantamento de dados históricos econômicos e sociais do lugar; visita a bibliotecas (Central da UFSC, Pública Municipal de Chapecó; da UNOESC; do IBGE, da EPAGRI e da CIDASC de Florianópolis); visita a órgãos estatais de Florianópolis e Chapecó (CIDASC, EPAGRI, Instituto CEPA, Prefeitura Municipal e Secretaria do Oeste); visitas para entrevista e levantamento de dados e informações às empresas e às Cooperativas agroindustriais de Chapecó; Visitas para entrevista e levantamentos de dados e informações às demais empresas insdustriais e comerciais com alguma relação com as agroindústrias; visita e levantamento de informações nas instituições de formação (SENAI, SENAC e UNOESC).

A proximidade com o objeto de pesquisa fez com que a elaboração da dissertação fosse feita conjuntamente com o desenvolvimento da pesquisa de campo, permitindo que a volta ao campo acontecesse sempre que necessário a busca de novas informações.

Com uma rara exceção tivemos por parte das empresas um excelente acolhimento e disposição para nos prestar as informações necessárias, o que, sem dúvidas nos facilitou a compreensão do nosso objeto de estudos e a dar as respostas aos nossos objetivos previamente estabelecidos.

CAPÍTULO 1

SÍNTESE HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ

Segundo Milton Santos (1992: 33), “a formação de um espaço supõe uma acumulação de ações localizadas em diferentes momentos”. Considerando também o espaço como subproduto do tempo, buscam-se, na história de Chapecó, as diferentes ações que foram sendo processadas no tempo e que deixaram sua marca no espaço.

O objetivo é perceber como cada variável local, - as especificidades de Chapecó e sua história - e as variáveis numa escala espacial mais ampla (nacional ou mundial) vão construindo a materialização, fazendo de Chapecó um pólo atrativo de população e de determinadas atividades econômicas. Busca-se na totalidade dos fatos entender a forma como os mesmos se processaram num momento histórico e num dado espaço específico - Chapecó e Região Oeste de Santa Catarina.

É de fundamental importância, portanto, fazer um breve levantamento histórico, a fim de que se possa perceber de que materialidade o espaço urbano de Chapecó foi sendo construído.

As contradições que formaram a história de Chapecó são importantes de serem percebidas e analisadas, pois nos ajudarão a entender as contradições do presente e que estão formando um espaço também contraditório, no qual diferentes forças, opostas entre si, necessitam conviver e se reproduzir, constituindo o modo de produção capitalista no qual estamos inseridos e que compõe o todo desta particularidade que no presente momento estamos investigando.

O período histórico que nos interessa aqui e que será detalhado com mais precisão, é o de 1917 até 1970, pois ele marca a formação de determinadas forças produtivas que caracterizarão o nosso objeto de estudo.

Para sermos justos com a História, sem entrarmos em detalhes, é importante lembrar, desde o princípio, que este território, objeto do nosso estudo, já antes da colonização feita por gaúchos, principalmente descendentes de italianos e alemães, era habitado por índios e brasileiros ou caboclos. Esta população (os brasileiros) era constituída pelo excedente da população das fazendas de gado e migrantes de outras áreas do país que começaram um povoamento rarefeito em diferentes locais da região antes da chegada da população migrante do Rio Grande do Sul, sendo sua sobrevivência baseada na agricultura de subsistência. Suas casas eram simples (ranchos) e não tinham nenhuma documentação legal que lhes legitimasse a posse da terra. Essa população era constituída por descendentes miscigenados dos brancos, índios e negros.

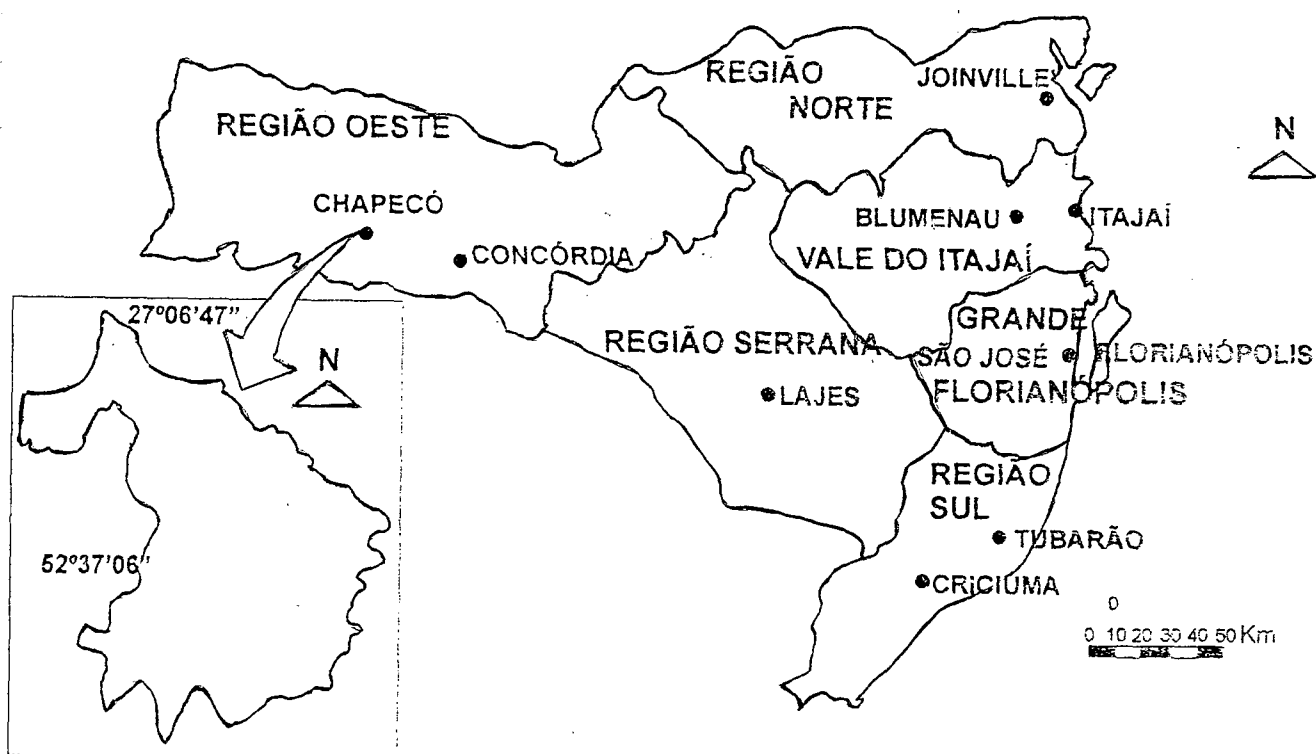
1. O Oeste Catarinense e sua formação histórica

Chapecó, localizado no Oeste do Estado de Santa Catarina (mapa nº1), pode ser analisado na ótica da expansão capitalista. A história do início de sua colonização fazia parte de um projeto de colonização feito pelo Governo Estadual que objetivava colonizar todo o Oeste de Santa Catarina, considerado pelas autoridades da época, como um vazio demográfico. As terras de campos³ do Oeste e Meio-Oeste, juntamente com as do Sudoeste do Paraná, foram ocupadas já nas primeiras décadas do século passado com pecuária e pela grande propriedade, requerendo pouca mão-de-obra, na época muito escassa na região. As áreas florestais mais a Oeste do Estado, nesta época, foram deixadas de lado por não apresentarem alternativa econômica rentável.

³ Campos eram as regiões que fazem parte, do atual município de Campo Erê, localizado no Norte da Região Oeste do Estado de Santa Catarina que, juntamente com as terras de Palmas e Guarapuava, no Paraná, foram colonizadas através de grandes fazendas, por volta de 1838, com o objetivo de fornecer alimentos para as regiões do sudeste. Esta fase é conhecida como a fase da pecuária e representava uma forma rápida de colonização, numa região pouco conhecida e com o mínimo de população disponível com capacidade de ocupar a área. Essa ocupação era fundamental, ainda, pelo fato de que seria possível diminuir as distâncias com a Argentina, sendo que nesta época era comercializado com

O território do Oeste e Extremo-Oeste de Santa Catarina até 1916 tinha sido alvo de disputas entre Santa Catarina e o Paraná e mais anteriormente disputado também entre o Brasil e a Argentina, divergência conhecida como a “Questão das Missiones ou Questão de Palmas”, iniciada a partir da criação da Colônia do Sacramento, tendo o caso se encerrado em 1884 com a intervenção do Presidente Cleveland dos Estados Unidos, dando ação favorável ao Brasil. (Belani, 1989: 11).

MAPA 01: LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ



Fonte: Atlas de Santa Catarina, 1993

aquele país a erva-mate e ainda possibilitaria a aproximação com o Oeste, até então pouco conhecido e explorado. (Poli, 1991).

Em 6 de março de 1917, através da lei Nº 1.146, encerraram-se todos os trâmites legais que puseram fim às disputas entre Paraná e Santa Catarina. O então governo do Estado de Santa Catarina tomou posse do território e criou o município de Chapecó, através da lei Nº 1.147 de 25 de agosto de 1917, juntamente com mais 3 municípios (Mafra, Porto União e Cruzeiro, hoje Joaçaba) (Belani, 1989) anteriormente pertencentes ao território do Paraná. (Veja os mapas nºs 2 e 3). O território de Chapecó ficou, então, com uma área de aproximadamente 14.000 KM², sendo hoje a maior parte das terras pertencentes ao atual Oeste de Santa Catarina, conforme podemos ver no mapa nº 4.

Com a definição dos limites entre o Brasil e a Argentina e os limites entre o Paraná e Santa Catarina, segundo Peluso (1991: 288) o próprio governo do Estado sentiu-se mais seguro no sentido de fazer investimentos na região, sendo que esta definitivamente pertencia à sua jurisdição. Mesmo assim, foi pequena a participação do governo estadual e federal até os anos 40. Os meios de transportes eram muito lentos e as estradas eram precárias, o comércio e o acesso aos hospitais eram igualmente precários.

Sendo assim, a colonização do município, até os anos 40, esteve mais por conta das empresas colonizadoras (aberturas de estradas, organização dos povoados e vilas, etc.), as quais, a partir dos anos 20, começaram a ocupação (colonização) do Oeste, através das famílias migrantes do Rio Grande do Sul, a maioria descendente de italianos e alemães. A colonização estruturou-se através de pequenas propriedades, conjugando-se os diversos interesses: das companhias colonizadoras⁴ -venda das terras; do Estado - ocupar área vista como vazio demográfico; e dos colonos - ter acesso à terra (Renk, 1991). Assim, levas de agricultores do Rio Grande do Sul deslocaram-se para a região, adquiriram suas pequenas propriedades, constituíram família, juntamente com o sonho de aí enriquecer.

⁴Companhias Colonizadoras eram as empresas que recebiam concessões de terras do Governo Estadual e tinham como compromisso fazer a colonização da região, através do incentivo à população, principalmente do Rio Grande do Sul, para habitarem a região Oeste de SC.

A colonização da região era feita por diferentes empresas colonizadoras - Companhia Territorial Sul Brasil (Palmitos e São Carlos), Companhia Chapecó-Peperi Ltda (Mondaií), Empresa Ernesto F. Bertaso (Chapecó), Barth, Benetti e Cia (São Miguel do Oeste) e outras - que ocupavam principalmente os caminhos junto aos leitos dos rios e de seus afluentes. Na atual Chapecó a entrada era feita passando pelo porto Goio-en, no Rio Uruguai, divisa com o Rio Grande do Sul.

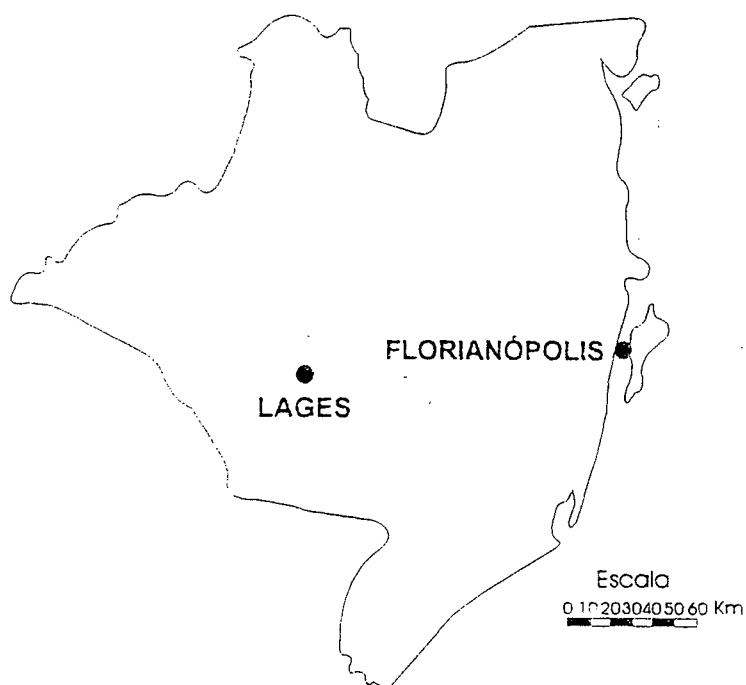
Essas empresas, segundo Peluso (1991: 290), gastaram vultosos capitais em Santa Catarina. A empresa Colonizadora de Ernesto Bertaso, que fez a colonização em Chapecó, construiu estradas e vendeu milhares de propriedades aos migrantes de diferentes lugares do Rio Grande do Sul. Na época, as estradas eram as maiores e as mais importantes inovações que os colonizadores poderiam produzir para uma região tão carente de todas as inovações tecnológicas, e era através delas que seria escoada a produção procedente do trabalho aí realizado, e que também seria permitida a circulação de novos colonos compradores da terra que se transformou em mercadoria a ser comprada e vendida, gerando renda aos desbravadores.

Neste sentido, é de fundamental importância ressaltar a presença da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande do Sul, que passava na região do Rio do Peixe, construída a partir de 1908. Gerando um conflito entre os antigos moradores que, por não possuírem títulos de propriedade, foram expulsos da região pela empresa responsável pela colonização (Southem Brazil Lumber and Colonization Company), juntamente com a empresa responsável pela construção da estrada de ferro, a Brazil Railway Company, pois uma extensão de 15 Km de terra de cada lado da estrada de ferro seriam cedidos à essa empresa norte-americana como forma de pagamento pelos trabalhos da construção da estrada. Esse conflito ficou conhecido como a Guerra do Contestado.

Segundo Pimenta (1996), além desse conflito, que marcou a história da Região e de Santa Catarina, a estrada de ferro foi de fundamental importância para impulsionar a colonização da região, sendo que a mesma se constituiu num meio de transporte para o escoamento da produção agrícola e para o transporte de pessoas,

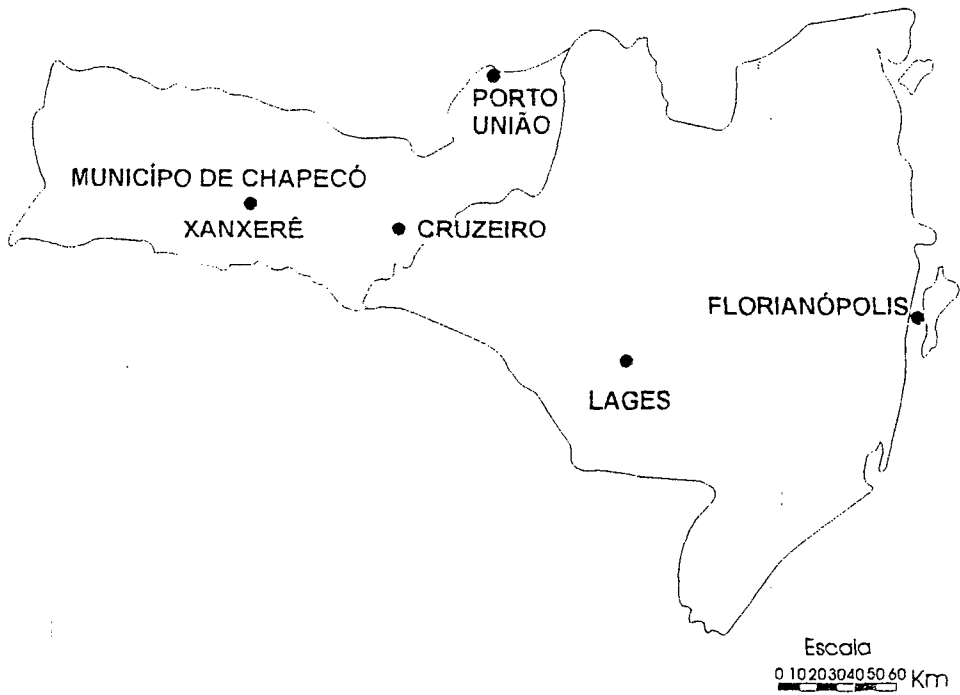
entre os estados de São Paulo e o Rio Grande do Sul, principalmente. É importante lembrar que esta colonização somente se deu de fato após o término dos conflitos de Palmas e do Contestado.

**MAPA 02: SANTA CATARINA ANTES DA ASSINATURA
DO ACORDO DE LIMITES COM O PARANÁ - 1872**



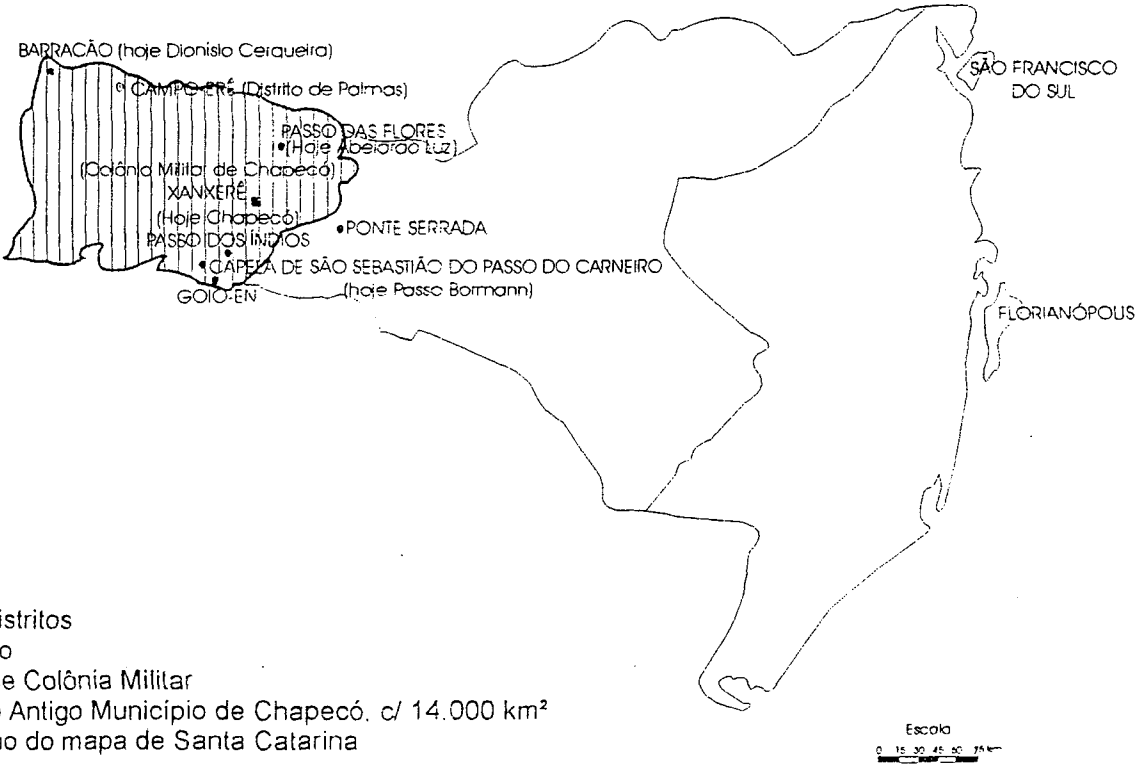
Fonte: Atlas de Santa Catarina, 1986

MAPA 03: SANTA CATARINA COM O TERRITÓRIO QUE ANTERIORMENTE PERTENCIA AO PARANÁ - 1920



Fonte: Atlas de Santa Catarina, 1986
Adaptado por Rosa S. Alba (1997)

MAPA 04: ESTADO DE SANTA CATARINA - ANTIGO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ - 1930



Fonte: Atlas de Santa Catarina, 1986

2. Um pouco de História Política do município e região

Sabe-se que quem mantém o poder econômico é detentor também do poder político. Neste sentido, é importante percorrermos - certamente com grandes atalhos - os caminhos traçados pelos políticos da época, entendendo-se desta forma as manobras realizadas para garantir a dominação econômica e também política nesta região. E por um outro lado, como que as forças detentoras do poder econômico se aliam ou se confrontam para que seus ideais possam ser priorizados, com um discurso sempre voltado para o social, para o bem-estar da população de maneira geral e para o engrandecimento da região.

Politicamente, a região foi sendo constituída através de três forças partidárias principais: o PSD (Partido Social Democrático), o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e a UDN (União Democrática Nacional). O PSD era representado, sobretudo por colonizadores e industriais madeireiros, forças com poder econômico e com feição urbana, que iriam dominar exclusivamente a política regional até os anos 40. Por isso, o período de 1917 (criação do município de Chapecó), até os anos 40 (até as eleições de 1947) prevaleceram no poder os coronéis⁵, donos das madeireiras da região. Observa-se, neste período, a supremacia dos colonizadores e madeireiros, sendo o PSD o partido hegemônico em toda a região. Foi apenas nas eleições de 1950, período marcado por transformações socioeconômicas, que novos personagens políticos começaram a se sobrepor e conquistar espaço na vida política da região. Os estratos médios de caráter “urbano/liberal burocrático” (Haas, 1997) - representados pela UDN e o PTB -, começaram a ocupar esses espaços. Foi um período nada pacífico, que resultou em muita violência, caracterizando-se pela perseguição dos adversários políticos, coação ao

⁵ “O coronelismo se caracteriza de um lado, pela relação de compromissos recíprocos entre coronéis e chefes políticos do Estado, e de outro, pelas relações dos coronéis com a sua base social local, a população rural. No caso de Chapecó, esta população era formada, principalmente, pelos brasileiros e imigrantes incentivados pelas colonizadoras a explorar a região. Sem uma legislação ou outra forma de proteção do Estado, a maioria dessa população depende dos favores do coronel. Esse oferecia proteção, mas em troca exigia irrestrita adesão (Janotti, 1981: 57; citado por Haas, 1997).”

eleitorado, corrupção, desmandos administrativos e aprovação de leis visando interesse de determinados grupos. (Haas, 1997)

Consequência deste período, entre outros abusos de poder e de violência, foi também a chacina de quatro pessoas, em 17 de outubro de 1950, por não compactuarem com a mesma filosofia política, que até então estivera no poder. Para se chegar a tal fato, através da igreja e demais autoridades e meios de comunicação, foi incitado a população que desse o “real castigo” merecido pelos supostos responsáveis pela queima da igreja acontecido em 04 de outubro do mesmo ano⁶.

Na Primeira República, a política no Estado de Santa Catarina foi marcada pela presença de um único partido - o PRC (Partido Republicano Catarinense), representado pelo Coronel Lauro Severiano Müller de Itajaí e Hercílio Pedro da Luz de Florianópolis, que alternavam-se nos cargos políticos em âmbito estadual e nacional. A partir dos anos 20, começaram as divergências internas do partido e duas oligarquias passaram a disputar acirradamente o poder político estadual: a oligarquia Ramos - latifúndio pecuário - e os Konder-Bornhausen - economia urbano comercial. (Haas, 1997)

A cisão ocorreu no PRC, quando Nereu Ramos filho de Vidal de Oliveira Ramos não foi indicado para as eleições na Câmara Federal, seguindo a tradição política do pai, que já havia sido governador e senador. Os Ramos ficaram de fora até 1930, quando se reestruturaram, fundando a aliança do Partido Liberal em Santa Catarina, apoiaram a Revolução de 1930 e assumiram a organização do PSD a partir de 1945. Os Konder-Bornhausen, representantes dos interesses urbanos comerciais, foram destituídos do poder pela oligarquia agrário-pastoril de Lages - a oligarquia Ramos. (Espíndola, 1996)

⁶ Para maiores informações sobre este assunto, veja HAAS, Monica. Os partidos políticos e a elite chapecoense. 1997.

Nesse período, o Oeste do Estado foi marcado por disputas do poder entre os diferentes grupos econômicos que foram chegando na região, provocando diversas reações ao governo do Estado e obrigando as autoridades estaduais a nomearem constantemente novos nomes para ocupar o governo municipal. “Em 14 anos (no governo Getúlio Vargas, 1931 a 1945) Chapecó teve 10 prefeitos nomeados, a grande maioria deles não tinha a menor ligação com o lugar e muitos deles pertenciam à força pública do Estado” (Haas, 1997).

A aproximação da família Bertaso na vida política chapecoense ocorreu apenas em 1944, quando Serafim Bertaso foi nomeado prefeito de Chapecó, aproximando-se desta forma do Governo de Getúlio Vargas, firmando-se, então como representante da Colonizadora Bertaso e como liderança política da Região. (Haas, 1997: 75).

O confronto da disputa do poder político foi revelado através da presença de novos elementos econômicos da região: os antigos grupos ligados à atividade extrativista florestais (madeireiros e ervateiros), representados por antigos moradores e os novos grupos ligados às empresas colonizadoras. A partir da década de 30, diminuiu o “mandonismo local”, a política comandada pela atividade colonizadora foi conquistando espaço, obedecendo aos interesses estaduais e federais.

É neste contexto que os personagens ligados ao comércio e à indústria local - donos de casas comerciais, madeireiras, ou agroindústrias - começaram a se destacar no cenário político da região Oeste de Santa Catarina. É o caso de Atilio Fontana, de Concórdia, Saul Brandalise de Videira e Plínio Arlindo De Nês, de Chapecó que assumiram cargos políticos no município e posteriormente na esfera estatal e também federal, barganhando melhorias na infra-estrutura da região e que diretamente beneficiou os seus negócios⁷.

Segundo Silva (1991), foram muitos os benefícios que esses empresários (especificamente Atilio Fontana, caso estudado pelo autor) recebiam em benefício de suas empresas, através de sua intervenção enquanto autoridade política. Plínio de

⁷ Ver também o capítulo 02 sobre o Papel do Estado na Formação Econômica e Espacial de Chapecó.

Nês foi prefeito municipal de 1955 a 1960 e por muitos anos ocupou o cargo de Secretário da Secretaria de Estado dos Negócios do Oeste.

3. O urbano de Chapecó e sua formação sócio-econômica.

Verifica-se, desde o início da História de Chapecó, seu destaque em relação aos demais municípios da região. Já em 1938 verificou-se, através das coletorias estaduais, que sua renda era a maior da região. Apenas na coletoria de Chapecó arrecadaram-se 624:505\$900, mais 108:560\$000 de Xanxerê, enquanto que as coletorias de Passarinhos (Palmitos), Itá e Itapiranga arrecadaram juntas 496:576\$700 (Peluso, 1991: 294). Dados esses nos mostram que, já na época, Chapecó era concentradora de algumas atividades, obtendo com isso uma renda maior para o local.

Chapecó, em 1940, apresentava uma grande diversidade de produção, que até os anos 40 o destaque estava ainda na produção de origem vegetal, especialmente a madeira de lei, como o pinho, cedro e louro e a erva-mate. Na produção de origem animal, destacava-se a produção da banha suína. Podemos observar que, de uma certa forma, a industrialização de produtos de origem suína faz parte do início da colonização, e que acompanhou os imigrantes gaúchos. Este produto, além de fornecer alimentos (carne), a banha era de fundamental importância para o preparo dos demais alimentos. Como na época não existiam, ainda, os óleos vegetais, a banha de porco era o produto principal que fazia parte no processo de preparação de alimentos.

Segundo registros do IBGE, existia na década de 40 uma grande variedade de produtos agrícolas, como: arroz, aveia, centeio, cevada, milho, ervilha, banana, laranja, uva, batatinha, amendoim, cana-de-açúcar, fumo, alho, cebola e muitos outros. De alguns desses produtos eram extraídos açúcar banguê, água ardente, farinha de mandioca, farinha de trigo e de milho.

Os dados do IBGE registram também uma significativa produção pecuária, representada pelos bovinos, equinos, asininos, muares, lanígenos, caprinos, suínos, aves e peixes. Sendo extraída a banha de porco, cera de abelha e o couro ceco de bovinos.

As características desta economia nos mostra o caráter agropecuário de Chapecó neste primeiro momento de colonização. O urbano aí formado não passava de uma pequena vila, como nos mostram as fotos do capítulo.

A insipiente função urbana estava restrita às necessidades imediatas da população que se encontrava muito dispersa. Essas atividades não iam muito além do comércio de produtos de primeira necessidade, que eram vendidos aos moradores e compravam seus excedentes agrícolas, sendo uma das características do comércio, na época, eram as casas de secos e molhados.

A partir dos anos 50, mudanças significativas começaram a ocorrer. A população, que em 1940 era de 44.237 habitantes, em 1950 passou para 96.624 habitantes⁸. Apesar de a indústria madeireira⁹ continuar sendo a mais representativa (14 estabelecimentos, em 1954) começaram, naquele momento, a surgir outros ramos de produção (7 estabelecimentos em 1954). Entre elas a Indústria e Comércio Chapecó - SAIC - instalada em 1952, que marcava a implantação da indústria moderna e a “semente” da agroindústria no município em condições bem modestas, considerando que a mesma registrava o total de 29 operários, industrializando produtos derivados de suínos, sendo ela que se tornou um dos maiores frigoríficos de Chapecó.

Nos anos 60, o município de Chapecó apresentava grande importância comercial no Estado e principalmente na região Extremo-Oeste. Na época era marcante a participação comercial com outros municípios, em várias capitais do país e também no exterior. Para o Rio de Janeiro era exportado feijão; para São Paulo, feijão e produtos frigoríficos; para o Rio Grande do Sul e Argentina,

⁸ Lembrando que o município continuava com a mesma área, ou seja, com o mesmo número de distritos de sua emancipação, não havendo até então nenhum desmembramento. A partir dos anos 50 e 60 é que ocorreram os primeiros demembramentos dos municípios, e que conseqüentemente a população absoluta de Chapecó sofreu um decréscimo significativo, conforme dados da tabela nº 22.

madeiras e erva-mate. Neste mesmo período as agências bancárias eram em número de 4: Banco do Brasil, Indústria e Comércio de Santa Catarina, Nacional do Comércio e Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina.

O ano de 1964 registrava novamente destaque para a produção de suínos, com um número de 63.564, contribuindo com 48,4% do valor, seguido dos bovinos com 20.744 cabeças, contribuindo com 33,4 %, 8,2% era registrado para os equínos e em menor número asininos, muares, ovinos e caprinos (IBGE, 1967).

No ramo da indústria, o censo de 1960 registrou 61 estabelecimentos, onde estavam 467 operários ocupados, sendo o principal gênero de indústria de produtos alimentares, que contribuiu com 82,8% para o valor da produção e empregou 263 operários. Em segundo lugar, vinha o da madeira com 13 estabelecimentos, representando 10,8% da produção e empregando 161 operários. Em terceiro lugar, o de bebidas, com dois estabelecimentos, 2,3% do valor e 18 operários. Havia ainda outros ramos como de mecânica, material de transporte, mobiliário, couro, peles e produtos similares, produtos farmacêuticos (agropecuária), perfumaria, sabões e velas. (IBGE, 1965).

Em 1964, foram abatidas, 15 cabeças de caprinos, 1.804 cabeças de bovinos e 108.189 cabeças de suínos. A produção continuava sendo a mais representativa e quanto à produção de seus derivados, a banha ainda era o principal produto, porém não mais o único, outros estavam sendo aos poucos desenvolvidos, conforme nos mostra a tabela abaixo.

Tabela nº 01: Produtos Derivados de Suínos do Município de Chapecó em 1964.

Produtos de suínos	Quantidade	Valor %
A banha refinada	2.347,5 t.	40,0%
Salsicha a granel	751,7 t.	14,5%
Carne defumada	801,4 t.	9,5%
Toucinho salgado	694,4 t.	9,2%

Fonte: IBGE - Conselho Nacional de Estatística, 1967. Elaboração da autora.

⁹ A madeira era comercializada na Argentina e transportada via Rio Uruguai através de balsas.

Quanto à produção da madeira, podemos observar que continuava sendo bastante significativa e representava ainda boa parte da renda do município, conforme os seguintes dados da tabela nº 2:

Tabela nº 02: Produção de Madeira no Município de Chapecó em 1966.

Produtos	Quantidade
Pinho serrado	158.156 M3
Pinho beneficiado	20.316 m3
Compensado e laminado	4.296 m3
Madeira de lei em toros	12.241 m3
Mad. Beneficiada e laminada	988 m3
Outras madeiras serradas	8.061m3

Fonte: IBGE - Conselho Nacional de Estatística, 1967.

Paralelo ao crescimento industrial e comercial que ia se efetivando, verificou-se também o melhoramento das estradas de rodagem por onde se daria o escoamento da produção. Em 1963, foi criada pelo Governo Estadual, a Secretaria de Estado dos Negócios do Oeste, permitindo, com isso, grandes investimentos na região, especialmente na infra-estrutura, na construção de estradas, pontes, instalação de energia, etc¹⁰.

Além dos longos trechos de rodovias foram feitas também pontes e bueiros, marcando a participação do governo estadual em 1951 com a instalação do Departamento de Estradas e Rodagem - DER. Nesta época Chapecó contava com as seguintes estradas de rodagem: Estaduais - Chapecó a Dionísio Cerqueira (190 KM, ligando o Extremo-Oeste e a Argentina), Chapecó a Joaçaba (160 Km, esta ligava também via Xaxim e Xaxerê, o Estado do Paraná e a partir de Joaçaba um ramal ligava Lages e Florianópolis), Chapecó a Goio-En (24 Km, ligando o Estado do Rio Grande do Sul). Municipais - Chapecó estava ligado nesta época por um bom número de estradas com diversos caminhos a várias vilas e comunidades do interior, facilitando o transporte de pessoas e sobretudo de produtos. Segundo o IBGE, totalizava neste período 230 Km de estradas que ligavam o município.

¹⁰ Veja mais sobre as ações da Secretaria dos Negócios do Oeste no capítulo 2, O papel do Estado na formação econômica social de Chapecó.

É importante lembrar que esses caminhos eram bastante precários, eram estradas de chão. Mesmo assim é merecedor de atenção este registro, pois de qualquer forma essas estradas representavam um grande avanço, se comparadas com as “picadas” que anteriormente eram utilizadas para o transporte e faziam parte da demanda que se observava através do desenvolvimento econômico que ia acontecendo na região, num dado momento histórico local.

No primeiro momento da colonização, considerado aqui até 1950, a produção foi organizada essencialmente segundo os interesses das empresas colonizadoras. Os povoados e vilas ofereciam o mínimo de infra-estrutura, (casa comercial, igreja, hotel e escola), pois ali se concentravam as forças produtivas do local - a força de trabalho (mão-de-obra) e as unidades de produção (madeireiras, ervateiras, pequenos frigoríficos, etc.). As funções exercidas não eram apenas locais, muito da produção era vendida para outros locais, como é o caso da banha suína, da madeira e da erva-mate que era exportada para a Argentina. Porém, a base da produção era orientada segundo as aptidões locais e naturais (extrativismo, agricultura e pecuária).

É importante observarmos que a colonização feita em Chapecó e região, nesta época, é a colonização em tempo do capital. Isto é, o capital já se apresentava na sua forma madura. A região Oeste, neste sentido, é apenas o receptáculo de novas relações de produção. Novas, para a região mas, no entanto, são relações velhas que buscavam a expansão para novos espaços que pudessem dar continuidade à acumulação capitalista que já vinha se realizando em outros locais.

O modo de produção capitalista já havia estabelecido relações de dominação e de seccionamento das unidades produtivas em outros locais do país e do mundo. Por isso, o que se observa é que as forças que buscavam Chapecó e Região, nesta época, nada mais eram do que o excedente populacional do Rio Grande do Sul que impulsionados pelas Empresas Colonizadoras, deslocaram-se para a Região em busca de novas maneiras de viver e sobreviver, dentro de um modo de produção velho que já apresentava suas contradições internas de destruição. É por isso que índios e caboclos, devido às suas relações de produção

primitivas, nada mais tinham para oferecer, “automaticamente” foram expulsos de suas terras, ou através da força, ou gradativamente eliminados do processo.

Os agricultores (migrantes do Rio Grande do Sul) que aí se instalaram estabeleceram um tipo de propriedade diferente das anteriores. Estes adaptaram-se às normas que o capital, de então, exigiu: compra e venda da terra, regularização legal da propriedade privada da terra adquirida, produção de subsistência, porém voltada para o comércio local, intermediado por alguns comerciantes. Observamos, então, que a terra, que era, anteriormente, um bem coletivo, passou a ser um objeto de compra e venda, era um meio de produzir renda, de produzir capital. A terra deixou de ser exclusivamente natureza e fonte de alimentos para se transformar em capital, que gerou a riqueza das empresas colonizadoras e dos comerciantes que estabeleceram a relação de compra e venda entre os agricultores e o comércio regional e nacional. E foram essas relações capitalistas, adaptadas às especificidades do lugar, que possibilitaram a acumulação e a concentração do capital necessário para a implantação das agroindústrias que posteriormente se desenvolveram na região.

Nesta época, a formação espacial caracterizada por pequenas propriedades de agricultores que vieram do Rio Grande do Sul, deram uma característica diferente à que era observada anteriormente à sua chegada. No meio rural formaram-se as pequenas propriedades, que por sua vez requisitaram pequenos centros urbanos capazes de atenderem à demanda exigida pelo capital daquela época. Os primeiros núcleos urbanos da região começaram, então, a se organizar em pequenas vilas (povoados) e cidades, entre elas a de Passo dos Índios - a atual Chapecó.

Essas pequenas propriedades foram de fundamental importância para formar a base e expandir o capitalismo no campo. Organizados em pequenas propriedades privadas, eram produtores de mercadorias que operavam através de relações de parentesco, ou seja, por meio do trabalho familiar, os próprios membros da família é que atuavam na produção, é que produziram o excedente para o capital comercial e mais tarde para o capital agroindustrial.

Essas pequenas propriedades agrícolas foram e são importantes para o capital, pois já nasceram fragmentadas, o que possibilitou às próprias empresas agroindustriais, que aí se instalaram, uma forma nova de estruturação industrial, obtendo a matéria-prima dos agricultores através do modelo de integração. Através deste modelo de produção, a empresa consegue preestabelecer os padrões na produção e ainda manter sob o seu controle ideológico e econômico o produtor, estabelecendo uma relação de dependência agricultor/empresa. Sem dúvida, essas agroindústrias se diferenciam das demais empresas pelo controle total que conseguem manter sobre um outro produtor privado (agricultor), ditando as regras do jogo, de acordo com a necessidade de obtenção da matéria-prima.

É difícil estabelecer um marco histórico exato quanto aos diferentes atores que estiveram presentes no processo de expansão capitalista em Chapecó. Percebemos que, desde seu início estabeleceram-se relações de conflito no processo de colonização, excluindo, portanto, diversos outros atores que não mais interessavam às novas relações sociais que se iam formando. Havia de fato, um entrelaçamento entre o velho e o novo, em que o novo se sobrepunha ao velho, dominando-o.

A História nos dá pistas para percebermos quando um determinado elemento é mais atuante que o outro. Neste sentido, temos como exemplo o contexto sócio-econômico dos anos 50, em que o sistema de relações efetivava suas ações através dos diferentes atores (o homem colonizador, o colono, a natureza, seus produtos e seus limites e a população indígena e cabocla, dizimada no processo) onde cada personagem, numa relação de poder, de submissão e de posse, foi estabelecendo seus limites, suas fronteiras, ou seus territórios. Numa ação destrutiva e criadora ao mesmo tempo, remodelando não só as relações sociais, mas as próprias funções espaciais, objetivando a reprodução da sociedade capitalista que já se encontrava em pleno amadurecimento.

O tempo que se passou até 50 deixou suas marcas no espaço. Um espaço com relações velhas, de antigas categorias sociais, do coronel, de uma agricultura de subsistência, de um urbano subjugado ao rural, etc., sendo que o

poder político do coronel e as forças da natureza eram determinantes nas diferentes ações econômicas. Nos anos 50, há um princípio de mudanças, quando o novo começa a se sobrepor. O velho se renova juntamente com o que é novo para Chapecó, aperfeiçoando as relações burguesas de produção, ocorre a intensificação da atividade comercial, mudança na base industrial, transportes, comunicações, etc.

Os principais agentes que comandaram o processo, na fase inicial de acumulação de capital em Chapecó, foram as companhias colonizadoras, as madeireiras, os ervateiros e os comerciantes. A produção agropecuária foi presença marcante e constante em Chapecó. A produção para consumo próprio e mesmo a comercial tinha como objetivo maior a subsistência dos pequenos proprietários, mas possibilitou o acúmulo de novas riquezas por parte de outros agentes - os comerciantes.

Antes mesmo do surgimento dos atuais frigoríficos já existiam frigoríficos de menor porte, tendo como objetivo a produção de carne e, principalmente, da banha (conforme vimos anteriormente), na época, principal produto derivado dos suínos. Esta atividade possibilitou aos comerciantes que faziam o intercâmbio entre agricultores e consumidores da região ou mesmo de São Paulo, possibilitou a acumulação de capitais e a fundação de alguns frigoríficos de grande porte presentes hoje na região. A concorrência fez com que as maiores empresas absorvessem as menores, (ex.: Frigorífico Marafom, adquirido pelo Frigorífico Aurora, Extrafino Extração e Refinação de Óleos Vegetais S.A., comprada pela Ceval) aumentando a concentração e a centralização do capital de algumas empresas e fazendo do Oeste uma região de oligopólios agroindustriais. Lembrando que esta centralização continua aumentando até nos dias atuais. Segundo informações do CEPA, citado por Giese (1991), “no início da década de 70 funcionavam 23 frigoríficos em Santa Catarina. Na década de 80, restaram apenas sete grandes frigoríficos, incluindo as cooperativas”.

Para os empresários das agroindústrias não bastou administrar apenas as suas empresas e a economia do lugar, voltaram-se também para as atividades político partidárias. Conforme vimos anteriormente, cidades como Chapecó e

Concórdia raramente foram administradas por políticos que não fossem de confiança do Sr. Plínio Arlindo de Nês (Organizações Chapecó) e do Sr. Atilio Fontana (Sadia).

Surgem, assim, as diferentes classes sociais: os proprietários, donos das agroindústrias e das demais empresas, donos, portanto, da riqueza e dos meios de produzi-la, bem como do poder de decisão sobre a organização do campo e da cidade. Por um outro lado, aparece um contingente populacional (expulso do campo), principalmente de jovens que nada mais possuem além de sua força de trabalho para vender e que irão se transformar em assalariados, constituindo, assim, a classe operária. No campo, uma parcela de pequenos agricultores passaram a fazer parte do sistema de integração, continuaram inseridos na produção agrícola, porém com relações de dependência às agroindústrias da região. Temos, ainda, os caboclos, os indígenas e os agricultores mais pobres, que sequer passaram a fazer parte deste sistema. Estes foram gradativamente excluídos do processo de produção no campo, para constituir os bolsões de pobreza bastante presentes em Chapecó e nas diversas cidades que fazem parte da região Oeste de Santa Catarina.

Após os anos 70, o novo toma mais sentido em Chapecó, quando o capital, através da hegemonia da agroindústria, já pode submeter a agricultura, o mercado e suas leis, que já não são mais locais, pois forças externas atuam fazendo-o se adaptar, nos últimos anos, a mais uma etapa de internacionalização do capital. Conflituosamente foi produzindo um novo espaço de contradições: proprietário-capitalista, pequenos produtores rurais integrados e o proletariado; as mansões e os barracos; espaços com localização privilegiada, mas porém vazios (especulação) contrastando com locais de difícil acesso e impróprios para morar, as avenidas bem asfaltadas e iluminadas e a escuridão das ruelas; de um lado as vitrines dos luxos burgueses e do outro a vitrine da pobreza, da miséria dos espúrios da sociedade, dos excluídos do processo produtivo. A “cidade das rosas”, como queriam alguns, certamente cresce com seus espinhos, deixando um espaço para a proliferação de outros elementos, constituindo uma paisagem marcada pelas desigualdades e contradições.

As relações de produção e de propriedade são relações burguesas em que os seres humanos cada vez mais se tornam sociais, produzindo cada vez menos a sua existência. Toda a produção da agricultura está voltada para alguém de fora do seu meio. Se se produz um determinado produto que objetiva exclusivamente a venda, necessita-se adquirir outros. É esta relação que chamamos aqui de relação burguesa, em que se verifica uma exclusão do próprio produtor, pois o produtor nos modelos anteriores, que produzia a sua sobrevivência, não mais se faz necessário ao capital. Esse “novo” produtor deve estar integrado ou excluído do novo modelo de produção.

Verificamos concomitantemente a esse processo de acumulação de capital, por parte de alguns agentes, o redimensionamento de toda a produção, produção em tempo de propriedade privada capitalista que irá se produzir espacialmente, pois o espaço interage com essas relações.

CAPÍTULO 2

O PAPEL DO ESTADO NA FORMAÇÃO ECONÔMICA ESPACIAL DE CHAPECÓ

1. O Estado como elemento reestruturador do espaço geográfico.

O Estado Moderno é elemento presente e atuante, responsável por um grande número de tomadas de decisões. A vida social, econômica - e, portanto, espacial - é em boa parte, ditada, viabilizada e mediada pela via política, através do Estado. Sendo assim, o Estado deve ser entendido numa relação interna da estrutura social e econômica, as demais relações serão estabelecidas segundo as decisões e estratégias tomadas por diferentes atores, conjuntamente com o Estado.

O Estado, portanto, não pode ser visto como algo independente e autônomo ou como instância da superestrutura. Apesar de se apresentar fetichizado, como se estivesse acima das classes sociais e da sociedade civil, ou como o Estado de toda a sociedade, o Estado nada mais é do que o “aparelho territorial e o agente da socialização das relações de produção” (Lojikine, 1981: 91). Deve ser visto numa relação dialética com a base econômica, sem lhe atribuir um caráter secundário.

Para Marx e Engel, o Estado é, acima de tudo, consequência da divisão do trabalho que na sociedade capitalista resulta em uma classe dominada e outra dominante, que por sua vez se apossa do Estado como instrumento para dividir, controlar e “domar” a classe dominada.

O Espaço nesta lógica não é neutro, mas torna-se um dos campos de ação das forças políticas, que irão organizá-lo “de modo a exercer seu poder sobre os homens” (Lacoste, 1993). Nesta relação de poder e de dominação, formam-se relações que não são de origem propriamente econômicas mas políticas. Aquilo que

Lefebvre (1976) trata com o conceito de “produção política da sociedade”, e que confere ao Estado o seu caráter opressivo.

Para Lefebvre a ação do Estado produz novas relações que vão além da base econômica originando a “produção política”. Com o capitalismo a hegemonia burguesa se impôs lentamente, não apenas na produção material, mas principalmente nas representações ideológicas e nas relações sociais específicas.

“É assim que se passa da produção das relações sociais a partir das forças produtivas à produção política pela ação do Estado. Esta produção política nasce com as instituições e se estende à sociedade inteira que ela modifica” (Lefebvre, 1976:161).

Neste processo, a formação de instituições governamentais que viabilizem e complementem, através de ações, as necessidades da sociedade como um todo, é de fundamental importância para o funcionamento da sociedade. E as necessidades sociais

“determinam a necessidade de uma tal organização. Então a organização suscita um interesse político, que a transforme em instituições. O movimento que cria as organizações é de baixo para cima. As instituições é de cima para baixo. Ela comporta a intervenção ou o estabelecimento de uma autoridade específica. Num certo sentido, o Estado mesmo resulta da institucionalização da linha social constituída para a troca. Mas as necessidades sociais que surgem com a generalização da troca, em primeiro lugar com a produção industrial, são numerosos” (Lefebvre, 1976:140).

Desta forma as instituições na sociedade moderna são fruto de uma necessidade social e econômica, surgindo assim, as escolas, hospitais, órgãos da justiça, de assistência social, de urbanismo, etc. As relações de produção determinam a existência do Estado e por um outro lado o próprio Estado necessita fazer das relações econômicas relações políticas, a fim de que ele possa dar conta de amenizar as contradições econômicas inerentes à própria sociedade.

Isso não significa dizer que a sociedade como um todo foi absorvida pelo Estado e por ele completamente controlada. Toda a ação nos sugere uma reação e assim nós temos os locais, as regiões, as periferias, os excluídos, que resistem às imposições abstratas, através de suas identidades coletivas que com dificuldades lutam contra a ação hegemônica do Estado. O capital também faz das suas ações o meio de organização da sociedade, bem como, se “apossa”, do Estado para realizar os seus empreendimentos com mais rentabilidade.

A sociedade capitalista, conforme escreveu Marx (1989), está baseada na troca e no mercado. E essa lei se generaliza por toda a sociedade, fazendo entrar em circulação não apenas mercadorias, mas os sentimentos, as idéias e os homens. Mas, o ato da troca não é apenas a permuta de algo por seu equivalente. O que é mais importante na troca é que, por si só, ela não revela aquilo que de fato é, e será obtido esse conteúdo através de uma abstração teórica mais complexa. Na verdade, a troca de dois objetos, ou seja, a compra e a venda de mercadorias, mascara uma relação entre os homens. E mais, o ato da troca é uma ação produtiva, pois além de produzir novas mercadorias, está se produzindo novas relações sociais e conseqüentemente reproduzindo a sociedade.

A troca, portanto, se apresenta fetichizada, pois os sujeitos não têm consciência da relação social que estão estabelecendo e ainda aceitam o contrato de troca no qual está contido a idéia da equivalência, que nada mais é do que a aceitação da igualdade do desigual.

Entra aqui, então, o poder do Estado que Lefebvre (1976: 22) aprofunda ao analisar a obra de Marx, quando chama de “o poder e a produção política do laço social”. As relações de troca e de equivalência fazem necessário de um aparato jurídico e ético. O contrato e a instituição dão o aval às relações de equivalência. A atividade estatal deve, então, garantir e realizar, juridicamente, as equivalências do desigual.

“O mercado se organiza e introduz elementos novos: organiza o local, arbitra conflitos, estatutos jurídicos que garantem os contratos. Isto implica que façamos uma palavra e uma lógica de

equivalência que realize socialmente a lógica abstrata da mercadoria (correntes e circuitos de trocas). A relação formal que se define, portanto, não tem nada de comum com o pensamento positivista que fica “no ar” sem suporte” (Lefebvre: 1976: 23).

Estas funções do Estado não são funções apenas de cunho político, propriamente dito, mas também, funções de cunho econômico. Que são as funções que o Estado possui para assegurar as condições econômicas de produção, na medida em que a instância econômica não possui todas as condições desta reprodução. Verificamos, assim, no Brasil (e na maioria dos países subdesenvolvidos) desde os anos 30 a participação direta do Estado na economia, seja enquanto gestor do desenvolvimento ou enquanto produtor direto.

A presença marcante do Estado, em diferentes ramos da economia, como na produção de fontes de energia, na infra-estrutura para transporte e comunicação, abastecimento de água e luz, bem como na pesquisa e divulgação de novas formas de produção (no caso agrícola). É uma participação estatal que se refletiu diretamente nas atividades econômicas das empresas que se instalaram e se desenvolveram posteriormente, visto que nestes Estados, de industrialização tardia, há uma certa desarticulação em que o Estado “chega” antes que o capital, diferenciando-se do caso europeu, em que o capital se antecipou à ação do Estado.

Portanto, o Estado que surge no Brasil a partir de 30 e se torna mais evidente a partir da década de 50, “é um estado que não se limita a garantir a ordem capitalista (quer dizer: manter as condições sociais externas necessárias à produção capitalista), mas que passa a atuar internamente ao sistema de produção para organizar a acumulação, tornando-se ao mesmo tempo promotor e ator da industrialização” (Martins, 1985:33).

Percebemos, assim, um Estado com múltiplas funções. Além de gerir as condições econômicas necessárias ao desenvolvimento, pela via política, temos ainda um Estado preocupado em realizar uma mediação populista capaz de “dar o aval” à acumulação capitalista que foi se formando, em conjunto com as tensões sociais. O Estado se interpõe às classes sociais como mediador dos conflitos entre

elas existentes. É um ator responsável pela continuidade da sociedade capitalista, bem como de possibilitar as mudanças internas que garantem a passagem de um para outro tipo de estruturação capitalista.

Essa participação do Estado irá se adequar ou remodelar no decorrer da história e diante das diferentes situações por que passam os diversos países. O Estado, desta forma, “não apenas passa a desempenhar papel decisivo na organização (por via administrativa) da acumulação como tem também que gerir o relacionamento com o centro capitalista, mediar a ação dos grupos estrangeiros, inseridos na produção local” (Martins, 1985: 25).

Se nos últimos anos (sobretudo anos 90) observamos uma transformação do papel do Estado, frente à globalização e a passagem do Estado Keynesiano para o Estado Neoliberal, mesmo assim a atuação do Estado é de fundamental importância para realizar internamente as mudanças necessárias, readaptando a nação conforme as necessidades das grandes oligarquias financeiras e industriais mundiais.

A acumulação capitalista, em Chapecó, está acompanhada, simultaneamente, por uma intervenção política e econômica dos grupos que aí se desenvolveram. Esta intervenção política, através das instituições, reuniu juntamente uma acumulação da riqueza e do saber. A acumulação do saber esteve centralizada nas diferentes instituições, criadas pelo Estado com o objetivo de pesquisar e desenvolver novas técnicas de produção - principalmente agrícola -, melhorar a tecnologia para obtenção de melhores sementes, adubos, raças de animais (suínos e aves). Neste sentido, o investimento na formação de profissionais - engenheiros agrônomos e técnicos - com capacidade de desenvolver o trabalho, foi de fundamental importância. Esta acumulação do saber possibilitou, diretamente, a acumulação da riqueza por parte das agroindústrias, que se apropriaram deste saber e, principalmente, dos resultados do mesmo, incrementaram sua produção e sua produtividade e, conseqüentemente, seu capital e seu poder de concentração e centralização.

Por um outro lado, temos a sociedade civil diretamente envolvida neste processo (agricultores e operários) como mera espectadora e receptora das novas técnicas. Os agricultores foram obrigados a adaptarem-se às novas técnicas de plantio, de criação de suínos e aves, a adotar sementes selecionadas, adubos e outros insumos de acordo com as orientações dos técnicos, através do trabalho de extensão rural desenvolvido pela ACARESC.

Observa-se que há uma alienação do trabalho agrícola. Os agricultores que não faliram no decorrer do processo ou então que migraram para a cidade, fizeram as inovações agrícolas, adotaram as novas técnicas, seguiram as orientações, só que tudo isso esteve muito distante do saber dos próprios agricultores. O seu saber foi ignorado e esquecido em benefício de um saber externo, visando a objetivos alheios. Sendo assim, as atividades desenvolvidas eram estranhas aos agricultores, gerando a alienação de que nos fala Marx, ou então o estranhamento de Lukács.

Neste sentido é que as ações do Estado não podem ser vistas separadamente, pois suas ações têm reflexo na sociedade inteira, conseguem subjugar as camadas sociais pobres e dar sustentação e afirmação às camadas sociais mais ricas. Há, assim, segundo Kosminski e Andrade (1996: 59), via Estado uma recondução das classes sociais e do próprio Estado. A sociedade civil permanece esmagada entre o político e econômico. Para Lefebvre (1976: 154),

“No curso desta discussão, se ousa dizer, o Estado não cessa de estar presente no seio da sociedade civil, mas ele cessa de se impor como um meio. Ele torna-se um fim em si mesmo, ser político. Ele tem sob sua gestão - tenta conter forças e relações - esta sociedade “civil” que ele penetra.”

O Estado, através de suas instituições, foi elemento importante e fundamental na reprodução do espaço, que possibilitou a própria reprodutibilidade das coisas “comuns” e necessárias ao capitalismo. Em Chapecó a reprodução do espaço agrícola, foi adequada às novas necessidades das agroindústrias.¹¹ E no urbano temos a demanda de diferentes produtos e como resposta a implantação de

diversas empresas e, por conseguinte, a ação do Estado no sentido de equipar os espaços de infra-estrutura necessária, como eletrificação, água, esgoto, ruas, asfalto, etc.

Lefebvre (1976) analisava o Estado Moderno como o responsável para produzir as formas de produção e de reprodução. Ele garante, igualmente, a reprodução da força de trabalho (trabalhadores, camponeses e operários) e também os meios de produção (energia, maquinários, e matérias primas). E por fim, segundo o autor, o Estado Moderno é o responsável pelas relações de produção e de dependência.

O Estado, na sociedade capitalista, tem como função principal garantir as condições materiais de produção e reprodução das condições essenciais para a reprodução do sistema, juntamente com as condições legais que darão a sua sustentação. Concordamos aqui, com Luciano Martins (1985: 19) que o “desenvolvimento capitalista gera padrões estruturais diferentes e percorre caminhos distintos, sem por isso deixar de ser capitalista”. Isto é, os lugares vão obrigando um mesmo modo de produção, a buscar formas de desenvolvimento específicas, adequadas às demandas e características do capital local.

Na visão institucional, o Estado é um órgão independente que visa apenas ao bem estar e ao desenvolvimento da sociedade. Mas, na prática, o Estado é o instrumento de realização dos interesses dos grupos econômicos hegemônicos. Esta relação, na verdade, é encoberta por uma “nebulosidade” que impede a visualização dos limites de atuação dos dois. Porém, numa análise mais precisa, fica claro que o Estado é apenas o instrumento de expansão do capital.

No Brasil, a necessidade do capitalismo se expandir no campo obrigou o Estado a orientar diversas políticas, com capacidade de instrumentalizar (com saber técnico e com equipamentos) os agricultores e suas propriedades. O que beneficiou diretamente a expansão capitalista agroindustrial.

A passagem do complexo rural para os complexos agroindustriais levou a um seccionamento da propriedade e das atividades agrícolas. Houve ainda uma maior divisão do trabalho, aumento do consumo interno e criação de uma infra-

estrutura capaz de favorecer o desenvolvimento dessas agroindústrias, e, com elas outras indústrias com capacidade de produzir os insumos básicos para suprir as necessidades desses complexos.

Neste caso, segundo Silva (1991: 23), o Estado tem o papel fundamental de garantir novos mercados, aumentar a produtividade agrícola através da pesquisa genética; orientar a produção e o trabalho dos proprietários agrícolas; renovar as estruturas de dominação, impedindo movimentos regionalistas e redefinir as formas de exercício de poder entre o Estado e o capital monopolista - a agroindústria.

São vários os autores que tratam sobre a modernização da agricultura a partir dos anos 60. Todos eles ressaltam o crescente aumento de tratores; produção, importação e uso de adubos e fertilizantes; produção de sementes selecionadas; produção e consumo de ração e o crédito rural, como peça central que possibilitou as reais condições para ocorrer a modernização.

Como esta modernização está diretamente vinculada às agroindústrias, as grandes beneficiadas, direta ou indiretamente pelas políticas desenvolvidas pelo Estado e principalmente pelos créditos, foram essas mesmas empresas. Elas se beneficiaram duplamente. Os créditos, ou eram direcionados para a reestruturação produtiva das empresas, ou eram direcionados aos agricultores, que de qualquer forma os resultados iriam reverter em resultados positivos na produtividade e na qualidade da produção, beneficiando, assim, diretamente o capital agroindustrial.

Essas políticas obrigaram o Estado a reestruturar-se. Houve, então, a criação de diversos órgãos e instituições capacitadas para executar as devidas tarefas, tendo participação direta do governo estadunidense nos projetos de modernização, principalmente no Projeto ABCAR (Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural).

As ações estatais na região Oeste de SC foram fundamentais para a expansão capitalista no campo, pelo seguinte: a) Iriam possibilitar a expansão do capital em mais um departamento econômico - a agricultura - ainda não adequadamente explorado, abrindo, assim, novos espaços para o capital.

b) Através desta nova ação do capital no oeste catarinense, não ocorre apenas a sua expansão, mas acima de tudo a reprodução do modo de produção capitalista, através de novas relações burguesas que se estabelecem entre agricultores, empresa e Estado.

Deste processo dá-se o que é mais importante para o capital: o seccionamento do processo produtivo, alterando, por conseguinte, a divisão social e espacial do trabalho em Chapecó e em toda região Oeste de SC. O fluxograma a seguir tem por objetivo sintetizar e sistematizar a ação dos principais agentes (re)produtores do espaço geográfico de Chapecó - a agricultura, a agroindústria e o Estado e suas relações - e a divisão social e espacial por eles desenvolvida.

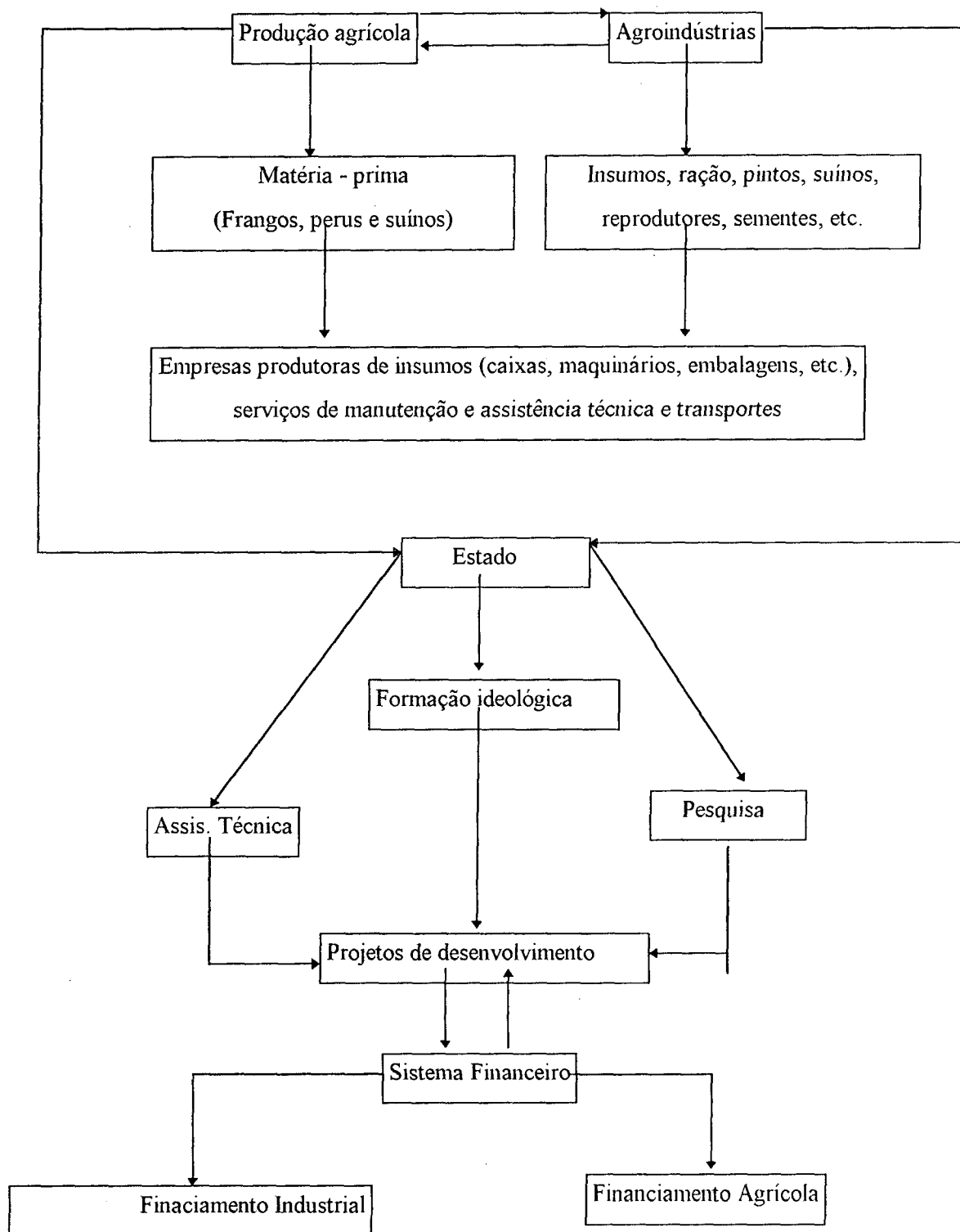
1. Relação direta entre agricultura e agroindústria.
2. A agricultura e agroindústria demandam insumos, equipamentos e serviços, o que levou ao desenvolvimento de empresas capazes de atender a essa demanda.
3. E por último temos o sistema financeiro, juntamente com o Estado, responsáveis pelo fornecimento do capital financeiro e pela assistência técnica, pesquisa, genética, etc.

Verifica-se, desta forma, um aumento da divisão social e espacial do trabalho em que cada departamento é responsável por um determinado trabalho, mas que o resultado final objetiva um único produto, aquele da empresa agroindustrial, são ações que acontecem separadamente mas que giram em torno de um mesmo processo de produção espacial.

Processo este que está de acordo com os princípios básicos do capital, que é o seccionamento cada vez maior da produção. Tanto na cidade como na agricultura os trabalhadores produziram cada vez menos para si e cada vez mais para o capital. E este vai requisitar cada vez mais novos serviços e intensificar o processo de terceirização.

O espaço atual de Chapecó, fruto das transformações do capitalismo, tem no Estado um instrumento de dominação adequado às diferentes situações, permitindo estratégias de dominação definidas para os diferentes estados brasileiros.

Divisão Sócio Espacial do Trabalho em Chapecó



Elaboração: Rosa Salete Alba

A participação do Estado é de fundamental importância na elaboração de políticas para a formação de infra-estrutura necessária (meios de circulação, e comunicação, energia elétrica, água, etc.) para a reprodução do capital. Com certeza, essas políticas diferenciam-se dos países desenvolvidos para os subdesenvolvidos e também de uma região para outra do país.

No nosso caso específico - Santa Catarina e Chapecó - a participação do Estado foi de fundamental importância para a implantação de políticas para o desenvolvimento da agricultura, processo que se iniciou com a chamada modernização agrícola. E, a partir dos anos 50, começa a se implantar no Brasil o serviço de extensão rural e em 1965 o crédito supervisionado. Porém, esse projeto necessitava de recursos financeiros e humanos com capacidade de desenvolver a pesquisa e a extensão rural. Daí é que foram criados diferentes órgãos estatais responsáveis pelo projeto.

Para Testa (1996), a modernização do Estado instituída no Brasil, sobretudo a partir do final dos anos 60, e que se expandiu para as diversas regiões do país, encontrou em Santa Catarina uma série de características que potencializaram a modernização, tais como:

- A existência de uma produção familiar dinâmica, já articulada, mesmo que informalmente ao processo de agroindustrialização.
- Um parque agroindustrial em expansão, concentrado nas atividades de produção e industrialização de matérias-primas agrícolas.
- Um serviço público de assistência técnica e extensão rural executado pela ACARESC, preparado para atuar em todo o Estado.
- Políticas públicas de financiamento e modernização dos parques industriais instalados no Estado. Além dos financiamentos para a modernização da agricultura provindos do Governo Federal, especialmente o crédito rural, nos anos 70, o Estado de Santa Catarina criou um conjunto de programas de incentivos como o Fundo de Desenvolvimento do Estado de SC - FUNDESC, Programa Especial de Apoio à Capitalização de Empresas PROCAPE, e o Programa de Desenvolvimento da Indústria de Suínos de SC - PROFASC. Os recursos desses programas foram

absorvidos de formas diferentes por cada empresa agroindustrial e também pelo setor cooperativista.

“Inicialmente essas políticas provocaram um intenso desenvolvimento agroindustrial da região, com a incorporação de uma significativa parcela dos produtores familiares. Todavia, os incentivos não alcançaram o conjunto de produtores agrícolas de forma homogênea e, num momento posterior, intensificaram a diferenciação sócio-econômica já existente. O crédito rural subsidiado, por exemplo, colocado à disposição dos produtores, acabou sendo tomado de forma diferenciada entre os mesmos. Os produtores que detinham melhores condições de acesso ao crédito, quer pela quantidade de terra disponível, quer pelo seu nível de instrução e/ou formação técnica, acabaram por se beneficiar e passaram a investir em atividades como a avicultura e a suinocultura, muitas vezes, em detrimento das demais” (Testa, 1996: 46).

A seguir vamos descrever, resumidamente, a função de alguns dos órgãos criados pelo Estado que direta ou indiretamente tiveram participação no desenvolvimento agrícola de Santa Catarina e especialmente da região Oeste e Chapecó.

2. As Instituições Governamentais, Seu Papel e Sua Participação na vida econômica de Chapecó e Região.

2.1 A ACARESC -

A ACARESC foi implantada em Santa Catarina em 21 de junho de 1957, a partir do Projeto ETA-Projeto 17 (Escritório Técnico Agrícola¹¹), fundado em Santa Catarina em 29 de fevereiro de 1956, o qual seguiu as experiências da

ACAR de Minas Gerais, que foi a primeira experiência de serviço de extensão rural no Brasil. O projeto em Santa Catarina foi coordenado por engenheiros do estado e assessorado por dois técnicos estrangeiros, um dos Estados Unidos e o outro da Guatemala. Isso se justifica pelo fato de o projeto ser obra dos Estados Unidos e necessidade do Imperialismo capitalista, sendo que projetos semelhantes, segundo Belato (1985), vinham sendo implantados em diferentes países do 3º Mundo.

No mesmo ano (1956) foi treinada a primeira turma de extensionistas - 14 membros- em São Paulo. E foi instalado também o primeiro escritório em São José - SC, seguido posteriormente de mais 8 unidades no Vale do Itajaí e no Vale do Rio do Peixe. (Olinger, 1996)

Todo o trabalho era avaliado por missões de outros países, como o Chile, Estados Unidos e do Canadá. Dando à ACARESC o conceito de melhor organização de extensão de toda a América. (Franco, 1996)

Nos primeiros anos o trabalho da ACARESC era a assistência técnica e o crédito rural. Através da assistência técnica seriam difundidas as inovações tecnológicas que contribuíssem para o aumento da produção e da produtividade agropecuária.

1. A assistência técnica dava-se através de processos e métodos educativos. À “educação” do agricultor era somado o trabalho de atividades de economia doméstica rural, educação para alimentação e saúde, indústrias caseiras, melhoramento do lar e do vestuário que eram realizadas com as donas de casa e nas escolas rurais. Incluía ainda o trabalho com juventude rural, através da organização dos clubes 4-S¹², onde eram desenvolvidos o exercício de democracia de cidadania e a execução de projetos individuais e coletivos de agricultura, pecuária, economia doméstica, recreação, entre outros (Olinger (2), 1996: 23).

¹¹ No Brasil, o ETA foi criado no Rio de Janeiro em 1954, dirigido por dois técnicos: um brasileiro e outro norte-americano, ambos indicados pelos governos dos respectivos países (Olinger, 1996).

¹² Os Clubes 4-S eram clubes de jovens rurais, os quais eram organizados com o apoio da Acaresc, objetivando desenvolver a extensão rural para a aplicação de novas técnicas de plantio, cultivo e colheita, bem como no melhor manejo e conservação do solo e na aplicação de adubos e inseticidas. Os clubes 4-S desenvolviam ainda um trabalho junto às jovens, como culinária, organização e higiene do lar. Esses clubes trabalhavam sob a ótica de aprender a fazer fazendo. O termo 4-S significa Saber, Sentir, Servir e Saúde.

Esse trabalho de extensão se dava através da visita de técnicos extensionistas nas comunidades, ou seja, através de um trabalho direto com a comunidade, com as pessoas. Um vasto material (panfletos, folhetos, manuais, etc.) com uma linguagem simples e objetiva era distribuído às famílias, orientando-as sobre as mais diversas informações. Os jornais da época - anos 70 - (como o jornal Folha d'Oeste) e rádios eram muito utilizados para divulgar informações e pesquisas.

Uma multiplicidade de materiais era também utilizada para divulgar junto aos técnicos as novas tecnologias e últimas recomendações dos órgãos oficiais de pesquisa, subsidiando os técnicos para melhor orientar os agricultores. A preocupação era de apresentar novas sementes, novas técnicas de plantio, colheita, armazenamento e o uso de adubos e agrotóxicos, objetivando aumento de produtividade e de produção, acompanhada com uma prática de conservação e preservação do solo¹³.

Observa-se então que o trabalho de extensão visava a contínua elevação da qualidade da vida das famílias rurais com fortalecimento de suas formas associativas e o cooperativismo. Porém, qualidade de vida, associativismo e cooperação, neste caso, tinham como meta principal o aumento da produção e da produtividade agropecuária e do poder aquisitivo do homem do campo, capacitando-o e desenvolvendo-o enquanto ser produtivo para o sistema capitalista no campo.

O trabalho de extensão rural foi de fundamental importância para preparar tecnicamente os agricultores e dar-lhes subsídios para implantar novas técnicas de produção, de cultivo de produtos agrícolas e de criação de animais como aves e suínos, que garantiram, assim, a matéria-prima à agroindústria que se instalara na região. E ainda era requisito básico para obter financiamento. Desenvolveu-se, assim, o crédito supervisionado, impulsionado sobretudo pelo ETA, a partir da Extensão Rural, que deu origem às Associações De Crédito e

¹³ As referidas publicações são apresentadas sob o título: Sistema de produção para Maçã - ou Soja. Milho, etc. Série Sistemas de Produção.

Assistência Rural nos Estados. O crédito supervisionado segundo a visão de Olinger (2) (1996: 23), sob orientação técnica “era o instrumento necessário à capitalização dos agricultores. O dinheiro vinha de fontes internacionais e repassado às agências brasileiras, dentre elas o Banco do Brasil.”

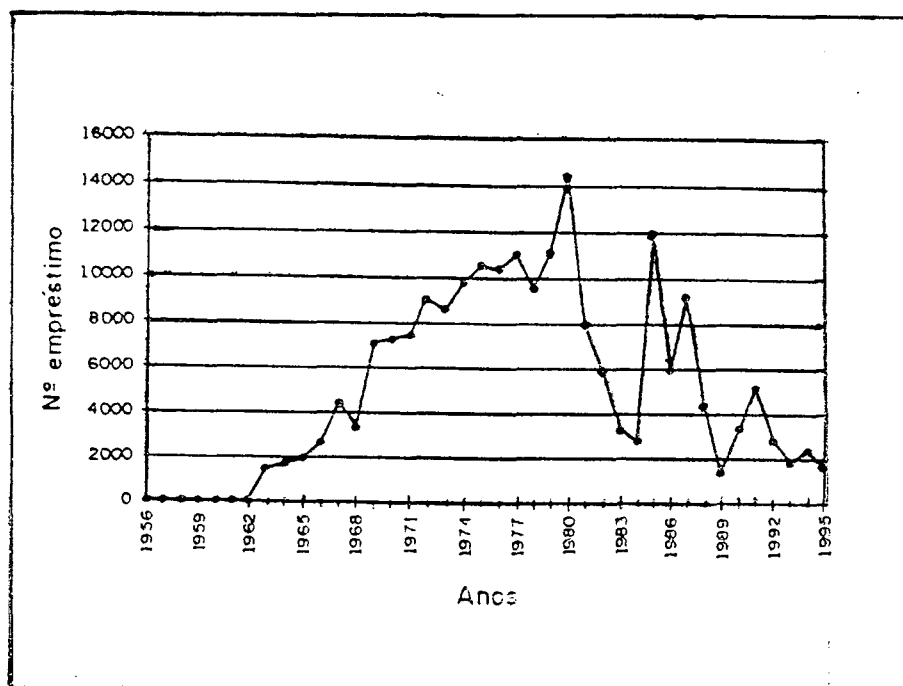
2. O crédito rural só era concedido aos agricultores que já estivessem recebendo algum tipo de assistência técnica. E o órgão responsável por essa assistência era a ACARESC. “Somente depois de dois anos (1958) de existência da extensão rural de Santa Catarina é que a ACARESC conseguiu firmar o primeiro convênio com os bancos: Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina (Inco) e com o Banco Nacional do Paraná e Santa Catarina” (Trevisan, 1996: 128). Somente em 1960 o Banco do Brasil e em 1962 o BDE - Banco de Desenvolvimento do Estado - (atual Besc), estabeleceram como prioridades o financiamento aos produtores rurais. Tais financiamentos eram todos intermediados e acompanhados pela ACARESC (Trevisan, 1996: 128). Isso porque o crédito seria concedido a quem já estivesse aplicando o trabalho orientado pela extensão rural.

A atuação do Banco do Brasil foi marcada a partir dos anos 70, quando o mesmo passou a ser o principal agente financeiro na aplicação do crédito rural de Santa Catarina. Noventa por cento (90%) das concessões do crédito rural eram feitas no Banco do Brasil e no BESC, sucessor do BDE.

Além do crédito supervisionado, a ACARESC implementou o crédito às cooperativas (comercialização, insumos e investimentos); Programa de fruticultura de clima temperado (Profit)¹⁴; operacionalização do seguro agrícola (Proagro); executora dos programas BID-256/SF-BR e BIRD/SF-BR. O gráfico a seguir nos dá uma idéia do aumento e também da diminuição do número de empréstimos vinculados com o serviço de extensão rural. Até os anos 80 é que podemos observar o maior número de empréstimos, período em que começa a mudança do próprio conceito de ação e intervenção do Estado.

¹⁴ O PROFIT foi um programa destinado à região de Lages.

Gráfico 1. Empréstimos vinculados com o serviço de extensão rural em Santa Catarina.



Fonte: Furtado, Filho D., 1996: 128, In: Espíndola, 1996.

Um outro elemento importante, para a formação, não só dos agricultores, mas também de profissionais foi o CETRE (Centro de Treinamento).

“A filosofia que presidia o CETRE era de que a unidade deveria constituir-se de salas de aula bem equipadas com ajudas audiovisuais, refeitório e alojamento para treinandos de ambos os sexos. No campo funcionariam unidades didáticas de agricultura, pecuária (suínos, aves, gado leiteiro), fruticultura, olericultura, saneamento básico, de forma que servisse de modelo capaz de ser repetido, com sucesso pelas famílias rurais. A idéia é que o CETRE fosse um verdadeiro modelo de propriedade familiar diversificada, onde não só os técnicos da ACARESC, mas também os agricultores de ambos os sexos, jovens e adultos, assim pudessem aprender vendo e fazendo”.

A expansão dos Centros de Treinamentos deu-se pela necessidade sentida pela ex-ACARESC de treinar não só os seus empregados mas, sobretudo, os agricultores de todo o estado, visando a sua profissionalização, através de cursos e treinamentos de curta duração, especialmente para jovens agricultores, de modo a não afastá-los, por tempo demasiado, de suas lidas agropecuárias”.

“Atualmente os Centros de Treinamento são o esteio da profissionalização de agricultores , um dos mais fortes programas da extensão rural da EPAGRI” (Olinger, 1996: 32 e 33).

Segundo Corrêa (1996: 71), a extensão rural a partir da metade da década de 60 modificou o perfil da exploração suinícola. Até então eram necessários 18 meses para “engordar” um porco com 100 Kg de peso vivo. Nos anos 70, os animais passaram a ser abatidos com 5 a 6 meses de idade com 90 a 100 Kg de peso vivo. A qualidade da carcaça aumentou, com produção de carnes magras. Santa Catarina passou à posição de primeiro produtor do país, de carnes, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo, com animais de raças. Verificou-se neste processo um resultado positivo direto para as agroindústrias abatedoras e industrializadoras dos produtos derivados dos suínos.

Este resultado, além do mérito devido à extensão rural, foi possível, sobretudo, graças à parceria desenvolvida entre entidades públicas e privadas, contando com várias participações, além da ACARESC: “Associação Catarinense de Criadores de Suínos (ACCS), Delegacia Federal do Ministério da Agricultura, Agroindústrias, cooperativas, GTZ (Agência de Cooperação Técnica da Alemanha) e a Escola de Agronomia Eliseu Maciel de Pelotas /RS. Foram firmados acordos de cooperação técnica entre os serviços de Extensão com a ACCS, Cooperativa e Indústrias”(Corrêa 1996: 72). A criação da EMBRAPA em Concórdia -SC, na década de 70, é outro elemento importante que contribuiu para essa mudança da produção e da produtividade.

2.2 EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

A EMATER/SC surgiu como uma exigência do Governo Federal em consequência da criação da EMBRATER (Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural) que, em âmbito federal, sucedeu a ABCAR. Em Santa Catarina a EMATER foi criada em 1977, com uma ressalva: desde que a ACARESC continuasse existindo.

“Assim a ACARESC continuou executando todos os serviços pertinentes à extensão rural, inclusive com o pessoal a ela vinculado, enquanto a EMATER, mediante convênio, contratava-lhes os serviços e repassava os recursos. A EMATER continuou, assim até a sua extinção, em 1991, juntamente com a ACARESC, quando da Criação da EPAGRI” (Souza, 1996: 169).

2.3 EPAGRI

A EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural - surgiu a partir da fusão das empresas existentes na área de pesquisa e extensão: EMATER/ACARESC, EMPASC, ACARPESC, IASC. Objetivava-se, com isso, juntar em uma só o trabalho de pesquisa e Extensão Rural (Deeke, 1996: 188).¹⁵

“A EPAGRI é uma empresa de pesquisa agropecuária e de extensão rural, tendo como finalidade a geração, difusão e divulgação de tecnologias, visando aumentar a produtividade agropecuária, melhorar o nível de vida dos produtores e das famílias rurais buscando promover o desenvolvimento sustentável do meio rural em benefício da sociedade. Nesse processo são

¹⁵ Lembramos que essas reformas aconteceram no governo Kleinnübing, coincidindo com o período de desenvolvimento do Estado Neoliberal no nosso país. São políticas que visam, acima de tudo, desregulamentar o Estado, possibilitando a participação empresarial nas ações até então desenvolvidas pelo Estado. Na prática, em Santa Catarina, no que diz respeito às ações estatais na assistência e pesquisa agropecuária seguiram o caminho da Qualidade Total, objetivando a redução de custos e um maior controle do setor privado nas pesquisas até então desenvolvidas.

geradas novas tecnologias, assim como produtos e serviços diversos” (Folheto de divulgação)

A EPAGRI utiliza-se do sistema de divulgação utilizado pela antiga ACARESC, sendo os Boletins Técnicos uma maneira também de apresentar resultados de pesquisa, instrumentalizar os técnicos e prestar recomendações de cultivares. Nos Boletins temos percebido preocupações com as culturas, animais e doenças que os atacam:

- Melhor qualidade do feijão: fungos e infecções bacterianas.
- Epidemiologia e controle do carrapato dos bovinos.
- Recomendações de cultivares para o Estado de Santa Catarina - 1993 - 1994 e 1994-1995 (milho, aveia, cebola, citros, feijão e outros).
- Produção de mandioca no Oeste.
- Forrageiras - tipos, características da planta, manejo e produção da forragem, produção de mudas básicas.
- Vídeos, produzidos a partir de conteúdos técnicos, com orientações sobre diferentes atividades, como por exemplo: apicultura, proteção de fontes de água, criação de peixes, etc.
- Cursos profissionalizantes são outra atividade da EPAGRI.
- Folhetos de divulgação de cursos de Armazenagem da Pequena propriedade, de Suinocultura, de Citricultura, etc.

A subdivisão hoje da EPAGRI em diferentes setores - em função da incorporação/fusão das outras instituições - possibilita a concentração do desenvolvimento de trabalhos nas diferentes “áreas” da agricultura. Em Chapecó temos vários departamentos, cada qual responsável por um determinado setor:

1. Piscicultura - É desenvolvido trabalho de pesquisa e extensão. Através das pesquisas procura-se sempre melhorar a produção, juntamente com a Estação Nacional localizada em Chapecó, na produção de alevinos adaptados para viverem em viveiros. Além de desenvolverem os peixes, os viveiros têm a finalidade de ocupar o esterco dos suínos, resolvendo, assim, parte do problema de

poluição provocado pela suinocultura. A produção atualmente é apenas comercial, mas um dos objetivos é torná-la industrial.

2. Solos - O trabalho visa a pesquisa e prestação de serviços. Há uma preocupação em conservar o solo, para isso é recomendado aos agricultores a utilização de espécies adequadas para a cobertura vegetal e o uso de adubação, utilizando principalmente os dejetos de suínos e aves. Já há um estudo sobre o assunto.

3. Gado Leiteiro - Há um aumento considerável da produção de leite. Investe-se na profissionalização dos agricultores e também na solução do problema de queda na produção no período de inverno.

4. Socioeconômico - Este departamento tem a finalidade de pensar a região e desenvolvê-la como um todo e não em municípios isolados. Para isso o trabalho de pesquisa e levantamentos como a tipificação dos agricultores é importante. O que fundamenta este trabalho é a visão sistêmica, uma visão macro e não micro da realidade.¹⁶

5. Florestal - responsável pelo desenvolvimento de novas mudas de árvores para reflorestamento e produção frutífera.

2.3.1 CPPP - Centro de Pesquisa Para as Pequenas Propriedades

Objetivando atender às pequenas propriedades rurais, frente às necessidades que as mesmas possuem de constantemente mudar e/ou diversificar a produção devido ao mercado e à política agrícola, foi criado o CPPP. No Oeste de Santa Catarina a implantação ocorreu em 1983 na estação experimental da EMPASC de Chapecó que foi transformada em CPPP funcionando hoje como um departamento da EPAGRI/Chapecó.

O CPPP tem por objetivo a execução de programas regionais de pesquisa que visam à melhoria da renda e da qualidade de vida da família rural, a

¹⁶ As informações dos itens 1 ao 5 foram colhidas a partir de entrevistas realizadas com Jorge de Matos Casaca - Veterinário, Faustino Andreola - Agrônomo e Milton Luiz Silvestro - Eng. Agrônomo, funcionários da Epagri de Chapecó, em 04 e 09 de junho de 1997.

sua fixação no campo e a redução dos problemas sociais na esfera das pequenas propriedades. Esta unidade desenvolve trabalhos adequados aos sistemas agrícolas regionais, incentivando o uso racional da tecnologia e dos recursos naturais e a preservação do ambiente. Seus propósitos podem ser assim sintetizados:

"Com base no enfoque sistêmico, o plano (do CPPP) se propõe:

a) identificar, descrever e analisar sistemas de produção típicos da Região;

b) recuperar tecnologias viáveis já em uso pelos produtores, adequando aquela que necessita de adaptação;

c) gerar tecnologias alternativas melhoradas para os sistemas em uso;

d) gerar sistemas de diversificação sustentáveis;

e) difundir os resultados alcançado.

Após um diagnóstico preliminar dos sistemas vigentes no Oeste de SC, o CPPP mantém o desenvolvimento de 12 subprogramas com suas prioridades: milho, feijão, soja, mandioca, diversificação agrícola, recursos naturais, horticultura, sementes e mudas, pecuária, engenharia agrícola, economia, administração sociológica e extensão rural. Com estes subprogramas iniciou-se o atendimento a todas as necessidades tecnológicas da pequena propriedade familiar diversificada" (Rockenbach e Nadal, 1996: 171).

2.4 CIDASC - Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina.

Surgiu em 1979 para atender às demandas da época. A produção agropecuária do Estado, em 1979, foi de 5,3 milhões de toneladas, passando para 7,5 milhões em 80 e 8,2 milhões em 81. A CIDASC teve participação importante em dois projetos que possibilitaram o aumento da produção primária e a consolidação da agroindústria. O Projeto de fruticultura de clima temperado - O Profit - iniciado em 1970 e o Projeto de suinocultura, ambos executados pelos serviços de extensão rural, com o apoio da pesquisa agropecuária, das cooperativas, dos sindicatos rurais, associações de classe e iniciativa privada.

Em 1994, Santa Catarina era responsável por 95,2% das exportações de carne de suínos e por 75% da exportação de carne de aves. A produção de carne de aves correspondia a 20,8% do volume nacional (CIDASC, 1994).

A CIDASC tem participado diretamente na suinocultura e avicultura através de equipes de Defesa Sanitária Animal que assistem criadores e frigoríficos, mantendo a sanidade dos rebanhos e inspecionando carcaças. O resultado é observado na diminuição de focos de Febre Aftosa, e também no fato de o Estado ser considerado livre da peste suína desde 1992, recebendo o título de 1º em qualidade de sanidade animal na América do Sul. Esse trabalho é de fundamental importância para a manutenção e ampliação do comércio com os países exteriores.

A CIDASC tem desenvolvido o processo de avaliação ponderal do desenvolvimento dos suínos - ou conversão alimentar - ou seja, avaliação da quantidade de alimentos e o peso final do suíno. Com o trabalho de tipificação da carcaça, também desenvolvido pela CIDASC, o agricultor deixou de receber pela cor da pelagem do suíno, que era pesado e vendido na propriedade do agricultor. O suíno passou a ser avaliado pela espessura do toucinho e pela qualidade da carne.

Este processo que representa mais um passo na modernização da suinocultura, trás para a empresa e o consumidor ganhos quanto à qualidade da carne que é obtida neste novo sistema de produção. Porém, são inovações que o produtor acaba arcando com os maiores investimentos, tanto na infra-estrutura dos chiqueiros, como nas novas técnicas de produção. Levando com isso a um novo processo de seleção de produtores rurais que não se “encaixam” dentro das

exigências impostas pelas empresas e pelo comércio exterior. O agricultor passa, então, a receber pela qualidade dos animais. Se o porco está comprometido, é o suinocultor que perde, pois a venda é feita após a análise da qualidade da carne. Não queremos, com isso defender a eternidade de um processo de produção, mas as condições para que o maior número possível de agricultores possam fazer parte dessas inovações, sem acarretar problemas sociais mais graves, como o êxodo rural, tão presente na região Oeste catarinense.

A CIDASC mantém participação na sanidade animal, tanto suína como de aves. Existem técnicos que acompanham desde as unidades agrícolas até às indústrias. “É uma forma de dar o aval, pois os órgãos internacionais querem conversar com os órgãos oficiais e não com a empresa. Além disso, favorece ao consumidor de estar adquirindo um produto de qualidade”¹⁷. O controle da salmonela foi também desenvolvido pela CIDASC, junto às granjas de ovos comerciais.

Já em 1993, o jornal Diário Catarinense (29 de julho de 1993) divulgava reportagem sobre as preocupações do Estado via Secretaria da Agricultura e Abastecimento em promover inspeções nas indústrias, a fim de garantir as exportações, atendendo às exigências dos importadores, principalmente europeus¹⁸.

A inseminação artificial, tanto suína como bovina, é um trabalho importante desenvolvido pela CIDASC, pois garante a qualidade dos animais, multiplica e armazena as potencialidades do reprodutor.

Foi desenvolvido treinamento para técnicos, capacitando-os na área de inseminação artificial e na educação e sanidade animal. “É feito trabalho de organização das comunidades para atuar junto ao serviço animal, objetivando o controle no local da criação e não apenas no local da industrialização. É uma

¹⁷ Entrevista com Alceu Sandrin, funcionário da CIDASC, responsável pelo setor de aves e suínos. Florianópolis, em 31/05/97.

¹⁸ Na época, para suprir essa necessidade, foram selecionados e remanejados 153 funcionários estatutários das secretarias estaduais, com o objetivo de inspecionarem os produtos de origem animal. A Secretaria Estadual arcou com a solução do problema por falta de pessoal atuante do Ministério da Agricultura. (Diário Catarinense, 29 de junho de 1993).

exigência da OMC (Organização Mundial do Comércio) e da OIE (Escritório Internacional de Epizootias). O trabalho nas comunidades se dá através da formação de agentes de saúde animal, tendo a responsabilidade de exercer o trabalho de vigilância, primeiras medidas, é o elo da comunidade com o serviço oficial, identificar o animal doente do são e ainda com projeto de educação sanitária nas escolas do meio rural através da capacitação de professores¹⁹ e introdução nos currículos de temas que abordem o assunto.

Dentro do programa de qualidade da CIDASC, existe o combate sistemático a outras doenças que causam prejuízos aos rebanhos suínos e bovinos de Santa Catarina, como a peste suína, a febre aftosa, a raiva e outras.

Na área de defesa sanitária vegetal de sementes, a CIDASC tem desenvolvido trabalho de inspeção de mudas. Com trabalho junto à Cooper Alfa de Chapecó e Região, a CIDASC tem sido fomentadora na produção para associados e para a exportação de soja, feijão, trigo e cevada. A Cooperativa teve participação no incentivo e no trabalho junto aos agricultores. A semente, que era importada do Rio Grande do Sul e do Paraná, passou a ser produzida na própria região, e somente adaptada ao clima e solo do lugar com alguns resultados positivos como: aumento da produtividade e da sanidade, circulação do capital na própria região, maior produtividade de sementes e diminuição de doenças .

A CIDASC está presente na fiscalização do padrão da qualidade dos produtos e também como reguladora dos preços no mercado por intermédio da fixação de preços reduzidos na comercialização através de subsídios em programas como o sacolão.

Na parte vegetal há apoio e incentivo na fundação de viveiros junto a prefeituras e particulares, venda a custos baixos de material, inspeção de sementes e mudas e reflorestamento, objetivando suprir a demanda de matéria-prima de madeira para aquecer caldeiras nos frigoríficos, diminuindo a pressão sobre a mata nativa.

¹⁹ Entrevista com Alceu Sandrin, Claudinei Martins e Clóvis Thadeu Rabelo Imprata. funcionários do departamento de animais da CIDASC de Florianópolis. Florianópolis em 31/05/97.

Outro programa desenvolvido pela CIDASC é o trabalho de fornecer infra-estrutura agrícola. O programa visa fazer melhorias nas propriedades rurais, permitindo maior rendimento e produtividade e ainda a recuperação de áreas inaproveitáveis, diversificação das atividades e a proteção do meio ambiente. Este trabalho envolve uma ampla gama de atividades, entre elas a abertura de poços artesianos, de açudes, de bebedouros, de esterqueiras e de estradas.

Conforme informações da CIDASC²⁰ de Chapecó, até o primeiro semestre do ano de 1996 a região de Chapecó - seguido de Concórdia -, tem absorvido o maior número de serviços prestados pela empresa nas atividades de: perfuração de poços artesianos, açudes, bebedouros, estradas, esterqueiras e outras obras.

2.5 A pesquisa agropecuária em Santa Catarina - a criação da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária e da EMPASC (Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S.A .

Até a década de 70, no Brasil e em SC, o órgão responsável pela pesquisa agropecuária era o IPEAS - Instituto de Pesquisa do Sul, criado pelo Ministério da Agricultura na metade da década de 30. Este instituto formou uma rede de unidades de pesquisa agropecuária na Região Sul, com estações experimentais em Santa Catarina - Caçador, Videira e Urussanga -, no Paraná e Rio Grande do Sul. A sede da regional Sul estava localizada em Pelotas - RS. Os experimentos eram sobretudo com cereais, frutíferas e criações (Franco, 1996: 17).

O IPEAS foi extinto no início dos anos 70, quando o governo militar criou, em 1973, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA.

Com a criação da EMBRAPA foram criados nos diferentes estados brasileiros Centros Nacionais de Pesquisa e Sistemas Estaduais, surgindo, assim, as Empresas Estaduais de Pesquisa Agropecuária. Neste período mais de 1.000

²⁰ Informações obtidas no material fornecido pela Cidasc - Infra-estrutura agrícola - uma Boa Idéia. Florianópolis, 29 de julho de 1996.

técnicos contratados pela EMBRAPA foram enviados para cursos de mestrado e doutorado no país e no exterior.

Em 1975, o governo do Estado de Santa Catarina criou a Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S.A. - EMPASC. Em 1976, a EMPASC já desenvolvia 232 experimentos em 54 locais diferentes no estado, envolvendo culturas de trigo, milho, feijão, soja, mandioca, arroz, sorgo, maçã, pêssego e fruteiras e ainda na criação de bovinos de corte e leite (Franco, 1996: 18).

“A empresa estadual à medida que crescia ia sendo equipada com modernos laboratórios de análises de solos, sementes, fitossanidade, fitopatologia, entologia, nutrição e fisiologia vegetal, nutrição e parasitologia animal, bem como casas de vegetação, unidades de beneficiamento de sementes, estações meteorológicas, câmaras frias para conservação de frutas, à disposição de pesquisadores e da comunidade científica e produtora para apoiar o trabalho científico que resultou em inúmeras tecnologias e serviços” (Franco, 1996: 18).

A EMPASC fazia, regularmente, publicações divulgando os diferentes produtos agrícolas e animais com melhor qualidade, orientações para acabar com determinadas doenças, para produzir espécies de vegetais e na criação de animais. As publicações eram uma maneira de divulgar resultados de pesquisas, recomendações para cultivo de determinadas espécies e ainda recomendações para pesquisa e para plantio.

2.6 EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

A EMBRAPA, está vinculada ao Ministério da Agricultura e Abastecimento, teve importante atuação desde sua criação em 26 de abril de 1973, quando, segundo informações da própria empresa

“foram geradas milhares de tecnologias, inclusive para o setor agroindustrial. As safras agrícolas aumentaram consideravelmente, a eficiência produtiva do setor agropecuário melhorou, os custos de

produção diminuíram consideravelmente e o Brasil reduziu sua dependência externa de diversas tecnologias, insumos e materiais genéticos. A Embrapa atua por intermédio de 37 Unidades de Pesquisa e dos Serviços, que cobrem todos os Estados do País. É responsável pela coordenação do Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária - SNPA. Possui de 9.122 empregados, dos quais 2.094 são pesquisadores (54% com mestrado e 34% com doutorado).” (Folheto de divulgação, 1996)

Em 1975, a EMBRAPA criou o Centro Nacional de Suínos, unidade destinada à suinocultura. Em 1978, incorporou-se a esse Centro a pesquisa com aves, quando assumiu a denominação de Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves - CNPSA. A Unidade conta com sede própria, localizada em Concórdia no Estado de Santa Catarina, dotada de laboratórios de sanidade e nutrição, unidades experimentais, estação meteorológica, fábrica de ração, prédio para administração e pesquisa e biblioteca especializada em suínos e aves.

Sua missão é “*gerar, adaptar e promover conhecimentos, tecnologias, serviços e insumos para o desenvolvimento sustentado da suinocultura e avicultura, em benefício da sociedade*”(folheto de divulgação da EMBRAPA - Concórdia - SC, 1997).

Para a realização de diagnóstico de rotinas, foi criado o Centro de Diagnóstico em Saúde Animal - CEDISA, fruto do convênio estabelecido entre a EMBRAPA, Secretaria do Desenvolvimento Rural e da Agricultura de Santa Catarina, Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados de Santa Catarina - SINDICARNE, Prefeitura Municipal de Concórdia e Associação Catarinense de Criadores de Suínos - ACCS.

Mais de 300 tecnologias já foram desenvolvidas, atendendo à demanda do mercado e contribuindo de forma significativa para o aumento da produtividade da suinocultura brasileira. Linhagens melhoradas, programas computacionais, tabela de composição de alimentos, insumos como vacinas e antígenos e também um grande número de práticas de manejo e recomendações técnicas.

A cadeia produtiva é atendida através de atividades de assessoria, consultoria, diagnósticos, monitoramento sorológico de plantéis, teste de insumos, análise de composição química e bromatológica de alimentos e rações balanceadas. As publicações têm um papel fundamental para a orientação dos clientes e usuários da EMBRAPA Suínos e Aves. *“A cooperativa Central (Chapecó) investiu e alcançou sucesso num trabalho pioneiro de classificação de carcaças, buscando a melhoria qualitativa e sanitária dos plantéis”* (Corrêa, 1996: 71), através do apoio e pesquisas desenvolvidas pela EMBRAPA Suínos e Aves.

Atualmente a EMBRAPA Suínos e Aves, preocupada em solucionar os problemas e voltada para os avanços tecnológicos, tem definido as seguintes linhas de pesquisa:

“Tratamento e aproveitamento dos dejetos suínos; Avaliação dos sistemas intensivos de suínos criados ao ar livre; Elevação da eficiência produtiva em Suínos; Avaliação nutricional de alimentos para suínos e aves, Aumento da eficiência produtiva dos suínos; Redução de perdas de leitões; Redução de perdas de frango de matrizes de frango de corte; Desenvolvimento de linhagens para corte e postura; Redução de perdas de poedeiras e frangos de corte; Métodos gerenciais e difusão de tecnologia e Banco de dados e sistema de informação para suínos e aves.” (Folheto de divulgação da EMBRAPA Concórdia - SC, 1997)

2.7 A Secretaria dos Negócios do Oeste

Além dessas políticas de fortalecimento da base produtiva de Chapecó e região, podemos perceber a presença marcante do Estado, nas demais infra-estruturas (rurais e urbanas) como eletrificação, aberturas e pavimentação de rodovias e estradas, canalização e tratamento de água, esgoto, telefonia, etc., nestes aspectos, a Secretaria dos Negócios do Oeste teve participação fundamental.

Notamos que o capital modela o espaço de acordo com suas necessidades, mas o espaço também se impõe perante o capital, que terá que se adaptar ao espaço, remodelando-o. A localização geográfica de Chapecó e região Oeste requisitou das autoridades grandes preocupações em formar uma infra-estrutura de transportes com capacidade de fazer circular a produção para os mais variados locais e centros do país, produzindo assim um espaço capaz de atender às demandas do capital.

Para as atividades de infra-estrutura, foi de fundamental importância a criação da Secretaria de Estado dos Negócios do Oeste, pelo governo Estadual, em 1963, permitindo, com isso, grandes investimentos na região, especialmente na infra-estrutura, na construção de estradas, pontes, instalação de energia, etc. É marcante nos jornais da época (anos 60 e 70)²¹ a exaltação dos trabalhos desenvolvidos pela Secretaria, principalmente em obras e outros investimentos possibilitados pela intervenção da então secretaria.

A Secretaria foi criada como uma maneira de integrar a Região Oeste como centro de decisões administrativas do Estado diante da precariedade e carência dos meios de comunicação e de transportes entre oeste e litoral. É a primeira experiência estadual de descentralização administrativa, delegando ao órgão a execução dos empreendimentos setoriais programados para a região.²² A título de exemplo citamos aqui alguns investimentos realizados pela Secretaria no período de 10 (dez) anos, a partir da data de sua fundação.

- Construção de 272 Km e recuperação de 329 Km de estrada nos municípios da região.
- Construção de 25 pontes, totalizando 1.180 metros de extensão.
- Pavimentação asfáltica do acesso Chapecó - BR 282.
- Construção do aeroporto de São Miguel do Oeste e ampliação do de Xanxerê.

²¹ As averiguações foram feitas no jornal "Folha d'Oeste" do período de 1967 a 1979.

²² In Santa Catarina - Síntese Conjuntural, 1974. Imprensa Oficial do Estado.

- Conclusão de terraplanagem e estudos topográficos para a construção dos aeroportos de Pinhalzinho e Itapiranga.

- Eletrificação rural: construção de 41.300 metros de linha de transmissão;

- Conclusão da fábrica de tubos de concreto; fornecimento de 9,5 Km de tubulação de sua oficina mecânica .

- Construção de 439 salas de aula e de 24 quadras de esporte, reformas de 215 salas de aula em 27 municípios.

- Conclusão do prédio psiquiátrico, o qual foi cedido para a Fundação Universitária do Oeste.

Verifica-se melhoria em toda a infra-estrutura da região oeste, possibilitando um desenvolvimento regional, visto que a região se constitui de “redes de drenagem” de matéria-prima para alguns centros captadores (Chapecó, Concórdia, Videira, etc.), que, por sua vez, vão escoar a produção para os centros maiores.

3. A Municipalização

A municipalização da agricultura é apontada, pelos órgãos do governo, como uma maneira de planejar e executar as atividades de assistência técnica à agricultura executadas por diferentes entidades (ACARESC, CIDASC, Cooperativas, agroindústrias e prefeituras municipais), a fim de evitar paralelismo de ação com desperdício de recursos.

Assim, a municipalização segue os seguintes passos:

a) Adesão voluntária dos municípios.

b) Formação de um Conselho de Desenvolvimento Rural - CMDR.

c) Elaboração conjunta de um Plano Municipal de Desenvolvimento Rural PMDR.

d) Criação de um Escritório Municipal de Agricultura - EMA (Lopes, 1996: 184).

Com tal planejamento a prefeitura, ou o município, não tem apenas a função de organizar a comunidade, mas de fazer um orçamento municipal com recursos próprios para a agropecuária. Segundo Lopes (1996: 186), projetos antes emperrados por falta de algum material ou recurso, seriam agora viabilizados ou pela prefeitura ou pelos próprios agricultores.

4. Projeto Microbacias

Frente à degradação do meio ambiente, fez-se necessário a criação de um projeto de conservação e manejo dos recursos naturais. Neste sentido, o Projeto Microbacias foi uma maneira encontrada para defender e conservar os solos, florestas, fauna e clima. O projeto teve início em junho de 1991 e término previsto para setembro de 1997 e visa ao desenvolvimento sustentável da agricultura, envolvendo os agricultores, as lideranças e as autoridades governamentais. No caso de Santa Catarina, o trabalho é desenvolvido em parceria com as seguintes entidades: Secretaria do Desenvolvimento da Agricultura - SDA/EPAGRI, DER, FATMA, Cidasc, ICEPA e Banco Mundial. O Banco Mundial tem participado com US\$ 33 milhões de dólares de recursos e o governo do estado com US\$ 38,6 milhões de dólares.

O Projeto visa aos seguintes objetivos:

- Aumentar a cobertura vegetal dos solos.
- Controlar o escoamento superficial das águas, melhorando a sua infiltração no solo.
- Usar o solo conforme a sua aptidão.
- Recuperar as fontes e os mananciais de água e o meio ambiente.
- Aumentar a produtividade agrícola.
- Controlar a erosão dos solos.

- Demonstrar aos agricultores como é possível produzir economicamente sem agredir o meio ambiente.

Os agricultores, em troca, conseguem uma maior produtividade, com maior qualidade e ainda incentivos para aquisição de máquinas e equipamentos, individuais ou em grupo, necessários à produtividade.

5. Os incentivos fiscais

Os incentivos fiscais foi outro fator determinante que teve participação no desenvolvimento industrial no Brasil, e que beneficiou diretamente as empresas de Santa Catarina. E no Oeste do Estado, as agroindústrias foram as que mais se beneficiaram com tais incentivos. O BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento), foi importante para o financiamento empresarial. Em 1963, o governo catarinense criou o FUNDEC (Fundo de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina), que garantia a todas as empresas o desconto de 10% no ICMS, sob o compromisso de aplicação em projetos de modernização e implantação de unidades industriais. Foi neste período e com tais incentivos que a Sadia Concórdia instalou sua filial em Chapecó.

Segundo Espíndola (1996), “dos recursos liberados entre 1970 e 1978 (US\$ 39,9 milhões) o Oeste Catarinense obteve cerca de 30,9%. Obviamente todas as agroindústrias obtiveram incentivos junto ao FUNDEC”. Somente a Sadia, a Perdigão e a Ceval-Hering, em 1973 obtiveram 10,28% do total de verbas, em torno de 3,5 milhões.

Em 1975, o Brasil lança o II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), com o objetivo de desenvolver os setores de base, ampliar as exportações de manufaturados, desenvolvimento tecnológico industrial, incremento da indústria alimentar e a resolução dos desníveis regionais. Em Santa Catarina, o governo criou em 1975 o PROCAPE (Programa Especial de Apoio à Capitalização de Empresas) - substituindo o FUNDESC. Uma parcela dos recursos do PROCAPE provinha do orçamento estadual (10% do ICM), a outra resultava da recompra das

ações das empresas beneficiadas, dividendos e bonificações. Segundo Espíndola (1996: 72), “nos projetos de instalação de novas unidades industriais, se aprovado pelo PROCAPE, este comprava as ações da empresa, a qual, por sua vez, recomprava-as com prazo de cinco anos.

Um outro dado que merece destaque sobre os incentivos e a atuação do PROCAPE na dinamização e no desenvolvimento industrial e agropecuário catarinense, é de que em 1975 e 1982 foram liberados cerca de US\$ 150 milhões, desse total, US\$ 27 milhões (18%) destinaram-se ao ramo alimentar. O Oeste Catarinense, entre 1975 e 1978, obteve US\$ 6,8 milhões - 24% dos recursos totais do Procape. Para ilustrar melhor vejamos a tabela 07 a seguir (Espíndola, 1996)

Através da tabela nº 7 observa-se que as agroindústrias de maneira geral beneficiaram-se com os incentivos do PROCAPE. Porém, as agroindústrias de Chapecó especificamente, se comparadas com as demais do Oeste, não foram contempladas com grande número dos empréstimos, enquanto que a Perdigão, a Ceval e a Seara obtiveram 30,2%, 27,5% e 11,43% respectivamente, a Sadia e a Chapecó Avícola receberam 3,38% e 4,35%, respectivamente. Isso se deve, segundo Espíndola (1996), ao fato de essas empresas contarem com reduzida participação no governo do estado, enquanto que, por exemplo, a Perdigão contava com Ivan Bonato na Secretaria da Fazenda.

Outro fator determinante nos investimentos catarinenses através do governo do estado foi a criação do BADESC, que em 20 anos de atuação injetou US\$ 12 bilhões na economia catarinense, e ainda implantou uma série de projetos importantes, priorizando as indústrias têxteis (232,5 milhões), agroindustrial (208,2 milhões) e a cerâmica (US\$ 193,7 milhões).²³

²³ Conforme Revista Rumos do Desenvolvimento, nº 115, agosto de 1995, citada por Espíndola 1996.

Tabela: 03- Desembolso PROCAPE acumulado 75-82 (mil US\$)

Valores	Empresas	% do total	Localidade
0 - 15			
1.909	Cia Krause	0,1	Itajaí
4.407	Floramel	0,23	Biguaçu
5.966	Wildener	0,29	J. do sul
7.955	Frill	0,5	Laguna
11.137	Codipesca	0,77	J. do Sul
11.932	Frig. Gunz	0,79	
16 -50			
23.168	Frigoaves	1,53	Itapiranga
25.854	Seara	1,73	Seara
27.842	Agrop. Zink	1,84	Pres. Getúlio
28.831	Kinnberg	1,98	Rio do Sul
30.044	Seara Avícola	1,99	Xanxerê
31.735	Lactoplasa	2,10	Lages
33.596	Seara	2,22	Xanxerê
37.786	Rouxinol	2,50	Rio do Sul
39.775	A. Manique	2,64	Criciúma
39.775	Cia Jensen	2,64	Blumenau
39.775	Frig. Sul Catarinense	2,64	Criciúma
42.665	Weege	2,83	Pomerode
43.753	Safrita	2,90	Itapiranga
44.946	Sipal	2,98	Chapécó
51 - 100			
51.057	Sadia Avícola	3,58	Chapécó
53.307	Ceval	3,53	Blumenau
59.663	Energe	3,96	Guaramirim
59.633	Frigorífico Cantagalo	3,96	São José
65.609	Chapécó Avícola	4,35	Chapécó
74.518	Fricasa	4,94	Canoinhas
78.207	Cesca	5,19	Itajaí
79.551	Perdigão	5,28	Salto Veloso
82.831	Seara	5,49	Xanxerê
87.506	Perdigão	5,88	Capinzal
91.484	Perdigão	6,07	Herval d'Oeste
101 -			
109.031	Eliane	7,23	Criciúma
11.371	Max Wilhelm	7,39	S. do Sul
127.282	Frigoplan	8,4	Lages
132.452	F. Peperi	8,7	S. M. do Oeste
149.337	Planalto	9,9	Lages
196.828	Perdigão	13,06	Joaçaba
266.099	Oba	17,6	Imarui
361.958	Ceval Export.	24	São F do Sul
26.829.489	Total do ramo		

Fonte: Relatório PROCAPE, Secretaria da Fazenda, Florianópolis (in Giese, 1991).

Com a extinção do PROCAPE, em 1982, o governo criou o PRODEC (Programa de Desenvolvimento da Empresa Catarinense), que tinha como objetivo apoiar financeiramente a implantação de novas unidades industriais, tomando como referência os valores do ICM recolhido. Este programa apresentava vantagens como juros nulos, correção monetária plena e prazo de carência entre 12 e 60 meses. Em 1995, o PRODEC foi reformulado e seus incentivos passaram a se basear na postergação do pagamento de parte do ICMS gerado nos primeiros 10 anos de funcionamento do empreendimento. No primeiro ano, o financiamento via ICMS era de 75%, caindo gradativamente até chegar a 40% no último ano (Espíndola, 1996: 76). O PRODEC, atualmente, não depende do desembolso direto dos recursos do governo, é viabilizado através do aproveitamento dos recursos do ICMS devido pelas empresas, até um limite de 70%, com prazos de carência e amortização da dívida adquirida. Em 1991, o governo criou o Programa de Desconcentração de Atividades Produtivas (Prodap) e o Programa de Modernização da Indústria Catarinense (Pormic), programas que também vieram beneficiar a capitalização das empresas agroindustriais.

As empresas Sadia e a Cooperativa Central de Chapecó, foram beneficiadas com os recursos do PRODEC, entre os anos de 1987 a 1991. Em 1997, a Sadia, segundo reportagem do “Jornal da Cidade” de Chapecó (05 a 15 de dezembro de 1997), beneficiou-se com um empréstimo de 60 milhões de reais, sendo 34 milhões em Chapecó numa nova unidade para a fábrica de empanados. Os restantes, 26 milhões, foram investido em Concórdia para a modernização de seu parque industrial.

Em termos de políticas nacionais, o BNDES foi fundamental nos desembolsos que beneficiaram o ramo agroindustrial. Sendo muitos os recursos dele provenientes, dos quais, segundo Espíndola (1996: 76), em torno de 20% foram destinados às agroindústrias, entre anos de 1980 e 1989.

É importante destacar também a participação do Banco do Brasil no financiamento aos agricultores, sendo que nesses financiamentos os agricultores

integrados das agroindústrias tiveram maior participação nos recursos. Segundo entrevista na empresa Sadia, a mesma, por exemplo, foi uma das que incentivou os agricultores a buscarem empréstimos. E todos que foram beneficiados, o foram através do Banco do Brasil. Os empréstimos eram necessários para que os agricultores conseguissem equipar-se da estrutura necessária para tornarem-se integrados da empresa.

Sem dúvida, o investimento do Estado no ramo agroindustrial e a drenagem de recursos para este setor está diretamente ligada à participação em cargos políticos dos empresários no governo do Estado. Esses empresários, sempre estiveram ligados a algum cargo político, ou então representados por um outro político de sua confiança. Desde cedo, observamos os nomes de Atilio Fontana e Plínio de Nês ocupando cargos políticos.

Esta participação estava ligada à estrutura interna da própria formação da região Oeste do Estado, que apenas em 1930 começou a participar da vida política do Estado, isso porque a própria região organizou-se politicamente muito tarde. E foi neste período que ocorreram as primeiras emancipações de municípios, surgindo os representantes municipais e regionais. Um segundo elemento é de ordem nacional, que está ligado ao velho “Pacto de Poder” esboçado antes de 1930. Até então os políticos que controlavam o poder eram representados principalmente pelos comerciantes importadores - exportadores do litoral, em particular do Vale do Itajaí (a família Konder) e num segundo plano os latifundiários do Planalto Serrano (a família Ramos).

Na região Oeste, o capitalismo mercantil se estruturou e se beneficiou da política nacional, que estimulou a ocupação (colonização) da região através da legalização do comércio das terras e implementou uma rede viária possibilitando o escoamento da produção para diferentes pontos do país. Fato importante, pois foi o que deu origem à acumulação de capital dos comerciantes que vieram do Rio Grande do Sul, possibilitando a sua ascensão política local. Neste sentido, esses comerciantes sentiam-se ligados mais às políticas nacionais do que estaduais (Espíndola, 1996).

Com a revolução de 1930 e a grande depressão mundial acabaram com o pacto de poder da estrutura política brasileira, vigente desde a Proclamação da República. Em Santa Catarina, ocorreu o afastamento do poder das famílias Konder, Luz e outras com a ascensão da família Ramos, oportunidade em que alguns políticos catarinenses aproximaram-se dos cargos políticos. Atilio Fontana, aproveitou a oportunidade (do PRC - Partido Republicano Catarinense), mudou de posição (Aliança Liberal representada pela família Ramos) e passou a compor as forças políticas locais assumindo o cargo de conselheiro consultivo do município de Cruzeiro (atualmente Joaçaba). A sua indicação, além de facilitar o direcionamento dos recursos para infra-estrutura, principalmente de transportes, transformava-o em um líder, garantindo bom relacionamento com a pequena produção mercantil e a comunidade local, facilidade de negociação com os administradores da estrada de ferro e sobretudo o reforço das relações de dominação sobre os pequenos produtores agrícolas. (Espíndola, 1996)²⁴

No período getulista, verificou-se no Brasil um crescimento de algumas indústrias de base. No Oeste, a comercialização do excedente gerou superlucros aos comerciantes, que transportavam sua produção através da ferrovia para diferentes centros do país, subsidiados pelo governo federal que concedia gratuitamente os vagões.

Em 1947, por indicação de Nereu Ramos, Atilio Fontana foi incumbido de organizar o PSD e concorrer a vereador na cidade de Concórdia. Esses fatos aconteceram quando os movimentos de oposição a Getúlio Vargas, a nível nacional, eram bastante fortes através dos integrantes da UDN (União Democrática Nacional). Os pró-getulistas, adeptos do Partido Social Democrático(PSD) e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Nas eleições de 1950, o empresário Atilio Fontana elegeu-se prefeito municipal de Concórdia. A grande preocupação do então prefeito foi a implantação de escolas, postos de saúde e outras obras. Foi contratado também um engenheiro civil e um médico veterinário. Verificava-se assim a preocupação

²⁴ Sobre o jogo das forças políticas em Santa Catarina veja também o capítulo 1 - sobre a história do Oeste de Santa Catarina e mais HAAS, Mônica Os partidos políticos e a elite chapecoense - Um

com atividades voltadas para a modernização que sua empresa necessitava, além do uso da máquina pública em benefício próprio, como foi o caso do engenheiro civil que, a princípio, trabalhava meio dia na prefeitura e o restante do tempo trabalhava na Sadia (Espíndola, 1996).

Nas eleições posteriores, o empresário elegeu-se deputado estadual (1955-58), deputado federal (1959-62) e senador (1963-71). Foi vice-governador do Estado, indicado pelo Presidente da República Getúlio Vargas na administração de Colombo Machado Salles. Em 1961-62, ocupou a Secretaria da Agricultura. Como vimos anteriormente, foi a partir de 1963, que o trabalho de extensão rural, a modernização da agricultura e o sistema de integração tornam-se mais presentes em Santa Catarina. Foi com esses cargos que Atilio Fontana facilitou suas viagens para os Estados Unidos, local de origem dos sistemas de integração na agricultura, os quais serviram de exemplo para a implantação em Santa Catarina.

A vida de Plínio A. de Nês, representante das organizações Chapecó, não foi muito diferente. Este foi prefeito (1956-61), deputado Estadual (1963-66), Secretário Estadual da Secretaria do Oeste no Governo Colombo Salles e presidente do BADESC (1976-79). Durante a sua permanência no cargo de presidente no BADESC, concedido financiamento para a construção de um entreposto frigorífico no Porto de Itajaí, para armazenar produtos destinados ao mercado externo e priorizou ainda, a eletrificação rural no Oeste catarinense.

A participação desses empresários na vida política do Estado explicita a utilização deste como instrumento de desenvolvimento e incentivador do crescimento de suas empresas. Por outro lado, esses empresários souberam estar atentos às mudanças que iam ocorrendo nas esferas nacional e estadual e adaptarem-se às novas exigências e necessidades, tanto no comércio como no setor político. Souberam aproveitar as características do lugar adaptando-as e modelando-as de acordo com as estratégias de desenvolvimento dos governos nacionais, política que confere, hoje, ao Oeste de Santa Catarina ser detentor do maior parque

agroindustrial da América Latina e o maior exportador de derivados de frangos e suínos do Brasil.

6. O Estado e os benefícios concedidos ao capital regional.

A descrição do que foi e do que é o trabalho dessas instituições governamentais serve, acima de tudo, para ilustrar um pouco deste trabalho e daí perceber o quanto foi importante e fundamental a presença do Estado para desenvolver a produção agrícola e agropecuária a partir dos anos 50 no Estado de Santa Catarina.

Trabalho este que diretamente favoreceu as agroindústrias presentes no município de Chapecó e da região Oeste de Santa Catarina. Essas empresas souberam muito bem se “apossar” do saber e dos trabalhos desenvolvidos pelos órgãos estatais.

As ações das empresas públicas foram fundamentais pelos primeiros trabalhos de higienização do processo produtivo, tanto nas propriedades rurais como nas indústrias, o que resultou num maior aproveitamento dos resíduos industriais, como é o caso da gordura, que segundo Silva (1991), anteriormente era desperdiçada. Paralelamente deu-se o desenvolvimento tecnológico para o uso de melhores maquinários reduzindo as perdas.

As ações estatais não são neutras, e nem podem ser vistas como tal. No Estado capitalista, todas as ações, de uma forma ou de outra, têm uma finalidade específica que visa a atender o capital, ou então “consertar” as distorções por ele desenvolvidas. É o que observamos, por exemplo, com as pesquisas desenvolvidas pela antiga ACARPESC, atualmente incorporada pela EPAGRI que, através da criação de peixes em forma de viveiros²⁵, deu condições de aproveitamento dos

²⁵ O sistema de viveiros é formado através da policultura integrada - Suinocultura e piscicultura - através da reciclagem do material orgânico, é um sistema bem mais barato do que o emprego de ração. O viveiro é formado por diferentes espécies de peixes e os dejetos dos suínos servem como alimentação dos peixes e principalmente como formadores da cadeia alimentar através da produção de algas. que

dejetos suínos, de forma que não viessem comprometer a qualidade do meio ambiente, dando um destino rentável para os dejetos que causam a poluição ao serem lançados na natureza. É uma maneira de resolver o problema da suinocultura, aproveitando todos os dejetos da propriedade.

A partir da criação dessas instituições, observou-se uma intensificação nos trabalhos, visando ao desenvolvimento agrícola. Esse trabalho foi possibilitado sobretudo pelas diferentes políticas e projetos desenvolvidos pelas instituições anteriormente descritas.

Se nos detivermos apenas em uma análise destas instituições governamentais e dos resultados obtidos na agricultura, certamente nossa avaliação será positiva, e não poderia ser outra. Porém ao tomarmos o Estado e suas instituições, numa perspectiva a que nos referimos anteriormente, temos obrigatoriamente algumas considerações a fazer: Primeiro, precisamos contextualizar esses projetos, lembrando que eles fazem parte de uma política dos países internacionais - dos Estados Unidos especificamente. A assistência técnica foi difundida mundialmente através dos clubes 4-S por ocasião da Guerra-Fria. Portanto, *“essas ações não são casuais, nem nascem de uma bondade humanística em relação aos países pobres. São ao contrário, uma percepção clara e pioneira por parte das organizações Rockefeller e Ford das possibilidades de intervenção política geral sobre as populações rurais dos países subdesenvolvidos”*. (Belato, 1985: 7)

A criação da EMBRAPA igualmente surgiu a partir da necessidade do desenvolvimento do capital. A articulação entre os órgãos estaduais, empresas privadas e universidades se estrutura num modelo cooperativo de ação o que implica na subordinação de toda a pesquisa às diretrizes e prioridades definidas pelo Estado, cujo centro coordenador é a EMBRAPA, através de seus centros nacionais, no caso da nossa região, o Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves - CNPSA, localizado em Concórdia -SC.

vão servir como alimento e oxigenação da água. A EPAGRI entra com o treinamento de técnicos para o desenvolvimento do trabalho e com a pesquisa do material genético para adequar as espécies para compor o viveiro e adequá-las às exigências do mercado. (Informações colhidas com Jorge de Matos Casaca - Veterinário e Osmar Tomazelli Júnior, Oceanógrafo, funcionários da EPAGRI, através de entrevista realizada em 04/06/97.

Ainda, segundo Belato (1985), com o qual concordamos, a solução da questão camponesa: 1. É uma questão de sobrevivência do capitalismo. 2. Implica numa violenta transformação das relações sociais no campo, fazendo com que as transformações sejam vistas como uma fatalidade das exigências técnicas. 3. Implica na subordinação do campesinato a formas de integração.

O que se vê, portanto, é que essas políticas estatais têm subjacente o objetivo de fazer com que o capital encontre maneiras de explorar todos os espaços, fazendo uso das características naturais e sociais dos lugares. E ainda através das políticas de educação e espírito comunitário - desenvolvido nas comunidades rurais -, consegue escamotear as contradições inerentes no próprio sistema. A exclusão e a proletarianização dos demais agricultores que não conseguem acompanhar as inovações, são explicadas como sendo decorrentes de fatores pessoais e técnicos. Esta é uma maneira de neutralizar as lutas de classe, pois os problemas inerentes ao próprio modo de organização são passados aos agricultores como sendo problema de ordem pessoal dos próprios excluídos (Belato, 1985: 18 e 22).

Por mais mundializado que pareça o espaço geográfico e por mais neutro que pareça o Estado, é possível detectar, através de análises locais, ações que faz o Estado presente e atuante na constituição de um subespaço. Através das análises feitas no atual capítulo sobre o papel das instituições estatais no desenvolvimento econômico de Chapecó e região é possível perceber o Estado como elemento fundamental de (re)produção do espaço geográfico.

Vimos, portanto, que o Estado brasileiro na área agrícola foi capaz de comandar as inovações e dar as condições de investimentos capazes de obter o sucesso da expansão capitalista no campo, representado sobretudo pelas agroindústrias, e ainda, fornecer uma infra-estrutura adequada às inovações requisitadas pelo capital urbano, possibilitando o ingresso de novas empresas nessa rede de produção comandada pelas agroindústrias.

Percebemos nos últimos anos a retirada de boa parte de créditos e subsídios o que agravou ainda mais a crise na agricultura brasileira, de Santa Catarina e da Região Oeste. Esta crise está em consonância com a macroeconomia

nacional, devido ao aumento da dívida interna e externa brasileira nos anos 80, obrigando o Estado a reduzir todos os investimentos até então mantidos. Vemos então reduzidos os créditos e custeios agrícolas, intensificando o processo de exclusão de agricultores.

O “Estado participa de uma divisão de atividades que atribui aos grandes capitais benefícios maiores e os riscos menores. Trata-se de uma divisão de atividades em escala internacional e que assegura a continuidade na reprodução da divisão desigual das riquezas” (Santos 1996: 180). Neste mundo de contradições, é necessidade do imperialismo capitalista e de sua continuidade a existência de Estados com capacidade de implantar as reformas, possibilitando a penetração do capitalismo em todos os espaços do planeta.

É importante notar que, se por um lado o imperialismo impõe aos Estados locais mudanças, modelando e reproduzindo os espaços de acordo com seus interesses e necessidades, por outro lado os espaços também impõem-se perante o capital, representado pelo Estado, obrigando-o a adequar as imposições segundo as características dos lugares. Segundo Milton Santos (1996: 186), “as influências locais podem ser consideradas ao nível das unidades agrícolas e urbanas, das características da população, das características dos modelos de localização das atividades e dos homens”. O Estado permanece ainda como elemento importante capaz de se submeter ou de se opor às imposições externas.

CAPÍTULO 3

O SISTEMA AGROINDUSTRIAL DO OESTE DE SANTA CATARINA

1. As agroindústrias no contexto do desenvolvimento industrial brasileiro

O período posterior à Primeira Guerra Mundial foi um período marcado por vários acontecimentos mundiais, sendo um deles a Revolução Russa que em 1917 deu origem ao Bloco Socialista. O esforço econômico para derrotar a Alemanha fez com que o Imperialismo também assumisse uma nova fase, levando os Estados Unidos à superioridade absoluta no mundo Ocidental capitalista. A partir de então em todas as áreas mundiais sob o seu domínio, acelerou-se a substituição dos capitais ingleses, franceses, holandeses e alemães por capitais estadunidenses.

As formas de ação do imperialismo começaram a mudar desde então. A mais utilizada foi o estabelecimento de indústrias estrangeiras no mercado externo. O Brasil foi uma dessas áreas de investimento do mercado estrangeiro, sendo que muitas indústrias que aqui se instalaram objetivavam, acima de tudo, aproximar-se das matérias-primas, diminuindo os custos em transportes. Um exemplo desse tipo de indústria foram os frigoríficos que se instalaram sobretudo em São Paulo na década de 20 (Sodré, 1990).

Os anos 30 até 70 foram anos importantes para a industrialização brasileira. Desenvolveram-se políticas significativas que deram impulso ao desenvolvimento industrial brasileiro. O desenvolvimento do Estado e com ele indústrias de base e outras políticas, foram importantes para dar sustentação futura, necessária para a base da industrialização brasileira.

Num quadro em que o capital privado nacional era débil para enfrentar os problemas postos para efetuar o desenvolvimento da base produtiva, e o capital estrangeiro não tinha interesse em investir, o Estado brasileiro aceitou o desafio. Essa política começou com o primeiro governo de Getúlio Vargas, após a Revolução de 30. Segundo Lima (1998), desde o Governo de D. João VI até o

governo de Getúlio Vargas foram criadas 17 estatais. De 1930, passando pelo governo de Dutra, até a morte de Getúlio Vargas, foram criadas 30 empresas estatais. Juscelino, Jânio e Jango criaram mais 63. E no Regime Militar de Castelo Branco até Figueiredo, surgiram 274 novas estatais. Estudos feitos nos anos 70 registraram na época 582 estatais.

Vemos assim o desenvolvimento de empresas estatais de significativa importância para o desenvolvimento das indústrias brasileiras, como as Companhias Siderúrgicas (CSN, USIMINAS, COSIPA entre outras) a CVRD, a PETROBRAS, a ELETROBRAS, a TELEBRAS responsável pelo fornecimento de energia e também no setor de transportes, como é o caso da RFFSA.

Essa participação do Estado na economia, que teve seu início principalmente com o Governo Vargas começou a apresentar dificuldades na passagem da década de 70 para a de 80, quando o Estado devido à crise da dívida externa e aceitando as imposições do Banco Mundial, do FMI e da onda Neoliberal (Estado mínimo), perdeu a capacidade de investimentos, culminando com os anos 90 marcados por uma intensa onda de privatizações.

Ohlweiler (1990: 117) nos aponta algumas considerações sobre o papel desempenhado pelo Estado neste período (1933 a 1955), com respeito ao desenvolvimento econômico.

“Essencialmente esse papel constituiu em promover uma proteção eficaz à indústria nacional contra importações concorrentes, debilitar o poder de barganha dos trabalhadores assalariados através da imposição de um sindicalismo carente de autonomia, porque estava atrelado ao ministério do trabalho, e realizar no setor de infra-estrutura investimento com vistas a menores custos externos para o capital industrial. Em suma, trata-se de uma intervenção estatal na esfera político-econômica em verdadeira consonância com o padrão de acumulação privado assentado em bases técnicas ainda limitadas.”

Desenvolveu-se no Brasil a política de substituição de importações. “O parque industrial aproveitou amplamente a capacidade instalada e aproveitou a crise

no exterior para aparelhar-se com maquinaria que estava disponível em outros mercados” (Sodré, 1990: 324). Observa-se desta maneira um real crescimento industrial no Brasil (cerca de 50%), no período de 1929 -37. Apesar da depressão de 1929, observou-se um crescimento de 40% na produção primária, aumentando a renda nacional em 20%, (Sodré, 1990).

No período de 1940 e 1950, observou-se igualmente índices de avanço na economia: aumento geral do emprego de 17%, quase 8% era representada pela mão-de-obra industrial. Em números absolutos, o aumento foi de 2,4 milhões, lembrando que nesse mesmo período a população aumentou 45%. Foi um período de real rompimento com a economia do tipo neocolonial. Esse rompimento se refletiu na transferência da mão-de-obra do setor primário para o das indústrias e serviços. São significativos os dados sobre o crescimento das indústrias. Nesse mesmo período, a indústria de base registrou aumento de 892%, a indústria de bens de consumo de 196% e a agricultura de 64% (Olhweiler, 1990).

O incentivo do Estado para a instalação de empresas nacionais ou estrangeiras no Brasil foi fundamental neste período, e isso se concretizou numa relação estabelecida entre o BNDE/BIRD. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, criado em 1952, dava o aval para obtenção de empréstimos junto ao BIRD, além de registrar e garantir o empréstimo externo de investimento estrangeiro, em moeda nacional, com condições vantajosas de prazos e juros, deferidas pelo BNDE.

Segundo Rangel (1985: 36), outra política que repercutiu diretamente na industrialização brasileira foi a política do Plano de Metas do Governo Kubitschek, que fez a produção industrial crescer 11,2% a.a. de 1957 a 1962, política conhecida como Plano de Metas (50 anos em 5), tendo como áreas prioritárias de investimentos a energia, transportes, indústria básica, alimentação e educação.

No Governo Kubitschek (1956 -1961), ocorreu no país a implantação de grandes indústrias de bens de consumo duráveis como automobilística, material elétrico e outras - essas sobretudo estrangeiras. Em contrapartida estimulou as fábricas nacionais, principalmente de autopeças, química, papel, celulose e petróleo.

Neste contexto, verificou-se no Brasil grandes transformações. De país agrário o Brasil foi se estruturando com características de país industrializado. Mesmo essa industrialização tendo se desenvolvido sobretudo no Sudeste brasileiro e com grandes disparidades regionais em todo o país, o Brasil passou a ser caracterizado como um país industrializado, acompanhado pelo intenso processo de urbanização verificado após os anos 60.

Em termos de forças políticas, observamos o declínio das oligarquias agroexportadoras de São Paulo e Minas Gerais, e a ascensão das Oligarquias Regionais representadas pelo Rio Grande do Sul e pelo Nordeste Brasileiro. A burguesia industrial, em gestação desde anos anteriores a 30, fixou-se no poder a partir dos anos 60.

É em meio deste contexto nacional que as empresas agroindustriais desenvolveram-se no Oeste de Santa Catarina. Espíndola (1996) aponta a diminuição no abate de suínos pelas multinacionais instaladas em São Paulo e arredores como mais um estímulo para a instalação de novos frigoríficos na região Oeste de Santa Catarina a partir da década de 50. É na década de 50 também que iniciaram as atividades ligadas à criação de aves no Vale do Rio do Peixe, originando o modelo de integração de agricultores a partir das experiências desenvolvidas na Granja Santa Luzia da Sadia em São Paulo (Veja capítulo 2 sobre o Estado).

A história dessas empresas é bastante semelhante: todas elas tiveram origem na própria região e a partir de descendentes de colonos do Rio Grande do Sul que migraram para o Oeste de Santa Catarina, seguindo um pouco da trajetória que desenvolvemos anteriormente no capítulo 1. Vale, no entanto, percorrermos, como se deu a estruturação dessas principais empresas na região e sobretudo em Chapecó, entendendo ao mesmo tempo como as mesmas estão atualmente organizadas, produzindo, assim, um espaço adequado às novas exigências, diante das novas mudanças econômicas, sociais e políticas.

A família Brandalise estabeleceu-se na década de 20 na Vila Perdises, (hoje Videira), com uma loja comercial de secos e molhados. Em 1934 Brandalise e

Ponzoni fundaram a primeira firma que mais tarde passou a se chamar Perdigão. A Perdigão ampliou as suas atividades industriais com a instalação de uma fábrica de ração balanceada, em 1955, o que impulsionou a avicultura.

Fazia parte da preocupação da Perdigão ampliar a sua rede de distribuição e diversificar a produção e suas atividades. Para isso, já nos anos 60 a Perdigão contava com filiais em São Paulo, Rio de Janeiro, Bauru e Santos e novas filiais em Curitiba e Brasília. Além disso, a Perdigão atuava no ramo de couro e gráfica. A Perdigão investiu igualmente no ramo de fruticultura, na exportação de farelo de soja, frangos, carne suína e couros. A exportação de frangos para o Oriente aconteceu a partir do ano de 1975.

Atilio Fontana, lavrador gaúcho, instalou-se no Vale do Rio do Peixe em 1920. Em 1925 instalou uma venda de artigos de primeira necessidade que abastecia os colonos locais e atuava ainda na compra de excedentes agrícolas como suínos e cereais, que eram vendidos em São Paulo. Para esse comércio, a Estrada de Ferro foi de fundamental importância. Segundo Giese (1985: 148), cada estação ao longo da ferrovia constituía um entreposto receptor de suínos. Em 1936, Fontana administrava seis casas comerciais junto a essa rodovia. Em 1940, ele adquiriu o Frigorífico Concórdia, reativando-o, que passou a chamar-se Sadia em 1944.

A Década de 60 foi marco também para a Sadia em termos de expansão. Em 1951 adquiriu o moinho da Lapa em São Paulo. Em 1964 inaugurou a Frigobrás (SP) e criou a Sadia Comercial no Rio de Janeiro. Em 1966 a Sadia adquiriu o Frigorífico em Toledo no Paraná. Os anos que se seguiram foram igualmente de grande expansão. Em 1970 foi instalada em Chapecó a Sadia Avícola S.A. E em 1974 a Sadia inaugurou a Sadia Oeste S.A., em Várzea Grande - Mato Grosso.

Plínio Arlindo De Nes, fundador do frigorífico Chapecó, também descendente de gaúchos da cidade de Encantado, instalou-se em Chapecó em 1942. Estabeleceu-se na atividade no ramo madeireiro, sendo um dos principais empresários e exportador. Na sua vida empresarial atuou em diversos cargos como, por exemplo: gerente proprietário da madeireira Itaoeste, de 1943 a 1951; fundador

da S.A. Indústria e Comércio Chapecó em 1952 e presidente até 1988; fundador e presidente da Cooperativa de Consumo Chapecó Ltda, em 1960, que beneficia os funcionários das Organizações Chapecó; membro do Conselho Fiscal da Sadia Avícola S.A., de 1976 - 77; Presidente do Banco do Estado de Santa Catarina - BESC, de 1976 - 79; sócio-gerente da Cachoeirinha Agropecuária Ltda de 1979 - 90; presidente do Conselho de Administração da Chapecó Alimentos S.A., de 1988 - 91; e presidente do Conselho de Administração da Chapecó Avícola S.A. de 1976 - 91. Até seu falecimento, Plínio De Nes foi presidente do Conselho de Administração da Chapecó Cia. Industrial de Alimentos; presidente do Conselho de administração da Chapecó Empreendimentos S.A.; e presidente do Conselho Superior de Administração da S.A. Indústria e Comércio Chapecó (História Empresarial Vivida, 1997)

Com a fundação da Chapecó Indústria e Comércio S.A.(SAIC) em 1952, foram implantadas as raízes da agroindústria em Chapecó. A década de 70 representa para a SAIC um período de expansão. Em 1974 foi criada uma unidade em Xaxim - SC, que começou a produzir em 02/01/76, abatendo 500 aves por dia. A atuação no ramo da suinocultura expandiu-se em 07/12/79, quando foi adquirido um abatedouro de suínos em São Carlos - SC. Foi implantada a Chapecó Paraná S.A., em Cascavel, industrializando carnes de aves e ração balanceada. O comércio externo começou a partir de 1977 através da venda de frangos para o Kuwait.

Uma segunda fase da expansão agroindustrial em Chapecó deu-se com a fundação da Cooperativa Central Oeste Catarinense em 15 de abril de 1969, por líderes cooperativistas, liderados por Aury Luiz Bodanese, com o objetivo de industrializar e comercializar a produção de suínos das cooperativas filiadas. A implantação da Sadia em 1970 (abate e industrialização de frangos) e em 1975 a chegada da Ceval na área de refinação de óleos vegetais através da compra da Extrafino Chapecó. Aurora, Sadia e Ceval são marcas desta segunda fase em Chapecó.

É interessante notar que Aury L. Bodanese, igualmente aos demais empresários, também é natural do Rio Grande do Sul, da cidade de Erechim. Seu

pai foi agricultor, operário, carpinteiro e pequeno comerciante. Desde os 14 anos Aury Bodanese trabalhava como motorista de caminhão para vender feijão e milho e comprar mercadorias que eram vendidas na loja de seu pai. Esse comércio era feito em Porto Alegre e mais tarde para o Rio de Janeiro e São Paulo. Após os anos 60, foi Aury que tomou a frente dos negócios da casa comercial (História Empresarial Vivida, 1997).

Até 1967 trabalhou como depositário de produtos no Banco do Brasil²⁶, quando recebeu a proposta do banco para desenvolver o sistema cooperativista em Chapecó e região. Foi fundador da então AVICOOPER hoje a COOPERALFA (História Empresarial Vivida, 1997), sendo presidente até 30 de janeiro de 1997 e também fundador e presidente até os dias atuais da Cooperativa Central Oeste Catarinense (Jornal Cooperalfa, Nº 106, out./97).

Além das presidências das cooperativas, podemos citar outras funções desempenhadas por Aury Bodanese. Foi vereador do município de Chapecó de 1967 a 71; membro do conselho Estadual de Cooperativismo, vice-presidente de 1973 a 78 das Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina - OCESC; presidente da FECOAGRO - Federação das Cooperativas Agrícolas do Estado de Santa Catarina, de 1981 a 84; membro do Conselho Consultivo da EMBRAPA de 1981 a 83; Conselheiro Fiscal da Associação da Indústria de Carnes e Derivados do Estado de Santa Catarina de 1983 - 86; membro Conselheiro da Cooperativa Central de Crédito Rural de Santa Catarina; Vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria de Produtos Derivados de Suínos - ABIPUS; membro da Diretoria do Sindicato da Indústria da Carne e Derivados do Estado de Santa Catarina.

A Cooperativa Regional Alfa foi fundada em outubro de 1967 diante da necessidade de dar um direcionamento à produção agrícola que vinha sendo realizada na região. Na época era o Banco do Brasil que executava o preço mínimo,

²⁶ Na época o Banco do Brasil comprava e armazenava (através da CIBRAZEM) os produtos agrícolas e isso se tornava muito dispendioso para o Banco. A saída seria implantar algum sistema que atendesse essa demanda para o Banco, daí então começou a apoiar e difundir a idéia da criação e reativação do sistema cooperativista na região.

comprava e comercializava a produção agrícola, porém não tinha uma estrutura suficiente para desenvolver tal atividade, mesmo porque fugia de seu foco de atuação. Então a idéia de fundar o sistema Cooperativista na região veio do próprio Banco do Brasil, que atribuiu a tarefa a Aury Luiz Bodanese, comerciante que vendia os produtos para o Banco.

Assim, com o apoio e incentivo do Banco foi que o grupo liderado por Bodanese fundou a Cooperativa Mista Agropastoril de Chapecó Ltda, que mais tarde passou a se chamar Cooperativa Regional Alfa.

Foi no seio da Cooperalfa que surgiu a idéia de se fundar uma cooperativa com o objetivo de industrializar a produção de suínos da região. Assim foi fundada A Cooperativa Central Oeste Catarinense com sede em Chapecó, da qual a Cooperalfa faz parte, juntamente com uma série de outras cooperativas municipais da região Oeste de Santa Catarina.

2. O mercado de carne de aves e suínos e seus derivados²⁷

Para analisarmos cientificamente um lugar, faz-se necessário compreendermos a objetividade com que ele é construído. Neste sentido, concordamos com Rodrigues (1994: 22) quando nos diz que a “questão teórica do espaço implica uma indissociabilidade do espaço com a maneira prática pela qual ele é produzido.” Teoria e prática estão presentes e indissociáveis. Mas a teorização de um determinado objeto passa pelo reconhecimento pelo que ele é de fato, daquilo que faz parte e que compõe o seu todo. A teoria, assim, serve para compreender as abstrações do objeto. Ou seja, entender a sua essência. A essência é vista e conhecida a partir das aparências que a encobre, mas que apenas é reconhecida com abstração teórica. Assim, teoria e prática fazem parte de um mesmo processo de análise.

Portanto, ao estudarmos Chapecó, vamos perceber alguns elementos que o compõem, que necessitam ser analisados empiricamente para apossarmos-nos deles, abstrai-los e compreendê-los na sua essência.

Com esta noção é que partiremos num primeiro momento da caracterização dos principais agentes que comandam a produção do espaço urbano de Chapecó, que são as agroindústrias. É de fundamental importância conhecermos a sua atual estrutura e a influência que as mesmas exercem sobre o espaço urbano de Chapecó.

A região Oeste de Santa Catarina possui um dos maiores parques agroindustriais produtores de carnes suínas e de aves, da América Latina. Estão localizadas aí grandes empresas, que marcam sua presença através de seus produtos, em todo o território nacional e em vários países da América, Ásia e Europa. Chapecó, objeto de nosso estudo, é um dos municípios da região que se destaca neste ramo econômico e que constitui um dos principais elementos que dão sustentação à sua base econômica. Encontramos em Chapecó (três) grandes frigoríficos atuantes no ramo de carnes, com forte presença nacional e internacional: Sadia (frigorífico de aves), Chapecó (frigorífico de suínos), Aurora (frigorífico de suínos). Temos ainda a Ceval e a Cooperativa Alfa que atuam no ramo de cereais.

A produção desses mais importantes grupos brasileiros e as exportações de carnes de frangos e de suínos e de seus derivados pode ser visualizada através da tabela nº 04. A tabela a superioridade da produção exportada pelas empresas da região Oeste de Santa Catarina. Quatro delas (Ceval, Sadia, Perdigão e Chapecó) são destaque nacional e com exceção da Perdigão todas possuem atuação na cidade de Chapecó. Confirmando, desta forma, a importância desta região neste ramo da produção, considerado atualmente como o maior pólo agroindustrial do Brasil.

²⁷ Para se evitar repetição constante de uma única fonte, todas as informações e dados do item 2 foram obtidas a partir do documento Perfil Industrial de 1997, produzido pelas Organizações Chapecó, gentilmente cedido para nosso uso por essa empresa, com sede em Chapecó.

Tabela nº 04: Principais exportadores brasileiros de carne suína e de frangos - % com relação a quantidade exportada

Empresa/Produto/Ano	Suínos		Aves	
	1995	1996	1995	1996
Ceval	22,0%	25,9%	16,2%	19,9%
Sadia	18,6%	16,6%	29,1%	26,7%
Perdigão	15,9%	7,2%	23,4%	22,0%
Chapecó	11,2%	8,4%	9,0%	9,3%
Frangosul	5,2%	6,8%	10,6%	10,8%
Outros	27,1%	35,1%	11,7%	11,3%
Total	100%	100%	100%	100%

Fonte: Perfil Empresarial, 1997: 29 e 36.

Primeiramente pretende-se trabalhar a produção de carne mundial para posteriormente conhecer um pouco mais desses grupos atuantes em Chapecó e mostrar como os mesmos estruturaram-se no município e qual espaço vão produzir para o seu crescimento e expansão.

A produção mundial de carne suína e de aves tem crescido significativamente, bem como a produção nacional. Apenas as receitas nas exportações brasileiras de produtos suínos aumentaram 42% em 1996 em relação ao ano anterior. A quantidade exportada atingiu 60 mil toneladas, com aumento de 107%. Essas exportações correspondem sobretudo aos produtos como copa/lombo, carré, pernil e paleta.

O Leste Europeu foi a região do globo que obteve maior taxa de crescimento na produção de carne suína, atingindo 9,6% em relação ao ano de 1995. A produção do bloco asiático evoluiu 8,8% em 1996, com relação ao ano de 95, sendo a maior performance de produção de carne suína.

A produção mundial de carne de frango cresceu cerca de 5,5% em 1996, atingindo 49,9 milhões de toneladas, contra 47,3% milhões de toneladas em 1995. Essa produção é mundialmente distribuída, conforme as informações apresentadas nas tabelas nº 05 e 06, que nos mostram a situação da produção mundial de carne suína e de aves, através dos demonstrativos de 1995 e 1996.

Tabela nº 05: Produção Mundial de carne suína - em mil toneladas.

Regiões	1995	%	1996	%
Ásia	40.864	54,8	44.464	57,0
União Européia	15.366	20,6	15.426	19,8
Am. do Norte	10.332	13,8	9.895	12,7
Leste Europeu	3.316	4,5	3.633	4,7
C.E.I	2.672	3,6	2.446	3,1
América do Sul	1.450	1,9	1.560	2,0
Outros	602	0,8	561	0,7
Total	74.602	100,0	77.985	100,0

Fonte: USDA - Relatório 97. In Perfil Empresarial, 1997: 36.

Tabela nº 06: Produção Mundial de Carne de Frango em mil toneladas

Países	1995	%	1996	%
EUA	13.786	29,2	14.516	29,1
China	9.347	19,7	11.000	22,0
Brasil	4.140	8,7	4.160	8,3
França	2.083	4,4	2.165	4,3
México	1.554	3,3	1.590	3,2
Reino Unido	1.330	2,8	1.372	2,8
Japão	1.282	2,7	1.241	2,5
Outros	13.783	29,2	13.861	27,8
Total	47.304	100	49.905	100

Fonte: USDA - Relatório 1997. In Perfil Empresarial, 1997: 28.

Podemos observar através dessas duas tabelas que os países da América do Sul possuem uma produção de carne suína muito pequena, se comparada com os demais países de outros continentes, sobressaindo-se o continente asiático com mais da metade da produção mundial. Os dados, no entanto, são diferentes no que diz respeito à carne de frango. O Brasil ocupa o 3º lugar na produção de carne de frango, perdendo apenas (mesmo que por porcentagem significativa 29,1 % e 22,0%) pelos Estados Unidos e a China. Lembrando que desta produção a maior parte advém da Região Sul (48%) e boa parte desta, da Região Oeste de Santa Catarina.

A exportação mundial de carne suína em 1996 evoluiu 8,9% em relação a 1995. Assim como na produção, o Brasil tem tido uma participação pequena no mercado internacional, contribuindo com 2,4% do volume total exportado no ano de

1996, sendo a maior parte dessas exportações realizadas para os mercados de Hong Kong e Argentina. Essas informações podem melhor ser quantificadas através das tabelas 07, 08 e 09.

Tabela nº 07: Exportação Mundial de Carne Suína - em mil toneladas.

Países	1995	%	1996	%
EUA	350	15,2	431	17,2
Dinamarca	402	17,5	396	15,8
Taiwan	381	16,6	371	14,8
Canadá	356	15,5	355	14,2
China	230	10,0	250	10,0
França	147	6,4	149	6,0
Polônia	81	3,5	130	5,2
Hungria	54	2,3	65	2,6
Outros	299	13,0	357	14,3
Total	2.300	100,0	2.504	100,0

Fonte: USDA - Relatório 97. In Perfil Empresarial, 1997: 36.

O Brasil atualmente tem se feito presente em vários países do mundo através dos produtos derivados de carne aqui industrializados. Veja a seguir os principais países importadores e a respectiva porcentagem nos anos de 1995 e 96.

Tabela nº 08: Principais destinos das exportações brasileiras de carne suína - % em relação à quantidade exportada.

País	1995	1996
Hong Kong	55,8	40,9
Argentina	28,1	45,9
Outros	16,1	13,2
Total	100,0	100,0

Fonte: ABECS (Associação Brasileira dos Exportadores de Carne Suína). In Perfil Empresarial, 1997: 36.

Tabela nº 09: Exportação mundial de carne de frango - em mil toneladas

País	1995		1996	
	Qtde	%	Qtde	%
EUA	1.969	42,7	2.324	44,1
Brasil	435	9,4	567	10,7
Hong Kong	489	10,6	560	10,6
França	449	9,7	470	8,9
China	390	8,5	450	8,5
Holanda	182	3,9	185	3,5
Outros	701	15,2	715	13,7
Total	4.615	100	5.271	100

Fonte: USDA - Relatório 97. In Perfil Empresarial, 1997: 28.

A avicultura atualmente responsável por 31% das proteínas consumidas pela população brasileira, em poucos anos transformou-se numa atividade importante no país. Isso se deve sobretudo à eficiência produtiva e à tecnologia empregada que possibilita maior produtividade com menores custos.

O mercado da carne de aves tem aumentado significativamente nos últimos anos. A carne de aves, por seus custos e preços menores que a carne bovina, tem possibilitado que a população brasileira passasse a consumir maior quantidade desta proteína do que a de origem bovina, aumentando o mercado interno. A diminuição dos custos, através da modernização tecnológica (automação e genética), tanto na área do processo como nas fontes de matérias-primas, possibilita a competitividade internacionalmente, aumentando a abertura para o mercado internacional.

O mercado interno é segmentado em frangos inteiros e em partes, representando, respectivamente, cerca de 65% e 35% das quantidades consumidas pela população brasileira. A produção e o consumo interno se concentram nas regiões Sul e Sudeste. A região Sul responde atualmente com 48% da produção de carne de frango no país.

A produção de carne de frango no Brasil nos últimos cinco anos, foi a seguinte:

Tabela nº10: Produção de carne de frango no Brasil em mil toneladas de 1992 a 1996

Merc./Período	1992	1993	1994	1995	1996
Mercado interno	2.542	2.782	2.996	3.705	3.593
Mercado externo	390	429	495	435	567
Total	2.932	3.211	3.491	4.140	4.160

Fonte: APA (Associação Paulista de Avicultura). In Perfil empresarial, 1997: 28.

A Tabela 10 nos dá mostras que houve significativo aumento da produção da carne de frango no Brasil, representado, sobretudo pelo aumento do mercado interno. O total deste índice positivo chega a um aumento de 1.228 toneladas na produção deste período.

3. Processo de Desenvolvimento das Empresas Agroindustriais de Chapecó

3.1 S.A. Indústria e Comércio Chapecó.²⁸

A instalação das Organizações Chapecó ocorreu em outubro de 1952, quando foi constituída a S.A. Indústria e Comércio Chapecó, atual controladora do conglomerado, na cidade de Chapecó - SC.

A Organização começou a ganhar forma no decurso das atividades industriais no setor de suínos, através do abate, frigorificação e processamento da carne suína. A diversificação no segmento avícola, a partir de 1974, impulsionou a abertura para o comércio internacional, ocupando até 1994 o 4º lugar no ranking dos dez maiores exportadores brasileiros de frangos e o terceiro lugar nas exportações de suínos.

A entrada para o ramo avícola, em 1974, foi marcada pela implantação da Chapecó avícola S.A. na cidade de Maxim - SC, a 27 Km de Chapecó.

²⁸ Informações deste subitem são oriundas do informativo Perfil Industrial / 1997 e de entrevista junto à empresa.

Em 1979, ocorreu a abertura do capital social da Companhia, que passou a negociar seu capital nas bolsas de valores - principalmente de São Paulo. No mesmo ano, ampliou sua produção de derivados de suínos, com a instalação de mais uma unidade no município de São Carlos - SC, a 45 Km de Chapecó.

Em novembro de 1989, foi adquirido o controle acionário do frigorífico Amparo Ltda, localizado em Monte Alegre do Sul - SP, com a atividade voltada para o processamento de aves.

Em 1992, a Chapecó Companhia Industrial de Alimentos instalou uma subsidiária em Buenos Aires, Argentina com denominação social de Distribuidora Sudamericana Chapecó S.A.. Esta empresa é integrada por escritórios, equipes de vendas local e estrutura de estocagem e tem por objetivo incrementar as vendas de produtos de aves e suínos para o Cone Sul.

Em agosto de 1994, entrou em operação o núcleo de Genética e multiplicação de suínos, instalado no município de Ponte Serrada - SC, com o objetivo de aprimoramento genético de suínos, desenvolvendo animais de raças selecionadas especialmente para proporcionarem maior teor de carne no abate.

Em 30 de junho de 1995, foi extinta a Chapecó taxi Aéreo Ltda. e seu patrimônio foi transferido para a Chapecó Companhia Industrial de Alimentos. Esta reorganização teve por objetivo a redução de despesas e economia tributária.

Em 31 de julho de 1995, foi constituída a Chapecó Trading S.A., como subsidiária integral da S.A. Indústria e Comércio Chapecó. Esta nova empresa, com sede em São Paulo, tem por objetivo a prestação de serviços, importação e exportação da Chapecó e de terceiros.

Em dezembro de 1995, foi adquirido um complexo industrial de aves pertencente à diplomata Agroindustrial S.A., sediado em Cascavel - PR., iniciando suas atividades em janeiro de 1996.

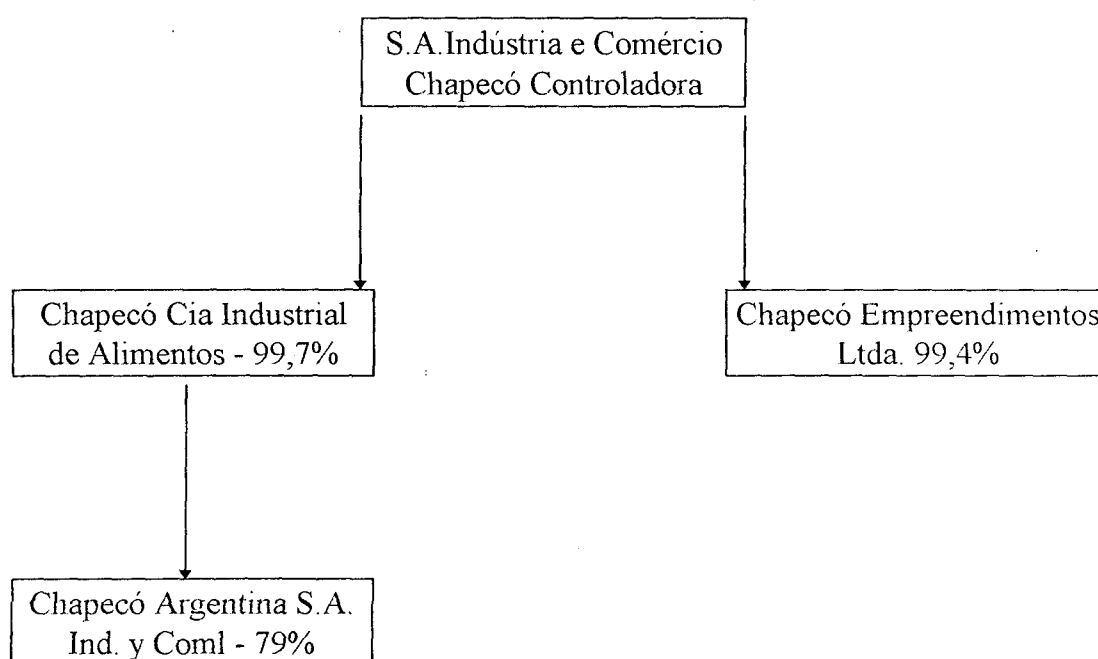
Em junho de 1996, a Chapecó constituiu uma filial comercial na cidade de Salvador, no Estado da Bahia, com o objetivo de comercializar e distribuir produtos de fabricação própria e de terceiros.

Foi em agosto de 1996, que a Chapecó conseguiu a certificação ISO 9002 para a Unidade de Melhoramento Genético de Suínos de Ponte Serrada - SC.

Em função da crise financeira, em 11 de março de 1997 (estando ainda em vigor) foi assinado o “Acordo de Credores e outros Pactos”, da Companhia e suas controladas, entre BNDES, Banco do Brasil S.A. Banco Bozano, Simonsen S.A. e ANDESPAR, que concordou em manter as linhas de crédito existente para a sociedade, alongando seu prazo para cinco anos e reduzindo a taxa de juros para a variação cambial acrescida da taxa libor + spread de 4% a.a.. Além disso, foi concedido pelo FINAME empréstimo adicional no valor equivalente de US\$ 40 milhões. Nesta mesma data foi contratada assessoria especializada da empresa Option Serviços Financeiros S/c Ltda, para assessorar na administração da Companhia.

Diante da expansão realizada pela S.A. Indústria e Comércio Chapecó a estrutura de participação, com base em 31/07/97, está assim representada:

Estrutura de participação - 31/07/97



Fonte: Perfil empresarial, 1997.

A localização Espacial da Estrutura S.A. Indústria e Comércio Chapecó pode ser visualizada através do mapa nº 05, onde podemos observar a sua presença do norte ao Sul do Brasil incluindo Buenos Aires, na Argentina

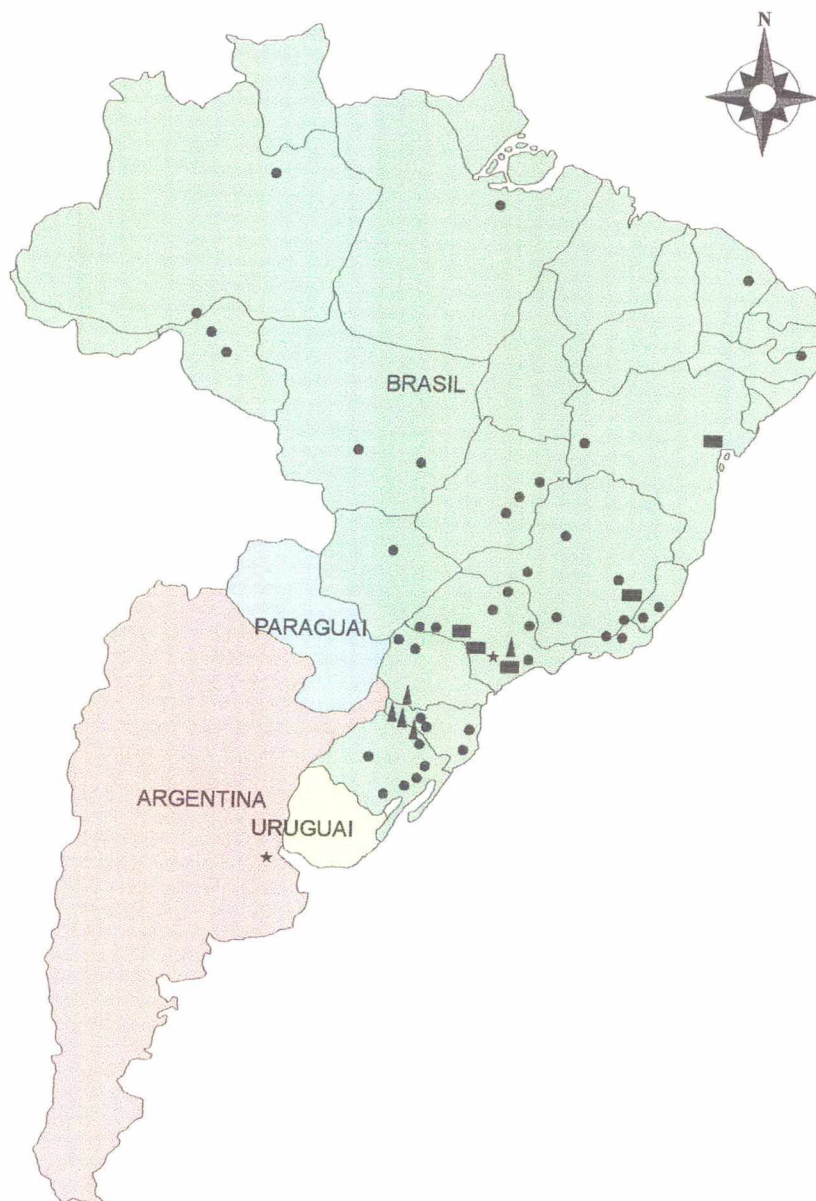
Para possibilitar a organização necessária e atender a demanda em matéria-prima e insumos, as organizações Chapecó têm produzido um espaço local, específico para atender às suas necessidades. Neste sentido, o espaço por ela ocupado através das granjas extrapola o espaço urbano e também o espaço de Chapecó, como podemos ver através do mapa nº 6. Fazem parte ainda da estrutura da empresa, granjas e incubatórios, segundo a tabela 11.

Tabela nº 11: Granjas na região de Chapecó, que fazem parte da Empresa Chapecó.

Granjas	Localização	Atividade
Cascavel	Fazenda Zandavalli - Guatambu -SC	Criação de suínos/reflorestamento
Terminação Caravágio	Acesso Br. 202 - Chapecó - SC	Criação de aves
Dourados	Engenho Braum - Chapecó	Criação de suínos
Matrizes	Estrada Chapecó - Fachinal das Rosas - Chapecó	Criação de suínos
Guatambu	Guatambu - SC	Criação de suínos
Ressaca	Ponte Serrada - SC	Núcleo de Genética e Reflorestamento
Diadema	Vila Diadema - Xaxim - SC.	Prod. de ovos para incubação e criação de aves matrizes
Pocinho	Linha Pocinho, Xaxim - SC	Produção de aves para corte
Terminação	Rodeio Bonito - Xaxim - SC	Produção de aves para corte
Palmital	Bairro Palmital - Chapecó -SC	Produção de aves para corte e suínos terminados / reflor.
Cachoeirinha	Linha Cachoeirinha - Xaxim - SC	Produção de aves para corte e suínos terminados / reflor.
São Roque	Linha são Roque - Chapecó - SC	Produção de aves para corte / reflorestamento.
Alegria	Seminário - Chapecó - SC	Produção de aves para corte.
Chapecó	Fazenda Ressaca - Pte Serrada	Criação de suínos em geral.
Incubatórios		
Xaxim	Xaxim - SC	Incubatório e Granja de Aves e Matrizes
Marechal Bormann	Chapecó - SC	Fábrica de rações, incubatório e granja de matrizes (aves).

Fonte: Perfil Empresarial 1997.

MAPA 5: MACROLOCALIZAÇÃO DA S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO CHAPECÓ 1997



Escala

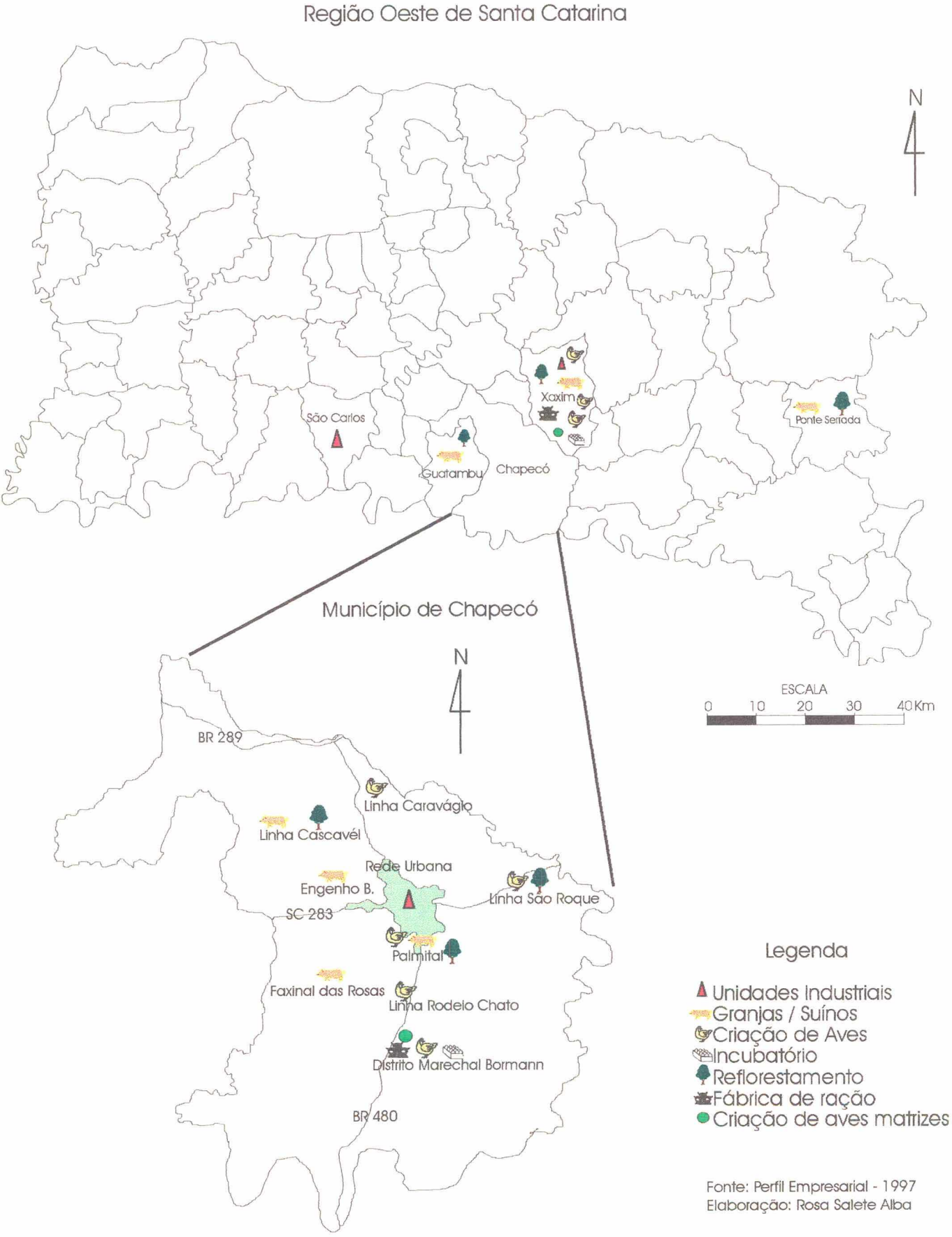
0 500 1000 1500 Km

Legenda

- ▲ - Unidades Industriais
- - Distribuidores
- - Filiais Comerciais
- ★ - Subsidiárias

Fonte: Perfil Empresarial - 1997
Adaptação: Rosa S. Alba

Mapa 6: Unidades Produtivas das organizações Chapecó na Região Oeste e no Município de Chapecó/1997



A Companhia passa por processos de reestruturação nas áreas de produção, vendas e administração, reduzindo os gastos. Num primeiro momento devido à própria necessidade de se manter no mercado e principalmente devido à crise interna que a empresa vem passando. O resultado negativo de 1996 elevou o endividamento financeiro líquido para 147,7 milhões em 31/12/96, quando na mesma data de 1995 a dívida era de 115,4 milhões, considerando as obrigações com os bancos.

Entre as medidas para a saída da crise, destacam-se investimentos para aumentar a produção e vendas com recursos próprios e o parcelamento de impostos e contribuições (INSS, PIS, CONFINDSS, FGTS, ICMS).

Além do “acordo dos credores e outros pactos”, anteriormente referenciado, foi concedido empréstimo adicional no valor equivalente a US\$ 40 milhões, através dos recursos do BNDES, Conta do Fundo do Amparo do Trabalhador - FAT, com juros de 4% a.a. e com carência de 24 meses.

3.1.1 Aspectos gerais do Mercado da Chapecó

As vendas no mercado interno são efetuadas através de 3 canais básicos: venda direta aos clientes, franqueados e vendas por intermédio das filiais comerciais da Empresa. Existem franqueados nos principais centros do país, a saber:

- 12 Região Sul
- 6 Centro Oeste
- 7 Região Norte
- 11 Região Sudeste
- 3 Região Nordeste
- 5 Filiais Comerciais

O mapa nº 5 nos mostra a localização geográfica espacial desses locais comerciais.

No mercado externo, as vendas são realizadas em sua totalidade através de “Trading”, principalmente ao que se refere ao mercado do Oriente Médio, África, Ásia e Europa.

Os países integrantes do Mercosul, principalmente a Argentina, têm proporcionado a expansão das exportações, especialmente de produtos suínos. A

Chapecó, visando ao incremento das vendas de industrializados e cortes de suínos e aves para o Cone Sul, instalou uma empresa em Buenos Aires - Argentina, com a denominação social Chapecó Argentina S.A. Industrial e Comercial. Esta empresa é integrada por escritórios, equipes de vendas local e estrutura de estocagem.

A tabela nº 12 nos apresenta os principais estados brasileiros consumidores dos produtos Chapecó. Podemos notar através da tabela uma certa estabilidade nas vendas nos períodos de 1993 a junho de 1997, não registrando acentuadas quedas, nem acentuadas vendas. O aumento é observado sobretudo em Santa Catarina, Paraná e Bahia.

Tabela nº 12: Distribuição Geográfica das vendas - % s/ faturamento

Mercado interno	1993	1994	1995	1996	jun./97
São Paulo	37,5	44,2	46,8	42,4	36,8
Minas Gerais	19,1	20,5	18,3	15,9	11,4
Santa Catarina	3,9	4,6	7,0	5,4	7,1
Rio de Janeiro	7,9	5,5	5,7	7,0	6,1
Paraná	4,8	3,8	4,5	5,5	7,6
Bahia	6,3	3,8	2,3	5,7	8,8
Rio Grande do Sul	4,9	2,7	3,6	2,6	3,3
Pernambuco	3,3	5,1	3,6	3,2	3,3
Outros	12,3	9,8	8,2	12,3	15,6
Total	100	100	100	100	100

Fonte Perfil Empresarial, 1997: 38

O processo de distribuição dos produtos é efetuado através de caminhões frigoríficos, diretamente aos clientes e distribuidores exclusivos. São utilizados os serviços da Chapecó empreendimentos LTDA, que conta com 100% de veículos de terceiros para o transporte da fábrica até suas filiais comerciais e franqueados, sendo que a distribuição aos clientes é realizada em 5% por veículos próprios e 95% por terceiros.

A Unidade Industrial de Chapecó (SC) comporta setores como pocilgas, abates, espostejamentos (desossa), presuntaria, salsicharia, salga, e defumação, embalagem, refinaria e graxaria, túneis e câmaras frias, expedição, salas de máquinas e manutenção.

Em Chapecó, Matriz da CCIA (Chapecó Comércio e Indústria de Alimentos), a área é de 11,0 milhões de metros quadrados, sendo que a área construída é de 109,3 mil metros quadrados, compreendendo os variados setores da empresa, com fábrica de produtos suínos, refeitório, administração, transporte, granjas, reflorestamento e cooperativa de consumo.

A outra unidade industrial da empresa, voltada para o setor de suínos, está localizada na cidade de São Carlos (SC), atualmente parada, com uma área de 126,2 mil metros quadrados.

A estratégia de vendas adotada vem sendo a de reduzir custos operacionais e ao mesmo tempo incrementar vendas, procurando alternativas comerciais com o objetivo de viabilizar melhor performance da Chapecó. As operações franqueadas cobrem as vendas nas regiões do país que não são atingidas pelas filiais comerciais próprias.

Principais Clientes da Chapecó S.A.:

Mercado interno

- Carrefour S.A. - São Paulo
- Cia Brasileira de Distribuição - São Paulo - SP
- Discon Distribuidora Combustíveis Ltda - Belém - PA
- Dislago Distribuidora de Carnes Ltda - Cabo Frio - RJ
- Distribuidora Tagnanis Ltda - Chapecó - SC
- Frigorífico Roggero Ltda - Manaus - AM.
- Makro Atacadista S.A. - São Paulo - SP
- Nectar Com. de Alimentos Ltda - Rio de Janeiro - RJ
- Representações Havita - Lages - SC
- Solmar Comércio de Carnes e Peixes Ltda - Fortaleza - CE
- Soprepar Com. Representações Alimentos Ltda - Curitiba - Pr.

Mercado externo

- Abdulhah Ali Almunajem - Arábia Saudita
- Al-Gosaibi - Arábia Saudita
- Conical Market - Ilhas Canárias

- Japan Foot Corp. - Japão
- Kanshoku Co. - Japão
- Mingson Industries - Hong Kong
- Netfoods S.A. - Suíça
- Sudamorique - França
- Tai-wee Company - Singapura
- The Sultan Center - Kuwait

Os principais países importadores dos produtos Chapecó são os seguintes:

Produtos de aves: Arábia Saudita, Itália, Irã, Alemanha, Holanda, Singapura, Espanha, Japão, Argentina, Kong, Portugal, Kuwait.

Produtos suínos: Argentina, Hong Kong.

Os principais concorrentes da Companhia são outras empresas da própria região Oeste de Santa Catarina: Sadia Concórdia S.A. Indústria e Comércio; Perdigão S.A. Comércio e Indústria; - Ceval Agroindustrial S.A.; Cooperativa Central Oeste Catarinense - Aurora.

No ramo de rações e concentrados, produção de pintinhos de um dia a empresa não sofre concorrência, visto que a produção destina-se a atender basicamente o sistema de integração e a produção própria da empresa, sendo que a maior parte da produção, tanto de ração como de pintinhos, é absorvida pelo sistema de integração da empresa do Conglomerado Chapecó.

3.2 Cooperativa Central Oeste Catarinense

A Cooperativa Central Oeste Catarinense foi fundada em 15 de abril de 1969, por oito líderes cooperativistas, liderados por Aury Luiz Bodanese, com o objetivo de industrializar e comercializar a produção de suínos dos associados das cooperativas filiadas, tendo em vista que na época havia uma certa quantidade de produção agrícola e poucas opções de comercialização que evitassem a perda de lucro do agricultor devido à presença de outros comerciantes que faziam a compra

dos produtos coloniais diretos dos agricultores para depois repassarem às indústrias e/ou ao comércio varejista. A Cooperativa possibilitava, desta maneira, que os agricultores tivessem a oportunidade de vendas dos produtos coloniais sem a intermediação do comerciante²⁹

Foram oito as cooperativistas regionais que fizeram parte da fundação: Cooperativa Mista Agropastorial Chapecó, Cooperativa de Laticínios de Chapecó, Cooperativa Mista Xaxiense, Cooperativa Mista de Lajeado Grande de Xaxim, Cooperativa Mista Regional Xanxerê, Sociedade Cooperativa Mista de Palmitos, Cooperativa de São Carlos e Cooperativa Mista Modelense.

O início das atividades na área do abate de suínos deu-se em 1975. As instalações eram as do antigo Frigorífico Marafon, comprado pela empresa com o objetivo de realizar as atividades frigoríficas da Cooperativa. A Coopercentral tem, em suas atividades suínas, o melhoramento genético, investimentos na produção de núcleos vitamínicos e minerais, rações e concentrados. O abate atualmente é de 1.385 milhões de suínos/anos, ou seja, 116 mil toneladas/anos. Destas, 112 mil toneladas atendem o mercado interno e 4 mil toneladas o mercado externo.

Dentre os países para onde são exportados os produtos, podemos citar Alemanha, Argentina, Grécia, Holanda, Hong Kong, Ilhas Canárias.

Em 1974 a empresa iniciou as atividade de produção de ração. Destinada à alimentação de animais com potencial genético alto. A produção reverte-se totalmente para o aproveitamento do próprio plantel. A capacidade total de produção de ração é hoje de 40 ton./horas (por unidade). A produção de ração suína é de 62.200 toneladas/ano e a produção de ração de aves é de 177.600 toneladas/ano.

No segmento de aves as atividades tiveram início em 1986. Igualmente para esta atividade a Coopercentral dispensa cuidados com a matriz e incubatório, desde alimentação até o desenvolvimento genético. Atualmente o abate de aves é de

²⁹ Certamente este sistema cooperativista - estruturado sob o regime capitalista - eliminou uma série de pequenos comerciantes e de casas comerciais localizados em espaços rurais e nas pequenas cidades e vilas, os quais tinham a função de comercializar, comprar produtos agrícolas e vender gêneros de

35 milhões de aves/ano, correspondente a 58,7 mil toneladas/ano. Desta produção 52,8 toneladas abastecem o mercado interno e 5.895 mil toneladas servem ao mercado externo, atendendo aos países da Alemanha, Holanda, Itália, Hong Kong e Japão.

Na linha de sucos as atividades iniciaram-se em 1985. Com a industrialização de limão, laranja e uva é produzido o suco da marca Dellis. A produção é de 1.565 toneladas/ano, sendo a maior parte, 1.124 toneladas, exportadas.

Atualmente a estrutura da Cooperativa Central Oeste Catarinense é a seguinte:

06 Unidades Frigoríficas

- 03 UNIDADES FRIGORÍFICAS DE SUÍNOS

- . 01 em Chapecó - SC
- . 01 em São Miguel do Oeste -SC
- . 01 em São Gabriel do Oeste - MS

- 02 UNIDADES FRIGORÍFICAS DE AVES

- . 01 em Maravilha - SC
- . 01 em Quilombo -SC

- 01 UNIDADE DE SUCOS CONCENTRADOS - Videira -SC

- 01 UNIDADE DE INDUSTRIALIZAÇÃO DE SUÍNOS E AVES - Chapecó - SC

- 2 FÁBRICAS DE RAÇÃO -Chapecó

- 1 INCUBATÓRIO -Chapecó -SC

- 2 GRANJAS DE MATRIZES/AVES -Chapecó -SC

- 3 GRANJAS MATRIZES/SUÍNOS - Chapecó -SC

- 1 UNIDADE ARMAZENADORA DE GRÃOS - Chapecó -SC

- 1 PARCERIA PARA INDUSTRIALIZAÇÃO - Sarandi - RS

- 2 FILIAIS DE VENDAS - São Paulo - SP

primeira necessidade aos agricultores da região. Esta é mais uma discussão que foge do nosso foco de estudos neste momento.

Rio de Janeiro - RJ

- 36 DISTRIBUIDORES NO BRASIL
- 30.000 CLIENTES CADASTRADOS
- 5.100 EMPREGADOS DIRETOS

Considerando o período do início das atividades da Cooper Central e sobretudo o início das atividades ligadas ao abate e industrialização de suínos e aves a Cooperativa tem demonstrado um significativo crescimento, observado pela sua expansão em diversos municípios, sobretudo na região Oeste de Santa Catarina, e também em outras regiões do país como é o caso do Mato Grosso do Sul. Igualmente seus produtos são aceitos em boa parte do mercado nacional e também internacional. O mapa nº 07 nos mostra a presença da Cooper Central no território brasileiro e também sua presença nos municípios do Oeste de Santa Catarina através de suas filiais.

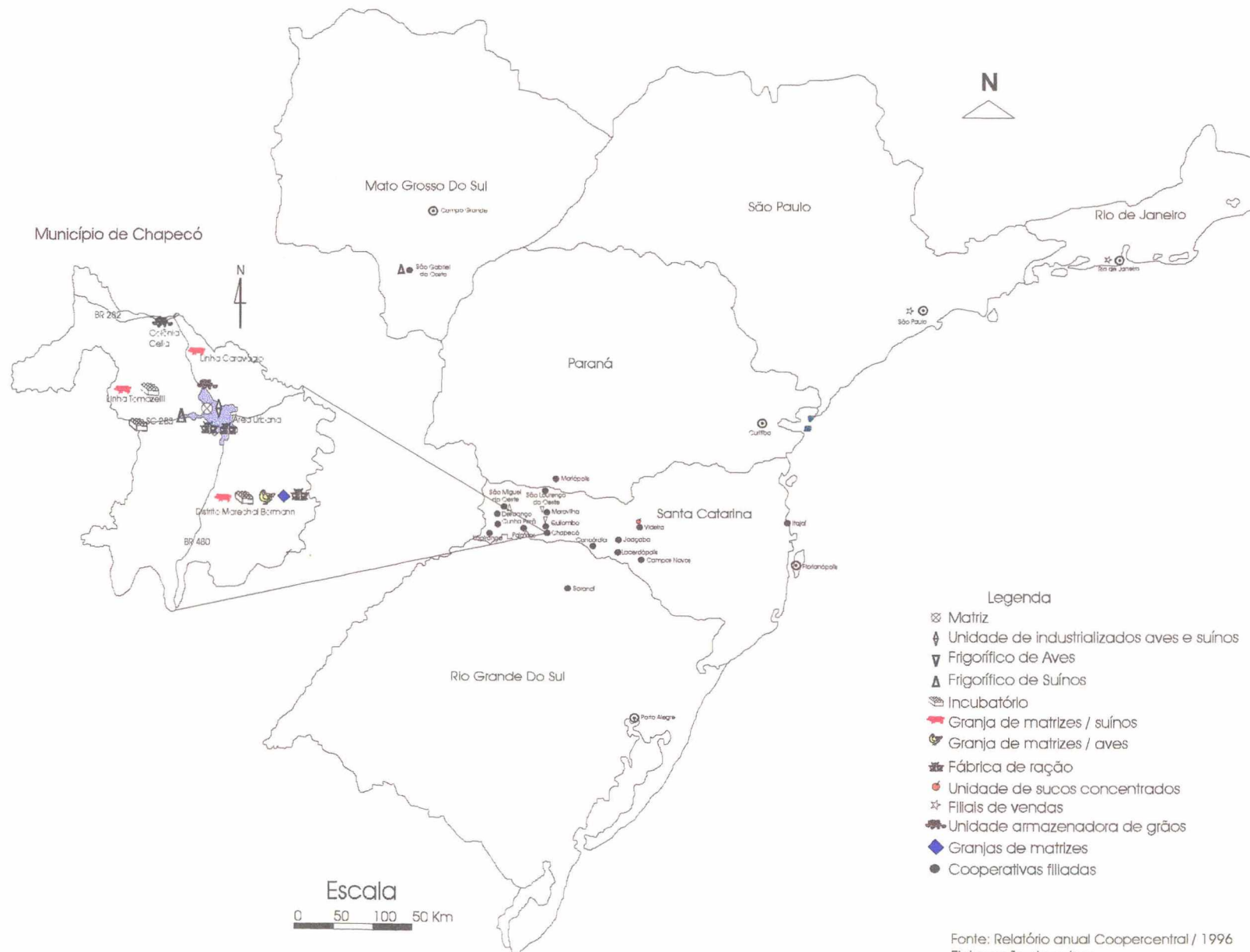
A estrutura da Cooperativa com relação a Cooperativas filiadas é a seguinte:

- 16 Cooperativas filiadas
- 41.434 Associados
- 7.097 integrados suinocultores
- 5.000 integrados citricultores
- 1.800 integrados avicultores
- 108 municípios abrangidos
- 3.656 funcionários

Segundo os órgãos de pesquisa empresarial, a Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda tem o seguinte destaque no Ranking do Mercado:

- 2º Cooperativa Central (Balanço Gazeta Mercantil/96)
- 193º Comércio Atacadista (Exame Maiores & Melhores/96)
- 50º Empresa do Sul (Expressão/96)
- 10º Segmento Agroindústria (Expressão 96)
- 10º Abate de aves Brasil (ANAB)
- 8º Empresa SC (Gazeta Mercantil/96)
- 1º Abate suínos SC (Perdigão, Sadia, Ceval, Chapecó)
- 5º Abate de aves SC (Perdigão, Sadia, Ceval, Chapecó)

Mapa 7: Macro localização da Cooperativa Central
Oeste Catarinense / 1997



3.3 Ceval Alimentos S.A.³⁰

A empresa instalou-se em Chapecó em 1973 e entrou em operação em 1974. A Ceval, na época, comprou a Extrafino Extração e Refinação de Óleos Vegetais S.A., que atuava no ramo de extração e refinação de óleos vegetais e havia se instalado em Chapecó em 1971.

A empresa Ceval, com sede em Gaspar - SC, foi concebida em 1971 por empresários ligados ao grupo têxtil Hering de Blumenau -SC.

A década de 70 marcou a chegada da Ceval na região Oeste de Santa Catarina. Além da instalação em Chapecó, a Ceval fez-se presente também nos municípios de Campos Novos (silo), e São Miguel do Oeste (fábrica). A expansão da empresa deu-se também para os Estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

A década de 80 marcou a entrada da Ceval no setor de carnes, com a aquisição, em 1980, do frigorífico Seara, na cidade de Seara, Oeste de Santa Catarina, voltado para o abate e industrialização de frangos e suínos, construindo uma nova fase, que alargou o perfil de atuação da empresa, até então centrado nos subprodutos da soja. Seara passou, então, a ser a marca dos produtos derivados de frangos e suínos.

À compra do Frigorífico Seara, seguiu-se uma seqüência de aquisições de unidades industriais de abate e industrialização de carne em diversas regiões do país. Abatedouros de Itapiranga (abatedouro da Safrita) e Jaraguá do Sul, em Santa Catarina; Jacarezinho e Marechal Cândido Rondon no Paraná; Jundiaí e Nuporanga em São Paulo; Dourados no Mato Grosso do Sul e recentemente Forquilha, em Santa Catarina e Sidrolândia, no Mato Grosso do Sul. Hoje são oito unidades que abatem e industrializam frangos e suínos em quatro estados do país. Segundo dados da Gazeta Mercantil, a Ceval é também uma das maiores exportadoras brasileiras de carnes de frangos e suínos.

³⁰ Informações obtidas no jornal interno "Ceval Notícias" Nº 137, dez/97. E entrevista junto à empresa filial de Chapecó.

Em novembro de 1997 foi vendido o controle acionário da Ceval para Bunge International Ltda. A Bunge é uma empresa que atua no ramo alimentício há mais de 200 anos. O primeiro registro de suas atividades remete ao ano de 1818, em Amsterdã, na Holanda, transferiu-se para a Bélgica, onde se tornou a primeira empresa no comércio de grãos do mundo. Em 1880 a Bunge chegou na América do Sul, em Buenos Aires, na Argentina. E em 1908 a Bunge iniciou suas atividades no Brasil através de um moinho de trigo na cidade de Santos - São Paulo. A Santista Alimentos S.A., empresa brasileira, foi adquirida pela Bunge em 1994.

Atualmente a Bunge dirige seus negócios no mundo a partir da cidade de São Paulo - SP, com um presidente executivo brasileiro. A Bunge opera também na América do Norte, Austrália, Ásia e Europa. Atualmente a empresa produz e comercializa diversos tipos de alimentos, incluindo grãos, farinha de trigo, óleos vegetais, pães, margarinas, massas, carnes industrializadas, além de insumos para a produção de alimentos. O faturamento comercial deve girar em 13 bilhões de dólares, suportado por uma equipe de quase 40 mil empregados em 10 países.

Segundo os próprios funcionários e a superintendente da unidade da Ceval/Chapecó, em entrevista em abril /98, não se sabe ao certo como irão operar os negócios da Bunge no Brasil, mas uma coisa é certa, todos os negócios de soja, produtos derivados comprados, industrializados e comercializados permanecerão com a marca Ceval.

Como podemos ver, a empresa controladora da Ceval é hoje uma grande potência que opera na área de grãos, aves e suínos. Em Chapecó a sua atuação é modesta, restringindo-se apenas ao ramo de óleos vegetais e apenas na extração do óleo bruto da soja (em torno de 160.000 toneladas), sendo posteriormente encaminhado para o refino em outras unidades a fim de obter o produto final. Essas empresas estão localizadas sobretudo em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Em Chapecó, a empresa funciona com 59 funcionários e mais 27 das empresas terceirizadas.

A rede de captação de matéria-prima se estende por boa parte dos estados de Santa Catarina como nos municípios de Concórdia, Xanxerê, Xaxim, Chapecó e

outros do município da Região Oeste de Santa Catarina. Do Rio Grande do Sul são vários os municípios fornecedores como os municípios de Nonoai e Ronda Alta.

3.4. Sadia Concórdia S.A.³¹

A Empresa teve sua origem em 1944, quando Atilio Fontana reativava o Frigorífico Concórdia, juntamente com o funcionamento do moinho de trigo, que na época tinha capacidade para moagem de 6 toneladas por dia. Após os trâmites legais, o Frigorífico Concórdia passou a se chamar S.A. Indústria e Comércio Concórdia, formalmente constituída em 7 de junho de 1944.

O abatedouro só começou a funcionar em 20 de novembro de 1944, com um pequeno abate de 30 suínos/dia e com um quadro de 50 funcionários. Para o funcionamento do moinho foram adquiridas máquinas suíças, provenientes do Rio Grande do Sul, passando a moer 24 toneladas de grãos por dia. Para garantir maior e melhor funcionamento do frigorífico foram adquiridos os maquinários de um antigo frigorífico de Guaporé, no Rio Grande do Sul. No início de 1946 já eram abatidos mais de 100 animais por dia. Com a matéria-prima era produzido banha, toucinho, carnes salgadas, pernil, presunto, salame, lombo e lingüiça.

Nos anos 50 a região de Concórdia já era um dos centros mais avançados do país na criação e industrialização de suínos. Isso foi possível devido também à participação do poder público municipal e estadual para prestar informação e orientação técnica tanto para o cultivo agrícola, quanto para o manejo da criação.

As dificuldades com o transporte, nesta época, eram imensas, (estradas precárias e a distância), e uma maneira de vencê-las, garantindo a qualidade do produto da fábrica até o consumidor, foi a montagem das primeiras câmaras frias, utilizando-se geradores de energia elétrica mais potentes, prepararam-se os caminhões isotérmicos e foram contratados os primeiro técnicos no setor. A

³¹ Os dados sobre o histórico da Empresa foram extraídos Sadia 50 Anos: Construindo uma História. - São Paulo: Prêmio, 1994.

empresa contava na época com uma estrutura comercial de filiais ou depósitos em São Paulo, Bauru, Londrina, Campinas e Ribeirão Preto e também uma representação no Rio de Janeiro.

A dificuldade no transporte terrestre levou a Sadia a investir nos transportes aéreos. Em 1955 foi criada a Sadia S. A Transportes Aéreos. A Sadia Transportes Aéreos continuou funcionando até 1972, quando deu lugar à Transbrasil S.A. Linhas Aéreas, uma empresa inteiramente independente e com sede em Brasília.

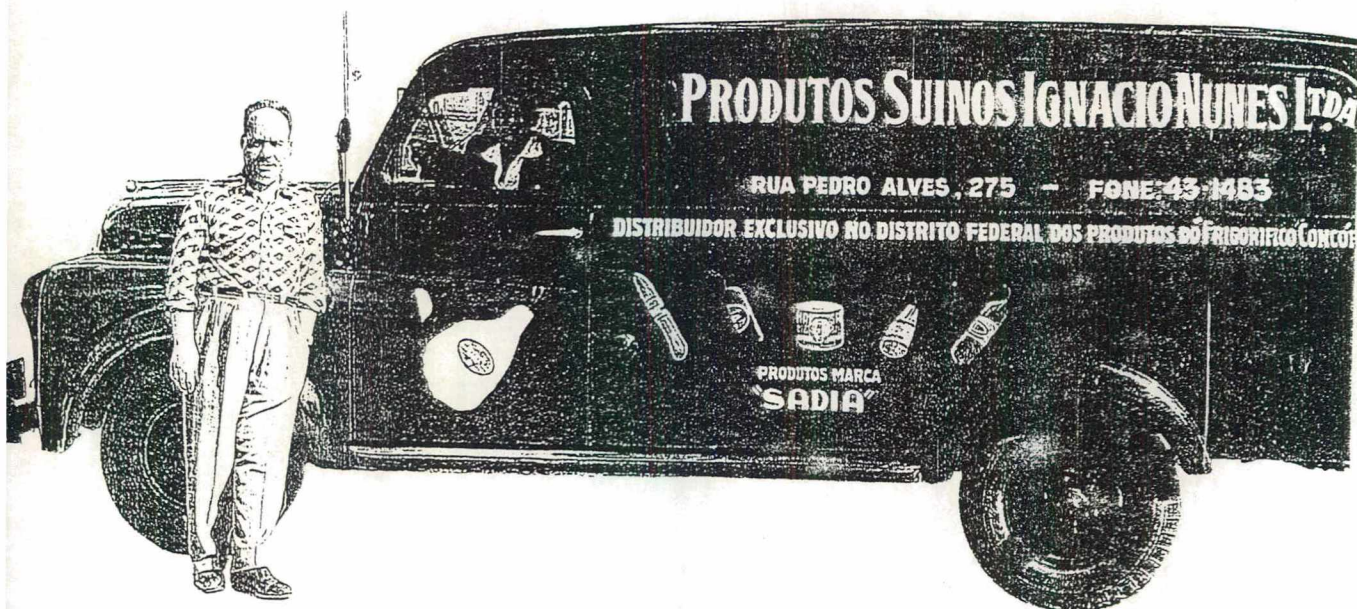
A Sadia é uma empresa que desde cedo começou seu processo de expansão. No ano de 1948 foi fundada a filial comercial da Sadia em São Paulo - SP. Nos anos 50 a maior parte do comércio dos produtos Sadia era realizado na Região de São Paulo e Rio de Janeiro e os representantes comerciais com seus veículos transportadores, já na época, divulgavam a marca "Sadia", conforme foto nº 1.

Em 1950 foi montada uma sociedade entre Atílio Fontana e um grupo do Rio Grande do Sul da família Germani, dando origem ao Moinho da Lapa em São Paulo, que começou a funcionar em 10 de março de 1953, com capacidade de moagem de 80 toneladas de grãos. O moinho da Lapa foi a atividade pioneira da Sadia constituída fora de Concórdia.

A década de 60, igualmente constituíram-se em anos de expansão. Em 1961, em Concórdia, a Sadia começou sua atuação no ramo da avicultura, com um abate anual de 90.000 aves.

Em 1961 foi tomada a decisão de constituir um frigorífico em São Paulo, dando origem à Frigobrás - Companhia Brasileira de Frigoríficos, que começaria a entrar em operação 3 anos depois. Em 1967 foi criada a Sadia Comercial - Sadial, em São Paulo, por intermédio da Frigobrás. Em 1964 foi comprado e posto em funcionamento o Frigorífico Toledo no Paraná.

Foto nº 1. Produtos Suínos Ignacio Nunes Ltda”, um dos primeiros representantes e distribuidores dos produtos Sadia no Rio de Janeiro, no começo dos anos 50.



Até a metade dos anos 60, a Sadia possuiu 8 filiais que compunham a rede comercial da empresa, concentrando 70% do mercado nacional de consumo.

A entrada para o ramo da soja também aconteceu na década de 60. Este processo teve início através da compra de uma unidade em Joaçaba, e a ampliação deste setor ocorreu a partir dos anos 70 com a construção de duas fábricas, uma em Paranaguá e outra em Rondonópolis, responsáveis pelo refino e enlatamento de óleo.

Os anos 70 foram marcados pelo projeto da Sadia para a entrada no ramo da produção e industrialização de perus. Para essa atividade foi escolhido Chapecó, sendo que a Sadia Avícola S.A. foi instituída em 12 de agosto de 1970 e as atividades tiveram início em 1973, quando foram realizados os primeiro abates - 550.000 perus/ano.

Em 1976 também tiveram início os abates no frigorífico da Sadia Oeste S.A. Indústria e Comércio, em Várzea Grande, no Mato Grosso do Sul. Os abates estavam em torno de 500 a 1.200 bois por dia. Em 1978 foi inaugurada uma

unidade de abate e industrialização de frangos em Dois Vizinhos, mais ao Sul do Paraná.

Seguiu-se a ampliação no ramo de bovinos com a aquisição da Polipar Comércio e Representações Ltda e a incorporação da Três Passos Cia. Industrial de Alimentos, em Três Passos no Rio Grande do Sul. A Corcovado Agropastoril e a Sudanisa Cia. Industrial de Alimentos, situadas em Barra do Garça no Mato Grosso. Em 1989 a ampliação do potencial de abate deu-se com a aquisição das unidades de Andradina e Araçatuba do Frigorífico Mouran S.A., localizadas no Oeste Paulista. Em 1989 foi incorporado um abatedouro de suínos em Frederico Westphallen, no Rio Grande do Sul e construiu-se de uma nova fábrica de presunto cozido em Concórdia.

Em 1971 foram aprovados, no conselho administrativo da empresa, a abertura do capital da empresa, passando a Sadia a se chamar Sadia Concórdia S.A.

Os anos 90 são marcados pela aquisição dos frigoríficos de aves de Francisco Beltrão, no Paraná, e a entrada no setor de margarinas (marca Qualy) e massas, com as unidades de Paranaguá e Itapetininga; operação da fábrica de salsichas da unidade de Duque de Caxias; o lançamento da linha califórnia de Chapecó e a inauguração da Sadia Agroavícola S.A. em Várzea Grande, no Mato Grosso do Sul. E finalmente em 1997 a inauguração da fábrica de empanados junto à unidade industrial de Chapecó.

Nacionalmente podemos observar os locais de atuação da empresa Sadia através do mapa 8 que nos mostra a macrolocalização brasileira desta empresa.

3.4.1 As exportações

Os primeiros contratos de exportação da Sadia foram assinados em 1967. Constituindo-se na venda de carne bovina e suína in natura para o Mercado Comum Europeu e a Suíça. Logo a seguir foram ampliadas as exportações para a Espanha, França, Itália e Portugal. Em 1975 foram realizadas as primeiras exportações de frango para o Oriente Médio e América do Norte. A partir de 1980, a Sadia Trading

S.A. Exportação e Importação passou a responsabilizar-se pelo setor de exportações, ampliando e melhorando este empreendimento, resultando na ampliação do mercado para o Extremo Oriente, Hong Kong e Japão.

Atualmente a Sadia Trading possui filiais em Tóquio, Milão, Buenos Aires, EUA e Taiwan, abrindo com isso novas possibilidades de mercado, como é o caso dos países do Mercosul. A exportação é feita para mais de 40 países e o principal produto exportado é a carne *in natura* de frango, peru, suínos e gado. Dos produtos industrializados a linha Califórnia de carne de peru e os empanados são os mais exportados. São exportados 25% da produção de peru e 20% da produção de frango. Dos produtos de peru 25% são cortes, o restante são peças inteiras.

Para a instalação da unidade em Chapecó a Sadia recebeu algumas vantagens, como isenção fiscal de 5 anos, doação do terreno pela Prefeitura Municipal de Chapecó e financiamento junto ao BNDES, através de linhas de crédito. No decorrer do tempo foram muitos incentivos por parte do governo federal e estadual.

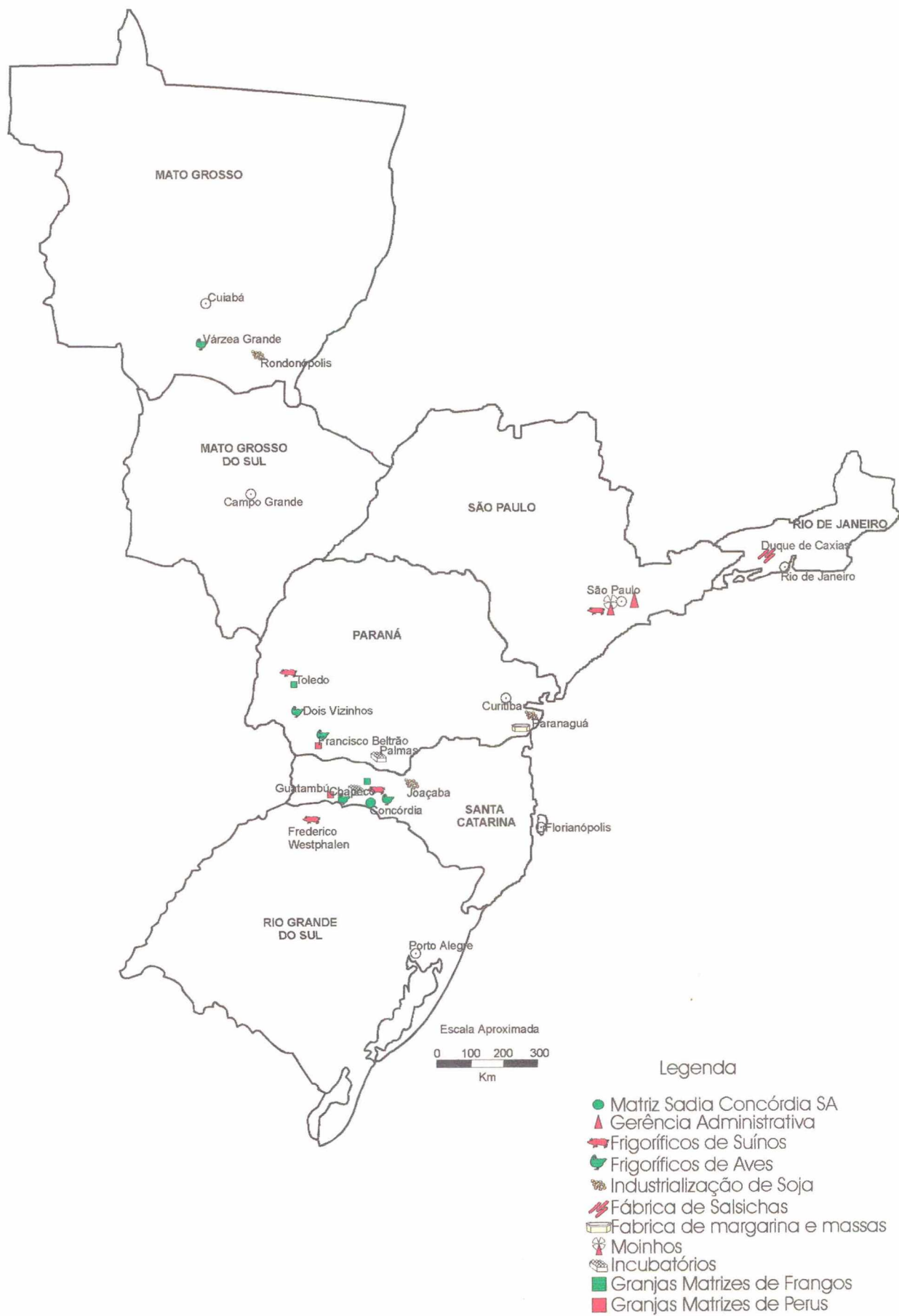
A rede de distribuição da Sadia, atualmente, é bastante extensa. A empresa, através da Sadia Comercial, que possui 24 postos de revenda, faz a distribuição para os revendedores, como os supermercados e outras redes. As vendas diretas são feitas apenas para pedidos maiores, como para redes de fast foot.

Nacionalmente a Sadia constituiu uma rede de postos de venda: na região Sul estes postos estão presentes nas seguintes cidades: Porto Alegre, Itajaí e Curitiba e ainda a Frangoeste, localizada em Chapecó, que atende toda a região Oeste do Estado. No Brasil temos as seguintes cidades que possuem postos de vendas dos produtos Sadia: São Paulo, Bauru, Belo Horizonte, Brasília, Campo Grande, Cuiabá, Curitiba, Duque de Caxias, Fortaleza, Manaus, Porto Alegre, Porto Velho, Recife, Ribeirão Preto, São José dos Campos, Salvador, Santo André, Toledo e Vitória. O mapa 09 nos mostra a localização desses postos de venda no Brasil.

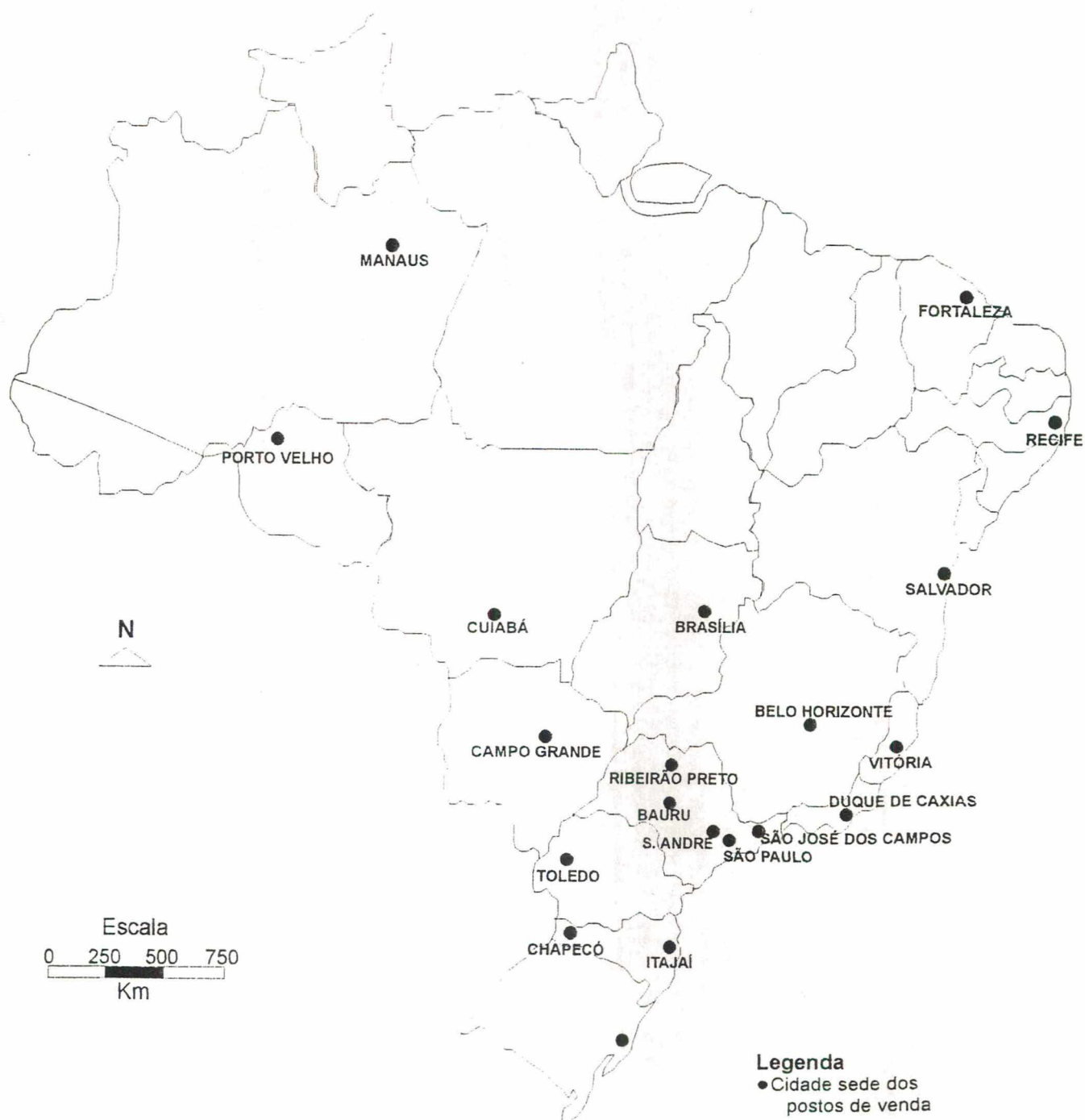
A matéria-prima, que abastece o frigorífico de Chapecó, provém de diversos municípios da região: Xaxim, Cordilheira Alta, Novo Horizonte, Formosa

do Sul, Nova Erechim, Nova Itaberaba, Pinhalzinho, Modelo Caibi, Palmitos, São Carlos, Águas de Chapecó, Caxambu, Guatambu. Do Rio Grande do Sul: Nonoai, Três Palmeiras, Alpestre, Erval Grande e Planalto. A relação com esses municípios é mais um indicador da influência que a empresa exerce na região, especialmente no setor agrícola.

Mapa 8: MACRO LOCALIZAÇÃO DA SADIA CONCÓRDIA S.A./1997



Mapa 9: POSTO DE VENDA DOS PRODUTOS SADIA



3.5. Cooperativa Regional Alfa³²

O Cooperativismo na Região Oeste desenvolveu-se em torno do Banco do Brasil, com o objetivo de atuar como intermediário na difusão do crédito rural e, inicialmente, colaborar na campanha de fomento à produção de trigo, na década de 50 e, posteriormente, na de garantia de preços mínimos do feijão e do milho na década de 60 (Jornal Cooperalfa - out./97).

A Cooperativa, atualmente, além da função de recolher, beneficiar, processar e industrializar cereais (feijão, milho, soja e trigo), participa como fornecedora de matéria-prima da Cooperativa Central Oeste Catarinense - Aurora na industrialização de citros, suínos e aves.

A Cooperalfa movimenta em média, por ano, as seguintes quantidades de produtos, conforme tabela 13.

Tabela N° 13: Produtos movimentados por ano pela Cooperativa Regional Alfa.

Produtos	Quantidade
Milho	2,0 milhões de sacas
Soja	2,2, milhões de sacas
Feijão	350 mil sacas
Trigo	300 mil sacas
Laranja	6 milhões quilos
Suínos	360 mil cabeças
Leite	13,2 milhões de litros
Aves	11 milhões de cabeças

Fonte: Informações colhidas junto à Cooperativa Alfa. Elaboração da autora.

A Cooperativa movimenta ainda 360 mil cabeças de suínos, 11 milhões de cabeças de aves, 6 milhões de quilos de laranja e 13,2 milhões de litros de leite.

A Cooperalfa atualmente industrializa os seguintes produtos: óleo vegetal “Alfa”, farinha de trigo e de milho da marca “Jubá”, embalagem do feijão preto e carioca “azulão”, farelo tostado de soja e colorau. Há também previsão para lançamento da farinha de trigo Dellis e de salgadinhos que terão a marca “Alfitos”.

³² As informações sobre a Cooperativa foram obtidas através de material cedido pela Cooperativa e também através de entrevista com Julmir Cecon do Departamento de Comunicação.

Toda a produção da Cooperalfa visa exclusivamente atender ao mercado interno, nas diferentes regiões brasileiras, com exceção do colorau cuja exportação teve início para o mercado argentino. Os principais estados brasileiros consumidores dos produtos Alfa: Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e os Estados do Nordeste.

A captação da matéria-prima provém de diferentes locais do país e até mesmo de outros países. Mostraremos a seguir a origem dos principais produtos industrializados pela Cooperalfa, com isso estaremos mostrando um pouco da influência desta Cooperativa sobre a região Oeste e também sua relação com outras regiões do país.

O milho e o feijão 100% é oriundo da Região Oeste de Santa Catarina. Apenas em épocas de quebra de safra que o milho é trazido dos estados do Paraná e do Mato Grosso. A soja 80% provém do Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso, por produtores não associados à Alfa, os outros 20% são provenientes dos associados. Este cereal é utilizado sobretudo para a fabricação de ração para animais. Do trigo, 40% vem de outros países, incluindo os Estados Unidos, sendo a Argentina o principal fornecedor. De 10 a 15% o Paraná e o Rio Grande do Sul são os fornecedores.

A Cooperativa Alfa através do sistema de integração tem contribuído com a seguinte produção de suínos e aves que são abatidos nos frigoríficos Aurora. 360 mil cabeças de suínos/ano abatidas pela Coopercentral são produzidas pela Cooperalfa. A Cooperalfa tem participação também no fornecimento das aves para o abate na Aurora, totalizando em média 360 mil cabeças/ano.

A Cooperalfa tem contribuído também com o fornecimento de laranja para a fábrica de sucos Dellis da Aurora, localizada em Videira. 700 mil mudas de laranja em fase intermediária estão em propriedades de agricultores. O leite produzido nas propriedades dos associados é destinado à AGROMIL, cooperativa ligada à Batavo no Paraná (recentemente vendida para a Parmalat).

Para se estabelecer um comparativo das 3 (três) agroindústrias no ramo frigorífico de Chapecó, apresentamos a seguir um quadro condensando de algumas informações sobre a realidade dessas empresas em Chapecó.

Quadro Comparativo dos Frigoríficos de Chapecó

Empresa	Nº De Funcionários	Área Construída	Abates/Produção	Faturamento
AURORA	Frig. Chapecó: 968	24.000m ²	3.500 suínos/dia	Carnes suínas:
	Ind. Chapecó: 980	7.327,06m ²	180.000 ton/dia	233.579.459,00
	SMO: 808	20.970,15m ²	1.500 suínos/dia	Carnes aves:
	Quilombo: 118		Total de aves:	75.193.504,00
	S. Gabriel do Oeste: 144		33.864.025.	
CHAPECÓ	T. Total: 4.800			
	Chapecó: 1.528	109.300 m ²	Total Aves/1996	Volume
	São Carlos: 12	4.100 m ²	99.219.000	total/1994
	Xaxim: 1.569	196.300m ²	Total Suínos /1996	333,0 milhões.
	Cascavel: 313	18.200m ²	766.654	
	Amparo: 251	6.400m ²		
SADIA	Total: 3.673			
	Administrativo: 200	Total: 57.000m ²	PERUS: Até	3,2 bilhões
	Produção: 2.900		agosto:	
	Granjas: 300		45 a 50.000	
	Total: 4.000		perus/dia	
			Depois de agosto:	
			60 a 65.000	
			perus/dia	
			FRANGOS:	
			200.000	
			frangos/dia	
			Produção: 650 t. de	
			derivados de aves.	

Fonte: Diversas informações.
Elaboração: Da autora.

4. Mudanças estratégicas das agroindústrias frente ao mercado e à concorrência.

As décadas de 70 e 80, conforme vimos anteriormente, foram fundamentais para o processo de acumulação de capitais no setor agroindustrial,

que se deu, sobretudo, através do processo de centralização de capitais, ou seja, frigoríficos menores foram adquiridos pelas empresas maiores, com destaque na atualidade. Segundo as informações do CEPA (Centro de Pesquisa Agropecuária), “no início da década de 70 funcionavam 23 frigoríficos em Santa Catarina. Na década de 80, restavam apenas 7 grandes frigoríficos, incluindo as cooperativas”(Giese 1991: 36).

Fica claro, portanto, o desenvolvimento do capital em Chapecó e região, em que quanto maior a centralização de capitais por parte de alguns grupos, os setores menores tendem a desaparecer, ou a serem incorporados pelos maiores através da concorrência. Verificamos este processo com as empresas do setor urbano, bem como com as famílias agricultoras, que não conseguiram adaptar a produção conforme as exigências dessas empresas e acabaram engrossando as periferias das cidades, com o aumento de bairros pobres.

Com a presença das agroindústrias em Chapecó e com sua permanente reestruturação e expansão, o espaço passa ser o lugar incorporado por elas na forma e no processo de ocupação. Neste sentido o espaço de Chapecó não é apenas um lugar que está sendo modificado, mas é elemento importante que faz parte e que se transforma segundo as exigências do modo de produção geral e das necessidades específicas das agroindústrias aí instaladas.

A industrialização de Chapecó e região Oeste Catarinense tem como base o processo de agroindustrialização, com aproveitamento da organização produtiva das unidades familiares. O desenvolvimento da agroindústria deu-se através da estreita relação da indústria e do setor agropecuário de um lado, e do mercado consumidor interno e externo, de outro.

Testa (1996) considera duas fases quanto às características assumidas por este processo.

1. Primeira fase: foi marcada por uma relativa convergência de interesses do setor agroindustrial com os produtores familiares. A incorporação de novos produtos de suínos, até início dos anos 80, deu-se com o objetivo de alcançar e conquistar novos mercados (nacionais e externos) para a carne suína e seus derivados. Os pequenos

produtores tinham condições de manter sua produção diversificada comercial, atendendo ao mesmo tempo à demanda da agroindústria. Esse perfil, segundo o autor, esteve vigente até início dos anos 80, e foi denominado de policultura hierarquicamente subordinada à suinocultura.

2. Segunda fase: intensificação da integração formal dos produtores familiares de suínos, através das exigências de mudanças nas formas de produção e comercialização de suínos. A ampliação do mercado de carne não mais se deu via aumento de produtores de suínos, mas pela diminuição, tendo como estratégias: aumento da produção própria, aumento da escala da produção de novos produtores e implementação de sistemas especializados de produção.

Esse segundo momento foi fortemente marcado pela reestruturação interna das empresas agroindustriais e da própria produção da matéria-prima. Verificou-se, então, intensificação das mudanças da produção de matérias-primas, tecnicamente planejadas. E na produção interna, além de toda a mudança tecnológica observada, houve também o aumento da industrialização de novos produtos com maior valor agregado, que foi o caso dos embutidos, cortes especiais e temperados, entre outros, sendo que 75% da carne suína era industrializada.

A avicultura, bastante forte na região teve seu início nos anos 70. O marco foi a produção de aves pela Sadia em Concórdia, no final dos anos 60 e a intensificação dessa atividade ocorreu a partir da implantação de uma unidade abatedora de frangos e perus em Chapecó em 1970. Apenas nos anos 80 foi que os grupos Perdigão, Chapecó, Ceval e Coopercentral entraram no ramo avícola.

A avicultura, diferentemente da suinocultura, não marcou uma ruptura com algum modelo de produção anterior, destinado à indústria. Iniciou-se já com um modelo pronto de produção, com introdução de melhorias tecnológicas no decorrer do tempo, como, por exemplo, a informatização dos aviários, em fase mais recente.

As agroindústrias como um todo, a partir dos anos 80, principalmente, têm passado por um processo de reestruturação, obrigando as empresas a se adaptarem à chamada economia mundializada. Para se manterem no mercado e concorrer interna e externamente ao Brasil, muitas medidas foram e estão sendo tomadas.

Este processo levou as empresas a ampliarem os seus lucros através da maior agregação de valor na cadeia agroindustrial, mudança na estrutura dos equipamentos industriais e diminuição dos custos de marketing, propaganda, distribuição e assistência técnica.

Como consequência deste processo podemos citar:

1. A mudança na cadeia produtiva tem possibilitado a instalação e ampliação de outras atividades industriais periféricas da cadeia agroalimentar.
2. Expansão de capitais da região para outros estados brasileiros, principalmente no Sul e Centro-Oeste, sobretudo com ajuda dos créditos agrícolas.
3. Concentração do capital agroindustrial em apenas cinco empresas, tal é a grande concentração, que 70% do abastecimento de derivados e embutidos de carnes para os supermercados brasileiros eram feitos apenas pelas empresas Sadia, Perdigão e Ceval (Folha de São Paulo, 17/11/92).

4. Mudança na estrutura das propriedades agrícolas. De propriedade familiar diversificada, voltada ao comércio em maneira geral, (que deu sustentação, num primeiro momento, à agroindústria) há a passagem para a propriedade familiar diversificada, voltada ao comércio agroindustrial, atendendo às especificidades da agroindústria. Verifica-se uma intensa modernização das propriedades agrícolas, atendendo às exigências do setor agroindustrial e concomitantemente, um processo de exclusão de agricultores, que não possuem condições, sobretudo econômicas, de adequar sua propriedade às novas necessidades mercadológicas.

4.1 A busca de maior e melhor produtividade com diminuição dos custos.

O investimento em novas embalagens, pesos adequados, combinando-se com as novas linhas de frango temperado, desossado e em partes selecionadas deu respostas às novas exigências do mercado e foi uma maneira de vencer a concorrência e garantir o mercado interno e externo.

Os laboratórios especializados, que funcionam como réplica em miniatura das unidades produtivas, fazem o controle da qualidade e elaboram os produtos adequados às necessidades de consumo. O objetivo do trabalho é o aumento da produtividade que abrange desde os aviários até o abate e produção, agregando maior valor aos produtos. Como resultado deste processo há ganho efetivo na qualidade do produto e do seu preço.

A visão de trabalhar com maior valor agregado nos produtos é uma maneira de diminuir a incidência dos custos das matérias-primas (milho e soja), sem efetuar o repasse para os preços dos produtos finais. Temos, assim, o exemplo da Coopercentral que ampliou o volume de cortes de 25 para 30% em 1996, e buscou novos mercados, ampliando suas exportações de 8% para 12% em 1996. Todas essas empresas têm a preocupação de investir em novos produtos, melhorando a qualidade e o sabor. Um desses exemplos também é a Sadia que tem investido na produção de novos e diferentes produtos como é o caso da “linha Califórnia”, o que tem lhe garantido mercado certo no exterior, constituindo os principais produtos de exportação. Ou então mais recentemente a produção de salgadinhos, marinados e empanados que são produtos de fácil preparo e visam atingir a um determinado mercado consumidor.

A Cooperativa Regional Alfa, da mesma forma, tem procurado agregar maior valor aos produtos. Desde o início, quando surgiu a idéia de industrializar os suínos e cereais, o objetivo era passar de meros captadores e fornecedores de matéria-prima, para a industrialização, dando aos produtos maior valor de comercialização. Atualmente a Alfa tem investido na fabricação de farinha de milho pré-cozida, farinha de trigo pré-pronta, salgadinhos (snacks) nos sabores bacon, parmesão, presunto e queijo.

4.2 A Reestruturação Produtiva e a Mudança de Atuação das Empresas de Chapecó.

Outro elemento fundamental, e que não é específico apenas dos frigoríficos agroindustriais, é o processo de reestruturação produtiva interna das empresas. A

busca de métodos com maior produtividade e com menores custos. Esse processo pode ser identificado, sobretudo, a partir dos anos 70 e 80, que refletem a crise mundial da sociedade capitalista como um todo. Crise esta identificada com o modelo de produção fordista, o qual deu o grande impulso à acumulação do capital industrial. As empresas e o próprio capitalismo viram a necessidade de encontrar saídas para a crise e ao mesmo tempo retomar o crescimento do pós-guerra.

A Revolução tecnológica que se seguiu trouxe consigo mudanças profundas, não só no interior das empresas, mas em toda a estrutura da sociedade. Desta forma, a vida e o trabalho dos seres humanos foram conduzidos para novas formas de viver e de trabalhar.

O desenvolvimento da automação tecnológica informacional conduziu a novas aptidões produtivas, o que levou a uma crescente crise do emprego - desemprego em massa -, globalização da vida econômica, reduzindo, a influência dos governos nacionais, aumentando a dominação das grandes empresas, e a diminuição da rigidez fordista levou a acentuação da polarização da sociedade (Benko, 1996).

Desta forma, o próprio capitalismo teve que encontrar respostas à essa crise. Se chamarmos aqui, conforme alguns autores, de flexibilidade ou de pós-fordismo, o essencial é entendermos que essas mudanças vão se dar dentro da lógica capitalista, com suas diferentes nuances, adaptadas aos diferentes ramos de produção e às diferentes sociedades.

Convém lembrar também que essas mudanças, mesmo ao se efetivarem também no âmbito social, de modo algum tinham por objetivo melhorar a condição de vida dos seres humanos. As mudanças objetivavam apenas a retomada do crescimento econômico, portanto o alvo a ser melhorado era apenas a esfera do capital. Conforme Benko (1996: 130)

“esses processos de reestruturação eram também uma forma de dar respostas às incertezas e instabilidades dos anos 70 e 80: dados os riscos no investimento em imobilizações corporais de usos específicos e que oferecem contrato de trabalho de longa duração, sobreveio uma

reviravolta em favor dos modos mais fluidos de detenção das riquezas e uma redução paralela dos compromissos a longo prazo”.

No passado, a forma mais eficaz para aumentar a produtividade para atender às necessidades do capital foram os métodos de produção em massa e em grande escala, montados sob o sistema de linhas de produção, com a ajuda de máquinas automatizadas. Exemplo disso foi a montagem de um Chassi na Ford Motor Co. que “em 1913 requeria 12h.28min, ao passo que em 1914, depois da instalação de uma linha de montagem mecânica, a mesma operação passou a ser efetuada em 1h30min”(Benko, 1996: 117).

Essa estrutura dependia de uma intensa verticalização empresarial. Ou seja, uma hierarquização das atividades industriais sob o comando da própria empresa, uma intensa divisão social do trabalho em diferentes departamentos. O resultado era uma organização com limite para a diversidade de produção.

A crise do fordismo suscitou mudanças nesse processo de produção. Através das novas tecnologias, com o uso da eletrônica e da informação, há a substituição das máquinas especializadas, (e com elas dos trabalhadores qualificados) por máquinas inteligentes, comandadas por computadores programáveis e também a introdução de robôs capazes de efetuar um conjunto de operações diferentes, passando rapidamente de uma operação para outra. (Benko, 1996)

Isso significa que as máquinas podem ser mudadas e adaptadas conforme o volume e características requisitadas pelas demandas. Houve com isso menores riscos de investimentos, pois reduziu-se as grandes produções em escala do sistema fordista e passou-se a produzir conforme a necessidade do mercado. Obteve-se então qualidade, agilidade e diversidade com menos tempo e menores riscos, e redução dos custos, principalmente em mão-de-obra.

As empresas passaram a investir mais no seu ramo específico de atuação, o que levou a chamada desintegração vertical. Verificou-se uma externalização das atividades anteriormente internas às empresas, repercutindo em diminuição da sua estrutura produtiva, bem como criação de novos espaços em função das novas

empresas menores que iriam desenvolver essas atividades, como serviços, e atender a demandas das próprias empresas maiores, bem como do mercado de maneira em geral.

Benko (1996: 118) nos aponta o seguinte sobre o resultado deste novo processo.

“1. Descentralização das funções tais que a fabricação dos componentes, módulos ou atividades de serviços das grandes empresas em benefício de subempreiteiros de porte pequeno ou médio; 2. surgimento de distritos industriais organizados a partir de redes de pequenas ou médias empresas; 3. proliferação sob pequenas empresas as atividades de pesquisa-desenvolvimento de estabelecimentos maiores; 4. surto em pequena e média escala de empresários e empresas com recursos locais; 5. desenvolvimento de empresas afetadas pelo declínio industrial; 6. Existência de uma subnegociação que recorre aos sweatshops (oficina de superexploração, geralmente de negro) e ao trabalho a domicílio; 7. persistência nos interstícios das sociedades em desenvolvimento de artesão tradicionais dependentes de mercados monopolistas.”

Este processo nas agroindústrias acentua-se em Chapecó a partir da década de 80, especialmente 85/86, quando as empresas incorporam o processo de desverticalização empresarial. Uma das primeiras áreas a passar por este processo é o setor de máquinas - manutenção e assistência - que foi terceirizado. Atualmente todas essas empresas trabalham com serviços terceirizados principalmente nas áreas de manutenção elétrica, vigilância e segurança, restaurante, jardinagem e limpeza, carga e descarga de produtos industrializados e matéria-prima, transporte, manutenção/pintura, manutenção mecânica.

Esse processo interno às empresas tem reflexos externos, o que repercute diretamente no desenvolvimento de novas empresas que atenderão às demandas dessas empresas maiores. Como exemplo na grande maioria, se não em todas as empresas produtoras de máquinas para aviários, em Chapecó, os seus proprietários

eram ex-funcionários das empresas agroindustriais, sobretudo da Sadia que foi pioneira neste processo (Ver próximo capítulo: A reprodução do Espaço Urbano e sua Relação com as agroindústrias).

Mais recentemente tem se observado o processo de automação industrial nessas empresas, a substituição de máquinas semi-automatizadas, que exigem uma certa quantia de operários trabalhando em linhas de produção no modelo fordista, por máquinas completamente automatizadas, que dispensam uma grande quantidade de operários.

No caso da Sadia, este processo se fez presente na empresa desde 1996, quando começou a compra de máquinas automatizadas, com capacidade de produção com menor tempo e com maior qualidade. Um dos resultados deste processo foi a reconstrução de toda a fábrica de frangos de Chapecó. Conforme entrevista, esta é praticamente uma nova fábrica. As repercussões desse modelo de produzir são grandes. Desde o início deste processo, diminuíram 900 postos de trabalho. Segundo entrevista na empresa, atualmente esta funciona com 3.100 funcionários e objetivo é de no ano 2000 igualar-se com as empresas da Alemanha, que funcionam com uma média de 700 funcionários, numa empresa com abate e industrialização parecidos da Sadia.

Dentro desta visão empresarial é que está sendo instalada na Sadia de Chapecó a fábrica de empanados³³, constituindo-se numa unidade quase totalmente autônoma. A fábrica foi construída ao lado da planta industrial já existente, com um investimento total de US\$ 25 milhões. Seu espaço interno foge às tradicionais divisórias que isolam as linhas de produção, apresentando uma concepção racional de linearidade com a entrada da matéria-prima de um lado da fábrica e a saída do produto final no extremo oposto. Com ambientes totalmente climatizados, com flexibilidade de adaptação dos espaços está aberta para a industrialização de outros produtos que porventura forem lançadas no mercado.

³³ As informações sobre a fábrica de empanados foram obtidas na Revista Integração Sadia, março/abril 1998.

A fábrica entrou em funcionamento em meados de 97, inicialmente com um turno de trabalho, em julho passou para dois turnos e, em setembro, para três, com 250 funcionários (80% de mão-de-obra a menos, se comparado com um sistema tradicional de produção) trabalhando nas linhas de produção. O projeto final prevê a implantação de cinco linhas de produção com uma capacidade equivalente a trinta.

A fábrica de empanados de Chapecó produz Nuggets (presunto, queijo e crocante), fabricados com carnes selecionadas de frango (basta aquecê-los e servi-los) e Nuggets da linha clubinho da Sadia, desenvolvido especialmente para crianças.

A fábrica, moderna e flexível, oferece produtos versáteis para qualquer ocasião e opção alimentícia e atende às tendências do mercado na exigência de novos lançamentos.

Com certeza essa nova fábrica de empanados vem atender aos dois objetivos da empresa ao mesmo tempo: agregar maior valor aos produtos, inovando-os constantemente e diminuir custos com a produção, substituindo a mão-de-obra pelos maquinários, com capacidade de produzir mais e melhor em menos tempo.

A Sadia concluiu sua reestruturação industrial e prevê, em 1998, apresentar-se no mercado cada vez mais como fabricante de alimentos industrializados, congelados e resfriados. Em 1997, desfez-se das unidades de abate de bovinos e processamento de soja. Em julho de 1998 ingressará no segmento de massas frescas, resfriadas e pizzas congeladas, tendo como trunfo a estrutura já montada para distribuição de carnes resfriadas (Integração Sadia 1998).

O principal efeito desse redimensionamento e de projetos voltados para a redução de custos será o aumento da margem de lucro. Devido a essa maior ênfase nos industrializados, o lucro líquido consolidado aumentou de 10,3%, atingindo R\$ 71,2 milhões.

A Sadia está avaliando a possibilidade de fundir suas três principais representantes: a holding Sadia Concórdia, Sadia Frigobrás S.A. e a Sadia Agroavícola. As medidas de redução de custos fazem parte da estratégia da empresa para

aumentar as margens de lucro. A reforma administrativa, concluída no final do ano de 1997, resultou numa economia de 300 cargos. A Sadia dispensou 5 mil funcionários em 1997, encerrando o ano com um quadro total de 25 mil funcionários.

Essas preocupações extrapolam o interior das empresas. Atenção especial é também dedicada ao processo de obtenção da matéria-prima. Pesquisas constantes são realizadas visando ao melhoramento genético, para obter aves de melhor qualidade com menores custos, com melhor rendimento na carcaça e eficiência na relação peso X consumo de ração.

No caso da Coopercentral de 1995 a 96 foi obtido um ganho de peso por ave de 72 gramas a mais do que em 1995, e reduzido em 9 (nove) gramas o consumo de ração por quilo de carne.

A Chapecó também tem investido neste sentido. Mostraremos a seguir, através da tabela 14, o desempenho na produção de frangos abatidos pelo frigorífico Chapecó e a idade média de abate com o respectivo ganho de peso.

Tabela nº 14: Desempenho na produção de frangos abatidos pelo Frigorífico Chapecó.

	1993	1994	1995	1996	jun.97
Idade média de abate (dias)	42,32	43,32	43,75	43,72	40,91
Ganho de peso diário (gramas)	45,09	46,21	47,14	46,83	48,05
Conversão alimentar (consumo de ração - Kg por Kg de carne)	1,96	1,95	1,98	1,99	1,94
Peso médio de aves abatidas (Kg)	1,91	1,97	2,06	2,04	1,97

Fonte Perfil Empresarial, 1997: 24

No departamento de suínos, igualmente, a atuação dos frigoríficos tem sido nesta direção. Constantemente vêm sendo feitas melhorias no departamento de fomentos e na qualidade de entrega das matrizes aos produtores integrados. A tipificação da carcaça e a obtenção de um suíno tipo carne, tem sido preocupação de muitos anos das empresas agroindustriais.

Neste sentido, há um investimento muito grande no que se refere à melhoria da qualidade da carne, para isso, testes de granjas são feitos com o objetivo de atingir a menor quantidade de gordura na carne. No caso dos suínos Aurora, em 1995, os níveis atingiram 55,4% de CM (carne magra) na carcaça.

Na verdade, a preocupação em encontrar uma maneira de obter esse tipo de suínos refletiu-se diretamente na relação entre suinocultor e empresa, pois agricultor tem que se adequar às necessidades da empresa e ainda, conforme vimos no capítulo 2 (sobre o papel do Estado), com a implantação da tipificação da carcaça na empresa o agricultor perde, pois ele vai passar a receber pela qualidade da carne e não pelo peso do suíno.

Tanto para obter o frango quanto para obter o suíno desejado, a dieta alimentar dos mesmos é de fundamental importância. Neste sentido é que são feitas pesquisas também na área de ração, objetivando produzi-la com melhor qualidade - ração balanceada- para obter o produto desejado. Nestas pesquisas a participação da Embrapa tem tido importância por atuar juntamente com as empresas.

A tabela nº 15 nos mostra alguns dos produtos oferecidos pela empresa Chapecó a partir das mudanças que foram sendo estabelecidas pela empresa ao longo dos anos.

Quando falamos de concorrência, competitividade, qualidade dos produtos, eficiência nas empresas não podemos esquecer que são características do próprio modo de produção capitalista. Para entender Chapecó, é necessário entendê-lo dentro de suas especificidades locais e também no contexto do desenvolvimento do capitalismo pois não existe como isolar a influência das leis do capital no interior das empresas e das especificidades dos lugares.

Tabela nº 15: Linha de produtos oferecidos pela empresa Chapecó - 1997 -% s/ faturamento em US\$.

Produtos/Ano	1994	1995	1996	jun.1997
Produtos de aves				
Frango inteiro	59,1	43,0	41,0	48,0
Frango cortes	36,7	50,9	52,0	46,2
Pertences	1,2	2,4	2,8	2,5
Miúdos	3,0	3,2	3,1	2,7
Subprodutos	0,0	0,5	0,5	0,6
Total	100	100	100	100
Produtos suínos				
Presuntaria	26,2	27,9	26,3	33,3
Mortadelas	6,1	7,1	7,6	8,1
Salsichas	10,4	9,1	8,0	9,4
Linguiças	24,0	25,2	29,6	27,9
Banha	2,9	1,9	2,2	1,8
Especiais- Lombo	2,0	3,1	3,9	2,4
Cortes	22,0	22,9	18,6	14,4
Pertences	1,8	1,4	1,4	2,1
Outros	4,6	1,4	2,4	0,6
Total	100	100	100	100
Outros produtos				
Rações e concent.	38,3	24,5	45,3	9,1
Outros	61,7	65,5	54,7	90,9
Total	100	100	100	100

Fonte Perfil Empresarial, 1997: 22.

O processo de substituição da máquina pelo homem já foi assunto trabalhado e desenvolvido por Marx no século passado. Em suas análises sobre a passagem do feudalismo para o capitalismo, já estava presente a inserção da situação do proletariado a partir da perda do controle e domínio sobre o seu próprio trabalho, ou seja, o processo em que os trabalhadores foram despossuídos do seu saber.

“Na manufatura e no artesanato, o trabalhador se serve da ferramenta; na fábrica, serve à máquina. Naqueles, procede dele o movimento do instrumental de trabalho; nesta, tem de acompanhar o movimento do instrumental de trabalho. Na manufatura, os trabalhadores são membros de um mecanismo vivo. Na fábrica,

eles se tornam complementos vivos de um mecanismo morto que existe independente deles” (Marx, 1996: 483).

Por esse processo até mesmo as medidas para facilitar o trabalho humano tornam-se estressantes e cansativas. Desta forma, o trabalho ao invés de libertar o ser humano é responsável, cada vez mais, por torná-lo escravo de si mesmo, desprovido de todo interesse profissional.

Atualmente é cada vez maior a horizontalização da produção, tanto inter como intra empresas, não só no Brasil, mas também em âmbito internacional. O que faz surgir um número cada vez maior de empresas ligadas a determinados ramos, objetivando atender a demanda produzida.

No mundo do trabalho, igualmente as alterações são de mesma proporção. O advento da microeletrônica e da robótica e com elas a possibilidade de produção de máquinas “inteligentes”, capazes de operacionalizar as tarefas mais complexas, simplificam o trabalho humano, levando ao desaparecimento de diversas funções e profissões.

As inovações, longe de diminuírem a exploração do capitalismo, agravam-na cada vez mais. Quanto maior “a produtividade, maior será o tempo que o trabalhador dispende para o capital e menor é o tempo que ele trabalha para si mesmo” (Lemos, 1998). Ou seja, o trabalhador consegue pagar as horas de seu trabalho em bem menos tempo, ficando para o capitalista um excedente maior, produzido por um número cada vez menor de trabalhadores.

Marx (1996) já escrevia que “a maquinaria é meio para produzir mais valia”. Porém, as máquinas, por si só, são produzidas mais valor. Este só pode ser produzido através da força do trabalho humano.

Observamos, então, que quanto mais as empresas investirem em capital constante (máquinas, robôs etc.), menos vão investir em capital variável, em mão-de-obra, obrigando as empresas a buscarem constantemente novas máquinas, mais eficientes e produtivas, este processo poderá levar determinada empresa à frente das demais, enquanto estas outras não fizerem as mesmas inovações. Portanto, num determinado momento, o que pareceu um fator diferenciador no mundo da

competitividade, num outro momento, torna-se obsoleto, um obstáculo que necessita ser removido, substituído e inovado. Exigindo do capitalista novo investimento.

Sempre que uma nova invenção é posta a serviço, um novo período febril repete-se nos ramos de produção em que ocorre a inovação. São, como nos diz Marx, uma arma para conquistar novos mercados estrangeiros. Ao mesmo tempo que revolucionam os meios de transportes e de comunicação levam à falência uma série de outras indústrias que não chegaram a tal nível de investimentos e evolução.

Marx nos é extremamente oportuno ao descrever com clareza e profundidade as consequências da inovação no interior das fábricas. Desta forma

“a vida da indústria se converte numa seqüência de períodos de atividade moderada, prosperidade, superprodução, crise e estagnação. A incerteza e a instabilidade a que a produção mecanizada submete a ocupação e consequentemente as condições de vida do trabalhador tornam-se normais como aspectos das variações periódicas do ciclo industrial. Exetudados os períodos de prosperidade, travam-se entre os capitalistas os mais furiosos combates, procurando cada um deles obter uma participação no mercado. Essa participação está na razão direta do barateamento do produto. Por isso rivalizam-se no emprego de maquinaria aperfeiçoada que substitui força de trabalho e na aplicação de novos métodos de produção. Mas, em todo ciclo industrial, chega o momento em que se procura baratear as mercadorias, diminuindo a força o salário abaixo do valor da força de trabalho (Marx, 1998: 518/129).

Vemos, portanto, que aquilo que poderia ser visto como positivo para o avanço da humanidade e facilitador da vida em sociedade, que é o avanço técnico e científico, acaba sendo um problema e fonte de exploração e lucro, pelo fato do sistema em que a atual sociedade é organizada não estabelecer um limite. Então, em vez de os avanços científicos e tecnológicos estarem à disposição da sociedade são

apossados por um número cada vez menor de grupos de pessoas no mundo todo, deixando milhares sem o conhecimento e acesso às inovações realizadas e outros milhões à mercê das condições de vida em sociedade, na pobreza, sem as mínimas condições de viver.

Verificamos esse processo tanto no interior das empresas frigoríficas, como na sua forma de produzir a matéria-prima. As empresas são obrigadas a atualizarem-se no que há de mais moderno em termos de maquinários, diminuindo o custo da produção e, mesmo assim, grandes dificuldades apresentam-se para que elas mesmas possam manter-se no ramo de sua atuação. Neste sentido, a produção da matéria-prima (frangos, perus ou suínos) constantemente vem sendo mudada, deixando igualmente centenas de produtores isolados do processo, pela falta de capacidade de investimentos ou suprimindo definitivamente o trabalhador do campo.

Vejamos melhor, a seguir, o sistema implantado para obtenção da matéria-prima.

4.3 A obtenção da matéria-prima - o sistema de integração

Se ficássemos numa análise apenas local para um estudo da organização do espaço, sem buscar elementos numa escala mundial, correríamos o risco de sermos parciais. Pois, cada dia mais, “os subespaços do mundo subdesenvolvido são dominados pelas necessidades das nações que estão no centro do sistema mundial” (Santos, 1992: 21), e não resultado das necessidades imediatas do lugar. Os espaços são hoje forçados a usar suas características e necessidades próprias em benefício de um todo mundializado. O crescimento econômico de Chapecó, como já foi dito, é, indiretamente, fruto das determinações impostas dos países centrais, através de projetos que visavam ao aumento da produtividade agrícola (por exemplo, o crédito supervisionado) e das características do próprio lugar (Chapecó) que iriam possibilitar o seu crescimento econômico. Como Chapecó não é uma ilha, as

empresas que aí estão jamais iriam conseguir chegar no estágio de crescimento, se elas não usassem as técnicas, a tecnologia e a diversificação de produtos para competirem com o mercado nacional e mundial, expandindo-se, não só no comércio, como também na implantação de filiais em outros locais do país. As regras do sistema capitalista são impostas de fora e cabe aos locais adaptarem-se a elas e sobreviverem às imposições.

A agricultura não é mais um espaço responsável exclusivamente pelo fornecimento de produtos para a sobrevivência da humanidade. O que se observa é que ela “é cada vez mais transformada em simples ramo da indústria e é dominada completamente pelo capital” (Marx, 1986: 18). Com o crescimento das agroindústrias em Chapecó fica mais real esta afirmação. A agricultura, nos primeiros anos da colonização, tinha como objetivo atender às necessidades imediatas do próprio agricultor e do comércio, que também tinha a função de atender às necessidades do pequeno número de população urbana que habitava o local. Esta agricultura passa, posteriormente, a atender aos interesses das agroindústrias. A produção agrícola é controlada por elas, selecionando produtos e produtores de acordo com as suas necessidades.

A completa reestruturação das empresas, a manutenção do seu ritmo de crescimento, numa visão de aumentar os lucros sem com isso onerar o consumidor, incluindo a possibilidade de trabalhar com maior valor agregado nos produtos, só se faz possível se essas mudanças extrapolam também o interior da empresa. O cuidado na obtenção de matéria-prima, com qualidade, em menor espaço de tempo e com maior rendimento, dá-se com um intenso processo de modificação de toda a cadeia produtiva. Isto quer dizer que todo o processo de produção da matéria-prima ao longo deste tempo tem passado por intensas transformações, como veremos a seguir.

O segmento de aves

O sistema de integração é a maneira mais certa de obtenção da matéria-prima, em termos de quantidade e qualidade e com periodicidade segura,

possibilitando à empresa planejar suas atividades num esquema em que não falte e nem sobre matéria-prima.

O sistema funciona diretamente com os agricultores, sendo que o avicultor, dono das instalações físicas do aviário, é responsável pela mão-de-obra no processo de criação das aves.

As empresas proporcionam aos integrados o fornecimento de pintos de um dia, ração, medicamentos e assistência técnica, garantindo assim, o suprimento de matéria-prima. Este sistema integrado de criação de aves responde por 100% das necessidades das empresas.

Atualmente algumas empresas controlam o desenvolvimento genético a partir de suas relações com a produção internacional. É o caso da Agrocere, pioneira de importação de bisavós a partir de 1987. A Perdigão conseguiu desenvolver um banco genético próprio: o chéster, resultado da combinação de sete raças puras importadas dos EUA, em 1979. A Sadia, através de uma joint venture com o grupo canadense Hybrid, passou a controlar a importação das avós de perus. Dessa associação criou-se, em 1976, a Hybrid Ltda, com sede em Chapecó (atualmente pertencente ao município de Guatambu). A Sadia detém 51% do total do capital dessa empresa (Pimenta, 1984:26). Atualmente a Sadia continua importando os ovos do Canadá, que vão dar origem às avós de perus e dos frangos.

A partir da criação da Hybrid Agropastoril S.A, possibilitou à Sadia o desenvolvimento de várias unidades especializadas no melhoramento genético: Sadia Agropastoril Paranaense (Palmas) S.A, Sadia Agropecuária S.A Catarinense (Faxinal dos Guedes) S.A e Sadia Agropastoril Goiás S.A (Goiás)

As empresas têm sempre buscado inovar, no sentido de obter sempre o maior número possível de aves em menor espaço de tempo e também com o menor número de integrados possível, diminuindo os custos com transportes. Para isso, todo o sistema de criação das aves tem que estar em constante processo de mudanças no que se refere aos equipamentos e para o próprio funcionamento dos aviários.

Em Chapecó a empresa que tem estado à frente neste processo é a Sadia, que utilizaremos como exemplo.

Atualmente a Sadia está orientando os avicultores para a instalação de aviários automatizados e climatizados. Os aviários tradicionais possuem uma área de 1.200 m², com capacidade para alojar 12.000 pintinhos por lote. O aviário automatizado e climatizado possui uma área de 1.500 m² e capacidade para alojar, em média, 28.000 pintinhos por lote. A mortalidade de pintinhos no novo sistema fica em torno de 1%, enquanto que nos aviários tradicionais ficam entre 3 a 4%, ou mais. O ganho de peso também é significativo neste novo sistema, sendo em média 10% maior por dia em relação às aves criadas em sistema tradicional.

O sistema de funcionamento destes aviários pode ser descrito através das seguintes operações. Quando a temperatura interna é baixa, o quadro de comando operacionaliza a entrada necessária de ar de acordo com os parâmetros pré-estabelecidos, garantindo uma renovação de ar, sem alterar a temperatura. Quando a temperatura interna do aviário aumenta, o sistema aciona a abertura das cortinas para neutralizar o calor até o limite dos recursos externos naturais. Se o exigido da temperatura não for alcançado, o quadro de comando fecha as cortinas e aciona o comando de ventilação e refrigeração por túnel. Esse túnel é um conjunto de exaustores colocados numa extremidade do aviário, que acionados, puxam o ar da outra extremidade, fazendo-o percorrer todo o aviário, numa velocidade de um metro por segundo. Este sistema funciona com completa vedação, inclusive no forro onde é utilizada cortina impermeável. A entrada de ar só se dá pelo painel de refrigeração. Este painel de refrigeração é uma espécie de parede de favos de celulose, que são umedecidos através de bomba. Quando o ar passa através destes favos, ele se refrigera e distribui esta refrigeração em todo o aviário. Isso leva à redução de amônia, pela troca constante do ar e um controle da umidade na fase inicial, provocada pela condensação do forro (Fatos & Dados, 1997: 05).

Podemos observar através das fotos nº 2 a 21 os equipamentos utilizados num aviário com sistema automatizado e climatizado.

A Sadia trabalha com a idéia de diversidade na propriedade agrícola. Com a introdução da nova tecnologia nos aviários, há eliminação de duas pessoas no trabalho de manutenção, cuidados e organização dos aviários. Apenas uma pessoa tem condições de desenvolver todo o trabalho num aviário de 100 metros. Isso gera um aumento da produtividade com menos perdas, e as demais pessoas têm condições de atuar em outras atividades da propriedade. Na visão da empresa, quanto maior a produção de milho e outros insumos na propriedade do avicultor melhor, pois isso representa menos custos de produção para o agricultor, gerando condições econômicas melhores. Melhorando a aparência da propriedade, isto vai reverter em marketing para a própria empresa, passando a idéia de prosperidade dos agricultores sob a sua integração.

Porém, esse novo sistema representa uma grande dificuldade para o agricultor, pois os investimentos necessários para equipar o aviário com esse novo sistema são bastante altos.³⁴ Um sistema automatizado completo para aviário fica em torno de R\$ 40.000,00. Este investimento, bastante significativo para uma propriedade agrícola, leva muitos agricultores a serem eliminados do processo produtivo por não terem condições financeiras para realizar tais investimentos.

³⁴ Segundo informações colhidas na Avemarau (Representante comercial instalada em Chapecó da indústria de equipamentos para aviários - Avemarau, de Marau no Rio Grande do Sul), e através de uma visita na propriedade do Sr. Ari Somacal, agricultor que implantou esse novo sistema, no município de Guatambu, próximo a Chapecó.

1. O Sistema de Ambiente Controlado

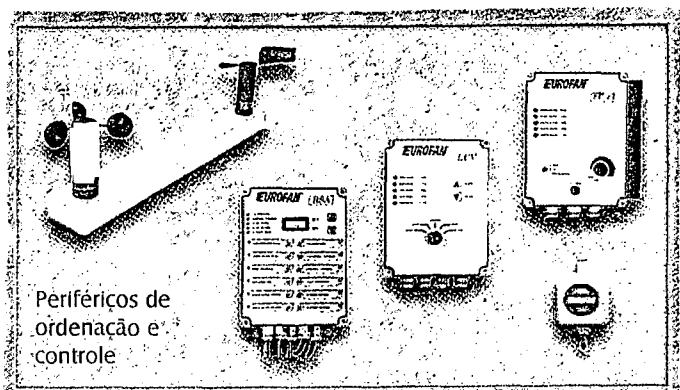


Foto 02: Sistema de controle RCI. Ideal para galpões de frangos. Comandado por sondas de temperatura interior e exterior, sensor de U.R. e estação meteorológica. Possibilita controle de cortinas, ventiladores, calefação e refrigeração, mantendo no interior do galpão as condições de temperatura e umidade pré-determinadas



Foto 03: Sistema de controle computadorizado EHG-PLUS. Utilizado em galpões de frangos, matrizes, etc. Comandado por sondas de temperatura, umidade e estação meteorológica. O software controla cortinas, ventiladores, refrigeração, calefação e iluminação. Permite ajustes preciosos e correção automática por influências, além da introdução de curvas de dados e controle dos resultados.

Foto 03: Monitoramento de parâmetros do ambiente do galpão.

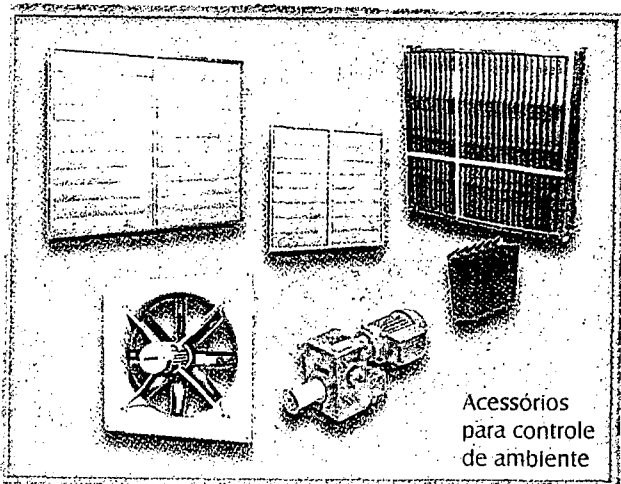
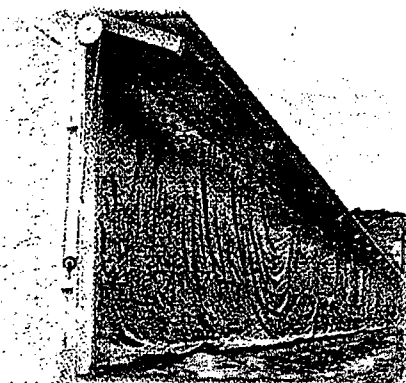


Foto 04: Cortina.



1.1. Ventilação e nebulização para proporcionar um ambiente agradável quando o clima estiver muito quente.

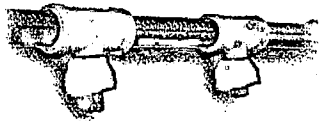


Foto 05
Sistema de nebulização - Climave

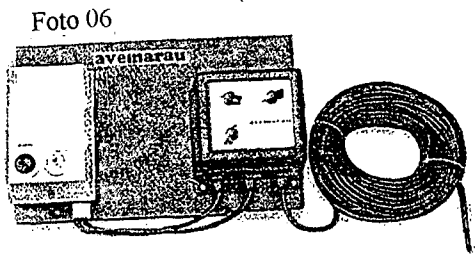


Foto 06

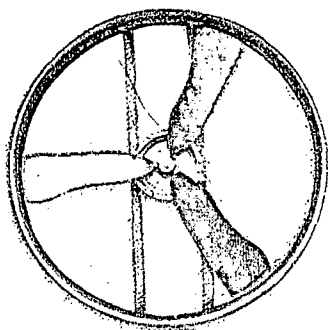


Foto 07
Ventiave - P3D

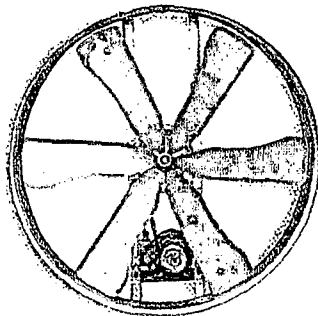


Foto 08
Ventiave - P6C

1.2.Sistema de aquecimento para fornecer temperatura superior e uniforme.

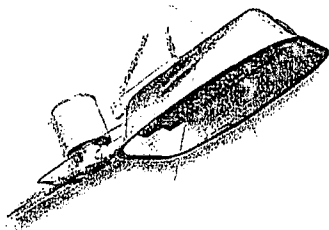


Foto 09
Campânula Aveterm

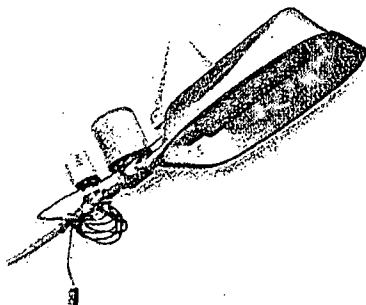


Foto 10
Campânula Aveterm
c/ Controle individual

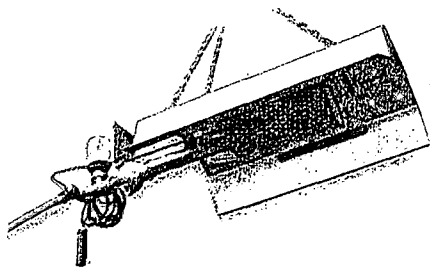


Foto 11
Campânula Megaterm

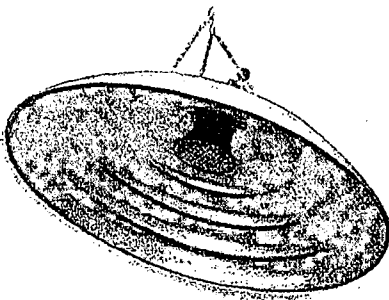


Foto 12
Avegás P1

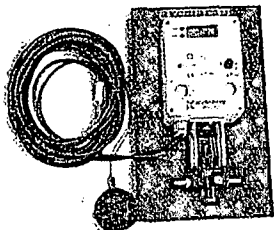


Foto 13
Controlador Alketron

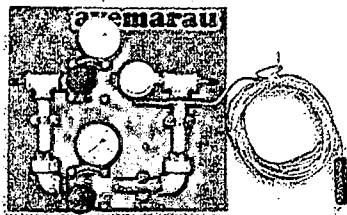


Foto 14
Controlador Alketerm

2. Bebedouros

Linha completa de distribuição de água para diferentes situações.

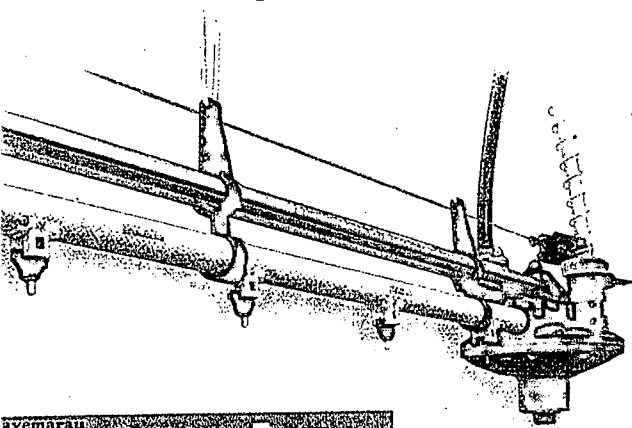


Foto 15
Bebedouro tipo nipple
Avedrink

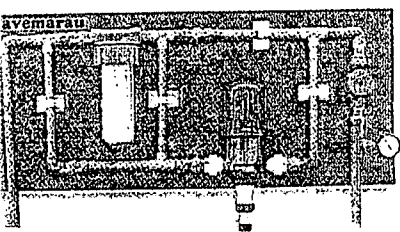


Foto 18
Dosador de medicamentos
e filtro de água

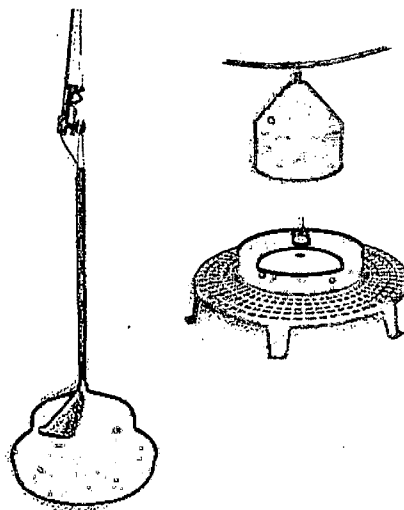


Foto 16
Bebedouro pendular

Foto 17
Bebedouro
infantil
automático
Avematic

3. Comedouros

Distribuição de ração manual ou automática, permitindo uma alimentação completa em todas as fases.

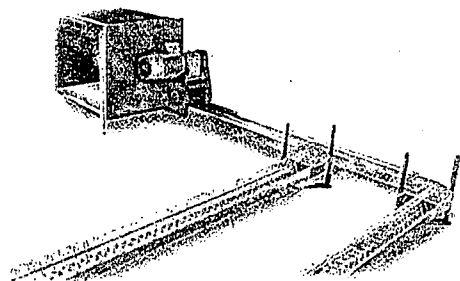


Foto 19 Comedouro automático de corrente

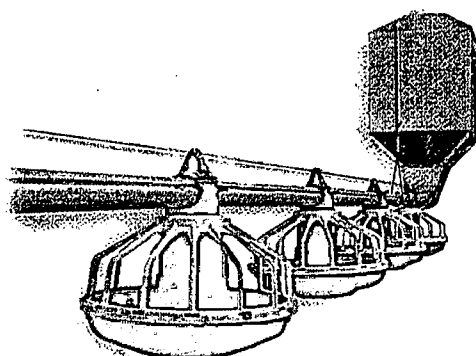


Foto 20
Comedouro automático - Aviflex

Fonte: Catálogo de produtos da empresa Avemarau

3. Postura

O ninho automático oferece um ambiente ideal para a ave, proporcionando um melhor resultado de postura

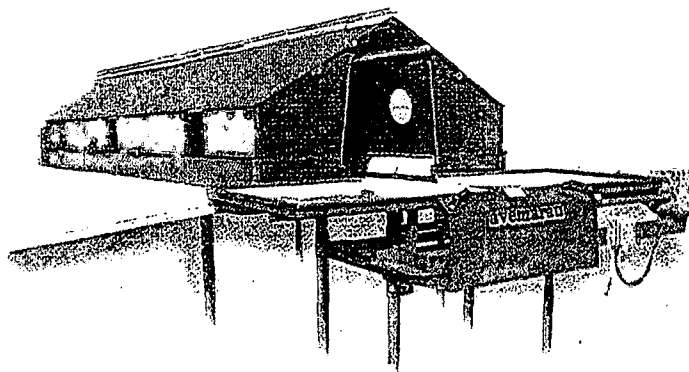


Foto 21
Ninho automático - Aveggs 2000

Fonte: Catálogo de produtos da empresa Avemarau

Atualmente a Sadia possui 1.760 aviários em 1.452 integrados e ainda uma granja particular de 100 aviários com 100m cada, que produzem frangos para abate no atual município de Guatambu - SC, próximo à cidade de Chapecó. Segundo informação em entrevista na Sadia, esses aviários foram desativados e as aves alojadas nestes locais foram remanejadas para os aviários dos integrados. Com o novo sistema de aviários automatizados não haverá necessidade de integrar novos agricultores para suprir a necessidade com a venda da Fazenda Guatambu. Essa venda é justificada para impedir o desligamento de integrados em função do novo sistema e evitar o agravamento de um problema social que já existe. Com o investimento no novo sistema de criação de aves, anteriormente descrito, a Sadia não terá necessidade de fazer novos investimentos, ficando esses investimentos por conta apenas dos avicultores integrados. A Sadia obterá ganhos vantajosos sem se preocupar com gastos para pôr o sistema em

funcionamento. O novo sistema vai onerar o avicultor e não a empresa, revertendo em lucros para a Sadia.

A automação faz-se presente também nos aviários produtores de ovos para a produção de pintos, através da instalação de ninhos automáticos para a coleta de ovos. A Sadia, pioneira deste processo na região, instalou os ninhos automáticos (veja foto nº 18) no núcleo de aviários em Ponte Serrada. A automação de todos os núcleos será concluída até o final de 98 (Integração Sadia, 1998).

As Organizações Chapecó possuem três unidades produtivas responsáveis pelo abate e industrialização de aves, em Xaxim -SC, Amparo- SP e Cascavel- PR. A maior e a mais bem estruturada é a unidade de Xaxim - SC, que possui uma área construída de 196,3 mil metros quadrados. Suas câmaras frias podem estocar 1.200 toneladas de carne. Na mesma unidade possui ainda uma fábrica de ração com capacidade de produção de 40 toneladas/horas.

No distrito de Marechal Bormann, em Chapecó, e em Chapecó, a empresa possui mais duas fábricas de ração com capacidade de produção de 10 mil ton/horas em cada uma. Os 6.000.000 de pintinhos que são gerados mensalmente são produzidos nos dois incubatórios localizados no Distrito de Marechal Bormann em Chapecó e em Xaxim.

Segundo Espíndola (1996) o governo brasileiro foi o responsável para financiar e regularizar o programa de melhoramento genético de aves no Brasil. Desta forma, foi definido que a partir de 1975 as empresas deveriam importar as avós e formar seus próprios plantéis. Assim o governo federal financiou projetos e criou o Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves, em 1975, com sede em Concórdia - SC.

Segmento de suínos

No segmento de suínos, o sistema de integração é a maneira mais utilizada para o fornecimento da matéria-prima às empresas. Este sistema é fundamental para manter o controle da qualidade dos suínos que chegarão aos frigoríficos. No caso da

Coopercentral, até há algum tempo, era mantido o sistema de integração apenas para o fornecimento de ração, mas neste sistema a empresa acabava não tendo controle total dos suínos a receber. Para obter esse controle, a Coopercentral criou o sistema Suicooper, que é um novo sistema verticalizado, onde a Coopercentral fornece praticamente todos os insumos (leitões, medicamentos, ração, concentrado e assistência técnica), e o integrado presta serviço, ou seja, entra com a mão-de-obra através da engorda dos animais e recebe por isso.

A seleção dos suinocultores é feita da seguinte forma: para o sistema tradicional o produtor terá que ter no mínimo cinco matrizes para fazer parte da integração, e instalações em condições de uso; para o sistema vertical o produtor terá que ter instalações adequadas e mão-de-obra disponível.

Certamente esse novo sistema tem seus reflexos positivos para a empresa, principalmente no aumento da produção e da produtividade e no controle da quantidade e da qualidade de suínos necessários para o abate.

Como podemos ver na tabela nº 16 e no gráfico nº 2 o aumento do abate de suínos tem sido significativo desde o ano de 1973, ano do início das atividades da Cooper Central. Incluem-se os dados dos abates da unidade de Chapecó e a partir de 1982 a unidade de São Miguel do Oeste. De 1980 a 1989 os dados demonstram também os abates do frigorífico de Presidente Getúlio -RS, que foi comprado e posteriormente vendido.

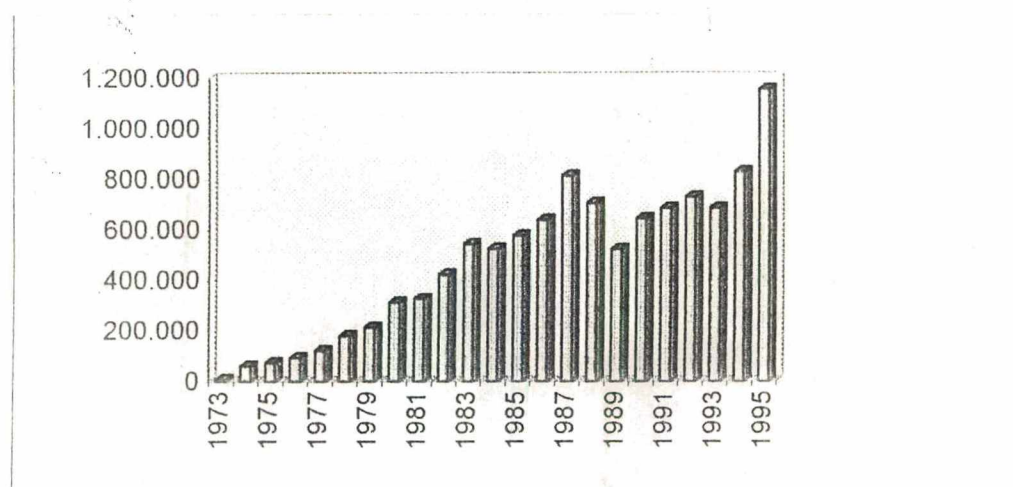
Tabela nº 16: Abates de suínos realizados pela Coopercentral desde o início de sua atividade - em cabeças.

Ano	Chapecó	P. Getúlio	S.M. Oeste	Total
1973	7.593			7.593
1974	60.108			60.108
1975	72.108			72.108
1976	92.603			92.603
1977	122.733			122.733
1978	180.876			180.876
1979	212.925			212.925
1980	247.253	66.543		313.796
1981	225.269	102.281		327.550
1982	178.745	65.999	178.730	423.474
1983	206.280	71.715	256.750	543.745
1984	187.072	72.117	267.245	526.434
1985	191.825	81.053	305.154	578.032
1986	210.762	100.359	328.313	639.434
1987	258.137	156.355	398.981	813.473
1988	249.568	115.654	339.095	704.317
1989	208.069	25.178	291.247	524.494
1990	251.295		391.926	643.221
1991	270.326		412.999	683.325
1992	281.784		447.239	729.023
1993	341.028		343.206	684.234
1994	463.400		365.102	828.502
1995	758.536		397.784	1.156.284
1996	³⁵			1.384.844

Fonte: Relatório anual 1995 - Coopercentral Ltda. Elaboração da autora.

³⁵ Os dados referentes aos abates realizados em cada unidade não foram possível para o ano de 1996.

Gráfico 2: Abate de suínos realizado pela Coopercentral desde o início de sua atividade - em cabeças.



Fonte: Relatório anual 1995 - Coopercentral Ltda. Elaboração da autora.

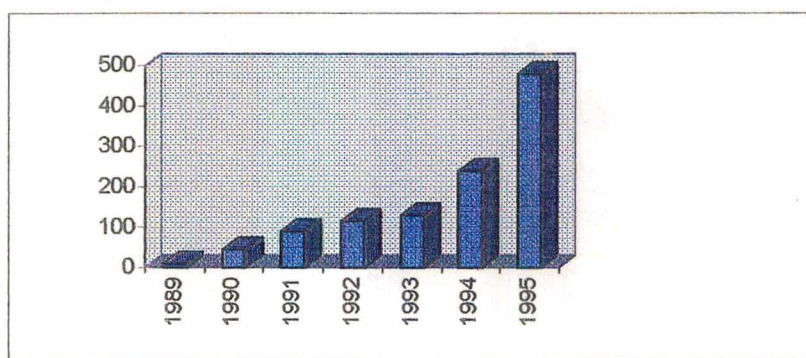
Observou-se igualmente desde os anos 80 um crescente aumento de integrados e de entrega de matrizes, sistema que garante a matéria-prima aos frigoríficos. Segundo dados do Relatório de 1995, o número de produtores integrados em 1980 era de 215, sendo entregues 5.400 matrizes reprodutoras, e em 1995, o número de produtores integrados já era de 8.491 e o número de matrizes entregues passou para 86.497. Porém, estabelecendo-se um comparativo entre o aumento do abate, a evolução dos números de integrados, e o repasse de leitões, podemos ver que a partir dos anos 80 há uma contínua evolução desses índices. A partir de 1989, entretanto, não foi significativo o aumento do números de integrados se comparado com o número de repasse de leitões, confirmando, portanto, que o acréscimo de abate deu-se através da melhoria do sistema de integração, ampliação e adequação dos chiqueiros e introdução de novas técnicas de produção do suíno, garantindo um suíno com melhor qualidade, sobretudo o suíno tipo carne exigido hoje pelo mercado.

A implantação do sistema de repasse de leitões que aconteceu em 1989, também tem tido constantes acréscimos, o que refletiu diretamente no abate e na

produção frigorífica. Esse crescimento pode ser observado pelos dados, observando-se que em 1989 foram repassados 7.853, e em 1995, 482.295 leitões. Veja gráfico nº 3.

Para este aumento, o sistema de funcionamento das Granjas Aurora também tem aumentado sua capacidade de produção objetivando atender à demanda dos integrados e às necessidades das unidades frigoríficas. Há, assim, um aumento da qualidade e da quantidade através de maior produtividade sem com isso aumentar o número de integrados.

Gráfico 3: Repasse de leitões de 1989 a 1995 feito pela Coopercentral, no novo sistema de integração - em cabeças.



Fonte: Relatório anual 1995 - Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda -
Elaboração da autora.

A Chapecó Alimentos com o objetivo, igualmente, de responder às exigências do mercado e de conquistar novos segmentos de mercado, atua para se manter competitiva através de investimentos em novos produtos. Dentro de estratégias de ação que visam à qualidade e agilidade, vem procurando inovar as linhas de produção com novos equipamentos, bem como melhorar o processo de obtenção da matéria-prima.

Além de implementar melhorias na suinocultura em todas as fases da produção, do aprimoramento genético até a industrialização e comercialização, as Organizações Chapecó cuidam do fornecimento de rações e assistência técnica aos

produtores integrados, mantendo controle sanitário em todas as fases do processo. O mesmo sistema de integração é a principal forma para obtenção de matéria-prima, porém com algumas especificidades próprias, conforme veremos a seguir.

Para garantir a matéria-prima necessária ao abate, a empresa conta com os seguintes tipos de fornecedores:

1. Integração direta - caracteriza-se pelo relacionamento técnico e comercial entre a empresa e o criador. O criador recebe a assistência técnica direta e todos os insumos (rações, medicamentos). Os insumos são faturados diretamente ao criador. A empresa recebe os suínos e paga ao criador o preço do mercado. Em junho de 1997 este sistema contava com 530 integrados, com capacidade de alojamento de 7.350 matrizes.

2. Integração via comerciantes - caracteriza-se pela existência do intermediador entre a empresa e o criador. Todos os insumos são faturados em nome do comerciante e estes os repassam aos criadores. Da mesma forma os suínos são adquiridos pelo comerciante e entregues à empresa. Neste regime, a empresa presta assistência direta ao criador através dos técnicos do fomento.

3. Os fornecedores integrados / parcerias - conforme o tipo de produção, podem ser divididos em três categorias: Unidades Produtoras de leitões (UPLs)

Unidades Terminadoras de Terceiros (UT's)

Unidades terminadoras próprias

O relacionamento entre os proprietários de UPLs e a empresa é direto, ou seja, os criadores recebem assistência técnica e insumos. O criador vende os leitões com peso de 20 a 25 Kg à empresa. Em junho de 1997, este sistema contava com 165 integrados, com capacidade de alojamento de 7.560 fêmeas.

As unidades terminadoras de leitões são criações nos quais os produtores recebem os leitões de 20 a 25 quilos, ração, medicamentos e assistência técnica da empresa. O criador tem a obrigação de entregar os suínos para abate na data estabelecida pela empresa. A sua remuneração depende da qualidade do lote que está entregando para o abate.

As unidades terminadoras da empresa recebem leitões adquiridos junto às UPL's e os engordam até que fiquem em condições de serem encaminhados para o abate. Em junho de 1997, este sistema de parceria contava com 260 fornecedores, com capacidade de alojamento de 92.000 suínos.

4. Os criadores não integrados não mantêm qualquer vínculo com a empresa. Adquirem os insumos junto aos fornecedores e vendem sua produção a quem fizer melhor oferta.

A evolução recente da distribuição dos sistemas de obtenção de matéria prima da empresa Chapecó em seu comportamento quanto à aquisição de suínos vivos por tipo de fornecedor, pode ser observada na tabela 17.

Tabela nº 17: Aquisição de suínos vivos por tipo de fornecedor das Organizações Chapecó.

Tipo de forn./período	1993	1994	1995	1996	jun.97
Integração direta	20%	20%	42%	40%	35%
Integração via comerciante	42%	44%	9%	10%	20%
Forn. Integrado parceria	30%	31%	48%	50%	25%
Forn. Não integrado	8%	5%	1%	0%	20%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Perfil Empresarial, 1997.

As mudanças observadas no ano de 1997 quanto ao aumento de 20% dos fornecedores não integrados, segundo entrevista, na empresa, devem-se a estratégia da empresa diante da crise que vem passando, no sentido de conseguir melhores preços juntamente com outros produtores. Segundo informação, mesmo diante da mudança não foram fechadas granjas produtoras e nem ocorreu desligamento de integrados. Observou-se sim uma diminuição da produção.

As matérias-primas dessas empresas - Aurora, Sadia e Chapecó - são provenientes dos três estados do Sul do país. Principalmente da Região Oeste de Santa Catarina.

O melhoramento genético no setor de suínos também tem sido preocupação de todas essas empresas. Os melhoramentos começaram em 1977. A Sadia trabalha com animais de origem norte americana e européia (Landrace, Large White e Duroc), e obteve com os cruzamentos o Hiper Sadia. Hoje todo o suporte de criação de suínos está apoiado em suas fazendas agropastoris (Espíndola, 1996).

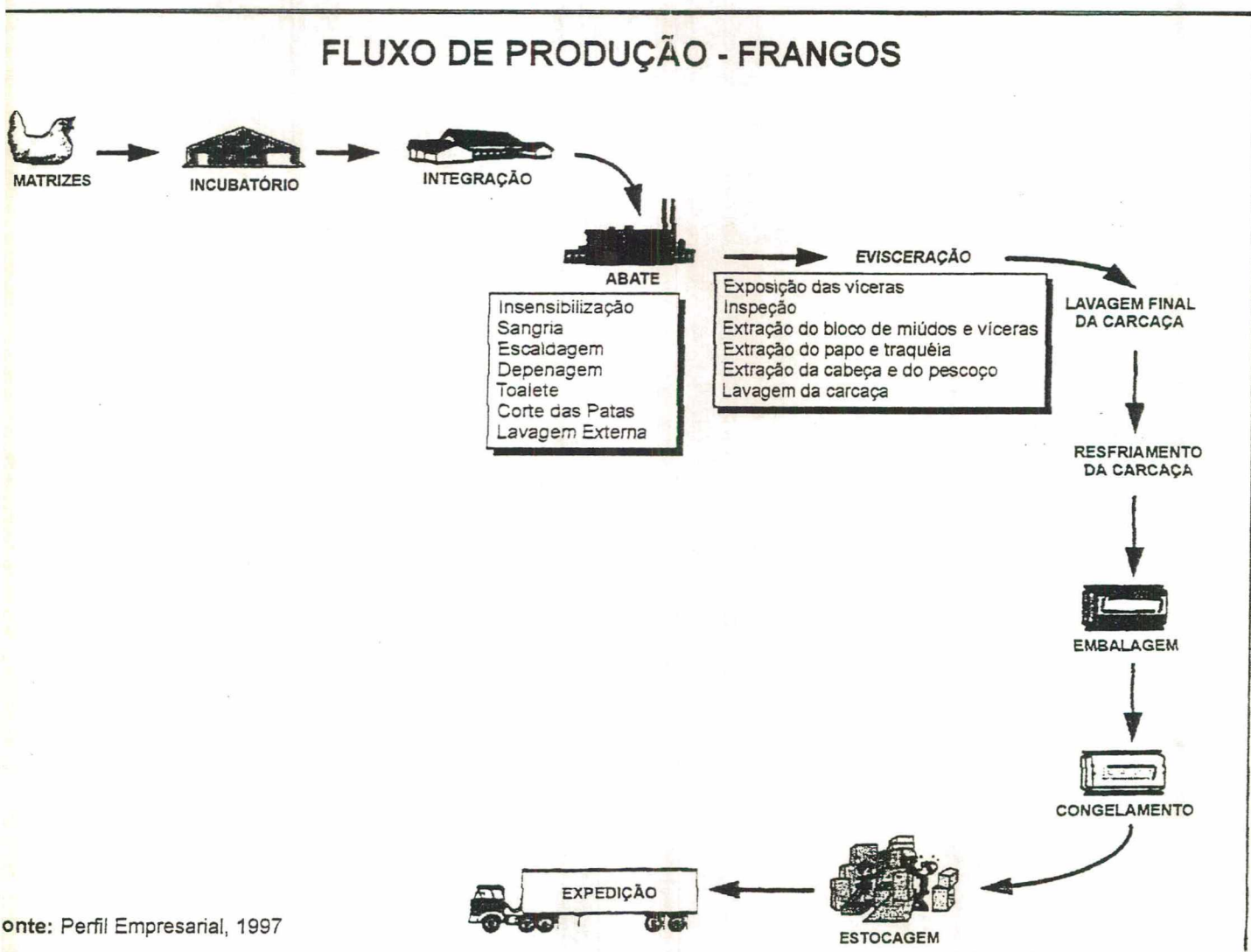
O grupo Chapecó investiu no melhoramento genético através de duas granjas, uma em Chapecó e outra em Ponte Serrada. Os investimentos foram em raças Landrace, Large White e Linha macho.

Todas as empresas possuem o objetivo de produzir um suíno contendo a menor quantidade possível de gordura na carne, ou seja, um suíno tipo carne. É neste sentido que a Aurora vem investindo no controle da qualidade do suíno através da tipificação da carcaça.

5. Processo de Produção e industrialização

1.1. Segmento de aves.

O processo de produção do frango congelado é extenso, envolve 55 operações. Apresenta pequenas diferenças segundo o destino da produção, variando conforme o mercado seja interno ou externo. Sintetizando o fluxo de produção, sem mencionar as diferenças, podemos assim demonstrá-lo:



A preparação do aviário onde são criadas as matrizes requer a retirada do adubo (cama de aviário velha) do lote anterior, e em seguida lavagem, caiação (pintura com cal) e desinfecção do ambiente. Posteriormente é colocada maravalha³⁶ nova isenta de agentes contaminadores e faz-se a distribuição dos equipamentos no interior do aviário.

A fase da cria dura de 0 a 4 semanas, iniciando-se com o recebimento da matriz de um dia. Nesse período realiza-se a vacinação ocular e via água, corte do bico, separação das aves por faixa de peso e distribuição da ração. Logo após vem a fase da recria que dura de 5 a 23 semanas, onde é feita vacinação, seleção, pesagem, distribuição da ração e acasalamento.

A fase da produção vai da 24^a a 66^a semana, quando se realiza a coleta e desinfecção dos ovos para os incubatórios, onde é feita a distribuição dos ovos. Os ovos viáveis para a incubação permanecem alojados em bandejas plásticas alveoladas, durante um período médio de 3 dias em um ambiente com temperatura e umidade próprias.

Depois da fase de incubação, que dura em média 19 dias, os ovos são transferidos para câmaras de eclosão, permanecendo por dois dias. Em seguida é realizado o processamento de pintos, onde é feita a separação dos defeituosos, vacinação e monitoria profiláticas, sendo transferidos para os aviários dos integrados. Já nos primeiros dias de idade das aves, inicia-se um processo rotineiro de visitas de técnicos veterinários, efetuando toda a orientação para as diferentes fases da criação até o abate. A fase de terminação das aves nos aviários dos integrados dura de 40 a 48 dias, dependendo do peso da ave necessário ao atendimento dos diversos mercados.

O processo de produção inicia-se com o frango pendurado de cabeça para baixo, de forma a facilitar as operações de abate. Em seguida ele é imobilizado ao passar com a cabeça num recipiente que contém água eletrificada. Posteriormente é realizada a sangria. Uma vez abatido, o frango passa para um tanque de escaldagem

³⁶ Pedacinhos e fragmentos de restos de madeiras utilizados nos aviários, cuja função é manter a limpeza e a higiene dos aviários.

(com água na temperatura entre 58 a 65 graus centígrados) e em seguida passa para as depenadeiras automáticas. Na sequência passa por toalete onde são retiradas as penas remanescentes.

Após o banho, muda-se a posição do frango que, agora, fica dependurado pela cabeça. Suas patas são escaldadas e as unhas extraídas.

Concluída a fase do abate, o frango passa por um chuveiro de água fria e lavagem externa das carcaças.

A evisceração tem início com a extração da cloaca e corte do abdômen para exposição das vísceras. Após esta operação, o Serviço de Inspeção Federal - S.I.F. faz a vistoria para verificar se o frango está em condições de consumo. Quando considerado impróprio é transportado para a seção de aproveitamento de resíduos.

Após a inspeção, são extraídos os miúdos (moela, fígado e coração) e as vísceras não comestíveis. Os miúdos são transportados para a seção de resfriamento, e posteriormente são reintroduzidos nas carcaças ou são embalados e vendidos.

A evisceração termina com a lavagem automática da carcaça (túnel de lavagem), após a extração do papo, traquéia, pulmão, cabeça e pescoço do frango. Após esse processo, os frangos são desenganchados automaticamente e caem num lavador mecânico de carcaças. Essa lavagem final tem por objetivo eliminar todo e qualquer resíduo do abate e da evisceração. Em seguida, o frango é encaminhado para o resfriador de carcaças.

O resfriador tem como função auxiliar o congelamento posterior da carcaça, e realiza-o através da aplicação de choque térmico (água e gelo na temperatura de 3 a 5 graus). Em seguida, o frango é encaminhado para a embalagem.

A embalagem é feita após a reintrodução dos miúdos (se for o caso) e o frango ter passado pelo controle de qualidade final. A pesagem (balança seletiva) alimenta as mesas de embalagens. Após a colocação dos miúdos, é feita novamente a pesagem.

Embalado, o frango é encaminhado para o congelamento e, em seguida, para a estocagem nas câmaras frias. No congelamento, o frango é submetido a uma

temperatura de 40 graus negativos com a finalidade de conservar a qualidade do produto. Congelado e mantido em câmaras frias, o produto está pronto para a expedição.

1.2. Segmento de suínos

Quanto ao processo de produção do segmentos de suínos utilizaremos aqui o exemplo das Organizações Chapecó, ressaltando-se as especificidades de cada empresa. O processo é semelhante para as demais.³⁷

As Organizações Chapecó possuem três núcleos de isolamento, o núcleo assegura total controle do material genético e da proliferação de doenças. A partir de 1997 a empresa possui 1.200 fêmeas e 160 machos/mês, totalmente integrados aos suinocultores.

A Chapecó recebe em seu núcleo de genética as bisavós da linha fêmea e estas irão produzir as fêmeas comerciais (F-1). Recebe também as avós da linha macho que serão cruzados e produzirão os machos comerciais (híbrido). O ciclo para a produção da fêmea é de aproximadamente 600 dias e do macho 300 dias. As fêmeas (F1) e o macho híbrido são vendidos às unidades produtoras de leitões (UPLs).

O integrado da UPLs recebe as fêmeas com aproximadamente 100 Kg. Em 150 dias são gerados os leitões, que em 60 dias atingirão 60 Kg, momento em que serão repassados às unidades de terminação, onde permanecerão aproximadamente 100 dias até atingirem o peso ideal do abate.

O produtor ciclo total recebe a fêmea com 100 Kg, produz o leitão em 210 dias (150 dias para a produção e 60 dias de creche) e termina-os na própria propriedade.

³⁷ Dados obtidos no documento Perfil Empresarial (1997).

processo de produção e de industrialização da carne suína é extenso e complexo, formado por vários processos menores de acordo com o produto que será industrializado.

O processo de industrialização inicia-se com o recebimento dos suínos. Os animais são identificados conforme sua origem e separados para permanecerem em descanso por um período que varia de 4 a 6 horas.

Após o período de descanso, os animais são lavados e depois conduzidos ao abate. São atordoados através de choque elétrico e depois sangrados.

O suíno já morto entra no túnel da escaldagem, onde recebe água e vapor quente para facilitar o processo de depilação. Em seguida passa para a depilação mecânica, recebe uma toaleta através de um chumascamento. Essa fase é finalizada com um banho para retirar os resíduos de pêlos de carcaça.

Em seguida os suínos são eviscerados (retirada de órgãos como: cabeça, pés dianteiros, coração, fígado etc.), sendo os órgãos examinados pela inspeção federal para destacar as possíveis doenças prejudiciais à saúde do homem.

A carcaça continua seu processo, sendo dividida em duas meias carcaças e, é, em seguida, inspecionada pela inspeção federal, eliminando as que apresentarem problema.

A carcaça liberada pela inspeção recebe uma toaleta final e é classificada de acordo com o peso e o percentual de carne que apresenta. Em seguida é destinada às câmaras de resfriamento, permanecendo por 16 a 17 horas, atingindo temperatura interna em torno de 7°C, temperatura que visa evitar o crescimento bacteriano.

Após o resfriamento, as carcaças são encaminhadas para o espostejamento e divididos em quatro grandes cortes: pernil, paleta, carré e barriga. Esses quatro cortes são transportados até a desossa, onde são separados de acordo com o processo de produção de cada produto.

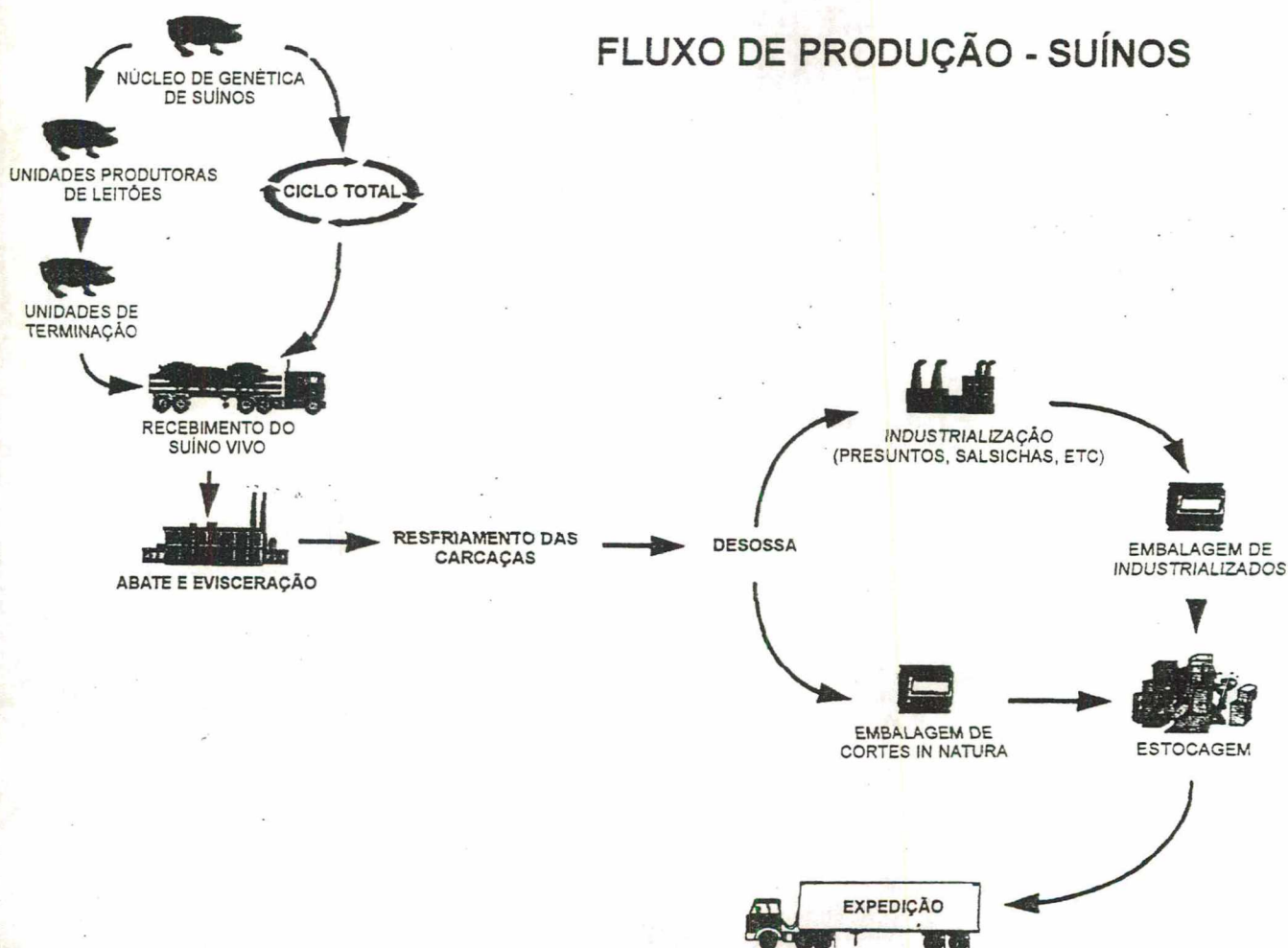
Da desossa os cortes podem ser destinados à industrialização, onde são feitos os produtos embutidos, ou podem ser embalados para a embalagem de cortes “in natura”.

Com os exemplos deste processo produtivo é possível perceber quais suas etapas e como, o mesmo estando sob o controle da empresa, extrapola os limites dela. Para atender à demanda de produtividade a empresa cria um espaço, adequando os diferentes lugares necessários ao seu processo produtivo.

Para que as inovações do processo produtivo ocorram as mudanças vão além do interior da empresa. Desta forma, os suinocultores e avicultores necessitam readequar suas propriedades segundo as orientações das empresas, objetivando atender às demandas por elas criadas. Cria-se, assim, uma interdependências de ações e dos lugares, comandada por essas empresas.

Observemos a seguir uma síntese esquemática do ciclo da produção de suínos.

FLUXO DE PRODUÇÃO - SUÍNOS



6. Recursos Humanos

A política de recursos humanos dessas empresas tem procurado dar prioridade ao aproveitamento interno. O treinamento é, então, uma das principais atividades para qualificar, desenvolver, aperfeiçoar e especializar os recursos humanos, buscando maior capacidade profissional e industrial, maximizando, no dizer da empresa, a eficácia dos indivíduos e da organização.

A mão-de-obra na maior parte é proveniente da própria região. Algumas empresas dão preferência aos migrantes das áreas rurais, pois estes estão adaptados aos trabalhos pesados da agricultura, não apresentando resistência ao trabalho dos frigoríficos.

Como a maioria de seus operários apresenta um baixo nível de escolaridade, as empresas têm investido na formação escolar dessas pessoas. Neste sentido temos observado que tanto a Sadia como a Aurora mantêm escola internamente, na própria empresa. Essa escola tem a função de capacitar os funcionários com o 1º e 2º graus. Há um convênio feito com a Secretaria de Educação do Município ou do Estado. Os professores são pagos pelos respectivos órgãos públicos e a estrutura da escola é mantida pela empresa.

No caso da Aurora, a meta é de que todos os seus funcionários (do setor produtivo) tenham o 2º grau completo até o ano 2000. Para isso, não é contratado ninguém que não tenha o 1º grau e os funcionários estão sendo formados no Centro de Ensino dos Funcionários da Aurora - CEFA. O curso de 2º grau da Aurora é desenvolvido através de convênio também com o SENAI, com o objetivo de preparar os alunos em técnicos de carnes.

Quanto ao ensino superior, as empresas têm patrocinado até 70% do valor das mensalidades, cursos de língua e pós-graduação também têm tido participação na ajuda de custos.

SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e a UNOESC (Universidade do Oeste de Santa Catarina) têm tido papel importante para a formação de profissionais, através de convênios em que as entidades entram com os

profissionais (professores) e a infra-estrutura e a empresa com o pagamento dos custos de seus funcionários e do material didático necessário.

É comum haver também auxílio escola para os filhos de funcionários. No caso da Aurora são fornecidos também diferentes cursos, não ligados a função da empresa, para funcionários, como culinária, corte e costura, pintura, economia doméstica, programa gestante etc.

A formação de quadros administrativos geralmente é feita dentro da própria empresa, através da formação, desempenho e experiência dos próprios funcionários.

Todas essas empresas possuem opções de lazer no seu interior, como ginásio de esportes utilizado tanto como quadra de esportes como para realização de bailes e campos de futebol. Além disso possuem cooperativa de consumo, convênios médicos, convênios com farmácias e com o comércio em geral.

É importante observar que esses últimos objetos fazem parte da estrutura urbana, ligados à área social da cidade. São salões, ginásios de esportes, quadras esportivas, campos de futebol, creches e outros equipamentos que essas indústrias estruturam no seu interior, possibilitando a todos os seus funcionários participar das atividades. Para os funcionários isso é visto como uma forma de lazer que eles possuem e que a grande maioria dos trabalhadores não possui. Essas empresas conseguem envolver completamente a vida do funcionário no interior da empresa. Nos momentos em que o funcionário não está envolvido com o seu trabalho, ela consegue fazer com que ele se envolva com outras atividades ligadas à empresa, não deixando espaços para atuação em outras funções que não sejam aquelas ligadas à empresa.

É assim também que essas empresas festejam o 1º de maio com bailes (baile do trabalhador), gincanas, almoços, cestas básicas e outras atividades. Elas envolvem completamente a vida do operário, não deixando oportunidade para outras atividades. É importante notar que para a maioria dessas empresas e também para a população de maneira geral o 1º de maio é o dia do trabalho e não do trabalhador.

Outro fator que nos chama a atenção é o atrelamento do sindicalismo às empresas agroindustriais. Um verdadeiro fascismo sindical tem-se vivenciado no interior do sindicato da categoria - O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Alimentação de Chapecó e Xaxim. Tanto que em 1988, através de eleição sindical, quem ganhou foi a chapa de oposição à atual diretoria, o que provocou um forte impacto na categoria, no meio sindical, junto ao empresariado e na própria sociedade. Porém, valendo-se do estatuto o vice-presidente da diretoria eleita intitulou-se presidente, provocando um “racha” no interior do movimento, vindo a desencadear a formação de um novo sindicato sob a denominação de Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Carnes e Derivados (SINDICARNES), passando as suas respectivas diretorias a terem um mandato de 10 anos. No final de 97, época de uma nova eleição, a atual diretoria simplesmente realizou uma assembléia esvaziada, com o objetivo de mudar novamente os estatutos na tentativa de unificação, claramente com o objetivo de prolongar ainda uma vez o seu mandato e garantir a sua permanência na direção. Tal fato não veio a se concretizar devido à mobilização dos demais setores sindicais que entraram com requerimento na justiça, tendo parecer favorável, impedindo com isso um novo golpe.

É importante notar que esse sindicato é controlado pela Força Sindical e é totalmente apoiado pelos setores agroindustriais. A sua atuação, objetivando a defesa da categoria, é completamente inexistente, verificando-se uma total falta de democracia e ética sindical, levando um certo medo e insegurança quanto à participação e oposição nos próprios filiados e trabalhadores da categoria de maneira geral.

Outro problema que já é comum no interior dessas empresas, e que é resultado do processo de automação e da superexploração do trabalho humano, é o problema da LER (Lesões por exercícios repetitivos). Segundo informação de uma professora da Escola da Sadia, é comum seus alunos se queixarem de dores localizadas. Casos oficiais já foram detectados em vários funcionários da Sadia.

Vê-se, portanto, que o atual momento de competitividade, de concorrência cada vez mais acentuada, leva as empresas a adaptarem-se a esse novo modelo,

através de investimentos cada vez maiores em máquinas e equipamentos, levando ao desemprego cada vez maior. Aos funcionários que ficam resta uma sobrecarga também maior de trabalho, levando ao aumento de doenças comuns a trabalhadores nestas funções. Pois a LER não é apenas doença causada por movimento repetitivos, mas quanto maior a pressão e a preocupação do funcionário no seu local de trabalho, maior é a possibilidade de contrair a doença, pois o trabalho tenso atinge o sistema muscular, fragilizando-o. É, portanto, uma doença física, mas com causas psicológicas também. Atingindo principalmente as mulheres que devido à sobrecarga de trabalho (afazeres de casa mais o trabalho da fábrica) tornam-se mais suscetíveis à doença.

A subordinação técnica do trabalhador ao ritmo uniforme das máquinas foge ao controle e ao limite do organismo do ser humano. É como nos diz Marx (1996: 487), na produção capitalista “o instrumental de trabalho emprega o trabalhador e não o trabalhador emprega o instrumental de trabalho, trabalho morto que domina a força de trabalho viva, a suga e a exaure”.

CAPÍTULO 4

A REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E SUA RELAÇÃO COM AS AGROINDÚSTRIAS

As agroindústrias em Chapecó podem ser consideradas o carro chefe do desenvolvimento econômico do município e de boa parte da região. Elas formaram um sistema hegemônico regional de produção, determinando a estrutura urbana e principalmente rural, com o objetivo de garantir o seu funcionamento e atender à demanda por elas criadas.

Com as agroindústrias e com seu contínuo desenvolvimento ocorreu uma série de transformações na área urbana de Chapecó. São novas indústrias que aí se desenvolvem para atender às necessidades do processo produtivo (indústria ou aviários, chiqueiros, silos, etc.). O comércio se amplia. Provocando um crescimento quantitativo da população urbana do município, novos bairros, novas ruas, asfalto, iluminação, moradias, etc., mudanças espaciais que se evidenciam no âmbito social, político e econômico, frutos e agentes de transformação. Enfim, mudanças que fazem parte de uma totalidade e que para serem compreendidas têm que ser analisadas também num contexto total.

Por outro lado, entender Chapecó, é também entender o processo de desenvolvimento brasileiro, é entender o investimento do Estado neste processo, é entender a economia nacional e o atual processo de mundialização do capital. Com isso, não queremos afirmar que Chapecó tenha sido nacionalmente pensada e planejada para fazer parte de um pólo agroindustrial no processo de industrialização brasileira. Mas, é entender que Chapecó, com suas especificidades locais e com o apoio do Estado, foi construindo as condições necessárias para integrar-se no atual processo de produção que é hoje mundial.

Temos, assim, em Chapecó uma dinâmica própria no processo de desenvolvimento. Exigências que são próprias do processo produtivo de Chapecó, e as exigências essenciais ao processo de desenvolvimento do modo de produção capitalista. Dentro deste contexto, observamos uma transformação da estrutura produtiva de Chapecó.

Chapecó estrutura-se, assim, com a presença das agroindústrias, anteriormente descritas, portadoras de grande capital, capazes de competir internacionalmente e, por outro lado, de uma série de outras indústrias menores (pequenas e médias) de um comércio capaz de atender à demanda local e tendo, muitas vezes, que competir com o capital internacional. Vemos também o desenvolvimento de empresas prestadoras de serviços, empresas ou instituições de pesquisa e de formação. Desta forma, como veremos a seguir, muitas empresas que nasceram com influência apenas local, estão, hoje, marcando presença em outros países da América e do mundo. Ou ainda, empresas que se instalaram com o objetivo de atender à demanda das agroindústrias e que devido ao surgimento de concorrentes passaram a atender outras demandas.

1. Chapecó no contexto da Região Oeste de Santa Catarina

A região Oeste de Santa Catarina caracteriza-se pela predominância de solos declivosos rasos e pedregosos, o que facilitou a estruturação de pequenas propriedades, desenvolvendo a pequena agricultura familiar diversificada, que representa mais de 90% dos 100 mil estabelecimentos agrícolas da região (Testa, 1996: 20).

Nos próximos cinco a dez anos, estudos apontam para a exclusão de aproximadamente, 250 mil pessoas, das quais 80 mil economicamente ativas. Este fenômeno tem como causa as atuais tendências tecnológicas de mercado, dos sistemas de produção agrícola e de políticas governamentais e de desenvolvimento, que levam ao desaparecimento da produção agrícola comercial (Testa, 1996: 20).

Exemplo disso é a diminuição do número de suinocultores existentes na região. Em 1980, existiam 67 mil, e a suinocultura representava uma das principais fontes de renda. Mais recentemente (1995) a suinocultura passou a ser acessível apenas a uma minoria, estimada em 20 mil suinocultores (Testa, 1996: 23), com tendência a uma concentração ainda maior. A avicultura vem passando por um processo semelhante. Mesmo não tendo dados numéricos para quantificar os avicultores em processo de exclusão, sabe-se que com o processo de automação dos aviários muitos deles não terão condições de se manter enquanto produtores.

O esvaziamento rural é muito presente na região. De 1980 a 1991 houve uma redução de 70 mil pessoas do meio rural. A taxa de natalidade da região é superior a de todo o Estado (2,3% a a), porém a taxa de crescimento da população é quase a metade do restante do Estado (1,2 % a a na região Oeste e 2,1% a a no Estado). A participação da população do Oeste diante da população de Santa Catarina decresceu de 25,3% para 22,6% no mesmo período (Testa, 1991: 26).

No mesmo período (1980 a 1991) a população urbana cresceu na maioria das associações de municípios. Em termos absolutos a população urbana da região cresceu 193 mil pessoas. A população da região era predominantemente rural até 1980, 63,47%. E em 1991 o censo demonstrou a redução da população rural para 50,51%. E a tendência é o crescente aumento da urbanização para os próximos anos.

Testa (1996), conclui que a região está tendo uma desaceleração na taxa de crescimento populacional, além de um intenso processo de urbanização e de saídas de pessoas para fora da região, principalmente de pessoas entre 10 a 20 anos.

A região caracteriza-se pela produção familiar (trabalho familiar, diversificação agrícola, renda exclusiva da agricultura), alicerçada nos recursos naturais solo, florestas e água. O solo e clima, aliados às técnicas, propiciou à região ser competitiva na produção de feijão, milho, trigo, soja. Da madeira, como vimos no capítulo 1, juntamente com o comércio de produtos agrícolas, é que originou o capital inicial capaz de dar sustentação ao desenvolvimento do capital agroindustrial da região. Como é o caso de muitos empresários da região como o

Senhor Atílio Fontana, comerciante, responsável pela organização do grupo Sadia e Sr. Plínio Arlindo De Nês, madeireiro, que estruturou o grupo Chapecó.

A base econômica da região provém essencialmente da agropecuária, não dispondo de outras atividades, como turismo ou exploração de minerais e nem uma base industrial independente da agricultura, formando uma rede de comércio e indústrias ligadas à agropecuária e às próprias agroindústrias da região.

Conforme o capítulo 2, o crescimento da economia regional teve participação conjunta dos setores público e privado. O setor público através de linhas especiais de financiamento e de serviços de pesquisa, assistência técnica, construção de infra-estrutura viária etc. E o setor privado através da organização do processo industrial e da conquista de mercados.

Por ser uma região essencialmente agrícola, a entrada do capitalismo no campo a partir dos anos 50, levou Chapecó a uma completa transformação. Obrigando-a a redimensionar as estruturas produtivas do lugar. Neste processo, o que nos chama a atenção é o processo de completa exclusão de milhares de agricultores do processo produtivo do campo, e, por um outro lado a concentração e a centralização do capital nas mãos das agroindústrias.

1.1 Particularidades de Chapecó frente ao Oeste de Santa Catarina.

Chapecó, no contexto do movimento de concentração e dispersão populacional, pode ser considerada uma cidade receptora de contingentes populacionais. Isso porque, na região, ela exerce função de cidade pólo, pelo fato de concentrar várias atividades e órgãos que suprem não só as necessidades locais, mas também as demandas regionais.

Podemos, assim, atribuir a duas causas a expansão urbana de Chapecó. Primeiro, pelo seu crescimento econômico, que desde o início de sua história, Chapecó vem se estruturando dentro de alguns parâmetros que lhe possibilitaram esse crescimento, como: abundância em madeira e riquezas naturais, determinados

investimentos feitos pelas colonizadoras como a infra-estrutura no sentido de estruturar uma cidade planejada, com longas e largas avenidas, dando uma idéia de progresso e futuro próspero para grandes investimentos. Tal planejamento foi facilitado pelas próprias características do relevo local - planalto sem grandes declives na cidade de Chapecó -; e demais investimentos como na abertura de rodovias de acesso para os municípios e Estados vizinhos (Paraná e Rio Grande do Sul). O outro fator é que o crescimento econômico fez de Chapecó um pólo com poder de atrair investimentos, como nos referimos anteriormente.

Entre as atividades que podem caracterizar Chapecó, atualmente, como pólo regional, podemos citar a instalação de diversos órgãos estaduais, com abrangência regional, como a CIDASC, EPAGRI, e a Secretaria dos Negócios do Oeste; o Hospital Regional; a Universidade; as agroindústrias, que industrializam os produtos de boa parte da região; e o comércio, como um todo, abastecedor de alguns produtos para toda a região, principalmente em insumos e implementos para a agropecuária.

Conforme o Plano Básico de Desenvolvimento Regional (AMOSC, 1996), das atividades econômicas que destacam Chapecó dos demais municípios da AMOSC (Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina), podemos citar: (

1. Do Valor Adicionado fiscal da Região da AMOSC de 1990, Chapecó arrecada 62% do total da região, este dado sobe para 77,63% quando levado em consideração apenas as indústrias.

2. 38% dos estabelecimentos industriais da região estão em Chapecó.

3. Em 1995, do valor da transformação industrial da região AMOSC, 86,20% correspondia a Chapecó.

O crescimento populacional de Chapecó, resultado das forças econômicas que aí se instalaram, a partir dos fatores anteriormente apresentados, pode ser observado, através da tabela nº 18, onde se percebe um crescimento urbano significativo, a partir dos anos 60.

Tabela 18 - O crescimento da população de Chapecó.

Ano	Total	Pop. Urbana	%	Pop. Rural	%
1940	44.327	4.128	9.31	40.199	90.69
1950	96.604	9.736	10.08	86.868	89.92
1960	52.089	10.939	21.00	41.150	79.00
1970	50.117	20.591	41.08	29.526	58.92
1980	83.864	55.286	65.92	28.578	34.08
1991	123.050	96.751	78.62	26.299	21.38
1998	135.884	119.578	88.00	16.306	12.00

Fonte: IBGE - Censos Demográficos Brasileiros de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980 e 1991 - Chapecó - SC. 1998 Banco de Dados - Prefeitura Municipal de Chapecó.

Elaboração: da autora.

Se tomarmos como referencial os dados populacionais de 1940 a 1991, observa-se um crescimento populacional significativo. A diminuição do número total de habitantes de Chapecó que se observa de 1950 a 1970, deve-se aos desmembramentos de municípios da região. Na década de 60 e final da década de 50, foram criados os municípios de Coronel Freitas, Quilombo, Modelo, Saudades, Pinhalzinho, São Domingos, Galvão, Águas de Chapecó, Nova Erechim, Vargeão, Caibi e Caxambu do Sul. Porém, o número da população urbana de Chapecó não diminuiu, demonstrando o caráter de urbanização que Chapecó, já na época, vinha tendo e a característica rural que a região Oeste apresentava. O crescimento diferenciado da população urbana em relação à população rural, acentua-se a partir da década de 70. A população rural apresenta uma estagnação ou um pequeno declínio, de 1970 à 1991 diminuição de 3.219 hab. Se considerado com o crescimento da população urbana, no mesmo período, o aumento foi de 73.196 hab.. Isso significa que Chapecó tem recebido um grande contingente de população de outros municípios.

O crescimento populacional urbano da década de 70 em Chapecó coincide com a expansão da agroindústria, principalmente com a implantação da Sadia Avícola S.A. e da formação da Cooper Central (Frigorífico Aurora). Isto fez de Chapecó um pólo atrativo de mão-de-obra, a qual não deriva apenas do meio rural do próprio município, mas de toda a região Oeste e também dos estados vizinhos, Paraná e principalmente o Rio Grande do Sul.

Observa-se que, em função da mudança dos meios de produção e da composição técnica do capital, criou-se oferta de mão-de-obra em diferentes ramos da produção, do comércio e dos serviços, ampliando assim o número de empregos e de trabalhadores em Chapecó, conforme dados da tabela nº 19.

Tabela nº 19: Evolução do número de empresas industriais, comerciais e de serviços do município de Chapecó.

Ano	Nº de estabelecimentos					
	Industriais	Nº de func.	Comerciais	Nº de func.	Serviços	Nº de func.
1960	70	559	50	213	50	213
1970	126	1.009	370	1.007	244	570
1975	173	2.530	390	1.945	255	770
1980	169	5.735	435	2.859	267	1.307
1985	182	4.523	512	3.844	347	1.525

Fonte: Censo Econômico e Industrial de 1960 a 1985.

Elaboração: da autora.

Os dados anteriormente apresentados nos mostram como Chapecó tem sofrido um processo de transformação nas suas atividades produtivas. As relações de trabalho, a força produtiva e os meios de produção mudaram, acompanhando o processo de modernização agrícola ocorrida a partir dos anos 70. A agricultura antes estava voltada mais para o consumo interno do município e de alguns estados brasileiros, e o trabalho ainda se dava de forma bem rudimentar (emprego de máquinas manuais, agricultura de subsistência e comercial). A partir dos anos 70 essa agricultura começa se modernizar, através do uso de máquinas e equipamentos, adubos, inseticidas, etc. e principalmente através do processo de integração dos agricultores às empresas agroindustriais que começaram a se expandir. A agricultura passou, então, a atender às necessidades dessas indústrias, que começaram a controlar a produção das propriedades agrícolas, gerando uma situação de dependência dos agricultores para com essas empresas.

Segundo dados da Secretaria da Fazenda e Administração da Prefeitura Municipal de Chapecó, em 1995 eram 456 empresas industriais no município,

5.562 estabelecimentos comerciais e 7.519 empresas prestadoras de serviços. E no ano de 1998 estão registradas 560 indústrias, 6.450 estabelecimentos comerciais e 8.856 empresas prestadoras de serviços. Essas informações são de fundamental importância pelo fato de nos mostrar indícios da complexificação das atividades urbanas em Chapecó.³⁸

Juntando a modernização agrícola com a expansão das agroindústrias, o urbano de Chapecó acaba por se equipar cada vez mais de atividades capazes de dar respostas às necessidades que vão surgindo. Desta forma, das 20 indústrias que mais arrecadam em Chapecó, 6 delas são as agroindústrias produtoras de alimentos e mais 6 estão diretamente a elas ligadas. Veja tabela 20.

A tabela 20 nos apresenta as 20 maiores empresas de Chapecó, com destaque nacional e sobretudo estadual. Empresas que ao se organizarem em Chapecó trouxeram consigo modificações na organização da economia e do espaço. Se a listagem dessas empresas se alongar vamos ter numa colocação bastante significativa, empresas que fazem parte direta ou indiretamente do processo produtivo das agroindústrias, podendo citar: 21^{o39} Brasplast Indústria e Comércio de Plásticos Ltda; 25^o Indestel Indústria de Embalagens Oeste Ltda; 31^o Azeplast Indústria e Comércio Ltda; 36^o Tormafriil Tornearia Máquinas Frigoríficas Ltda; 43^o Niju Comércio e Locação de Veículos e Implementos Rodoviários Ltda; 46^o Indústria de Máquinas Frigoríficas Chapecó Ltda.

Neste sentido é que o urbano de Chapecó começa a obter novas configurações. A oferta de empregos aumenta, atraindo a mão-de-obra necessária

³⁸ Esses, são dados bastante diferentes aos anteriores apresentados na tabela 24, que certamente apresentam uma certa distorção de informações. O fato de não ter sido realizado o censo econômico pelo IBGE nos anos 90 e não se ter conseguido essas mesmas informações dos anos anteriores a 80 na prefeitura, fica difícil estabelecer um comparativo entre essas informações. Mas, de qualquer forma esses dados são bastante reveladores, significativos e capazes de representar a realidade por serem dados colhidos na Prefeitura Municipal, dos quais são feitos os cálculos e o controle das arrecadações dos impostos e contribuições dessas empresas. Igualmente, não conseguimos o número de pessoal ocupado em cada setor nos anos de 95 e 98.

³⁹ Os números representam a classificação dessas empresas entre as 100 maiores de Chapecó. Dados obtidos na Prefeitura Municipal de Chapecó.

Tabela 20: Empresas industriais de Chapecó que mais arrecadaram ICMS.

Ordem	Razão Social	Ramo de atividades
001	Sadia Concórdia S/A Indústria e Comércio	Abate e industrialização de aves e comércio de seus derivados.
002	Cooperativa Central Oeste Catarinense LTDA	Abate e industrialização de suínos, aves e comércio de seus derivados.
003	Chapecó Cia. Industrial de Alimentos	Abate e industrialização de suínos e comércio de seus derivados.
004	Canguru Embalagens Chapecó LTDA	Fabricação de embalagens plásticas e rótulos.
005	Ceval Alimentos S/A	Industrialização de cereais, soja e milho.
006	Indústria e Com. de Laticínios Chapecó Ltda	Industrialização e comércio de leite e seus derivados.
007	INCREAL LTDA	Fabricação de câmaras frias.
008	Cooperativa Regional Alfa	Industrialização e silagem de cereais
009	Pitu Alimentos Ltda	
010	Semil Equipamentos Industriais LTDA	Fabricação de esteiras para abatedouros de aves e fabricação de chapas para fabr. de câmaras frias.
011	Escore Indústria e comércio de materiais Esportivos	Industrialização de chuteiras e bolas.
012	Rotesma Artefatos de Cimento LTDA	Fabricação de pré-moldados e estruturas de concreto, postes, bueiros, pontes.
013	Perfipar Tubos de aço S.A	Fabricação de tubos de aço para indústrias de móveis, bicicletas, aparelhos de ginástica e estrutura para construção civil.
014.	Edege Equipamentos Agropecuários Ltda	Fabricação de produtos para aviários.
015	Laboratório Biovet	
016	RM Indústria e Comércio Ltda	Fabricação de máquinas para frigoríficos.
017	Avesul Indústria e Comércio Ltda	Revenda de equipamentos para aviários e chiqueiros.
018	Ouro Verde Comercial Agro industrial	Venda de produtos agropecuários
019	High Tech Equipamentos Industrias Ltda	Máquinas e tomos para frigoríficos
021	Engeaço, Indústria e Comércio de Ferro e Aço LTDA	industrialização e comercialização de estruturas de aço
017	Indústria e Comércio Santoro LTDA	Comércio e indústria de madeira
018	Rebelato Indústria e Comércio de Bebidas LTDA	Fabricação de Refrigerantes e cerveja.
020	Refrigeração Caiçara LTDA	Fabricação de equipamentos para supermercados.

Fonte: Baseado no valor adicionado informado nas Declarações de Informações Econômico-fiscais - DIEF - anual, prestadas no exercício de 1997, referente ao ano de 1995. Prefeitura Municipal de Chapecó, 1996. aos diferentes estabelecimentos comerciais, de serviços, da agroindústria e de outras indústrias que vão obtendo espaço para o seu funcionamento.

As fotos que apresentamos a seguir, do nº 22 ao 31, servem para ilustrar o crescimento urbano de Chapecó, verificado a partir dos anos 30⁴⁰. Elas nos indicam a complexificação da estrutura urbana nos últimos anos e também o rápido processo de urbanização da cidade de Chapecó.

Como podemos ver, nos anos 30 Chapecó nada mais era do que uma simples vila com um pequeno aglomerado de casas simples e a presença significativa do espaço natural, representado por uma grande quantidade de árvores, que constituíam a mata nativa do lugar que foi sendo aos poucos “desbravada” pelos colonizadores que foram habitando a região.

Da mesma forma podemos observar também o traçado das ruas, que desde o início foram organizadas de forma bastante espaçosas e projetadas com um traçado longo, retilíneo e muito largas. Com certeza um traçado que induzia o imigrante que ia chegando à idéia de progresso e futuro prósperos. Com certeza os “empreendedores” que aqui investiram, pensaram também na paisagem urbana, ou seja uma paisagem capaz de trazer consigo um significado de uma terra de gente de trabalho e enriquecimento, conforme queriam as forças políticas e econômicas do lugar

⁴⁰ As fotos de 22 a 30 fazem parte do arquivo da Biblioteca Pública Municipal de Chapecó. que nos foram gentilmente cedidas com o objetivo de serem reproduzidas para o presente trabalho. A foto 10 é arquivo pessoal.

Foto nº 22: Vila Passo dos Índios, atual Chapecó - 1932

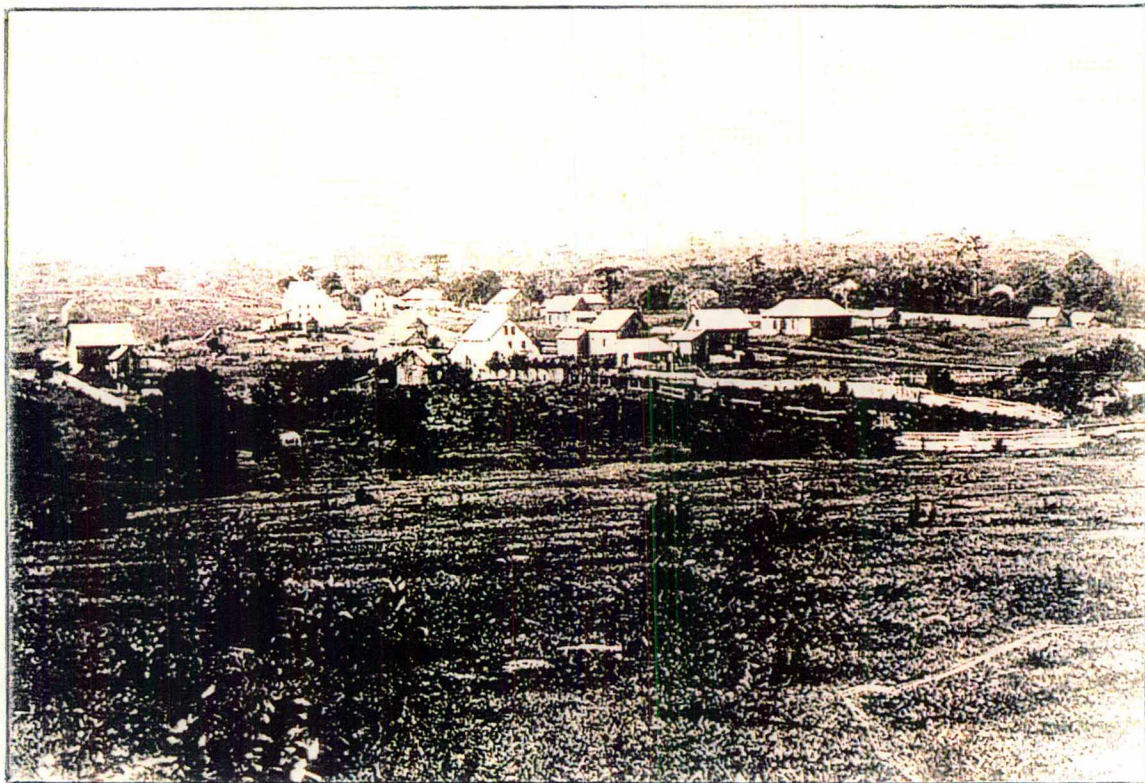


Foto nº 23: Chapecó - Início da década de 40



Foto n° 24: Chapecó - 1948

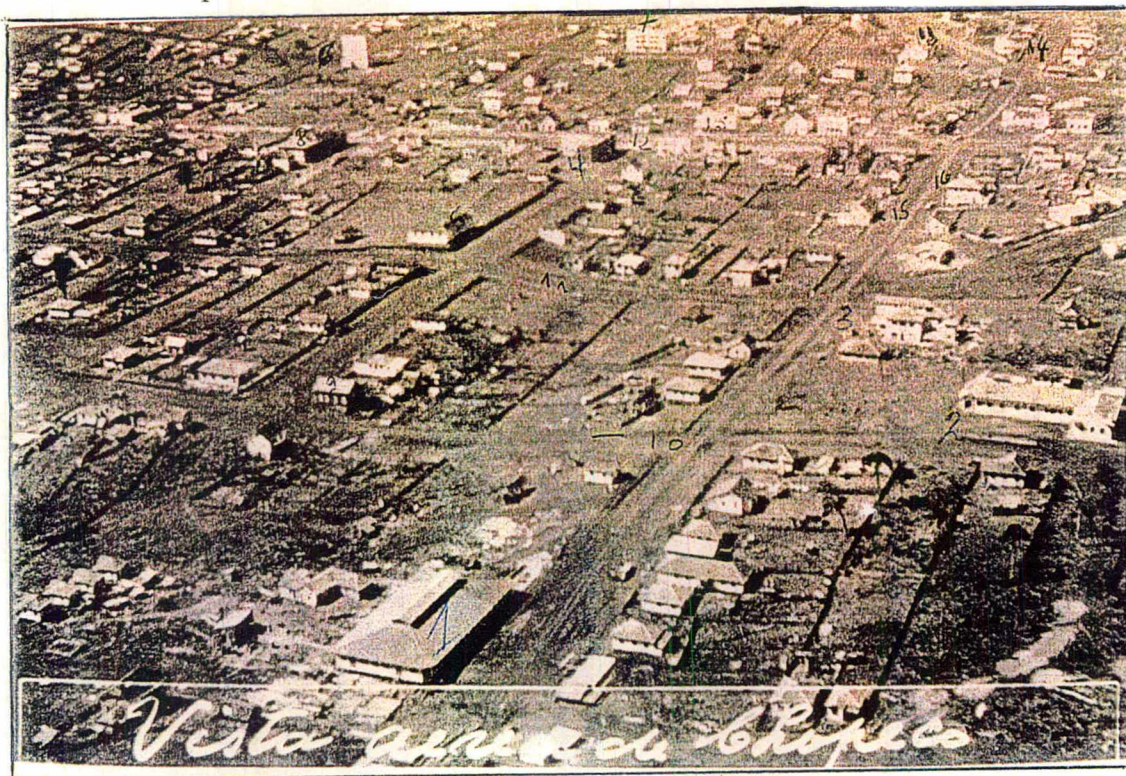


Foto n° 25: Chapecó - 1956



Foto n° 26: Chapecó - 1970

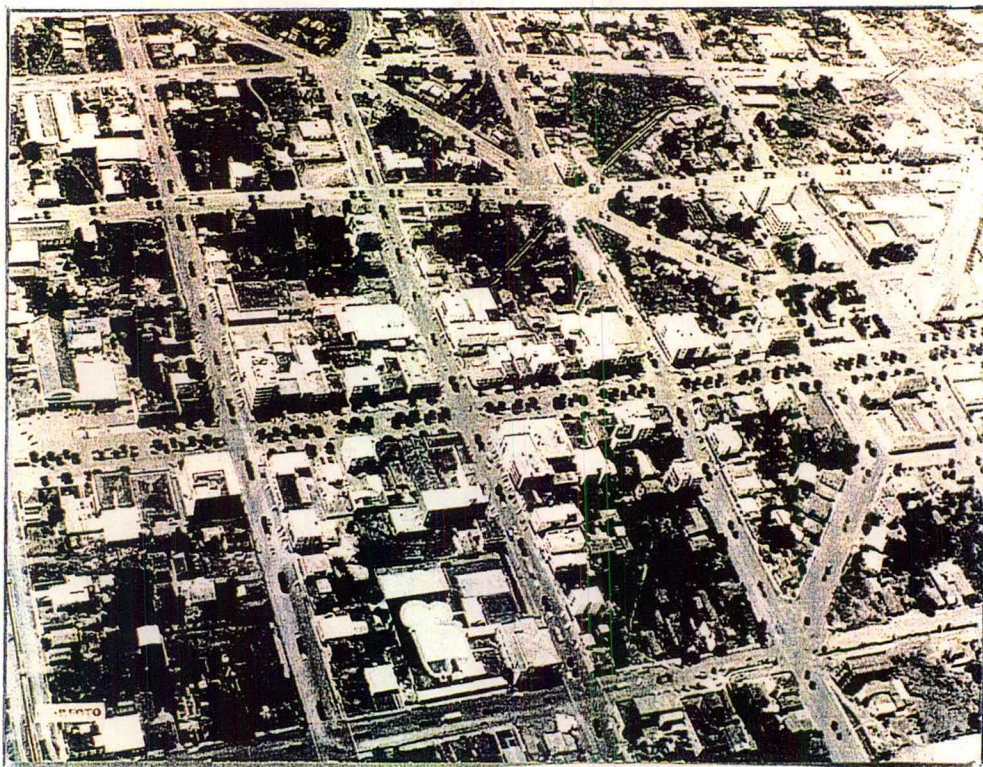


Foto n° 27: Chapecó - 1980



Foto n° 28: Chapecó - 1993



Fotos 29, 30 e 31: Avenida Getúlio Vargas, principal avenida de Chapecó, em momentos diferentes - 1940, 1950 e 1990.

Foto 29

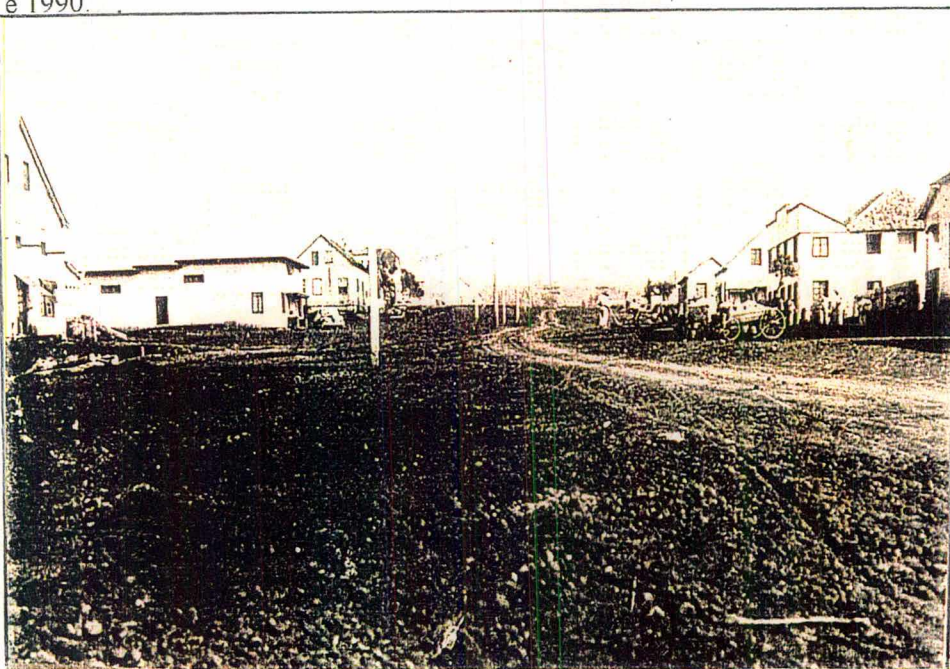


Foto 30

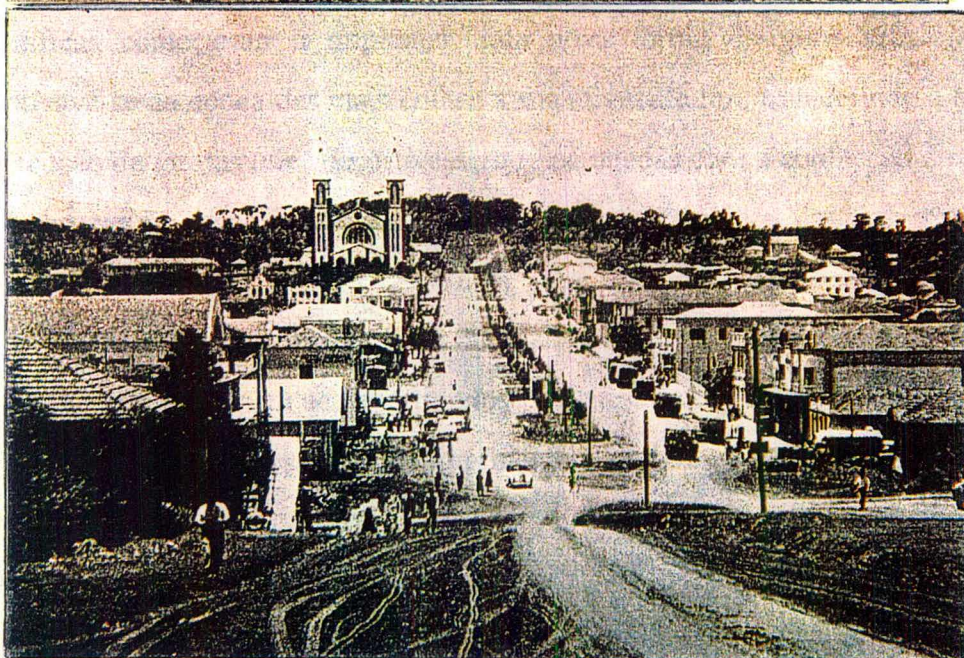


Foto 31



2. A agroindústria e a sua relação com o parque industrial de Chapecó

A pesquisa de campo realizada possibilitou-nos perceber que a partir dos anos 80 foi significativo o desenvolvimento de diversas empresas ligadas ao setor agroindustrial, e, a partir destas, verifica-se a estruturação de outras empresas que direta ou indiretamente mantêm vínculo entre si, contribuindo, portanto, com a formação sócio-espacial de Chapecó. É importante lembrar que o desenvolvimento econômico espacial de Chapecó está estreitamente vinculado com a própria reestruturação produtiva feita no interior destas empresas.

Podemos citar o exemplo do desenvolvimento das empresas fabricantes de maquinários frigoríficos, a partir do ano de 1985, período em que as empresas frigoríficas começaram a implantar uma nova forma de gerir seus negócios. Objetivava-se na época dar mais ênfase a sua atividade fim, transferindo a terceiros a execução de tarefas que não estivessem relacionadas com a confecção do produto final, buscando desta forma concentrar um maior volume de recursos na sua atividade propriamente dita. Inicia-se a partir daí o processo de terceirização.

Desta forma, as empresas optaram pelo desativamento de departamentos ou setores que pudessem ser substituídos por empresas que executassem a mesma tarefa. Este processo gerou o surgimento de inúmeras pequenas empresas prestadoras de serviço que em sua maioria eram constituídas de sociedades entre ex-funcionários das empresas frigoríficas.

Portanto, as agroindústrias são responsáveis pelo surgimento destas empresas em Chapecó, e em boa parte também pela própria formação de seu saber tecnológico. Conforme entrevista com o Sr. Nelson Soletti da empresa RM Indústria e Comércio, quando funcionário da Sadia, no departamento de mecânica e manutenção de máquinas, eram freqüentes as viagens de funcionários para São Paulo, patrocinadas pela empresa, para participar de cursos na área de mecânica.

Os produtos industrializados neste setor são diversos e muitos deles sofisticados, capazes de concorrer com produtos importados como da Alemanha e outros países Europeus. Dentre esses produtos podemos destacar os principais equipamentos: Máquinas lavadoras de gaiolas para frangos; Lavadoras de placas;

Lavadoras de botas e sapatos; Lavadores de mãos; Lavadores de aventais; Lavadores de ganchos; Esteiras para cortes, para pendura, articulada e transportadora; Esteiras telescópicas; Transportadores aéreos completos; Tanques de escaldagens, sistema de borbulhamento; Schillers⁴¹ para miúdos de aves; Schillers para pés de aves; Schiller para carcaças de frangos (lavador e refrigerador); Depilador de pés de frangos; Túnel para plastificação de Caixas e Bandejas; Calhas de evisceração; Bombas pneumáticas para miúdos; Tanques para transporte de carnes; Tanques para cozimento de carnes; ventiladores em aço inox; Rampas para cargas e descarga, com acionamento pneumático; Embaladoras de presuntos; Desenganchador para carcaças e pés de frango; depenadeira de aves. E ainda ganchos e acessórios; Esterilizador de facas; Máquinas de lavar gaiolas; Lavador de luvas de aço.

Esses produtos e muitos outros são todos fabricados pelas diferentes empresas que se encontram hoje em Chapecó e muitos desses produtos foram criados ou desenvolvidos com a própria tecnologia disponível nas suas empresas, como é o caso da máquina de limpar moela desenvolvida pela empresa Montal, ou então uma máquina embaladora de produtos desenvolvida pela Empresa Semil. Outras máquinas como bombas para miúdos também foram desenvolvidas nessas empresas.

Muitos frigoríficos são totalmente montados através dos equipamentos fabricados por essas empresas. É o caso do frigorífico de aves da Aurora da cidade de Maravilha a 100 Km de Chapecó, em que a empresa Montal responsabilizou-se pela instalação e também pela assistência técnica.

O sistema de resfriamento do Frigorífico de suínos Aurora de Chapecó (um dos maiores da América Latina, com abate em torno de 3.500 suínos/dia), segundo visita e entrevista na empresa, também foi todo fabricado e instalado pela empresa Madef de Chapecó.

⁴¹ Espécie de tanque onde ficam as partes do frango ou o frango inteiro até seguir para outro setor da produção.

Podemos ilustrar alguns dos principais produtos fabricados por essas empresas através das fotos n^{os} 32 a 45.

Foto 32 Chiller para aves

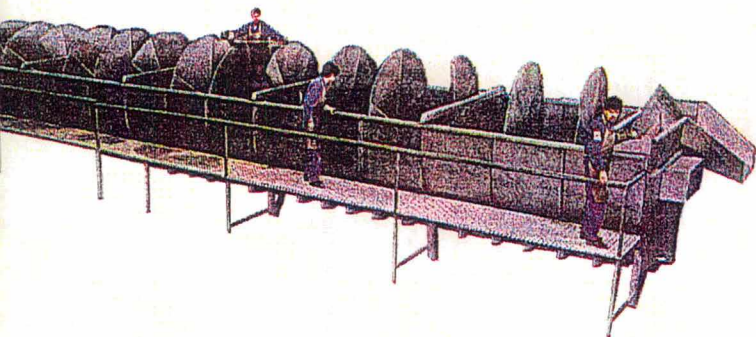


Foto 33 Depenadeira de barras para aves

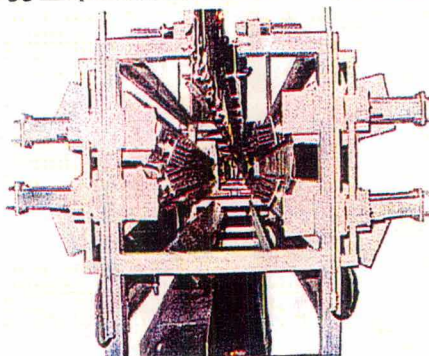


Foto 34 Tanque de escaldagem branda

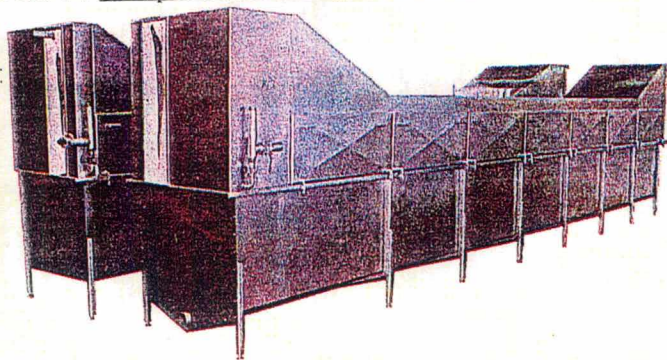


Foto 35 Bomba para transporte de miúdos

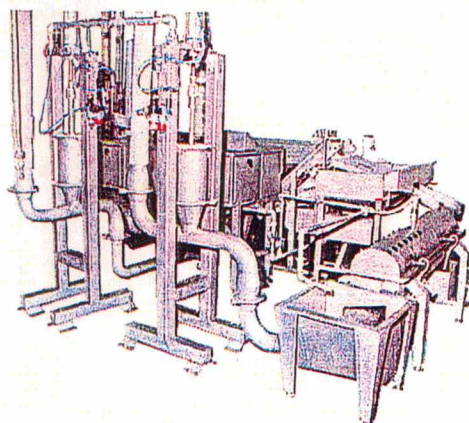


Foto 36 Máquina automática para moelas

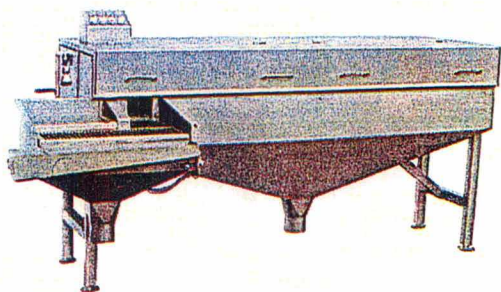


Foto 37 lavador de luvas de aço

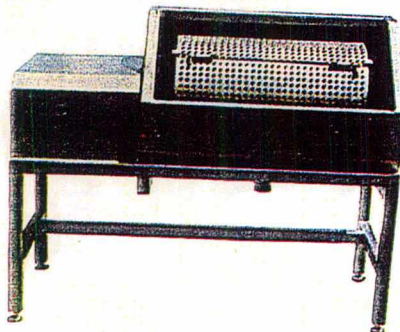
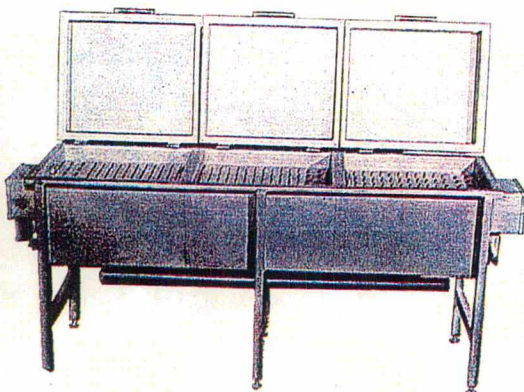


Foto 38 Esterilizador de facas



39 Depilador de patas de aves

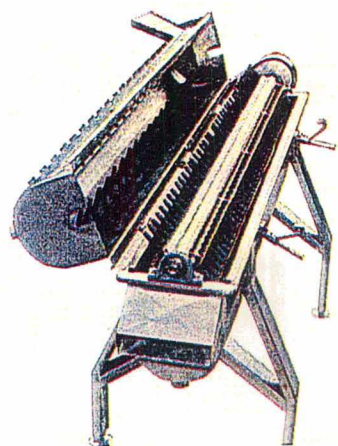


Foto 40 Pias para lavar mãos



Foto 41
Afiador de facas

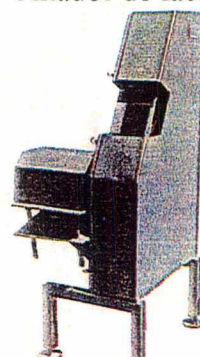


Foto 42 Escaldador de pés

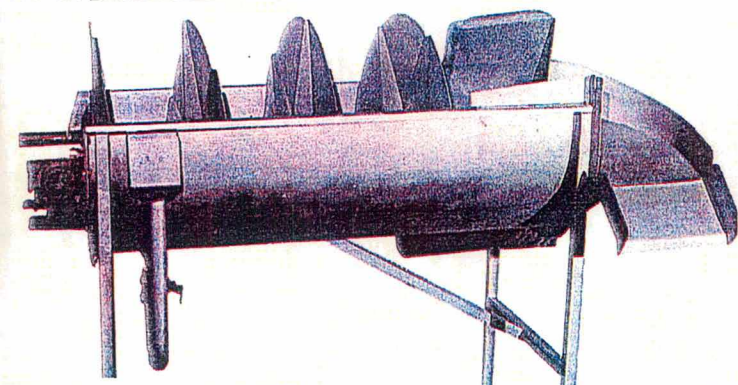


Foto 43 Túnel de encolhimento de bandejas

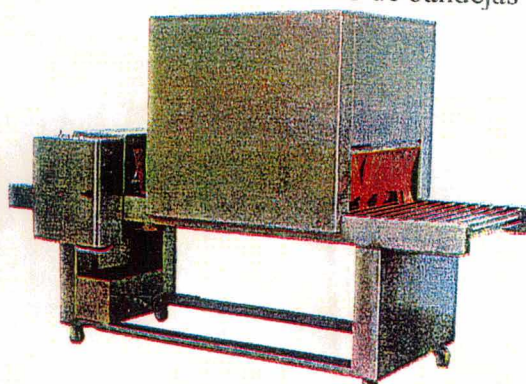


Foto 44 Chiller para miúdos

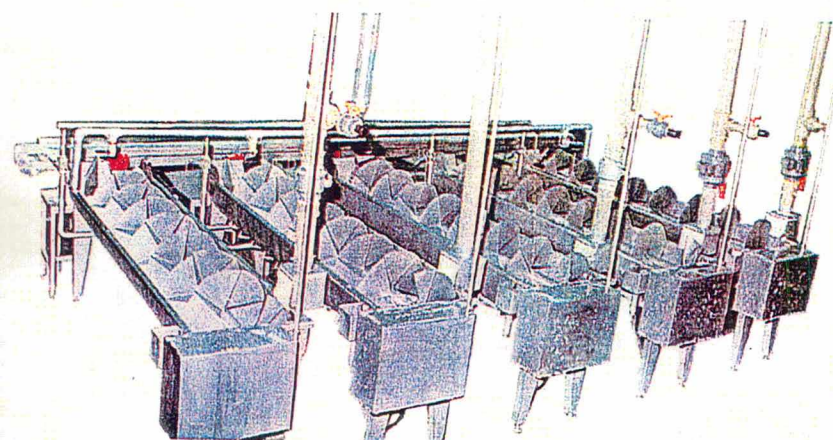
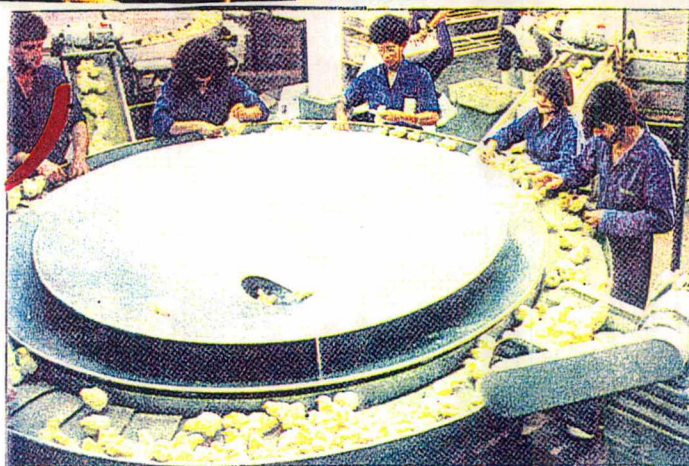
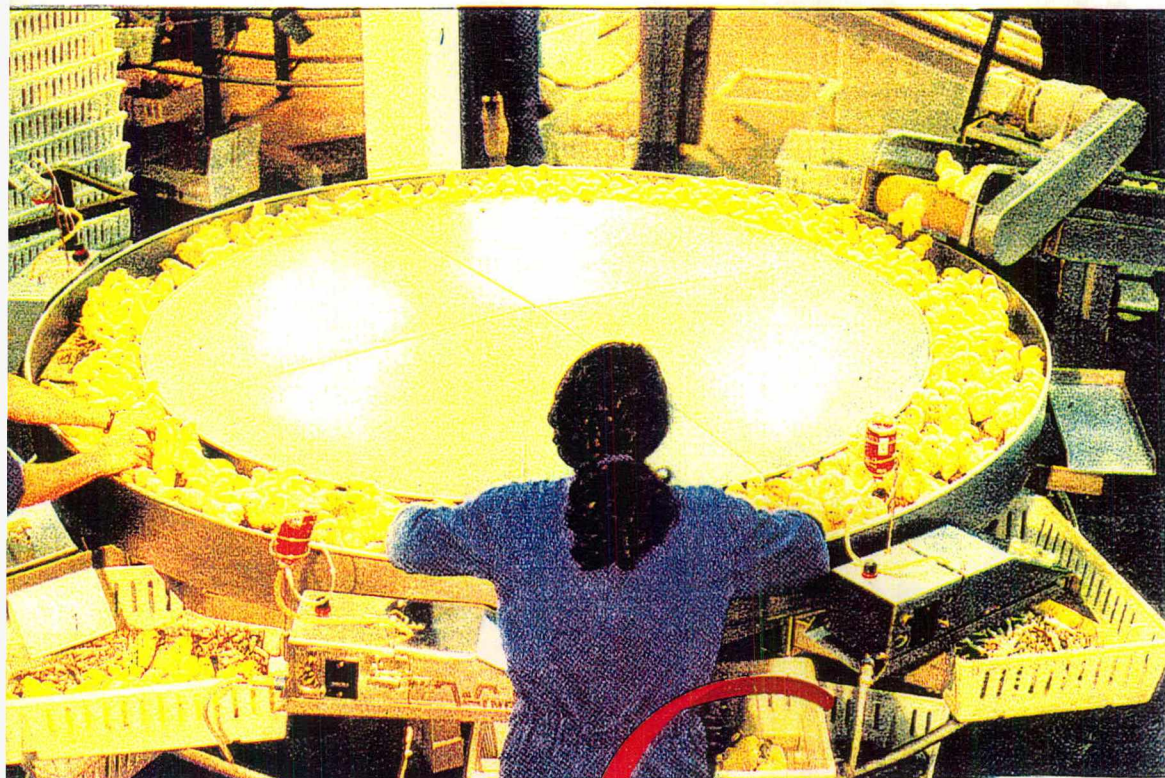


Foto 45: Conjunto de esteiras para sexagem e vacinação.

Produzido em aço inox, foi projetado para atender os incubatórios na sexagem e vacinação de aves. Sua capacidade pode variar de acordo com a necessidade e o número de vacinadores.



Fonte: Catálogo de produtos da Semil.

Muitos desses produtos, além de servir ao mercado interno de Chapecó, atendem também à demanda de frigoríficos nos demais estados brasileiros, como é o caso do frigorífico Perdigão, Da Granja, Coparol, Frangosul, Nicolini, Frigorífico Galo e outros. A exportação de produtos também é freqüente por parte dessas empresas, como é o caso da empresa Semil Equipamentos Industriais Ltda que exporta para a Argentina, Uruguai, Estados Unidos e Bélgica. Outras empresas, como a Montal - Montagem e Máquinas Industriais Ltda, têm tido grande mercado nos países do Mercosul.

Das empresas deste ramo, existentes em Chapecó, que foram por nós visitadas e entrevistadas podemos citar: Semil Equipamentos Industriais Ltda, Montal - Montagem e Máquinas Industriais Ltda, RM Indústria e Comércio Ltda, Tormafriil Tornearia e Máquinas Frigoríficas Ltda, Greco Indústria e Equipamentos, Frigomaq Indústria de Máquinas Frigoríficas Chapecó Ltda⁴².

A média de funcionários destas empresas é de aproximadamente 50 funcionários, sendo que nos últimos anos observou-se uma redução muito grande do quadro de funcionários. Segundo entrevista esta redução deu-se sobretudo devido à crise desencadeada neste setor e devido às políticas dos governos dos últimos anos e não à reestruturação produtiva.

As empresas têm investido cada vez mais em novos produtos visando atender às exigências das empresas frigoríficas, investindo na fabricação de máquinas cada vez mais sofisticadas, com redução cada vez maior de mão-de-obra e máquinas mais ágeis tem sido sua preocupação. Porém, observou-se que as máquinas mais sofisticadas necessárias à atual reestruturação produtiva dos frigoríficos, são importadas dos países mais desenvolvidos neste setor, principalmente Alemanha. Neste sentido, usando o exemplo da Sadia, para a montagem da fábrica de empanados, foram importadas máquinas capazes de substituir mais de 80% da mão-de-obra desta indústria.

⁴² Existem outras empresas neste ramo, mas pelo fato de haver uma certa semelhança no seu ramo de atuação, optamos em realizar nossa pesquisa apenas nas anteriormente citadas.

No ramo de indústrias de máquinas e equipamentos industriais para frigoríficos, encontramos em Chapecó uma série de empresas que atuam neste setor. Enumeramos e caracterizamos algumas mais atuantes. Porém é importante lembrar que uma série de outras pequenas empresas atuam hoje no ramo de fabricação de equipamentos e utensílios mais simples como é o caso de caixas, armários, carrinhos e outros materiais necessários aos frigoríficos ou então aos aviários, chiqueiros e outros setores do ramo agroindustrial, como é o caso da BM Equipamentos Industriais Ltda, instalada em 1986, que funciona com 6 funcionários, produzindo e prestando serviços aos frigoríficos na parte de ar comprimido, mangueiras, bombas e demais equipamentos da linha hidráulica.

Conforme escrevemos no capítulo anterior, a modernização e reestruturação produtiva dos frigoríficos agroindustriais extrapola a própria linha de produção interna da empresa, necessitando para tanto da modernização dos próprios aviários e chiqueiros produtores de matéria-prima. Nesse sentido, em Chapecó encontramos apenas uma indústria especializada na produção desses equipamentos - a Edege Equipamentos Agropecuários Ltda - atendendo principalmente o setor de aviários, inclusive com fabricação de equipamentos para aviários automatizados. Porém, encontramos uma extensa linha de mercado atendida por representantes comerciais que atuam no fornecimento desses produtos aos avicultores e suinocultores integrados. Uma das empresas mais atuante neste setor é a empresa Avemarau, representante comercial da Empresa produtora de equipamentos para aviários de Marau no Rio Grande do Sul. E que atualmente atende boa parte de toda a demanda para a instalação dos aviários automatizados e também de equipamentos para chiqueiros.

A Irrigater é outra empresa que atua no comércio de equipamentos para chiqueiros e aviários.

Temos em Chapecó também a presença de várias empresas que atuam na produção de embalagens, sacolas para mercado, rótulos e etiquetas, sendo que a maior parte de sua produção está voltada para atender à demanda das agroindústrias instaladas em Chapecó ou de suas filiais em outras cidades e estados brasileiros.

Esta produção igualmente teve intensificação a partir dos anos 80. Pode-se relacionar este crescimento também às mudanças internas das empresas frigoríficas, que passaram a industrializar seus produtos com maior valor agregado. Novos produtos foram desenvolvidos, necessitando também de novas embalagens, adaptadas aos cortes de frangos e/ou suínos e também aos produtos derivados destes. Mas as embalagens não podem ser portadoras apenas dos produtos a serem vendidos, devem ser portadoras também de um certo marketing, uma marca capaz de chegar ao mercado e por si só ser um comercial do produto que está carregando. Neste sentido, os rótulos, embalagens, etiquetas devem obedecer a uma exigência da empresa e devem representar o que há de mais forte na empresa que é a sua marca.

Como exemplo deste ramo de atuação podemos citar a Canguru Embalagens Chapecó Ltda, que se Instalou em Chapecó no ano de 1987, sendo atualmente a 4^a maior empresa industrial de Chapecó (segundo dados da Prefeitura Municipal de Chapecó). Sua matriz é de Criciúma e atua no ramo de transformação de plásticos para fabricação de embalagens e rótulos.

A empresa funciona, hoje com o número de 250 funcionários, é uma empresa de médio-porte e que permite fazer alguns investimentos na área social de seus empregados, como por exemplo, manter ambulatório médico e odontológico para os funcionários e dependentes na própria empresa. Refeitório, vales refeição, subsídio a educação (70% para graduação, curso de idiomas, e pós-graduação), possui ainda, curso de 1^o grau em convênio com a Secretaria de Educação do Estado.

Segundo informações, através de entrevista na empresa, a mesma instalou-se em Chapecó devido à presença das agroindústrias, principais consumidoras de seus produtos. Porém, com a instalação de outras empresas no mesmo ramo, aumentando a concorrência, a empresa obrigou-se a direcionar a sua produção para outros setores como: Indústrias de alimentos, bebidas, higiene e limpeza.

Em termos de mercado a empresa atua, hoje, em boa parte do mercado nacional, sendo a maior parte na venda de rótulos para refrigerantes - 50%. Os países do Mercosul também são um mercado novo e importante onde a empresa iniciou seu investimento.

Encontramos neste setor outras empresas menores, a maioria delas visitadas por ocasião da pesquisa. Todas elas funcionam com uma média de 40 funcionários, e igualmente atendem à demanda das agroindústrias do município, da região e também de diferentes estados brasileiros.

Destas empresas podemos citar, como exemplo, a Mercur Indústria Gráfica, Brasplast, Indestel, Plásticos Pasquali, Poliplast, Visaplast, Mil Embalagens Ltda, Azeplast Indústria e Comércio Ltda e outras.

Outro ramo importante que se desenvolveu a partir das agroindústrias da região é a fabricação de câmaras frigoríficas, furgões, semi-reboques e carrocerias. Entre as empresas que podemos citar, neste setor estão a INCREAL, Posmovil - Indústria de Carrocerias Frigoríficas Ltda, Trukam Implementos e Veículos Rodoviários, Frigosul Refrigeração e Implementos Rodoviários Ltda, Niju Indústria e Comércio de Implementos Rodoviários Ltda, Carrocerias Zanella Ltda (graneleira, porcadeiras, frangueiras e reformas) e uma série de representações comerciais como a Multifrigo Implementos para o transporte e refrigeração Ltda - representante comercial da marca Randon de Caxias do Sul, Polosul, e Recafrio - compra, venda e troca de semi-reboque e carrocerias frigoríficas.

A Increal, uma das maiores empresas (na parte de produção) de Chapecó neste setor, teve suas origens em Concórdia em 1952 com a denominação de metalúrgica Concórdia, mas, com o passar do tempo, atendendo à demanda das agroindústrias, foi voltando suas atividades às necessidades deste setor. Em Chapecó sua instalação deu-se em 1971. Na época, a fabricação estava voltada para o ramo de equipamentos para aviários (comedouros, bebedouros, esteiras etc.). Em 1976 mudou o ramo de atuação, passando a fabricar câmaras frias para o transporte de produtos frigoríficos. A empresa funciona atualmente com 85 funcionários no final de 1997, sendo que no início do mesmo ano o quadro de funcionários era de

200. Segundo entrevista, a redução do número de funcionários não está ligada com algum processo de automação e reestruturação produtiva interna, mas principalmente ao momento de dificuldades financeiras que a empresa vem passando. Segundo dados de 1996, da Prefeitura Municipal de Chapecó, a empresa ocupa o 7º lugar das maiores empresas de Chapecó.

Conforme informações prestadas pela empresa, ela é uma das maiores do Brasil neste setor. O mercado atendido estende-se por todo o território nacional, com menor quantidade para o Nordeste. O comércio é feito através de representantes estabelecidos em diversas regiões do Brasil: Dourados -MT, Curitiba e Cascavel- PR, Porto Alegre RS, Belo Horizonte - MG, Salvador BA e Chapecó - SC. O Mercosul, atualmente, representa um mercado pequeno, com tendência a aumentar.

Essas empresas têm acompanhado as necessidades do mercado e as exigências dos clientes e das empresas fabricantes de caminhões. A tendência é a fabricação de produtos mais leves para facilitar o transportes de uma maior quantidade de mercadorias, evitando problemas com balanças. Para isso, essas empresas têm buscado a inovação através de novos métodos de elaboração de seus produtos, como por exemplo, novos métodos de pendura, diminuindo a quantidade de ganchos. Para facilitar este processo há a necessidade de aquisição de maquinários que possibilitem a diminuição de mão-de-obra e a diversificação de produtos com maior qualidade em termos de peso e tamanho.

A fabricação e a montagem desses equipamentos de transporte rodoviário devem garantir a perfeita conservação das cargas transportadas, com garantia de isolamento térmico, obtido com espuma rígida de poliuretano injetado e revestimento interno de plástico reforçado com fibra de vidro. Este produto serve tanto para transporte em média e longa distância, como também no sistema de distribuição urbana.

O processo de produção envolve um sistema amplo, com a demanda de diversos equipamentos que são adquiridos nacionalmente ou importados.

Descreveremos a seguir o processo dessa produção, semelhante para as diversas empresas do ramo.

Na indústria são seguidas etapas, desde o recebimento da matéria-prima, principalmente as chapas de aço utilizadas na montagem da base e da caixa semi-reboque, até a pintura final no padrão do cliente. A industrialização tem quatro processos básicos, sendo que o primeiro deles é o processo produtivo da base, sobre a qual será montada a carroceria. Inclui a montagem das longarinas, travessas, suspensão superior, colocação dos eixos e acessórios, jato de areia e pintura.

Outro processo segmentado trata da montagem das portas. Compreende desde a produção da porta em fibra e a colocação de ferragem até o acabamento. Dois outros processos orientam a fabricação da carroceria e da carroceria mista. São os mais complexos e aqueles que representam o preparo do produto final.

Na fabricação da carroceria plástica, as etapas são: fabricação das chapas de fibras, montagem dos painéis, montagem da traseira, acabamento - quadro traseiro, chassi, portas, pintura e parte elétrica, refrigeração e acessórios, letreiro, teste do conjunto, carregamento, instalação elétrica, ligação do conjunto e instalação final. Na produção da carroceria plástica as etapas são: estrutura, chapeação, colocação da base, injeção, acabamento, laminação do piso, portas, pintura, parte elétrica, refrigeração e acessórios, teste de conjunto, letreiro, colocação dos pneus, canalização de ar, alinhamento e inspeção final.

Neste processo, uma série de materiais (matéria-prima e outros produtos e acessórios) são necessários para a elaboração do produto final. Isto obriga as empresas a estabelecerem uma relação com outras empresas do município, mas principalmente de outros centros do país como é o caso dos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul onde são adquiridos poliuretano, resina, chapas de aço, aço inox, chapas de fibras, aparelhos para refrigeração, quadros de comando e uma série de equipamentos e acessórios como parafusos, pneus, tintas, plásticos etc. Do exterior são adquiridos produtos como fio plástico especial e maçanetas, assim como os fornecedores das máquinas, são principalmente da Alemanha e da Itália.

Com as fotos de 46 a 48 podemos formar uma noção dos principais componentes para a fabricação de uma câmara fria.

Foto 46 Equipamento de Refrigeração

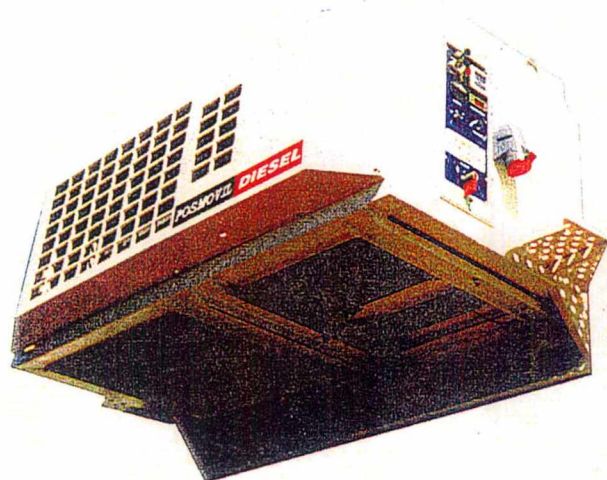
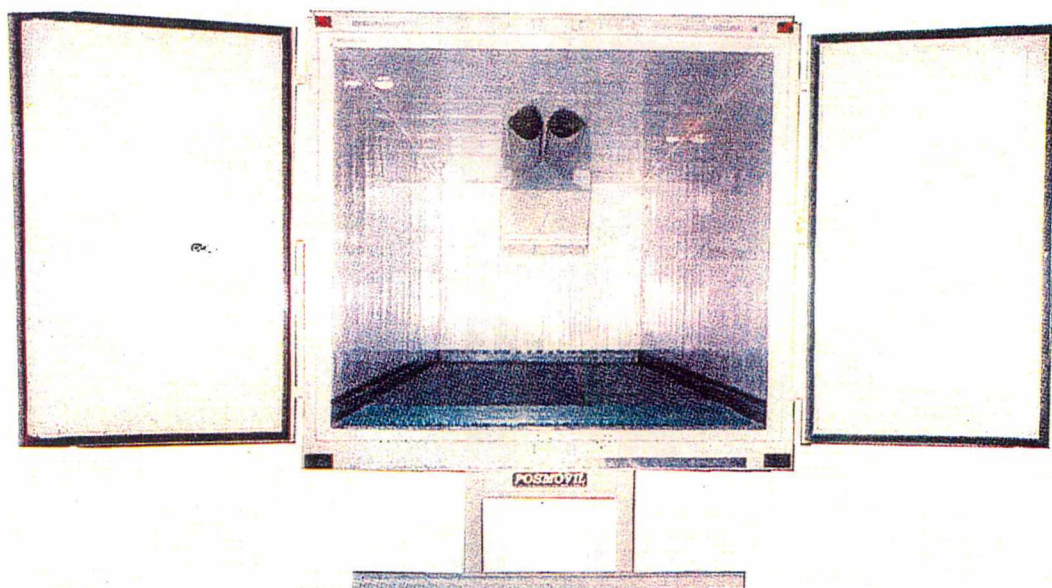


Foto 47 Quadro de Comando



Foto 48 Câmara Fria modelo PRF (Plástico Reforçado em Fibra)



3. O saber e os serviços: formas urbanas desenvolvidas em Chapecó

É importante observar como se formou o saber técnico para a implantação dessas empresas em Chapecó. Como dissemos anteriormente, muito deste saber veio do interior das próprias empresas agroindustriais, quando detinham o comando da parte mecânica dentro da empresa. Para tanto era feito um trabalho intenso de treinamento dessa mão-de-obra através de cursos. Esses cursos eram desenvolvidos em Chapecó e muitos deles em outros centros, como é o caso de São Paulo.

Para os cursos desenvolvidos em Chapecó a participação do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) foi de fundamental importância. Como sabemos, o SENAI é uma instituição privada, administrada pela indústria há 55 anos. Tem o

“objetivo de formar e aperfeiçoar profissionais para o setor industrial. O Senai atualmente possui uma vasta rede escolar, que inclui centros de tecnologia, Centros de Educação Profissional, Centros de treinamento, Unidades de treinamento Operacional, Agências de treinamento, Agências de Educação Profissional, Unidades Móveis e Unidades Difusoras de Informações disseminadas por todo o território nacional” (Relatório do Sistema SENAI - 1996)

Desta forma, o Senai tem condições de se adaptar conforme as necessidades de cada região, levando em consideração a base econômica do lugar. No caso de Chapecó e região o SENAI tem atuado principalmente no setor de mecânica, alimentos, segurança no trabalho e demais cursos de aprendizagem, com algumas mudanças nos últimos anos, seguindo as mudanças no mundo do trabalho que ora estão em desenvolvimento. Dentre os principais cursos, podemos citar:

- Supervisão e Gerência: Técnica de treinamento, Relações Humanas no Trabalho, Melhoramento de Métodos no Trabalho, Liderança de Reuniões, Relações

Humanas para o trabalhador, Comunicação na Empresa, Desenvolvimento Gerencial.

- Higiene e Segurança: Operador de Caldeiras, Operador de Empilhadeira, Prevenção e Combate a Incêndios, Movimento de Produtos e Cargas Perigosas, CIPA - Segurança no Trabalho, Direção Defensiva, Higiene na Manipulação de alimentos.

- Qualidade e Produtividade: Sensibilização para a Qualidade, Equipes de Qualidade Produtividade, Programa 5'Ss - Ambiente para a Qualidade, Gestão da Qualidade, ISO 9000.

- Assistência Técnica e Tecnológica: Automação Industrial, Alimentos, Confeção, Núcleo de Desenvolvimento de Software.

O SENAI/Chapecó tem estabelecido convênio com diferentes empresas e instituições, como, por exemplo, Sadia (Curso de Magarefe⁴³ - para preparar mão-de-obra para frigorífico), Aurora (Supletivo 2º Grau - técnico em Carnes e derivados), UNOESC (aula prática de Agronomia e Análises e pesquisa do peixe carpa comum - interferência para a saúde da criação da carpa a partir de dejetos suínos), Penitenciária (troca de serviços), Concessionária Fiat (Mecânica). Segundo entrevista nas empresas, boa parte de seus funcionários e também proprietários foram formados por algum curso no Senai.

É importante perceber a relação desta instituição com as agroindústrias da região, principalmente na preparação da mão-de-obra para os frigoríficos, para isso a unidade de Chapecó possui internamente um pequeno frigorífico responsável para treinar os alunos na parte de carnes e também na fabricação de lingüiça.

Neste ano (1998) o SENAI está implantando o curso de especialização em Produção de Alimentos, mais um curso que visa atender às necessidade produtivas da região.

⁴³ Trabalhadores dos frigoríficos responsáveis pelo corte das aves ou suínos.

A constituição da UNOESC deu-se pela agregação cooperativa da Fundação Educacional do Oeste Catarinense (FUOC), da Fundação Educacional e Empresarial do Alto Vale do Rio do Peixe (FEMARP) e da Fundação de Ensino para o Desenvolvimento do Oeste (FUNDESTE), localizadas nas cidades de Joaçaba, Videira e Chapecó, respectivamente.

O ensino superior instalou-se na região Oeste em 1970, através das fundações educacionais, que futuramente deram origem à UNOESC. Em 1970 começou o curso de Administração, na Fundação Universitária do Oeste, em Joaçaba. Em Chapecó as atividades iniciaram em 1972, com o curso de Pedagogia. Em 1973 foi autorizado o funcionamento dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Estudos Sociais.

Analisando-se os projetos de implantação do Sistema de Fundação Universitária, bem como da implantação da UNOESC, fica claro o objetivo da Universidade em formar profissionais para atuar nas áreas demandadas pelas empresas, bem como prestar serviços com pesquisa e extensão, justificados pela “vocação” econômica da agroindústria (aves, suínos e fruticultura) e do potencial do setor metal-mecânico. Portanto, a criação do ensino superior e da Universidade foi uma necessidade do estágio de desenvolvimento que a região apresentava.

Com o objetivo de desenvolver as atividades de ensino, pesquisa e extensão em interação com os setores produtivos da região, a Universidade define políticas de atuação fundamentais.

Na área de ensino, desenvolverá programas em parceria com as empresas da região, que se comprometem a aportar recursos físicos e financeiros para a Universidade; esta por sua vez oferecerá o embasamento científico e tecnológico e melhores profissionais às empresas.

Na pesquisa, as atividades estarão relacionadas aos setores agroindustrial, metal-mecânico e de fruticultura e serão desenvolvidas em parceria com as empresas ligadas a estes segmentos produtivos. A universidade oferece seus pesquisadores e as empresas seus laboratórios e técnicos

Na extensão, a universidade oferecerá consultorias, assessorias, treinamentos, cursos de aperfeiçoamento e reciclagem de pessoas técnico e administrativo em convênio com as empresas. Os empresários, por sua vez facilitarão o acesso dos estagiários às empresas, bem como colocarão à disposição equipamentos e laboratórios para a realização de pesquisas conjuntas (Projeto de Universidade).

Objetivando atender às necessidades produtivas é que em 1996 foi criado o curso de Engenharia Química, com certeza, muito importante para a universidade dar seu primeiro passo para a pesquisa em alimentos. O curso de Agronomia, criado em 1993, também, com certeza, vem a atender aos interesses da economia agrícola da região, juntamente com o laboratório de piscicultura, localizado no município de São Carlos, coordenado pela UNOESC - Colégio 25 de Julho e UFSC. Abriga diferentes laboratórios, como os laboratórios de Larvicultura Intensiva e Reprodução Induzida; Laboratórios de Incubação de Ovos e Produção de Alimentos Vivos. Destina-se à pesquisa, ensino e extensão dos cursos de Agronomia, Biologia e Técnico em Agropecuária (Guia do Universitários - UNOESC, Campus Chapecó, 1997).

O SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, instituição criada no Brasil em 1946, surgiu com o objetivo de formar mão-de-obra para o mercado crescente na época.

“Nesta época, O Brasil vivia um período de grande crescimento econômico. A II Guerra Mundial havia obrigado o país a substituir importações e investir pesado no desenvolvimento da indústria nacional. Esse processo se refletiu em um grande impulso à atividade comercial, realizada até então, basicamente através de pequenas empresas” (Relatório Geral SENAC/1995),

necessitando, portanto, de pessoas especializadas capazes de atender à demanda no setor de serviços e gerenciamento das empresas.

O SENAC desenvolve serviços destinados a atender objetivos institucionais de naturezas diversas, identificados em duas grandes áreas: Formação

Profissional e Ações Extensivas à Formação Profissional. Com as transformações no mundo do trabalho, particularmente a partir de meados dos anos 80, “o SENAC passou a investir em um modelo de formação polivalente, que destaca a capacidade do profissional em adquirir conhecimentos e intervir de forma criativa no processo produtivo” (Relatório Geral SENAC/1995).

Em Chapecó, o funcionamento do SENAC também marca o momento de maior crescimento econômico do município, tendo seu início com uma pequena unidade no ano de 1978. A sua atuação teve papel destacado em cursos nas áreas de escritórios, higiene e beleza, vendas, administração e genericamente, área de saúde.

Sem dúvida, a sua presença foi importante no sentido de formação e especialização de mão-de-obra para a atuação nos diferentes setores do comércio, serviços e também indústria, tanto para a formação de pessoal para atuar nos serviços de setores administrativos, como na preparação de pessoal para atuar na área gerencial.

Atualmente o SENAC tem desenvolvido diferentes atividades atendendo às mudanças no mundo do trabalho como, por exemplo, cursos de qualidade, relações humanas, 5 Ss, Técnico em Processamento de Dados e muitos outros cursos relacionados à área de informática.

Na parte de informática são inúmeras as empresas que se constituíram nos últimos anos e a grande maioria delas prestam serviços às agroindústrias e às demais empresas anteriormente relacionadas, ligadas ao setor⁴⁴.

O sistema financeiro, é outro setor que tem se desenvolvido muito. Enquanto que nos anos 50 existia apenas um banco (o Banco do Brasil), atualmente Chapecó conta com:

Banco do Brasil S/A - 3 agências.

Banco Brasileiro de Descontos S/A - BRADESCO - 1 Agência.

⁴⁴ Temos a certeza que este setor de serviços é extremamente complexo e apresenta sua importância na constituição do urbano atual de Chapecó. Porém, devido a essa complexificação, optamos, neste momento em não desenvolver a pesquisa neste setor.

Banco do Estado de Santa Catarina S/A - BESC - 1 agência e 7 postos de atendimento

Banco HSBC Bamerindus -1 agência

Banco Meridional S/A - 1 Agência

Banco Itaú S/A - 1 Agência

Banco Excel/Econômico S/A - 1 Agência

Banco Real S/A - 1 Agência

União de Bancos Brasileiros S/A - UNIBANCO - 1 Agência

Caixa Econômica Federal - 2 Agências

Banco do Estado do Rio Grande do Sul - BANRISUL - 1 Agência

Banco do Estado do Paraná S/a - BANESTADO -1 Agência

Banco do Desenvolvimento de Santa Catarina - BADESC -1 Agência

Banco Regional de Desenvolvimento - BRADE - 1 Agência.

Um outro setor que se desenvolveu foi o setor de carregamento e descarregamento de cargas. Este trabalho pode se dar através de duas maneiras: via contrato realizado pelas empresas atuantes neste setor, tendo negociação direta com o sindicato Patronal; ou então via pessoas autônomas (pessoas desempregadas que buscam um trabalho - um bico), contratadas para desenvolver um trabalho temporário, com intermediação do Sindicato dos Trabalhadores na Movimentação de Mercadorias de Chapecó.

O Sindicato tem a função de indicar e fazer o contrato de trabalho, ou seja, intermediar a mão-de-obra entre as empresas ou pessoas que solicitarem os trabalhos. O sindicato conta atualmente com 1.200 trabalhadores na categoria.

O transporte dos produtos frigoríficos na sua maior parte é terceirizado, feito por pequenas e médias empresas do município. É marcante também a presença de proprietários de caminhões que fazem o transporte dos produtos. Segundo dados do Sindicato dos Motoristas Autônomos, são 38 caminhoneiros, registrados em seu sindicato, que possuem um caminhão, e mais um número muito grande de pessoas

que possuem mais de um caminhão e que por esse motivo não constam nos seus arquivos, pois tiveram que constituir firma.

No Sindicato Patronal estão registradas 127 empresas de transportes de cargas, são empresas que possuem de 2 até mais de 50 caminhões. Porém o número dessas empresas é muito maior, segundo os dados da Prefeitura Municipal de Chapecó, totalizando 462 empresas.

É significativo também o número de funcionários (motoristas) que trabalham nestas empresas - 1.536 registrados no Sindicato dos Trabalhadores em Transporte Rodoviário de Chapecó, sabendo-se que este número é muito maior, pois nem todos os funcionários possuem registro no sindicato.

Para se ter uma noção da dinâmica dessas empresas, foram visitadas duas delas, as maiores de Chapecó em termos de frota de caminhões, a Bonassi e Irmãos Ltda. e Transportes Marvel Ltda. No mapa nº 10 estão localizadas as 14 maiores empresas de Chapecó, neste setor.

A Empresa Bonassi Ltda é uma empresa com faturamento médio de R\$ 226.200,00 mensal e instalou-se em Chapecó em 1980. Emprega atualmente 61 funcionários, sendo 3 no administrativo e 58 na parte mecânica e motoristas. O seu transporte é feito exclusivamente para a Empresa Sadia.

Os transportes feitos são sobretudo congelados e ração a granel. Em Chapecó e região é transportado sobretudo a ração a granel das fábricas de ração até os aviários. A maior parte dos transportes (60%) são de congelados e estes são levados para todos os Estados brasileiros. Boa parte da frota de carrocerias frigoríficas é adquirida na Inreal (de Chapecó) e as carrocerias graneleiras provêm de Xanxerê (SC). Além dessas empresas é bastante grande a participação de outras empresas como a Spérandio S/A e Arduíno Galina.

A empresa Transportes Marvel Ltda. instalou-se em Chapecó em 1975 e atua no ramo de transportes rodoviários de cargas. Atua com 72 funcionários, destes, 04 no administrativo, 03 vigias e 58 motoristas. O faturamento médio é em média de R\$ 700.000,00/mensal.

São transportados em média, por ano, 69.120.000 toneladas de carne de frangos, peixes e frutas. O transporte de carnes e seus derivados é feito todo para os países do Mercosul - Argentina, Uruguai e Chile. São exportados os produtos frigoríficos e importados carnes, peixes e frutas.

Os produtos transportados provêm de diferentes empresas como a Sadia - unidades de Chapecó e Concórdia (SC), Ceval Alimentos - unidades de Seara, Itajaí, Forquilha (SC) e Jacarezinho (Pr); Diretivos Agrícolas de Pernambuco; Pezpan Com. Internacional de São Paulo; Grand Meat Com. e Imp. Ltda - São Paulo e Representantes Santistas de Pernambuco.

A frota de caminhões totaliza 58 caminhões, sendo 50% da marca Scania, Volvo e Mercedes Benz e os Semi-reboques, também totalizando o número de 58 são da marca Recrusul, Randon, Guerra e Inceal.

Percebemos, portanto, que as empresas transportadoras, ou transportes particulares, são responsáveis por uma série de demandas atendidas pelo setor de comércio, fornecendo não só os caminhões, carretas, carrocerias, mas uma série de outros equipamentos como pneus, e outros acessórios, o que levou a desenvolver em Chapecó diversas lojas especializadas para atender essa demanda.

A COTRAOCA (Cooperativa dos Transportadores de Cargas Oeste Catarinense) é uma Cooperativa fundada em 1975 e tem por finalidade atender os transportadores no sentido de suprir a necessidade de peças e acessórios. A cooperativa consegue comprar diretamente da fábrica e em quantidade maior o que leva à diminuição dos custos. Desta forma, óleos, lubrificantes, filtros, pneus e outras peças podem ser adquiridas pelos transportadores a preços mais baixos. Esta cooperativa visa a atender sobretudo as pequenas empresas e os transportadores autônomos, já que as grandes empresas transportadoras têm condições de fazer essas aquisições diretamente dos fornecedores sem encarecer o preço dos produtos adquiridos. A cooperativa conta atualmente com mais de 300 associados.

A complexificação desses serviços reflete a demanda dos setores que usufruem dos mesmos. O crescimento desses setores, direta ou indiretamente, mesmo que não façam parte do sistema produtivo, tem o objetivo de atender às suas

demandas. Benko (1996: 74) diferencia em dois departamentos o setor de serviços, serviços diretamente voltados para a produção: atividades de pesquisa, cursos ligados à produção, refeitório manutenção elétrica e mecânica, limpeza, informática e muitos outros. Indiretamente voltados à produção como marketing, finanças e administração. Esses serviços também podem ser visualizados e diferenciados no sistema produtivo de Chapecó.

É importante perceber que atualmente o urbano de Chapecó possui uma complexidade muito grande, trazendo no seu interior uma série de outras indústrias e atividades, que fogem do círculo de atuação das agroindústrias. São empresas que visam a atender a demanda do próprio aumento da população e da própria expansão econômica de Chapecó.

Vemos, portanto, que é uma multiplicidade de atividades e de empresas que constituem a dinâmica do espaço urbano de Chapecó. Através do mapa 10, podemos ver que a grande maioria das empresas, a que demos destaque neste trabalho, estão localizadas na parte noroeste da cidade, ou seja, nas proximidades das empresas agroindustriais. Deixando claro que são as agroindústrias que determinaram o papel do espaço geográfico urbano de Chapecó.

Sendo as agroindústrias o setor dinâmico da economia de Chapecó, elas determinaram também a localização das empresas responsáveis por atender à sua demanda. Através do mapa 10 isso nos fica claro, pelo fato de a localização do Distrito Industrial estar fora do eixo dessa dinâmica agroindustrial. A maior parte das indústrias do município e que estão dentro desta dinâmica estão localizadas nas proximidades das agroindústrias.

Podemos ver que essas empresas estão localizadas de maneira a aproveitar também as principais vias de acesso que servem esta parte da cidade. A maioria dessas empresas estão localizadas nos principais eixos de acesso ou em sua proximidade, facilitando com isso o transporte e também a relação com as demais empresas fornecedoras.

Outro elemento importante a ser registrado, segundos dados da Prefeitura Municipal de Chapecó, é o fato de esta parte da cidade ser a que mais

tem crescido em números populacionais. Principalmente na parte Oeste, área próxima à Sadia e das novas instalações do Frigorífico Aurora - bairros Efapi.

Nesta área da cidade é grande o número de novos loteamentos e de novas moradias que surgiram. Como exemplo disso podemos observar a tabela n° 21 que nos indica os principais loteamentos a partir dos anos 80 até 98, com os respectivos números de lotes. Essas informações são importantes para ilustrar o grande crescimento que esta zona da cidade está tendo. Segundo informações do departamento de Planejamento Urbano esta é a parte da cidade que mais tem recebido pessoas nos últimos anos.

Tabela 21: Loteamentos aprovados no Bairro Efapi, de 1980 a 1998.

Loteamentos	Ano de Aprovação	N° de lotes
Efapi	1980	621
Thiago	1981	229
Juliana	1981	194
Jardim do Lago*		
Aury Bodanese	1995	307
Alta Floresta	1997	302
Rosana	1997	143
Witoldo	1997	83
Zanrosdo	1997	678
Jardim do Lago II	1998	62
Universidade**		
Campos**		
Califórnia**		
Total		2.619

Fonte: Informações do Departamento de Planejamento e Urbanismo da Prefeitura Municipal de Chapecó.

Elaboração: da autora.

*Não obtivemos as informações.

**Loteamentos para serem aprovados em 1998.

Um dado importante a se destacar é a paisagem formada nesta área. A grande maioria das casas são casas simples de madeira reaproveitada. O que nos leva crer que seus proprietários, em boa parte são antigos agricultores, que venderam suas propriedades, compraram um terreno e com as suas antigas moradias construíram as

atuais residências. Isso é um elemento que pode nos mostrar o intenso êxodo rural que a região e os estados vizinhos vêm passando, bem como a atração populacional que Chapecó vem exercendo sobre as demais áreas da região.

As fotos n^{os} 49 e 50 mostram um pouco do que nos referimos anteriormente. Através delas podemos ver uma das casas que constitui boa parte da paisagem destes loteamentos e também uma pequena vista parcial do loteamento Thiago e nos fundos as novas instalações do frigorífico Aurora.

Foto 49



Foto 50



4. Chapecó: sua dinâmica e sua relação com outros centros.

É importante notar que a maioria dessas empresas, mesmo, tendo se desenvolvido em Chapecó por causa das agroindústrias, estabelecem uma relação que vai além da relação agroindústria-empresa. Elas necessitam de uma série de outros fornecedores, o que obriga o espaço a se equipar desses novos elementos necessários para o seu funcionamento. Temos, então, não apenas uma relação empresa e agroindústrias, mas uma relação com outras empresas que foram surgindo (pequenas indústrias e/ou fornecedores comerciais e representações) e estabelecendo-se em Chapecó para atender a essas demandas. Da mesma forma, empresas de outros municípios e regiões do estado e do país entram em cena com o mesmo objetivo.

Observamos, portanto, que o urbano que foi se formando em Chapecó não é um lugar fechado em si mesmo, onde se poderia encontrar internamente a lógica de sua formação. Há uma articulação de diferentes lugares próximos e distantes. Lugares do território nacional e do território global. Lugares em que Chapecó, com sua materialidade produzida, lhe possibilita marcar a sua presença, através dos diferentes postos de vendas, escritórios e filiais das empresas de Chapecó, bem como seus produtos comercializados presentes nos diferentes pontos do território nacional e também internacional.

Verificamos, portanto, que as agroindústrias instaladas em Chapecó abriram uma série de possibilidades de comunicação entre os lugares. Elas criaram um sistema territorial com capacidade de dar respostas às demandas. Temos, neste sentido, uma conexão espacial entre:

1. Chapecó e outros centros do país e do exterior. Devido à estrutura espacial “frágil” de Chapecó e região, Chapecó obrigou-se a buscar em outros centros industrializados o suprimento da demanda de máquinas e equipamentos e serviços. Muitos destes, os mais sofisticados como muitas das máquinas automatizadas utilizadas pelos frigoríficos e demais empresas, têm sua origem principalmente na Alemanha, Estados Unidos, Bélgica e outros países europeus e também do Japão.

Outras máquinas e motores são provenientes de outros centros do país, principalmente de São Paulo, Porto Alegre e Joinville.

Na área de transportes também é grande a relação de Chapecó com outras regiões do país, com a compra de caminhões, furgões, câmaras frias, bem como a matéria-prima para a fabricação de câmaras frias e máquinas para frigoríficos, como aço, aço inox, ferro, resina, etc., e outros produtos como pneus, rodas, eixos, motores, etc..

A linha de embalagens também demanda uma relação grande com outros centros e também com outros países, tanto para aquisição de maquinários para indústria (impressoras, etc.), bem como de matéria-prima, como plásticos, tintas polietileno, etc.

Se essas empresas surgiram com o objetivo de atender à demanda das empresas frigoríficas, por sua vez, também, possuem determinadas demandas que necessitam ser atendidas por outros setores, como é o caso dos fornecedores de matéria-prima como ferro, aço inox, poliuretano.

Se falarmos em termos de comércio dos produtos aqui industrializados, é igualmente grande a relação espacial de Chapecó com os centros maiores do país e também com outros países do globo.

Boa parte dos produtos industrializados e carne *in natura* é comercializada com outras regiões, conforme vimos no capítulo 2 na descrição que fizemos das agroindústrias. Além desses produtos frigoríficos, os demais produtos levantados nesta pesquisa, conforme vimos anteriormente, muitos deles têm seu destino para outras regiões do país ou então são vendidos para o exterior, como é o caso das máquinas frigoríficas e também embalagens. Lembrando que em alguns casos esse comércio é facilitado via agroindústria de Chapecó através de suas filiais em outras regiões do país.

2. Numa segunda dimensão, temos a relação do urbano de Chapecó com ele mesmo. Vemos a formação de uma verdadeira rede, numa relação de pontos entre si. Temos demandas que para serem supridas vão fazer surgir outras demandas e assim uma série de outras indústrias médias e pequenas e também estabelecimentos

comerciais e de serviços - bancos, informática, vigilância, serviços de jardinagens, serviços de refeitórios etc., peças, acessórios, pneus, caminhões, etc.

É importante notar que nesta relação Chapecó marca sua presença também regional, que extrapola os limites do município, pois, essas empresas, no caso da Chapecó e Aurora, possuem filiais nos municípios próximos e no caso da Sadiá a sua matriz é Concórdia. Igualmente esses municípios desenvolveram em menor escala formas de estruturação do espaço para atender à demanda dessas agroindústrias.

Chapecó considerada, hoje, pólo regional - do ponto de vista da hierarquia urbana - diferencia-se dos demais lugares pela sua capacidade de construir uma materialidade espacial capaz de concentrar uma infra-estrutura necessária mais ampla, possibilitando o desenvolvimento do processo de produção e de circulação (transportes), calcado no atendimento da demanda dos frigoríficos agroindustriais aí desenvolvidos.

Esse processo é facilitado pelo fato de Chapecó estar num entroncamento com acesso para o Rio Grande do Sul, servido de vias rodoviárias com ligação para diferentes lugares do Estado e demais regiões do país, fazendo de Chapecó o pólo regional que a diferencia das demais cidades da região.

3. Uma terceira dimensão espacial de Chapecó, e talvez a mais importante, é a sua relação com o espaço rural. Consideramos mais importante porque foi a reestruturação da produção agrícola que possibilitou a essas empresas se desenvolverem, pois é a produção agrícola a abastecedora de matérias-primas para o funcionamento deste processo produtivo.

Uma vez que a agricultura não visa mais atender apenas às necessidades da família e de sua propriedade, a agricultura de Chapecó e região Oeste, - a exemplo de toda a agricultura no atual estágio de desenvolvimento do capitalismo - teve que se estruturar e produzir de acordo com os interesses e necessidades do mercado que é sobretudo urbano. A cidade, então, muda o campo e lhe impõe as suas regras. Com a presença das agroindústrias na região as imposições da cidade sobre o campo são ainda maiores, pois o campo como fornecedor de matéria-prima

tem que se adequar segundo os padrões da empresa, conforme as orientações dos técnicos para a implantação de aviários, chiqueiros ou galpões. Neste caso não só muda a estrutura produtiva das propriedades agrícolas, como também a paisagem rural e o modo de vida dos agricultores, devido às novas relações de produção que vão sendo estabelecidas.

Observamos no espaço geográfico de Chapecó e região uma relação direta com o rural. O urbano só é urbano devido a presença do rural diretamente integrado com ele. Neste sentido, podemos perceber aquilo que Milton Santos chama de regiões agrícolas e regiões urbanas e não só regiões rurais e cidades (Santos, 1993). Observamos nas regiões agrícolas uma reciprocidade entre os espaços urbanos e o agrícola. Um exercendo influência sobre o outro, ou seja, “áreas agrícolas contendo cidades adaptadas e áreas rurais adaptadas às demandas urbanas”. (Santos, 1993: 65)

Na verdade, não só em Chapecó, mas também em toda a Região Oeste, não temos áreas urbanas contendo regiões agrícolas - como é o caso das regiões próximas a São Paulo - SP - mas o oposto, áreas agrícolas contendo cidades. Neste caso toda a vida econômica e social está estruturada com base nas atividades agrícolas e não com base nas atividades urbanas.

Nesta visão a cidade de Chapecó, ao mesmo tempo que se estruturou a partir do rural, equipou-se de instrumentos capazes de atender às necessidades do campo, com máquinas e implementos agrícolas, insumos, adubos, ração, remédios veterinários, equipamentos para aviários e chiqueiros, possibilitando a criação de departamentos comerciais especializados para atender as propriedades agrícolas, bem como técnicos agrícolas e veterinários.

Em Chapecó há uma produção e reprodução do espaço enquanto lugar e meio de produção, que engloba o espaço local, o espaço regional, contextualizados com o espaço global, ou mundializado. Esse espaço não é neutro e nem abstrato, mas é resultado da interrelação dos níveis econômicos e políticos.

Vemos que Chapecó enquanto espaço regional mantém e comanda funções de dominação. Porém, está também subjugado a uma estrutura maior que é

o espaço nacional e global. Como nos diz Milton Santos (1996), que hoje os lugares são mundiais, pois obedecem a ações comandadas pelos grandes grupos que comandam as ações internacionais

“A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade.” (Santos, 1996: 272)

Desta forma Chapecó no momento que compõe a sua dinâmica, com os elementos que lhe são próprios - homens, empresas, instituições, atividades agrícolas, formas geográficas - e que produzem o seu cotidiano, ao mesmo tempo esses elementos locais são obrigados a adequarem-se na estrutura que é comandada por agentes que são globais.

Numa observação empírica, percebemos que a vida econômica de Chapecó é mais ativa, que a das demais cidades que também abrigam frigoríficos e agroindústrias na região Oeste de Santa Catarina. Podemos dizer que Chapecó, pela sua localização espacial, e pelo desenvolvimento do transporte rodoviário foi capaz de interligar as diferentes cidades e também estados do sul por meio de rodovias de acesso. Sendo também passagem dos gaúchos do Rio Grande do Sul para diversas regiões de Santa Catarina e do Paraná na fase de colonização, desenvolveu uma série de possibilidades para implantações de diferentes atividades econômicas, que acabaram sendo mais bem concertadas e adaptadas às demandas locais e regionais. Intensificando-se desta forma a hierarquia espacial e firmando Chapecó como cidade pólo regional. Neste sentido, longe de formar um espaço homogêneo, há sim a formação de um espaço, como dissemos, hierarquizado, porém diversificado com uma certa divisão social do trabalho capaz de atender às demandas da região.

Para Milton Santos, este processo pode ser assim explicado

“O princípio da diferenciação entre os lugares, dentro de uma mesma formação social, é dado, sobretudo, pela força de inércia representada pelas heranças do passado, a começar pelo espaço construído, que acaba por ser um dado local, e pelos elementos de

transformação, representados por uma divisão do trabalho que transcende os limites locais”(Santos, 1994: 126).

Nas atividades agroindustriais, a hierarquia e a interdependência entre os lugares, principalmente com a macroeconomia mundial, é observada através das exigências desenvolvidas, sobretudo pela OMC (Organização Mundial do Comércio) e também através dos selos de qualidade, o que nos deixa pistas claras das imposições a que essas empresas têm que se adaptar e submeter.

No momento em que se abrem as portas para o comércio mundial, há certamente dois fatores estreitamente ligados entre si: há o aumento do comércio mundial, mas por outro lado com um custo muito maior que é o acirramento da concorrência, obrigando as empresas a adaptarem-se a esse mercado, e ainda sujeitas a serem incorporadas pelas conglomerados maiores atuantes neste setor, que podemos aqui exemplificar com a venda das empresas Perdigão, Chapecó e Ceval para grupos maiores e concorrentes no setor da produção agroindustrial.

Vemos, portanto, aquilo que Milton Santos (1994) nos diz, que a proporção que os processos de valorização do capital se internacionalizam, o desenvolvimento dessas cidades está mais do que nunca ligado a decisões tomadas em outras cidades, quase sempre distantes. Chapecó, portanto, não pode ser visto isoladamente, pois está submetido ao processo de decisões no conjunto do processo capitalista de produção. Pois, na medida em que o capitalismo se expande, os lugares têm que se adaptar às leis que são gerais do próprio sistema capitalista de produção. O momento presente é exemplo disso, os lugares e as empresas precisam reestruturar-se para fazerem parte do mundo do capital mundial, caso contrário serão excluídas do processo. Num grau mais elevado, dá-se aquilo que Marx (1988), já no século XIX, escrevia em seu Manifesto Comunista:

“Impelida pela necessidade de mercado sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda a parte, criar vínculos em toda a parte.

Pela exploração do mercado mundial a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. (...) As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a

sê-lo diariamente. (...) No lugar do antigo isolamento das regiões e nações que se bastavam a si mesmas, desenvolve-se um intercâmbio universal, uma interdependência universal das nações”.

Desta forma, as cidades são chamadas a estruturar seus espaços de acordo com as necessidades de uma economia que é globalizada, neste sentido, elas têm que seguir o jogo, onde quem dá as cartas são os atores internacionais. Assim,

“o processo de internacionalização das cidades ora em marcha acelera essa evolução, já que a vocação mundial das cidades as envolve num movimento cujo ritmo não é dado apenas pela própria cidade, ou seu próprio país, mas pelas exigências de uma competitividade cuja escala é planetária” (Santos, 1994: 130).

Observamos, portanto, que Chapecó através do desenvolvimento de suas capacidades dinâmicas, através da agroindústria, foi projetado para o exterior, desde os anos 70. Como podemos ver foram intensificadas em Chapecó as trocas com outros territórios, tendo a necessidade de “criar e inventar novas estruturas econômicas.” (Benko, 1996)

Chapecó, desta forma, desenvolveu características próprias que a projetou para fora e ao mesmo tempo vem sendo moldada segundo as imposições do processo de globalização da economia capitalista como um todo.

As contradições sociais, decorrentes deste processo, seguramente são imensas: no setor agrícola verificamos a “expulsão” cada vez maior de pequenos agricultores que já não são úteis para o sistema, agravando o quadro da completa carência desse setor trabalhador, ou então indo engrossar as fileiras dos desempregados na cidade. No setor urbano o desemprego e a falência de pequenas e médias empresas é outro fator presente no atual momento. Certamente este é outro elemento digno de análise, mesmo porque é, sem dúvida, um problema de ordem social e econômica com seus reflexos espaciais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que mais nos entusiasma no término de uma dissertação é poder chegar ao seu final com elementos capazes de dar respostas às indagações feitas num primeiro momento da pesquisa. Sem dúvida, que novos elementos vão sendo desvendados e com eles, novos questionamentos. Porém, o mais importante é o fato de que para esta etapa de pesquisa e dissertação, estabelecemos alguns objetivos, e que na medida do possível nos empenhamos para dar respostas às indagações colocadas na fase inicial da pesquisa.

Neste sentido, estamos aptos a fazer algumas considerações que encerram o ato desta dissertação.

Dentre as diferentes teorias que analisam o processo de industrialização no Brasil, geralmente apontam os interesses internacionais de grupos transnacionais como principais responsáveis pela industrialização brasileira e seus problemas. Storper (1990) nos chama a atenção e nos mostra a importância das forças políticas locais (Estado, industriais e latifundiários) como atores principais para desenvolver esse crescimento.

Desta forma, acreditamos que com esta pesquisa conseguimos averiguar as forças especificamente locais de uma região com características próprias e, com certeza, por maior esforço teórico que fizéssemos seria impossível buscar explicação lógica, atribuindo apenas às forças externas as causas da industrialização e da urbanização numa região agrícola que é o Oeste de Santa Catarina.

Como vimos, desde o primeiro capítulo, percebemos que o desenvolvimento das forças produtivas locais estiveram extremamente vinculadas às oligarquias econômicas que de uma forma ou de outra controlavam também as forças políticas.

Desta forma, Chapecó desenvolveu suas forças locais que possibilitaram projetá-la para fora. Sem dúvida que essas forças locais, para chegar à projeção externa, fazendo da região Oeste de Santa Catarina um dos maiores parques

agroindustriais (de aves e suínos) da América Latina, tiveram, obrigatoriamente que se adequar às leis gerais do capitalismo internacional. É aqui que uma análise com visão geral se fez necessário.

Chapecó foi criando um urbano que se desenvolveu a partir de uma região agrícola, que aos poucos equipou-se com objetos capazes de atender às demandas criadas pela estrutura agroindustrial desenvolvida na região e que gradativamente foi se integrando numa estrutura mundial.

Desta forma, as agroindústrias são responsáveis pela concentração espacial de empresas menores em Chapecó, levando estas a se agruparem em torno de seus clientes. Com o aparecimento desses novos setores, abriu-se a oportunidade para novos estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços, complexificando a malha e a estrutura urbana do município.

A lógica da produção capitalista pode assumir formas alternativas de acordo com as condições locais, sem obedecer às características de desenvolvimento econômico geral (no caso brasileiro a industrialização deu-se dentro do plano de substituição de importações, com a combinação do capital multinacional, do capital nacional e do Estado). Neste contexto, o espaço de Chapecó assume formas específicas, com a participação do capital local e estatal, sobretudo, através dos diversos sistemas de créditos financeiros.

No decorrer do trabalho, procuramos mostrar o processo de implantação das agroindústrias na região Oeste, especialmente em Chapecó e a forma como elas direcionaram e direcionam a produção industrial e também agrícola de Chapecó.

A instalação das agroindústrias e as mudanças internas do seu processo produtivo levou outros ramos industriais desenvolverem-se, como é o caso das indústrias de maquinários e equipamentos para frigoríficos. O investimento em produtos com maior valor agregado, demandam também uma série de embalagens mais sofisticadas, o que leva à complexificação das indústrias de embalagens, etiquetas e rótulos.

O setor de transportes, igualmente, é outra atividade que cresce em Chapecó. O desenvolvimento deste setor toma formas múltiplas com a criação de

indústrias de câmaras frias, furgões e carrocerias, bem como, com o surgimento de revendedores de caminhões e toda a infinidade de acessórios que esta linha demanda. O número de empresas transportadoras e de profissionais autônomos também é bastante significativo.

Tanto as indústrias de máquinas e câmaras frigoríficas, furgões ou embalagens, necessitam de uma série de outras empresas para atender à demanda em chapas de aço, ferro, inóx, plásticos, tinta, papel, parafusos, motores e tantos outros acessórios e matéria-prima que originarão os produtos finais e que serão encontrados nas empresas revendedoras da cidade, levando à complexificação, também deste ramo do comércio.

A pequena agricultura com sua produção comercial passou a atender às necessidades das empresas agroindustriais. O urbano novamente é o responsável para desencadear essas mudanças agrícolas. Temos então empresas especializadas em vendas de equipamentos para aviários, chiqueiros, medicamentos e outros insumos agrícolas.

Os serviços demandados por essas atividades, igualmente são grandes e vão contribuir para a nova configuração espacial do urbano de Chapecó.

Um ramo industrial acaba sempre se propagando para outros setores (Marx, 1996: 437). É o que se verifica nos ramos industriais que constituem fases de um mesmo processo global. Mesmo estando isolados pela divisão social do trabalho, em que cada um produz uma mercadoria independente, há uma interação dessas empresas, fazendo com que cada qual ocupe seu papel dentro de um determinado processo produtivo.

Conforme trabalhamos no decorrer do nosso estudo, que a produção do espaço geográfico se dá através da produção do capital, chegamos à conclusão que os espaços por mais distantes e separados que estejam, interagem de modo que o espaço de um determinado local só o é devido à sua interação com os demais. Ou seja, são diversos circuitos de produção, em diversos espaços diferentes que formam a produção do capital em Chapecó. Enquanto se produz e industrializa o frango ou o suíno, as máquinas, as câmaras frias, os furgões, as embalagens etc, em Chapecó,

outros produtos estão sendo produzidos em outros locais e que irão juntar-se ao processo produtivo deste lugar. Assim como não podemos precisar o destino final de cada produto aqui industrializado, igualmente a totalidade da produção de Chapecó e seus espaços é difícil de precisar. O que podemos ter clareza é da produção que acontece imediatamente no local.

Há, portanto, em Chapecó um espaço urbano que se formou a partir do desenvolvimento agroindustrial. Um espaço que está em consonância com as necessidades agrícolas e as necessidades urbanas formadas a partir do desenvolvimento agrícola. As características próprias de Chapecó fizeram com que ela polarizasse as demais cidades próximas, complexificando ainda mais as atividades necessárias para atender a essas demandas.

6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ACARESC e Secretaria da Agricultura e do Abastecimento - A extensão Rural a Serviço da Família Rural. Florianópolis, 1984.

Ações e Compromissos. Relatório do Sistema SENAI - 1996.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho ? Ensaio sobre as metamorfoses e o mundo do trabalho. São Paulo. Cortez, 1997.

Associação Comercial e Industrial de Chapecó - ACIC. **História Empresarial Vivida.** Chapecó: Grifos, 1997.

BELATO, Dinarte. Os Camponeses Integrados. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP. Maio de 1985

BELLANI, Eli Maria. *Município de Chapecó: Legislação e evidências 1919 - 1931.* In Cadernos de Organização da Memória do Oeste de Santa Catarina - CEOM. Chapecó 1989.

BENKO, Georges. **Economia Espaço e Globalização na aurora do Século XXI.** Hucitec, São Paulo, 1996.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista. A Degradação do Trabalho no Século XX.** Guanabara. Rio de Janeiro, 1987.

CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina.* Florianópolis, Lunardelli, 1987.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re) produção do Espaço Urbano.** São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

_____. **O Lugar no/do mundo.** Hucitec. São Paulo 1996.

CORRÊA, Adolfo Nunes. Suinocultura e Extensão Rural. In FURTADO FILHO D. Et Alli (Organizadores) **Gotas de Suor: Uma Trajetória de 40 Anos.** Florianópolis. Epagri, 1996.

Dados das Cooperativas filiadas - Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda

Dados Cadastrais. Cooperativa Central Oeste Catarinense, 1996

Dados da Prefeitura Municipal de Chapecó. Secretaria da Agricultura e abastecimento; **Demonstrações financeiras**, 1994, 1995, 1996, 1997 - S.A. Indústria e Comércio Chapecó.

Demonstrações Financeiras, 1994, 1995, 1996, 1997 - S.A Indústria e Comércio Chapecó.

Departamento de Tributação; Departamento de Fiscalização do Município; Secretaria da Fazenda de Chapecó.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Novidades Tecnológicas. Embrapa 24 anos, 1997.

_____ Suínos e Aves - Folhetos de divulgação. Concórdia, 1997.

_____ MS 58 Suíno "Light"- mais carne na carcaça. Folheto de divulgação. Concórdia - SC, 1997.

ESPÍNDOLA, Carlos José. *As Agroindústrias do Oeste Catarinense. O caso Sadia*. Dissertação de Mestrado. USP, São Paulo, 1996.

Folhetos de divulgação - Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda

FRANCO, Homero M. A Pesquisa Agropecuária em Santa Catarina. In. FURTADO FILHO D. Et Alli (Organizadores) **Gotas de Suor: Uma Trajetória de 40 Anos**. Florianópolis. Epagri, 1996.

GIESE, Bárbara. *A atuação Política do Empresariado Catarinense dos Ramos Têxteis e Agroindustrial: Demandas e Canais de Influência (1970 - 1985)*. Dissertação de Mestrado. Sociologia Política, UFSC, 1991.

HAAS, Monica. *Os Partidos Políticos e a Elite Chapecoense - Um Estudo de Poder Local 1945 a 1965*. Grifos. Chapecó, 1997.

HOBBSBAWM, J. A Era das Revoluções - 1789 - 1848. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

HARVEY, David, **A Condição Pós-Moderna**. Loyoloa, São Paulo, 1993.

KOMINSKY, Ethel V. e ANDRADE, Margarida M. De. O Estado e as Classes Sociais. In Martins, José de Souza. **Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética**. São Paulo, Hucitec, 1996.

IBGE - Censo Industrial - 1960 a 1980.

IBGE. Coleção de Monografias. Nº 379 - Chapecó - SC. Conselho Nacional de Estatística. 1967.

_____. Departamento Estadual de Estatística. Agência Municipal de Xapecó. Informações Estatísticas do Munic. de Xapecó relativas ao ano de 1940.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1996.

JORNAL FOLHA D'OESTE, de 1967 a 1979.

Jornal Interno Fatos & Dados. Sadia Concórdia S.A. - SC. Nº Agosto de 1997.

Jornal Cooperalfa. Chapecó (SC) - Ano IX. Nº 106 Outubro de 1997.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo. Moraes Ltda, 1991.

_____. **De L'Etat**, Tome III Le Monde de Production Étatique. Paris. Union Général d'Éditions, 1976.

LOJKINI, Jean. **O Estado Capitalista e a Questão Urbana**. São Paulo. Martins Fontes, 1981.

LEMOS, João Batista. A Classe Operária e o Movimento Sindical. In **Revista Princípios**. Nº 48, 1998.

LIMA, Haroldo. Sobre as Privatizações no Brasil. In **Princípios** Nº 48. Fev. Mar. Abr./98.

LOPES, Athos de Almeida. A municipalização da Agricultura. In. FURTADO FILHO D. Et Alli (Organizadores) **Gotas de Suor: Uma Trajetória de 40 Anos**. Florianópolis. Epagri, 1996.

MARTINS, José de Souza (Org.) **Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética**. Hucitec, São Paulo, 1996.

MARTINS, Luciano. **Estado Capitalismo e Burocracia no Brasil pós-64**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1985.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro I - Vol 1 e 2. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1996.

_____. Para a Crítica da Economia Política. In **Manuscritos Econômicos e Outros Textos Escolhidos**. Seleção de textos de José Carlos Giannotti; Traduções de José Carlos Bruni... (Et al.). São Paulo, Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

- OLHWEILER, Otto Alcides. **Evolução Sócio-Econômica do Brasil** - Do descobrimento à Nova República. Ortiz S/A Porto Alegre, 1990.
- OLINGER, Glauco (1). **Ascensão e Decadência da Extensão Rural no Brasil**. Florianópolis, SC. EPAGRI, 1996.
- _____. (2) ETA Projetop 17. In. FURTADO FILHO D. Et Alli (Organizadores) **Gotas de Suor: Uma Trajetória de 40 Anos**. Florianópolis. Epagri, 1996.
- OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. **A Agricultura Camponesa no Brasil**. Contexto. São Paulo, 1991.
- PELUSO, Victor Antônio Junior. A Evolução da Cidade de Chapecó: De Povoador a Centro Regional, in *Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina*. UFSC Florianópolis, 1991.
- Projeto Micro Bacias** - Um esforço para o desenvolvimento sustentável da agricultura de Santa Catarina. Catálogo de divulgação
- Perfil Empresarial**. S.A. Indústria e Comércio Chapecó. Informações atualizadas até junho de 1997.
- PIMENTA, Luís Fugazzola. **Cidades Pioneiras e Modernização no Oeste de Santa Catarina**. In: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, IV, 1996, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: UFRS/PROURB, 1996. p. 285 - 292.
- _____. **Configurações Espaciais e Estruturas Produtivas no Oeste Catarinense**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, RJ, 1984.
- PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. **A Estrutura Espacial da Microrregião Colonial do Rio do Peixe**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, RJ, 1984.
- POLI, Jaci. Caboclo: **Pioneirismo e Marginalização**. In Cadernos do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de Santa Catarina - CEOM - N° 07. Chapecó - SC, 1991.
- Relatório Anual** Indústria e Comércio Chapecó.
- Relatório Anual**. 1994, 1995, 1996, Cooperativa Central Oeste Catarinense.
- RENK, Arlene. **As Representações dos Colonos no Oeste Catarinense, a Partir dos Brasileiros**, in Cadernos do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste - CEOM - N° 07. Chapecó, SC, 1991.

- Revista Chapecó** - 1977. 60º aniversário. Prefeitura Municipal de Chapecó
- Revista Integração Sadia**. Nº 29, Mar/Abril, 1998.
- ROCKENBACH, Osvaldo Carlos e NADAL, Raul. O Centro de Pesquisa para pequenas Propriedades. In FURTADO FILHO D. Et Alli (Organizadores) **Gotas de Suor: Uma Trajetória de 40 Anos**. Florianópolis. Epagri, 1996.
- RODRIGUES, Maria Lúcia Estrada. O Processo de Produção do Espaço: Um exercício Teórico Metodológico. In **Boletim Poaulista de Geografia**. Nº 60, 1984. AGB. São Paulo. 1994 - S.A.
- Sadia 50 Anos: Construindo uma História**. São Paulo: Prêmio 1998.
- SANTA CATARINA - Síntese Conjuntural**, 1974. Imprensa Oficial do Estado.
- SANTOS, Milton A **Urbanização Brasileira**. Hucitec. São Paulo, 1993.
- _____. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1992.
- _____. **Por Uma Economia Política da Cidade**. Hucitec. São Paulo, 1994.
- _____. **Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e Meio Técnico Científico**. Hucitec. São Paulo, 1997
- _____. **Por Uma Geografia Nova**. Hucitec. São Paulo, 1996.
- SANTOS, Sílvia Coelho dos. *Nova História de Santa Catarina*. Florianópolis, Lunardelli, 1997.
- SADER, Emir e GENTILI, Pablo. (Org.). **Pós-Neoliberalismo - As Políticas Sociais e o Estado Democrático**. Paz e Terra. São Paulo, 1996.
- SENAC. DN. **Relatório Geral**, 1995, Rio de Janeiro: 1996.
- SILVA, Harrysson Luz da. *A Gestão do Território Pelo Grupo Sadia no Município de Concórdia - Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 1991.
- SODRÉ, Nelson Wernwck. **Formação Histórica do Brasil** Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro, 1990.
- SOUZA Nilton Rogério de. A criação da EMATER - SC. In FURTADO FILHO D. Et Alli (Organizadores) **Gotas de Suor: Uma Trajetória de 40 Anos**. Florianópolis. Epagri, 1996.

STORPER, Michael. A Industrialização e a Questão Regional no Terceiro Mundo.

In VALLADARES, Lícia e PRETICEILLE, Edmond. **Reestruturação Urbana - Tendências e Desafios**. Nobel, São Paulo, 1990.